



Adoração Bíblica

DR. RUSSELL P. SHEDD

Adoração Bíblica

Dr. Russel P. Shedd

*Sociedade Religiosa Edições Vida Nova
Copyright © 1987 - S.R. Edições Vida Nova
Primeira edição: junho de 1987
Reimpressão: agosto de 1991*

*Digitalizado por Neuza
Enviado por id
Revisado por Amigo Anônimo*



www.semeadores.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

Conteúdo

PREFÁCIO	4
I - O CULTO E A ADORAÇÃO QUE DEUS ALMEJA	5
II - O VOCABULÁRIO BÍBLICO	17
III - A ESSÊNCIA DO CULTO NA BÍBLIA	26
IV - A ADORAÇÃO E OS SENTIDOS	39
V - O PREPARO PARA A ADORAÇÃO	68
VI - A PRÁTICA DA ADORAÇÃO	89
VII - OS EFEITOS DA ADORAÇÃO	141
VIII - EXEMPLOS DE ADORAÇÃO	152
IX - OBSTÁCULOS À ADORAÇÃO	169
X - A ADORAÇÃO NA IGREJA CONTRASTADA COM A DO ANTIGO TESTAMENTO	184

PREFÁCIO

Domingo de manhã. Cansados de um sábado cheio de atividades, levantamo-nos com apresso. Muitas vezes, iniciamos a corrida semanal para chegar à igreja na hora marcada sem, ao menos, refletir no motivo de todo esse esforço.

Este livro se dirige a todos nós que nos achamos numa rotina dominical vazia, sem significado. O Dr. Russell Shedd — autor de *Alegrai-vos no Senhor*, *Disciplina na Igreja*, *A Justiça Social e a Interpretação da Bíblia*, e *Escatologia do Novo Testamento*, publicados originalmente em português por esta editora - focaliza, agora, o seu amplo conhecimento bíblico no tópico de adoração. O resultado é um livro que nos desperta e nos leva a repensar todas as nossas idéias sobre o culto e a verdadeira adoração ao soberano Deus.

Percebemos logo que esta obra não se compõe de uma opinião pessoal do autor, mas um estudo equilibrado da adoração, através da Bíblia. O Dr. Shedd clareia os nossos pensamentos vagos e indefinidos sobre o assunto, sempre com base no texto bíblico, fazendo freqüentes referências às línguas originais.

Edições Vida Nova tem, assim, grande prazer em recomendar este livro a todos aqueles que buscam uma comunhão mais íntima com Deus e um culto que alegre o coração divino.

Os Editores

CAPÍTULO I

O CULTO E A ADORAÇÃO QUE DEUS ALMEJA

Introdução

Não é raro ouvir que a jóia que falta na coroa do Cristianismo evangélico dos nossos dias é adoração. Sem dúvida, nós os crentes, passamos horas sentados nos bancos das casas de oração, mas, estaríamos por isso, cultuando? Poucos têm parado para perguntar "Qual seria o objetivo principal das reuniões na igreja? Adorar ou evangelizar e aprender? Creio que muitos pensam que tudo o que acontece nos cultos é ato de cultuar, de modo que não há necessidade de nos preocuparmos a respeito da adoração.

Uma criança, ao ver um grande anúncio à entrada de uma cidade, convidando as pessoas a cultuarem na igreja de sua escolha, perguntou ao seu pai: "O que significa cultuar?" O pai respondeu-lhe: "Significa ir à igreja e escutar o sermão do pregador¹". Provavelmente a maioria dos membros das nossas igrejas responderia de modo semelhante.

Jesus disse que Deus procura "verdadeiros adoradores que adoram o Pai em espírito e em verdade" (Jo 4.23). Quem são os verdadeiros adoradores? Paulo afirmou que a verdadeira adoração é aquela que se oferece a Deus pelo Espírito, não confiando na carne mas gloriando-se em Cristo Jesus (Fp 3.3).

Tanto as palavras de Jesus como as de Paulo, contrastam a verdadeira adoração com o culto judaico ou samaritano, envolvendo sacrifícios e ritos religiosos tradicionais. Em certa ocasião os fariseus e escribas acusaram os discípulos de Jesus de não cumprirem a

tradição dos anciãos. Jesus então respondeu-lhes citando Isaías 29.13, que menciona que os judeus religiosos ofereciam ao Senhor culto que não O agradava! "Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens" (Mc 7.6,7).

Percebe-se então que adorar a Deus requer que, aquele que se aproxima do Senhor para adorá-lo, guarde-se de uma vida pecaminosa, indiferente aos Seus mandamentos, porquanto sua adoração será sem sentido; será uma falsa adoração, mesmo que os atos sejam perfeitos. Se Deus quer verdadeiros adoradores, Ele só Se alegrará com aqueles que correspondem às Suas exigências. Ele rejeita a liturgia dos "anciãos" ou a da denominação à qual pertencemos se esta não for bíblica De modo semelhante aos romanos, se o ventre for o nosso Deus (Fp 3.19),¹ o culto que oferecermos será abominação e insulto a Deus, três vezes Santo (Is 6.3). Além disso, devemos lembrar sempre que o contato real e permanente com Deus não deixa de ter seus reflexos na vida daquele que cultua.

Em nosso mundo evangélico, repleto de reuniões, estudos bíblicos, bons livros, música sacra, mensagens, conferências, retiros, deveria se esperar que os cristãos refletissem o efeito destas atividades em vidas caracterizadas pela santidade. Mas, talvez, ao olharmos para nós mesmos, admitiremos o que G. Verwer, diretor-fundador da Operação Mobilização,² chamou de "esquizofrenia espiritual". Dividimos nossas vidas em dois compartimentos. Um, envolvendo nossas atividades religiosas, exemplificadas pelo nosso cantar, orar, falar e testemunhar outro, envolvendo todas as atividades não religiosas: nossa conversa, sociabilidade, tempo de trabalho e lazer, sentados à mesa, ou atentos aos programas de televisão. Uma dicotomia notável caracteriza a

¹ Supomos que Paulo estava escrevendo aos filipenses de uma prisão romana.

² Organização evangélica que dirige o trabalho dos navios Doulos e Logos.

vida daqueles que reivindicam comunhão com Deus, afirmando ser residência do Seu Espírito.

Quando nos comparamos aos cristãos em geral, é fácil concluir que a nossa saúde espiritual está em ótimo estado. Mas os judeus religiosos, contemporâneos de Jesus, também atribuíram a si mesmos alto nível de espiritualidade. Foi o Filho de Deus que estourou o balão de pretensões, espiritualmente oco, dos escribas e fariseus.

Quando ocorre a espiritualidade genuína e agradável a Deus, é arrancada a máscara da hipocrisia. A adoração em espírito e em verdade exige o temor de Deus, o qual deve se fazer acompanhar de religiosidade externa. "Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza tanto da carne, como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus" (2 Co 7.1). "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria" (Sl 111.10). Sabedoria e santidade de vida unem-se na carta de Tiago, onde se afirma que essa sabedoria tem sua origem no "alto", isto é, na pessoa de Deus. Por isso, ela é "pura... plena... de bons frutos... sem fingimento" (Tg 3.17).

Dr. Samuel Kamaleson, conferencista indiano de renome, vice-presidente da Visão Mundial, suscita estranheza nas mentes dos pastores, que assistem aos congressos, onde ele inicia cada conferência tirando os sapatos. Na Índia, tal ato significa respeito na presença da Santidade divina. No Brasil, significaria evitar algum desconforto criado pelos sapatos e ter a "santa" liberdade de não se preocupar com o que o auditório pensa. Somente Deus e o adorador realmente conhecem o pensamento interior que motiva tais atos religiosos.

Se um culto realizado não tem o objetivo fundamental de tornar Deus real e pessoal, é costume incluir-se "feno e palha" que não edificam os participantes e nem exaltam ao Senhor. A maneira como uma igreja adora reflete a teologia da comunidade. Os teólogos de Westminster que compuseram a famosa confissão e catecismo no Século XVII

criam que o principal alvo do homem era glorificar a Deus e alegrar-se nEle eternamente.³ Para essa finalidade fomos criados. Para isso Jesus morreu e ressuscitou. À medida que o culto concentra-se no homem, em vez de Deus, suscita-se a noção falsa de que Deus é um simples espectador que acompanha nossa atividade, como um avô que se diverte com as brincadeiras de seus netos.

Mas a verdade é bem outra. Deus é perfeito em santidade (Mt 5.48), Criador e Juiz do universo (Tg 4.12). Devemos-Lhe tudo o que exalta a Sua dignidade. No céu, onde o pecado não existe e a influência da rebelião do homem não se aproxima, os seres viventes dão incessante "glória, honra e ações de graças" (Ap 4.9). Os vinte e quatro anciãos prostrar-se-ão diante dAquele que se encontra assentado no trono. Adorarão ao que vive... proclamando: "Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder..." (Ap 4.11). Se nossa adoração não incentiva os membros da comunidade cristã a reconhecerem a dignidade de Deus e do Cordeiro (Ap 5.9,12), ela falha em princípio. Jesus Cristo é digno de receber o "poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória e louvor" (v.12).

Expressões de Adoração

Definir um termo como "cultuar" ou "adorar" não deixa de ser um desafio a todos que se preocupam com uma verdadeira adoração. Por um lado, num sentido mais restrito, significa uma atribuição de honra e glória a quem ou ao que o adorador considera de valor supremo. Seria veneração ou devoção expressa a Deus em público ou pessoalmente.⁴ Por outro lado, pensa-se, popularmente, que adoração requer

³ Cf. R. Hession, *Queríamos Ver a Jesus*, Liv. Independente, S. Paulo, p.12.

⁴ Cf. G. W. Bromiley, *The Pictorial Encyclopedia of the Bible*, ed. M. C. Tenney, G. Rapids, 1975, v.V.p.969.

uma expressão visível, a prática de ritos religiosos que identificam a sua forma. Vejamos algumas formas variadas.

1. O culto **carismático** caracteriza-se por manifestações emocionais, sonoras, visíveis, mostrando a atitude dos adoradores em relação a Deus. A forma do culto se distingue pelo levantamento dos braços, exuberantes gritos de "aleluia", movimentos corporais e "cânticos espirituais", manifestando entusiasmo na maneira de glorificar a Deus. A comunicação cognitiva tem menos importância em comparação com a livre participação daqueles que cultuam.

2. O culto **didático e pedagógico** concentra a atenção dos participantes na centralidade da Palavra de Deus. Pela pregação, ensino e exortação, espera-se que os assistentes ouçam a voz de Deus pelo recado recebido e sejam convencidos de que devem oferecer a Deus, como Senhor, tudo que Ele exige e merece. As igrejas batistas e presbiterianas exemplificam principalmente a adoração didática

3. O culto **eucarístico** valoriza o culto por meio da Ceia do Senhor. A Eucaristia representa o cerne da aproximação entre Deus e o cultuante. Por meio da participação nesse "sacramento" memorial, a mística do material unido ao espiritual toma a sua forma concreta para quem celebra a dramatização da morte sacrificial de Jesus Cristo. Espera-se a criação dum espírito de gratidão e devoção nos participantes. As igrejas luteranas, anglicanas, e católicas apresentam um só quadro na importância que atribuem ao culto eucarístico.

4. O culto **kerugmático** (vem do vocábulo grego **kerugma**, que significa "proclamação") focaliza a atenção

sobre a evangelização dos não-convertidos. As diversas partes do culto são escolhidas e preparadas para levar os espiritualmente perdidos a se entregarem a Jesus Cristo. Cultos evangelísticos são valorizados pelos evangélicos que concebem como a principal responsabilidade da igreja cumprir a missão que Jesus deu aos Seus discípulos (Mt 28.19), uma missão que deve ser levada a efeito dentro e fora do recinto de culto.

5. Outros cristãos modernos concentram a sua comunhão uns com os outros. Torna-se popular a descrição deste culto como "corpo vivo" (body-life), porque procura-se a participação mútua de todos. A. Neely, professor de missões no Seminário de Wake Forest, E.U.A., sugere o termo **koinoniático** (do grego **koinonia**, "comunhão", "participação") para indicar essa qualidade central no culto. Como o corpo humano necessita dar e receber a contribuição de suas diversas partes constituintes, assim muitas igrejas estão recuperando a ênfase primitiva apresentada no Novo Testamento sobre a mutualidade.⁵

6. O culto **diakonal**. Segundo este conceito, Deus é visto somente no irmão necessitado, sem nos preocuparmos se ele é realmente membro da família do Senhor. Baseia-se nas palavras de Jesus: "... vinde, benditos do meu Pai!... Porque tive fome e me destes de comer... Então perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? ou com sede e te demos de beber? E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar? O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes." {Mt 25.24-40). Assim, boas obras, caridade, atos de compaixão em favor dos que sofrem e dos oprimidos, passam

⁵ Veja, por exemplo, At 2.42

a ser expressão de culto ao Senhor. Outros, que seguem uma linha mais radical, como os adeptos da Teologia da Libertação", vão mais longe. Apóiam movimentos anti-imperialistas e identificam as estruturas direitistas como inimigas. Cultuar, para eles, pode até envolver a luta política contra a injustiça de uma sociedade denominada "reacionária" e "decadente".

Todos estes modelos característicos de culto, formados por séculos de tradição, ou então por modernas reações contra um formalismo herdado do passado ou importado de terras alheias, têm um fator comum. Expressões de adoração como as aqui mencionadas caracterizam as formas de cultuar, e *não* medem a realidade ou grau de espiritualidade do adorador. Qualquer que seja a expressão do culto ou rito como veículo de adoração, a sua forma é externa, mas a atitude do coração é interna, muitas vezes oculta da própria percepção do adorador.

Deus preocupa-se mais com o coração do que com a forma, ainda que as Escrituras não admitam uma dicotomia entre corpo e espírito. É o próprio Deus quem toma a iniciativa ⁶ na busca de verdadeiros adoradores. Ele deu Seu Filho para revelá-lo (Jo 1.18), para sacrificar-se em oferta expiatória, assim rasgando o véu que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos (Mt 27.51; Mc 15.38 e Lc 23.45). Jesus deixou o caminho livre para os pecadores se aproximarem do Pai santíssimo (Jo 14.6). Deus cumpriu a promessa proclamada pelos profetas, de derramar Seu Espírito sobre Seus filhos (Ez 36.27). Somente por meio do Espírito é possível oferecer culto verdadeiro a Deus (Jo 4.24; Fp 3.3). Este fator central da adoração é invisível. A forma correta de adorar não garante que estejamos adorando "pelo Espírito" (o termo *pneumati* [Fp 3.3], em grego, está no dativo instrumental, "por meio do Espírito"). Assim, Deus tem de revelar-se no Filho, perdoar os pecados que nos separam

⁶ C. E. B. Cranfield, *"Divine and Human Action, The Biblical Conception of Worship"* Interpretation XXII, 1958, pp.387-398.

dEle e dar-nos o Espírito para que pela Sua assistência possamos responder-Lhe.⁷ Deus se aproxima de nós no Filho, e nós nos aproximamos dEle no Espírito. Nenhuma dessas realidades pode ser demonstrada por uma expressão externa de culto. Atos religiosos, tais como falar "as línguas dos homens e dos anjos", ou "distribuir todos os bens entre os pobres", ou ainda entregar "o próprio corpo para ser queimado" (1 Co 13.1-3), não expressam necessariamente um amor real. O mesmo acontece com a adoração; os atos externos mais notáveis podem facilmente enganar.

Desde seu começo, o culto cristão tem sido ameaçado por dois perigos: 1) Um formalismo que sacramenta o modo de adorar a Deus, enquanto anula o poder de um contato vital com Deus (cf. 2 Tm 3.5) e 2) Uma espontaneidade que encoraja desprendimento e liberdade, desprezando toda e qualquer forma, mas que cria confusão e desordem. Ambas as formas de culto são condenadas pela falta de amor. O formalismo busca o amor pelo Pai celeste enquanto o informalismo desordeiro desvaloriza os filhos da Sua "família". A igreja de Éfeso, possivelmente, ilustra o primeiro perigo, tendo abandonado seu primeiro amor (Ap 2.2-5). Preocupava-se com a forma e em manter boas aparências, mas esquecia-se do principal - o amor. Pode-se verificar o segundo perigo na vida espiritual da igreja de Corinto. A liberdade teve ascendência, reinando com supremacia, enquanto a verdadeira adoração sofreu um eclipse por causa das divisões. A desordem caracterizou a Ceia do Senhor. Nas reuniões da igreja, um irmão qualquer tomava a palavra sem se dar conta de que outros profetas também tinham mensagens para comunicar (1 Co 14.29-30).

Paulo abre nossos olhos para o fator sócio-cultural. Quando a igreja trata um irmão escravo como o mundo romano o tratava, Deus rejeita terminantemente o culto dessa comunidade, por ser falso. O apóstolo declara: "*Nisto...*

⁷ J. F. White, *Introduction to Christian Worship*, Nashville, 1980, p.17.

não vos louvo, porquanto vos ajuntais não para melhor e sim, para pior" (1 Co 11.17). O relacionamento entre os irmãos da família de Deus interfere, inevitavelmente, no relacionamento com Deus. Quanto a isto, Jesus ensinou: *"Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e então, voltando, faz a tua oferta"* (Mt 5.23,24). As atitudes que os membros da igreja acalentam uns pelos outros, não podem ser detectadas naqueles que querem guardá-las em sigilo, porém, a Deus não se engana (Gl 6.7). Mesmo que seja oferecida a Deus uma oferta sacrificial, ela não será aceita. Ele não se impressiona com a aparência externa, pelo contrário, olha para o coração do ofertante.

A Significância da Forma Contextualizada

A forma do culto deve ser o veículo mais adequado para conduzir o adorador a um encontro real com Deus. Admite-se que, segundo a cultura e natureza das pessoas, o discernimento individual subjetivo e algumas expressões recomendáveis para uma igreja ou indivíduo serão prejudiciais a outros. Não se trata de modos certos ou errados em si mesmos, mas que todos busquem descobrir como agradar ao Pai Eterno e ainda ouvir a Sua voz com espírito atencioso.

Tanto igrejas locais como denominações inteiras variam muito nas suas maneiras de oferecer culto a Deus. Algumas aprimoram-se na solenidade. O silêncio parece ser essencial na adoração. A maneira de vestir, a decoração do templo, a música tocada ou cantada e a linguagem da mensagem, tudo comunica uma verdade: Deus é sério, distante e majestoso. "Deus está no seu santo templo. Cale-se diante dele toda a terra", é o texto que prevalece.

Outros grupos eclesiais não impõem reverência, nem exigem silêncio. Deus não suscita temor neles, nem parece desejar que se mantenha distância. Bebês choram, crianças se levantam para esticar os braços e correr; os jovens conversam, a música tem ritmo acelerado, assemelhando-se à música profana. Também, batem palmas, falam em voz alta e o auditório reage a qualquer afirmação com um forte "amém" ou "aleluia". Num culto na Guatemala realizado há 28 anos atrás, num povoado de índios Chuj, lembro a reação de um membro da congregação ao descobrir que um porco aproximava-se do púlpito. Aquele irmão levantou-se sem qualquer cerimônia, deu um pontapé na barriga do animal, que imediatamente soltou gritos característicos, enquanto abandonou depressa o local. O culto continuou normalmente sem qualquer outro escândalo.

Entre estes dois "estilos" de cultuar a Deus, que refletem mais a cultura do que a sinceridade, haveria um certo e outro errado? Creio que não. Uma maneira solene de adorar pinta um quadro de Deus baseado no contexto de reis e cortes, onde os súditos aproximam-se do "chefão" com temor e terror. Contudo, isto não passa de hipocrisia, se os adoradores não conhecem a Deus e não têm uma idéia realista da Sua santidade, amor e poder.

Também, um culto que atrai pelo espírito descontraído, quase leviano, representa sutilmente uma cena de piquenique e brincadeiras. Divertimento não deve ser confundido com adoração, a não ser que Deus seja o personagem central, dominante e transformador. A maneira de adorar deve coadunar-se ao máximo com a verdade revelada sobre a pessoa de Deus. Há, no entanto, fortes tendências de comunicar a realidade de sua paternidade, eliminando, porém, a verdade importantíssima de Sua realeza. Igrejas que deixam de reconhecer que Deus é juiz

enquanto os homens são réus,⁸ sofrerão prejuízo eterno (Tg 4.12). Nas próximas páginas convidamos o prezado leitor a pensar sobre a realidade da adoração. O ideal será juntar perfeitamente a forma com a devida expressão interna do coração. Com este intuito, queremos dirigir nosso pensamento em direção às Escrituras. A Velha Aliança, apresentada ao Povo Eleito pela mediação de Moisés, frisou o temor de Deus (cf. Hb 12,18-21). A Nova Aliança não anula o princípio de reverência (cf. 2 Co 7.1; 1 Pe 1.17). Aliás, o livro de Hebreus coloca em relevo o perigo de negligenciar a salvação oferecida por Jesus Cristo, que implica em julgamento ainda mais estarrecedor (2.2,3). Mesmo assim, creio que a ênfase maior recai sobre o amor (2 Co 5.14).

O Que Significa Adorar?

Adorar e cultuar, juntamente com palavras como fé e amor, pertencentes aos mais profundos níveis da verdade cristã, não se enquadram facilmente dentro de definições nítidas. Mais susceptível à descrição e experiência do que às limitações de uma definição verbal, qualquer tentativa de definir adoração será falha. Assim fala um sábio desejoso de expressar com palavras o que seria realmente a adoração:

"O transbordar de um coração grato, impulsionado pelo sentimento do favor divino".⁹

No contexto em que Jesus instrui a mulher de Samaria, acerca da verdadeira adoração, Ele declara que a água que Ele daria ao sedento, "seria nele uma fonte a jorrar para a vida eterna" (Jo 4.14). A fonte se abre no novo nascimento (Jo 3.5), jorra em adoração (4.14) e flui em rios de água viva em

⁸ Para uma apresentação muito sugestiva da maneira como nossa visão de Deus afeta nossas atitudes e adoração, veja J. B. Philips, *Deus e Deuses*, Mundo Cristão, S. Paulo, 1975, pp.9-50.

⁹ Definição anônima citada por A. P. Gibbs, *Worship*, op. cit, p.15.

serviço obediente (7.37,39).¹⁰ O salmista aproximou-se do cerne da adoração genuína quando disse: "Tu és o meu Senhor, outro bem não possuo, senão a ti somente" (16.2). Adoração, tal como a palavra inglesa, "worship" (worthship, "valor reconhecido") exprime a riqueza que Deus representa para o adorador.

Quem se assenta num banco da igreja aparenta ser adorador, mas, muitas vezes não o é. Quantas refeições suculentas têm sido planejadas na hora solene do culto, ao contrário do que ocorreu com Maria, sentada "aos pés de Cristo" (Lc 10.39). Quantos negócios têm sido planejados, rascunhados e contratos fechados nas mentes daqueles que lotam os bancos da casa de Deus! Contudo, um ato de adoração reconhece a preciosidade de um encontro vital com Deus e tem para quem busca ao Senhor a vantagem incomparável de conquistar a pérola de grande valor (Mt 13.45). Fundamentalmente, adoração pode ser definida como "a resposta de celebração a tudo que Deus tem feito, está fazendo e promete fazer".¹¹

Para o verdadeiro adorador, a pessoa de Deus é tão preciosa quanto um copo de água fresca, puríssima, num dia de calor. "O Senhor é a porção da minha herança e do meu cálice" (Sl 16.5). Adorar implica em peneirar nossos valores. Comunhão com Deus é ou não nosso alvo? Ele, ou nossos interesses, oferecem a maior atração? Cultuar, portanto, é pôr em ordem bíblica as nossas prioridades. Procuramos conhecer a Deus, e vamos conhecendo-O cada vez melhor, de modo a exaltá-LO: *"Louvarei ao Senhor em todo o tempo; o seu louvor estará sempre nos meus lábios. Gloriar-se-á no Senhor a minha alma Engrandecei ao Senhor comigo e todos à uma lhe exaltemos o nome"* (Sl 34.1-3).

¹⁰ *Ibid*, p.17.

¹¹ John Burkhart, *Worship, a Searching Examination of the Liturgical Experience*, citado por D. G. Peterson, *RTR*, Vol XLIV, maio-agosto de 1985, p.34.

CAPÍTULO II

O VOCABULÁRIO BÍBLICO

Se queremos alcançar uma visão da adoração neo-testamentária, urge examinar os termos usados pelos escritores bíblicos.

Adorar Significa Render-se

O N. T. destaca a palavra "adorar" (proskuneō e suas cognatas - 58 vezes), entre cinco mil termos relacionados com o culto. Originalmente significava "beijar". Entre os gregos era um termo técnico que significava "adorar os deuses", dobrando os joelhos ou prostrando-se. Beijar a terra ou a imagem, em sinal de adoração, acompanhava o ato de prostrar-se no chão. Colocar-se nessa posição comunicava a idéia básica de submissão.¹² O gesto de curvar-se diante de uma pessoa e ir até o ponto de beijar seus pés, quer dizer. "Reconheço a minha inferioridade e a sua superioridade; coloco-me à sua inteira disposição".

"Adorar" (proskunein)¹³ foi utilizada para traduzir a palavra hebraica shachah na Septuaginta ¹⁴ (a Bíblia grega de Paulo e o autor de Hebreus), e também transmitia o

¹² NDITNT, vol III, p.337.

¹³ Esta palavra, com suas variadas formas, aparece 10 vezes nos versículos de Jo 4.20-24.

¹⁴ NDITNT, vol III, p.338. Este vocábulo, shachah, destaca a expressão física da adoração. De maneira prostrada, o súdito apresentar-se-ia diante de um líder ou rei (Gn 27.29; 2 Cr 7.3; 29.29, etc). Comunica humilde submissão, enquanto a postura normal de petição era de ficar em pé, com as mãos estendidas para receber uma oferta (cf. 1 Sm 1.26; 1 Rs 8.22). Diante de Deus também se elevava as mãos (Sl 28.2; Lm 2.19). A. S. Herbert, *Worship in Ancient Israel*, John Knox Pr., Richmond, Va., 1959, p.10.

mesmo conceito.¹⁵ Com este termo, Jesus anulou a validade do culto tradicional da mulher de Sicar e seus conterrâneos samaritanos. Tanto o local como a preocupação com o templo não tinha mais importância alguma. Enquanto a mulher argumentava que era o monte Gerezim (local perto de Sicar onde durante séculos passados os samaritanos adoravam e ofereciam seus sacrifícios), Jesus declarou que somente "em espírito e verdade" os verdadeiros adoradores adorarão o Pai (Jo 4.23). A salvação vem dos judeus, (provavelmente as numerosas profecias do A. T. a seu respeito estavam sendo indicadas pelo Senhor) portanto eles adoraram o que conheciam. A revelação do A. T. foi dada a Israel (cf. Rm 9.4). Os samaritanos, como os atenienses (At 17.23), adoravam um deus desconhecido.

Mais do que inútil é o culto que desconhece Aquele a quem devemos submissão e lealdade. Por isso, o grau de beleza de um culto, o número de adeptos, ou a sua antigüidade, não tem importância se o adorador não estiver em contato vital com o Deus único. O quadro que o profeta João desvendou da adoração celestial no Apocalipse, mostra vinte e quatro anciãos caindo prostrados diante d'Aquele que estava sentado no trono (Ap 4.10). Põe em relevo a posição física daquelas personagens misteriosas para frisar a majestade de Deus e manifestar a disposição delas para executar toda ordem de Deus.

Satanás quis que Jesus o adorasse no deserto da Judéia (Mt 4.9, 10; Lc 4.7, 8), porque ser adorado é o supremo desejo do chefe do mal. O diabo, de bom grado trocaria todos os reinos do mundo e a glória destes por um simples ato de adoração (*proskunēsis*) oferecido por Jesus. Mas, para o Senhor, um gesto de culto não podia ser desvinculado da própria adoração. Ele não acata a idéia de que um ato externo podia deixar de ser também um ato interno, uma atitude de entrega total. Por isso, sua resposta à serpente foi:

¹⁵ Ver R. G. Raybum. *O Come, Let Us Worship*. G. Rapids, 1980, pp.23-24. R. P. Martin, *Adoração na igreja Primitiva*, S. Paulo (Ed. Vida Nova), 1982, p.15.

"Ao Senhor, *teu Deus* adorarás, (proskunēsis) e só a ele darás culto (latreuseis) (Mt 4.10), e assim encerrou a questão para sempre. Adorar o inimigo de nossas almas ou um dos seus representantes significa render-se a ele.

Adorar Significa Servir

O culto implica também em serviço (latreia) usado por Jesus para responder ao diabo (Mt 4.10). Este segundo termo é empregado freqüentemente na Septuaginta (90 vezes), especialmente em Êxodo, Deuteronômio, Josué e Juízes, mas apenas uma vez nos profetas (Ez 20.32). Moisés, várias vezes, pediu a permissão da parte de Faraó para deixar os israelitas partirem para servir (latreuein) a Deus. Trata-se de cultuar e oferecer atos de adoração que agradem ao Deus da aliança (Ex 4.23; 8.1; 20; 9.1).¹⁶

O significado central deste termo surge de latron {"ordenado", no grego secular foi usado para indicar um trabalho pago e, mais tarde, um trabalho não pago). Mantém a idéia de servir.¹⁷ Tanto no A.T. como no N.T. a relação entre o homem e Deus não deixa de ser a de servir como escravo (âbad em hebraico; douleuō em grego). Na carta aos Hebreus, que tem uma ligação mais estreita com o A.T., quatro referências (das seis) tratam do culto judaico no templo, (At 8.5; 9.9; 10.2; 13.10). Nos outros dois casos, notamos que a razão pela qual Jesus se ofereceu por nós foi para que tenhamos consciências limpas, para podermos servir (latreuein) ao Deus vivo (9.14). Hebreus acrescenta que somente os que "têm graça" (lit.12.28) podem agradar a Deus pelo seu "serviço", oferecendo culto com reverência e santo temor. A profetisa Ana, uma viúva de 84 anos, servia (latreousa) ao Senhor no templo, numa adoração de jejuns e orações, noite e dia (Lc 2.37).

¹⁶ K. Hess em *NDITNT*, v. IV, p.454.

¹⁷ *Ibid.*, p.453.

Com muita naturalidade, Paulo emprega latreia, "culto", "serviço religioso", para descrever o corpo entregue a Deus como sacrifício vivo, santo e agradável (Rm 12.1). Veremos, a seguir, como o culto relacionado com o templo e sacrifícios no A. T. foi transformado em adoração consumada pelo sacrifício de Jesus Cristo.

Somente pelas misericórdias de Deus podemos oferecer tal adoração que agrade a Deus.⁷ A vida corporal representa toda a potencialidade e a capacidade do homem, inclusive sua inteligência, energia, experiência e dedicação. Uma vez ofertado integralmente, o corpo santificado como sacrifício a Deus, será aceito como culto genuíno (gr. *logikēn*).⁸

Reconhecemos a raiz de latreia em nosso vocábulo "idolatria" (serviço a um ídolo). Foram os israelitas rebeldes que cultuaram (latreuein) as hostes do céu (At 7.42). Espíritos rebeldes (demônios) dão realidade ao culto a ídolos, que em si, nada são (I Co 10.19). Deus revela Sua ira contra todos os que idolatram a criatura mais do que o Criador (Rm 1, 25). O Senhor reivindica a totalidade do "serviço" (latreia) dos seres a quem Ele dá vida. A rebelião do pecado humano enquadra-se nesta realidade: o homem serve no sentido de adorar (la-treuein) o que não é Deus.

João nos proporciona uma descrição da multidão que veio da grande tribulação, tendo purificado suas vestes no sangue de Jesus. A atividade da referida multidão extra-terrestre concentra-se numa frase: "servem ou adoram a Deus (latreuousin) de dia e de noite" (Ap 7.15). É possível que este vocábulo incluía mais do que cantar ao acompanhamento de harpas (Ap 14.2, 3), sendo que latreia significa "o serviço religioso" todo, em volta do templo e seus ritos (Rm 9.4). Mas nunca devemos esquecer a exclusividade, pois Jesus declarou: "Só a ele (Deus) darás culto" (latreuseis, Mt 4.10; Lc 4.8). Os atos e ritos que expressam adoração devem ser exclusivamente dirigidos a Deus. Inadmissível ao Senhor da Glória seria um culto prestado aos ídolos por um cristão,

mesmo que este afirme que em seu coração está realmente adorando ao Deus único (1 Co 10.20).

Concluimos que o requisito de sacrificar o corpo inteiro do cristão torna seu culto (latreia) genuíno (logiken, "espiritual", "verdadeiro", "essencial"; Rm 12.1), na proporção que o Deus vivo é o único alvo da oferta. Dividir a lealdade, na tentativa de servir a dois senhores, deve ser reconhecido como "culto falso" (cf. Mt 6.24).

Atos de Reverência

Em terceiro lugar, o N. T. utiliza o vocábulo *sebein* (reverenciar), tendo em sua raiz o *mysterium tremendum*. O terror do Senhor impele o pecador a afastar-se, com temor da majestade divina. As palavras que derivam desta raiz (*seb*), são muito freqüentes na língua grega, fora da Bíblia.⁹ Transmitem o quadro característico do grego como homem religioso devotado a seus deuses para evitar as nefastas conseqüências do azar (cf. At 17). A conotação religiosa grega impediu que estes vocábulos fossem muito usados para designar o culto, na tradução do A. T. (a Septuaginta).

Também no N. T. este grupo de palavras é bem raro. Mateus e Marcos citam a versão grega de Isaías 29.13 (LXX): "Em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens" (Mt 15.9; Mc 7.7). Em Romanos, tanto *sebazomai* como *latreuō* são empregados paralelamente para apontar a religiosidade dos pagãos, "adorando e servindo a criatura, em lugar do Criador" (1.25). Nas Epístolas Pastorais e 2 Pedro, encontramos uma freqüência bem maior destas palavras, anteriormente evitadas por causa do seu contexto pagão. Sem dúvida, elas já não tinham a idéia de religião popular, mas traziam um novo conteúdo.

João mostra qual seria esse conteúdo: "Sabemos que Deus não atende a pecadores, mas pelo contrário se alguém teme a Deus (*theosebēs*) e pratica sua vontade, a este atende"

(Jo 9.31). Adoração requer uma reverente preocupação com o que agrada a Deus. Viver para o diabo, despreocupado se nosso Pai aceita ou não nosso comportamento, não pode ser a atitude do verdadeiro adorador. Por isso, asebeia ("impiedade", "irreligiosidade") é posto lado a lado com injustiça (cf. Rm 1.18). Impiedade refere-se à falta do reconhecimento de Deus em toda a Sua majestade e santidade. Injustiça trata da violação dos padrões impostos por Deus.¹⁰ Os que, por outro lado, "querem viver piedosamente (eusebos) em Cristo Jesus serão perseguidos" (2 Tm 3.12). Conseqüentemente, devemos reconhecer que a vida de temor a Deus¹¹ não pode ser isolada duma piedade (eusebia) prática de seguir a Cristo. Como não vale qualquer culto separado do sacrifício do Filho, o temor verdadeiro tem aceitação unicamente no Senhor Jesus.

Adoração e Religião

Em quarto lugar, podemos avaliar o termo *threskeia*, que só aparece quatro vezes no N. T. e pode ser entendido como "religião" (cf. At 26.5). Não há grande diferença entre o sentido deste vocábulo e o de *latreia*, sendo que ambos tratam do culto oferecido a Deus ou a anjos (Cl 2.18), na sua expressão externa. Seria de se esperar que Tiago, com sua preocupação com a integridade da vida religiosa, não admitisse qualquer dicotomia entre a adoração (*threskeia*) nas reuniões da igreja e o uso da língua (1.26). Aquele que afirma saber cultuar a Deus de modo verdadeiro também se preocupará com "órfãos e viúvas nas suas tributações". Evidentemente, Tiago não era promotor de uma religião de mosteiro, desvinculado da preocupação com os sofrimentos do

Corpo. Quem tem um olho desvendado para contemplar a grandeza de Deus, terá o outro cheio de lágrimas pelos miseráveis e desesperados. Religião verdadeira, enfim, não difere de adoração verdadeira; não obstante o N. T.

estabelecer critérios para julgar suas expressões concretas de acordo com o que Deus deseja Finalmente, devemos notar que, ainda que este termo frise religiosidade zelosa (At 26.5), Tiago adverte: se não nos aproximamos do nosso próximo, não nos aproximamos realmente de Deus.

Adorar Significa Realizar Serviço Sacerdotal

Em último lugar, analisaremos leitourgeō, composto de duas palavras gregas, "povo" (laos) e "trabalho" (ergon). Significava originalmente fazer trabalho público, mas pagando sozinho as despesas.¹² Cidadãos com renda acima de um nível estipulado eram obrigados a gastar seus próprios recursos em serviço religioso. Também um ateniense rico podia cumprir tais obrigações voluntariamente, por um motivo patriótico e religioso ou à procura de reconhecimento. Passou de origem secular para o religioso, de modo que os tradutores do A. T. também usaram freqüentemente este termo, para indicar o ministério sagrado dos sacerdotes.¹³

O alto privilégio de Zacarias de ministrar no templo foi chamado de leitourgia por Lucas (1.23). Podia ser usada para indicar o serviço de sacerdotes ao aspergir o sangue na tenda e utensílios, no templo. O autor de Hebreus chama este ato de "liturgia" (9.21). Os sacerdotes judeus apresentavam-se diariamente para "exercer o serviço" (leitourgon) no sentido de oferecer os sacrifícios. Mas tudo isso foi superado no "serviço" de Deus, o verdadeiro Sumo Sacerdote do santuário celestial (Hb 8.2), chamado leitourgos (ministro sagrado).

Uma vez que Paulo reconheceu que a Igreja era o "templo de Deus", era natural que ele se descrevesse como ministro missionário com a palavra leitourgon (Rm 15.16). O anúncio do evangelho e todo o serviço pastoral de Paulo tinham o objetivo de apresentar as igrejas por ele fundadas como oferta aceitável a Deus (Rm 15.16). Os cinco líderes da

igreja de Antioquia serviam (leitourgountōn)) ao Senhor por intermédio de oração, jejum e provavelmente no ensino à igreja (At 13.2). Mas a obtenção de fundos para os carentes da igreja de Jerusalém chama-se leiturgia (2 Co 9.12). O auxílio que Epafrodito trouxe de Filipos a Paulo, que sofria na prisão (Fp 2.25, 30; cf. 2.17), teve sua fonte no amor prático e sacrificial de Jesus Cristo, que "obteve o mais excelente ministério" (leiturgia) (Hb 8.6). Assim os cristãos também exercem uma "liturgia" quando servem seus irmãos, motivados por amor a Deus. Por meio deste termo, o N. T. mostra novamente o que é adoração genuína Quem "serve" a Deus (At 13.2), serve à igreja e vice-versa.

NOTAS

NDITNT, vol III, p.337.

Esta palavra, com suas variadas formas, aparece 10 vezes nos versículos de Jo 4.20-24.

NDITNT, vol III, p.338. Este vocábulo, shachah, destaca a expressão física da adoração. De maneira prostrada, o súdito apresentar-se-ia diante de um líder ou rei (Gn 27.29; 2 Cr 7.3; 29.29, etc). Comunica humilde submissão, enquanto a postura normal de petição era de ficar em pé, com as mãos estendidas para receber uma oferta (cf. 1 Sm 1.26; 1 Rs 8.22). Diante de Deus também se elevava as mãos (Sl 28.2; Lm 2.19). A. S. Herbert, *Worship in Ancient Israel*, John Knox Pr., Richmond, Va., 1959, p.10.

Ver R. G. Rayburn. *O Come, Let Us Worship*. G. Rapids, 1980, pp.23-24. R. P. Martin, *Adoração na igreja Primitiva*, S. Paulo (Ed. Vida Nova), 1982, p.15.

K. Hess em NDITNT, v. IV, p.454.

Ibid., p.453.

O grego dia com o genitivo deixa muito claro que sem a iniciativa divina, revelada no sacrifício de Cristo, não teríamos qualquer aceitação como "servos de Deus".

O vocábulo logikēn corresponde ao requisito divino de ser verdadeiro adorador (Jo 4.23). Deus sempre foi inimigo inveterado da hipocrisia.

NDITNT, v. III, pp.544-547.

D. G. Mostram, *The Dynamics of Intimacy with God*, Tyndale Pub. House, Wheaton, 111, 1983, p.40.

Em Atos, homens como Cornélio, e talvez o eunuco etíope, e outros "prosélitos do portão" são eusebês, "tementes a Deus" (At 10.2). "Deus é reverenciado no fato de o homem "temer" a Ele, isto é, oferecer-Lhe adoração, veneração e sacrifício" (NDITNT, vol. III, p.547). A exortação encontrada em Mq 6.8 lança luz sobre o que significa "temer" a Deus. "Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus?"

NDITNT, v. IV, p.455.

Ibid., p.455.

CAPÍTULO III

A ESSÊNCIA DO CULTO NA BÍBLIA

Haverá, em meio as múltiplas maneiras de cultuar, um sine qua non na adoração, um elemento que seja imprescindível? Cremos firmemente que há. Jesus reafirmou o que Moisés, no Antigo Testamento, deixou claro: o primeiro mandamento exige um amor a Deus, sem limites (Dt 6.4, 5). Séculos depois que Deuteronômio foi escrito, um intérprete da lei levantou esta pergunta para Jesus: "Qual é o grande mandamento da lei?" Respondeu o Mestre: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento" (Mt 22.36, 37). No texto original de Deuteronômio, encontramos a palavra "força" em lugar de "entendimento". O texto de Marcos (12.30) transcreve ambos, "entendimento" e "força", na resposta de Jesus. O cristão, cuja mente e coração estão voltados para o Criador e Pai Eterno, percebe nestas palavras de Jesus um verdadeiro desafio, pois nelas estão a raiz, o tronco e o fruto da adoração.

Sem o incentivo do amor por Deus, o culto não passa de palha, pura "casca", isento de qualquer valor. Pode até se tornar em culto a Satanás. Uma adoração que se realiza sem o objetivo de expressar e aumentar nosso amor por Aquele "de quem, e por meio de quem e para quem, são todas as coisas" (Rm 11.36), falha completamente. Deixa de ser culto a Deus, pois carece da essência, que é o amor.

Ora, quando se trata de amor por pessoas amigas ou entes queridos da família, não encontramos dificuldades em atender o sentido de amar. Mas, como se há de amar a Deus, a quem "ninguém jamais viu"? (Jo 1.18) Como havemos de colocar o Senhor no centro de nossas ambições? Ou, como

nutriremos a amizade que venhamos a oferecer a Deus, sendo nós pecadores, enquanto Ele é Espírito infinito e mora em luz inacessível? Como faremos de Deus o "Senhor absoluto" de nossa existência?¹ Os cristãos, reunidos em adoração a Deus, devem ter este objetivo como prioritário.

Culto Verdadeiro Requer Amor de Todo o Coração

Para o hebreu, o coração (lēb), no sentido metafórico, representava o centro da vida intelectual e espiritual. Associando-se de perto com a alma (nepes), o leitor original de Deuteronômio teria pensado em seus sentimentos, suas avaliações, sua vontade, todos emanando do coração. Esta realidade pessoal emite emoções tais como alegria, pesar, tranqüilidade e ansiedade. Igualmente alcança as áreas intelectuais tais como compreensão e conhecimento, e exerce o poder de raciocinar ou lembrar.² Diríamos, enfim, que coração e alma representam o homem interior como um todo. Em seu coração o homem é responsável diante de Deus, em todos os seus atos e palavras. Somente um coração inclinado para Deus é capaz de adorá-lo, agradá-lo e amá-lo.

Tanto no A. T. como no N. T., o amor que há no coração é o alvo da busca de Deus. Ele se dirige ao coração porque ali está a sede do amor. Prof. Bruce Waltke, do Regent College, no Canadá, lembra-nos que antes de o Senhor mandar seu povo buscá-lo unicamente no lugar onde Ele estabeleceria seu nome {Dt 12}, Deus, em seis capítulos antecedentes (Dt 6-11), exorta os israelitas a darem-se a si mesmos inteiramente ao Senhor. "Circuncidai, pois, o vosso coração" (Dt 10.16).³ Pois é no coração que o Todo-poderoso toca, ao fazer contato conosco, "... aquela parte do homem... onde, em primeira instância, se decide a questão pró ou contra Deus" (Gutbrod).

Por ser o coração essencialmente espiritual, mantendo o que resta da imagem de Deus no homem caído, é possível amar Àquele que não tem corpo físico e nem existe ao alcance dos nossos cinco sentidos? Evidentemente, para amarmos a Deus, precisamos crer que Ele se revelou através de palavras por Ele inspiradas (theopneustos, 2 Tm 3.16), e uma vez recebidas pelos profetas, homens por Ele escolhidos, estes fizeram seus devidos registros. Contudo, Sua revelação não se limita à transmissão de conceitos comunicáveis por linguagem humana. Inclui atos que claramente evidenciam Seu amor e paciência para com seres que têm negligenciado e ignorado as evidências do Seu profundo interesse por eles. Inclui convicção criada por Deus no coração que Ele decide abrir (At 16.14), para fazer brilhar a luz de Sua personalidade (2 Co 4.4, 6). Resulta no reconhecimento do testemunho do Espírito Santo de Deus "com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8.16).

Enquanto Deus revela a si mesmo no íntimo do coração pela Palavra lida e recebida, pelo reconhecimento de sua ação no mundo e pela comunicação pessoal do Espírito residente, nós devemos responder em adoração a Ele que declara e aprofunda nosso amor.

Uma moça presa numa casa em chamas foi resgatada por um jovem bombeiro que pôs sua própria vida em risco para retirá-la do incêndio. Ela sentiu profunda responsabilidade de agradecer-lhe o ato sacrificial. Poucos dias depois, a jovem, que foi resgatada procurou o bombeiro para externar sua gratidão. Eles conversaram, passearam e, finalmente, acabaram se casando. Ela, que devia a vida ao jovem bombeiro, passou a namorá-lo e, lentamente, um mero sentimento de gratidão transformou-se num amor profundo. Pagou uma dívida de vida com a oferta permanente do seu amor e mostrou sua alegria em conviver com aquele que arriscou sua vida para lhe resgatar.

Assim Deus procura uma comunhão por meio da experiência verdadeira com cada pessoa que experimentou

passar da morte para a vida (Jo 5.24), pelo sacrifício de Jesus Cristo. O novo adorador começa com um sentimento de obrigação de servir a Deus no culto; vai aprendendo a amá-lo e progride até que todo o seu coração se concentre na beleza da pessoa do Senhor "Eis que Deus é a minha salvação; confiarei e não temerei, porque o Senhor Deus é a minha força e o meu cântico... vós com alegria tirareis águas das fontes da salvação"

(Is 12.2, 3). Davi, no deserto de Judá, disse: "Ó Deus, tu és meu Deus forte, eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti" (Sl 63.1). Desse modo se expressaram os que, na Antiga Aliança, amavam a Deus.

E natural, para quem experimentou a "graça melhor do que a vida" (Sl 63.3), descobrir um eco semelhante no seu coração. Agostinho afirmou, acertadamente, nas linhas bem conhecidas que deixou para a posteridade: "O homem mantém-se agitado até encontrar seu descanso em Deus".

O evangelho é deveras uma posição doutrinária, mas antes é um relacionamento do cristão com Deus. "Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada" (Jo 14.23). "E nós o amamos porque ele nos amou primeiro" (1 Jo 4.19). Porque na realidade, "cada indivíduo dá seu coração àquilo que considera de máxima importância, e esta lealdade determina a direção e o conteúdo da sua vida".⁴

O general William Booth, fundador do Exército da Salvação, foi indagado acerca do segredo do seu sucesso. Hesitou um instante e, com os olhos cheios de lágrimas, respondeu: "Eu compartilharei o segredo. Deus tem se apoderado de tudo que há em mim. Podem ter havido homens com maiores oportunidades, mas desde o dia em que os pobres de Londres dominaram meu coração e ganhei uma visão daquilo que Jesus Cristo podia fazer, determinei que Deus teria tudo do que houvesse em William Booth. Se há algum poder no Exército da Salvação, hoje, é porque Deus

tem recebido toda a adoração do meu coração, todo o poder da minha vontade e toda a influência da minha vida".5

Concluimos que Deus nos quer como seus verdadeiros adoradores, por nos amar profundamente (1 Jo 4.8-16). Seu mandamento singular requer que nós O amemos de toda o coração e alma Participar em todo e qualquer culto requer primeiramente uma melhor aproximação dEle em amor. Assim, a adoração da igreja cumprirá seu objetivo se:

- o louvor vocalizar Sua dignidade, a beleza da Sua pessoa e a perfeição do Seu caráter. Deve, ainda, convidar todo homem a atribuir glória ao Pai maravilhoso (Sl 46.10);

- a confissão do pecado que cometemos externar o reconhecimento da nossa indignidade e declarar nosso arrependimento pela rebelião contra a expressa vontade de Deus. Também, não deixa de ser um estímulo forte de amor, confiar no Seu imediato e imerecido perdão (1 Jo 1.9);

- nossa oração procurar assimilar Seus pensamentos; expressar petições de acordo com Seus conhecidos desejos. Amor genuíno funde os desejos dos que buscam o Reino e a vontade única de Deus;

- a mensagem, ouvida ou lida, suscitar pensamentos de gratidão e encorajamento. Serão veículos de transformação de inimigos em amigos que a Ele buscarão agradar (Jo 15.14, 15);

- a música atrair o coração para a beleza de Deus revelada na criação, na redenção e na regeneração, refletindo assim a harmonia do universo, por Ele criado.

Enfim, quando adoramos, só devemos ficar satisfeitos se expressarmos o verdadeiro amor ou se nosso culto revelar toda a preciosidade do Senhor, infundindo-a nos participantes.

Certamente, reconhecemos que nunca alcançaremos um amor perfeito por Deus, à altura do amor que Ele tem por nós, Seus filhos. Se, como a Pedro, ele nos perguntasse: "Amas-

me mais do que estes?" (Jo 21.15), estaríamos prontos a responder-Lhe: "Sim Senhor, tu sabes que te amo", mesmo sabendo que o vocábulo da pergunta de Jesus seja agapas (amor sacrificial decidido), em contraste com a resposta philō (amor de amizade e afeição). Amamos, mas não podemos confiar muito em nosso amor, nem nos orgulhar por declarações petrinas. Há o risco de uma lealdade falha (cf. Jo 13.36, 37).

Culto Verdadeiro Requer Amor Integral da Mente

Mas o primeiro mandamento vai além do amor que deve ocupar todo o nosso coração e alma Acrescenta ao amor do coração também o exercício da mente; dianoia em grego significa a capacidade de pensar e refletir religiosamente. (Veja Ef 4.18, onde a mente dos pagãos sofreu obscurecimento, frase que reitera o pensamento anterior "na vaidade dos seus próprios pensamentos" [nous], a mente com que se percebe a verdade espiritual).⁶

Adoração deve ocupar a mente, de maneira a envolver a meditação e consciência do homem. Os valores que excluímos ou incluímos em nossa mente, devem concordar com os valores divinos. O amor ao mundo leva o indivíduo a preocupar-se com benefícios e reconhecimentos mundanos. "Não ameis o mundo, nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele" (1 Jo 2.15).

Quando prestamos culto genuíno ao Senhor, declaramos nosso desprendimento do mundo. Combatemos a concupiscência da carne, que valoriza o que se vê com os olhos e o que se pode saborear com a língua. A soberba da vida é trocada pela alegria no Senhor (Fp 4.4). Por outro lado, paira sobre a cabeça dos incrédulos a condenação, porquanto, "tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus,

nem lhe deram graças" (Rm 1.21). Os judeus, mesmo sendo peritos na religião, não refletiam sobre o poder exclusivo de um amor contrário, isto é, de receber a glória dos homens e "não procurar a glória que vem do Deus único" (Jo 5.44). Por isso, Jesus declarou: "... não tendes em vós o amor de Deus" (v.42). Afirmou o famoso mártir do II século, Justino: "Onde está o tesouro do homem, lá está a sua mente" (Apologia 1.15).⁷

Prof. Ario Duba, do Seminário de Princeton, faz referência a dois elementos que motivam a participação no culto. Há o elemento objetivo que atrai milhões de pessoas às igrejas para obter a satisfação de terem se apresentado diante de Deus (como o empregado que bate seu cartão no relógio de ponto na fábrica). Apresentou-se no culto e, conseqüentemente, está livre por mais uns dias. Há, também o elemento subjetivo, em que o adorador fala: "o culto me faz sentir bem". É um sentimento sutil de culpa afastada, como de quem faz um devido pagamento e depois saboreia o alívio. Será que somos levados até à presença do Pai, não por amor, mas por uma espécie de medo subconsciente? Prestando culto, receberemos a proteção ou ganharemos um presente, já que fizemos algo sacrificial? Tais motivações para cultuar são falsas, indignas do Deus que revelou Seu amor perdoador na cruz. Quem proceder levado por tal motivação não deve esperar um encontro com o Deus da Bíblia. Em lugar do nosso amor aumentar, irá imperar a dureza de coração. A frieza de morte que atingiu a igreja de Sardes (Ap 3.1), paulatinamente tomará conta do culto.

De igual perigo seriam os inócuos gestos e formas de adoração oferecidos pela igreja de Laodicéia (Ap 3.16). Vemos que, ironicamente, o Anfitrião da ceia encontra-se do lado de fora da porta de sua casa (v.20), batendo à porta, desejoso de despertar, em pelo menos um dos membros da igreja, saudade pela comunhão com Aquele que é "totalmente desejável" (Ct 5.16). Falta virtude na adoração inexpressiva. "Sê pois zeloso e arrepende-te" (Ap 3.19). Se não deixarem de

ser mornos, produzindo então náuseas, Jesus vomitará de Sua boca tais adoradores indesejáveis (Ap 3.16).

Quem nos convencerá de que Deus busca adoradores? Ele, como o Pai do pródigo, não esconde sua alegria ao enxergar uma mente que quer conhecê-lo e gozar de um encontro com Ele (cf. Lc 15.7, 10, 20). "O amor de Deus é nosso modelo", escreve L. Smedes. Continua voltado para nós, ainda que tenhamos inúmeras ofensas guardadas em Seu banco de memórias. O amor de Deus é também nossa força. Somos capacitados por um amor que não nos acusa, pois tudo foi pago por Cristo na cruz.⁸

Amar a Deus com o entendimento (cf. Mc 12.30) é um desafio constante. Como podiam os samaritanos adorar o que não conheciam (Jo 3.22)? Como podem os cristãos adorar, hoje, esse Deus cujo caráter é inatingível? Foi com o intuito de suprir esta lacuna que o apóstolo Paulo pediu a Deus que concedesse aos efésios, "o espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele", pela iluminação dos olhos do seu coração (Ef 1.17, 18).

Não podemos adorar sem o auxílio do cooperador divino. Se o Espírito não testemunha (summarturei) com o nosso espírito que somos filhos amados, perdoados, queridos, como poderemos elevar nossas preces até seu majestoso trono? "Aba", "paizinho" em aramaico, é a maneira de tratar com Deus quando o Espírito derrama seu amor em nosso íntimo (Rm 8.14; 5.5).

Culto Verdadeiro Requer Todo Nosso Esforço

O amor devido, segundo o mandamento prioritário, requer toda a força do adorador (Mc 12.30; Lc 10.27; Dt 6.5). O termo "força" (ischuos) implica em o corpo físico desenvolver sua capacidade, talento e força de ação. Enquanto o "coração" e "entendimento" apontam para a

vontade e sentimentos íntimos, "força" comunica o desafio para gastar as energias físicas em atos de amor por Deus.⁹

Adoração não é um ato separado do corpo de uma pessoa. Nas antigas regras inglesas de consagração no casamento, os noivos repetiam: "Com meu corpo eu te adoro". Amor, traduzido de uma dominante atitude interna por "toda a força" representa gastar a vida e energia unicamente em expressões de lealdade e afeição a Deus. Deste modo, Paulo rogou aos romanos que apresentassem seus corpos como "sacrifício vivo, santo e agradável a Deus", representando um culto racional e genuíno (Rm 12.1), envolvendo todas as forças. Os que amam a Deus com toda a força são como o jovem rico que não pôde voltar para sua casa sem lembrar-se de que as suas riquezas não eram exatamente suas. Ele assumiu-as sem, contudo, tê-las tirado do controle do "dono" humano. O jovem perguntou: "Mestre, que farei para herdar a vida eterna?" "Jesus apontou para os mandamentos da "segunda tábua": O amor ao próximo, aos pais, à esposa e ao inimigo (Mc 10.18, 20), mas ao afirmar o jovem que ele tinha guardado todos esses mandamentos desde sua mocidade, Jesus tocou imediatamente na sua falha: não consagrava a Deus toda sua força. Deixar "tudo o que tens" (Mc 10.21), focaliza especificamente o corpo. Afinal as riquezas são ganhas pela força e servem quase que exclusivamente para satisfazer os desejos e necessidades do corpo. Jesus lançou a pergunta desconcertante. Estaria disposto o rico a amar a Deus com toda sua força? O que impediu aquele jovem de se tornar um discípulo de Jesus não foi, basicamente, a riqueza em si, mas seu amor ao dinheiro.¹⁰ Tal amor exclui o amor a Deus, como já vimos (1 Jo 2.15, 17).

É comum um membro da igreja secularizada professar a fé em Cristo, mas não se preocupar em expressar amor a Deus, que exige toda a sua força. Quando a igreja típica, moderna, reúne-se para adorar, que mensagem é recebida no subconsciente?

Será que nossos próprios deuses, como o dinheiro, o sexo, o materialismo, o sucesso, o poder, ¹¹ não têm exigido a maior parte da nossa força e amor? Para muitos, o prestar culto ao Senhor assemelha-se a um cartão postal para brindar a "amada" no "dia dos namorados". Em letra grande e brilhante destaca-se a frase; "Eu amo só a ti". Só que mais acima está marcado o preço: Cz\$10, 00 cada. É raro descobrir um coração que, com singeleza e sinceridade, busque o alvo com toda força. Somos salvos por meio do conhecimento de Deus, através da fé em Jesus Cristo (Jo 17.3), mas, quando adoramos de acordo com o desejo de Deus, cumprimos o motivo divino que O levou a nos eleger e salvar (Ef 2.8, 10).

Creio que foi o receio de ter muitos seguidores que não entendessem o que era essencial na adoração, que motivou Jesus a desvendar o alto preço pago por um discípulo. Palavras extraordinárias são as seguintes: "Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai... " (Lc 14.26). A frase é das mais conhecidas; a sua prática, porém, das mais raras. Construir uma torre ou pretender lutar contra um invasor com um grande exército sem, primeiramente, calcular a despesa e as possibilidades de alcançar a vitória, é pura tolice (Lc 14.28, 32).

Hoje agimos diferentemente. Edificamos templos, alguns enormes e luxuosos; buscamos adeptos; batizamos as pessoas que atendem ao nosso apelo para se salvar. Mas o preço não é discutido. Caso o interessado queira saber o que será exigido dele, nós o apaziguamos com textos que revelam que a salvação se recebe pela fé, gratuitamente. Certamente Jesus não se esquivou de anunciar que o perdão de Deus não pode ser pago por qualquer mérito humano. Porém, é evidente que o primeiro mandamento continua em vigor. O amor que temos por nós mesmos, nossos familiares e nossas coisas tem de estar subordinado ao amor por Deus (Lc 14.33). Os adoradores que Deus convida para adorá-LO são também convidados a morrer. "Mortos-vivos" comunica a verdade que Paulo experimentou em sua vida (Gl 2.20; 2 Co 4.10).

No contexto das lutas mortais que Paulo experimentou em Éfeso (1 Co 15.32; 2 Co 1.9a), ele descreveu sua vida e a dos companheiros missionários como vidas de sacrifício, ao mesmo tempo que fala do seu ministério em termos de "aroma suave", que emana do holocausto freqüentemente oferecido no templo de Jerusalém (2 Co 2.15, 16). O cheiro do sacrifício era uma constante diante dos ouvintes que o presenciavam. Assim o apóstolo viveu a realidade do amor que acalentou pelo seu Senhor no serviço prestado por meio do corpo. Sem o amor a incentivar-lhe o esforço físico, sua adoração seria inaceitável a Deus, um mero ativismo, nulo e sem proveito (1 Co 13.3).

Concluimos que é prioritária, no primeiro mandamento, a centralização da essência de toda adoração. O cristão que cultua sem amar pode impressionar bem a seu próximo mas não engana a Deus. Faremos bem se freqüentemente lembrarmos a nós mesmos e aos "adoradores" nos bancos das igrejas esta verdade central.¹² "Vê que proponho hoje a vida e o bem, a morte e o mal; se guardares o mandamento, que hoje te ordeno, que ames ao Senhor teu Deus, andes nos seus caminhos, e guardes os seus mandamentos... o Senhor teu Deus te abençoará... Porém se o teu coração se desviar, e não quiseses dar ouvidos e fores seduzido e te inclinares a outros deuses e os servires, então hoje te declaro que, certamente, perecerás" (Dt 30.15-17).

Ainda que a vontade, razão, mente e alma de um indivíduo se refiram a aspectos separados, contudo, elas são expressões que designam o ser humano como um todo.¹³ Não somos incumbidos de amar a Deus apenas através de partes específicas de nossa personalidade, mas com todo nosso ser. Para oferecer um culto verdadeiro, todo o ser precisa se envolver. Esperamos ver ainda mais claramente, nos próximos capítulos que pecamos se criamos uma dicotomia entre atos específicos de culto (num domingo, na igreja, por exemplo) e da vida do dia-a-dia. Talvez seja importante lembrar novamente que no texto básico que expressa o primeiro mandamento, a palavra chave é "todo":

todo o coração, toda a alma, todo o entendimento. Aí Deus apresenta o verdadeiro desafio a nós, que desejamos alegrá-lo através da nossa adoração. Há muitos anos no passado, John Cornenius escreveu: "Porque aquele que ama a Deus com todo seu coração, não necessita de prescrições para saber quando, onde e quanto ele deve servi-lo, adorá-lo e cultuá-lo. Porque essa união sincera com Deus, em si mesma, juntamente com a prontidão em obedecer e adorar a Deus de modo mais aceitável, o conduz a louvá-lo através de seu ser e a glorificá-lo por meio de todos os seus atos.¹⁴

NOTAS

Frank Laubach, missionário nas Filipinas e organizador do Mobral em escala mundial, disse: "Durante os últimos dias tenho experimentado uma rendição mais completa do que nunca. Estou, através de um ato voluntário, tomando de cada hora o tempo necessário para pensar muito em Deus. Ontem e hoje tenho experimentado uma nova aventura, nada fácil de expressar. Estou sentido Deus em cada momento, por um ato de vontade". *Letters of a Modern Mystic*, Nova Iorque, 1955.

Veja a discussão em NDITNT, vol. I, pp.505-507.

Moody Monthly, v.84, nº 6, fev.1984, p.48 no artigo "Why Read the Old Testament"?

D. Hill, citado em NDITNT, v. KI, p.593.

Citado por Robert E. Coleman, *Songs of Heaven*, Flemming H. Revell, Old Tappan, N. Jersey, 1980, p.43.

NDITNT, v. IV, p.32.

Citado no NDITNT, v. III, p.593.

L. B. Smedes, *Love Within Limits*, G. Rapids, 1978, p.71.

Veja a discussão sobre este termo no NDITNT, v. II, pp.270-272.

O Evangelho e o Homem Secularizado, Série Lausanne, nº 6, S. Paulo, Belo Horizonte, 1983, p.7.

Ibid., p.9.

J. B. Phillips disse, mui apropriadamente: "Temos admitido como normal e lógico que o culto público que oferecemos a Deus deve ser da mais alta qualidade possível. Mas isso não nos levará a imaginar um deus de gosto musical tão refinado que prefira o cântico harmonioso e sofisticado de um coro profissional, ainda que cinicamente apresentado, em lugar de berros desafinados e descontraídos, proferidos, porém, de

lábios puros e corações sinceros, de um humilde conjunto sem a mínima instrução musical". Op. cit, p.35.

J. P. Louw, *Semantics of New Testament Greek*, Filadélfia, PA, e Chico, CA., 1982, p.19.

"O Labirinto do Mundo", citado em *The Fellowship of the Saints*, ed. T. S. Kepler, Nashville, 1948, p.366.

CAPÍTULO IV

A ADORAÇÃO E OS SENTIDOS

"O cerne da religião é a experiência religiosa", afirma D. H. Lewis.¹ A adoração canaliza essa experiência e a promove tanto interior como exteriormente. Numerosas passagens da Bíblia apresentam o quadro da adoração interior. Elas são marcadas pelo sentimento de amor e a busca de santidade. Outros textos, igualmente prolíficos, descrevem o culto oferecido a Deus através de atos externos. Eles destacam o serviço religioso. Uma terceira porção de textos, muitos por sinal, une a adoração exterior com a interior, através de metáforas relacionadas com os sentidos.

Nós, seres humanos, fazemos nosso contato com o mundo concreto por meio destes sentidos. Com os olhos vemos tudo que reflete a luz. Com nossos ouvidos, fazemos contato com o mundo externo pelas vibrações audíveis do ar. Com nosso paladar saboreamos o que comemos e o classificamos como agradável ou não. Com o olfato distinguimos entre um aroma agradável e um mau cheiro. Com o tato discernimos o que tocamos. A natureza do mundo material revela-se a nós parcialmente pelos sentidos, através dos quais "conhecemos" a sua realidade.

O fato é que nossa vida não é capaz de manter-se apenas no nível espiritual, nem se restringe ao imaterial, mas constantemente nos envolve no mundo, dá aos sentidos uma importância inegável para nós. Deus é Espírito. Adorá-LO em espírito não quer dizer, certamente, que nosso culto ficará desvinculado de toda matéria e que os sentidos não estarão também em jogo. Mas a insistência dos autores sagrados em lembrar-nos que "ninguém" jamais viu a Deus deve nos advertir contra um externar grosseiro da adoração (cf. Ex

33.20; Jo 1.18). Importa não criar ídolos para "facilitar" a visão de Deus.² Não há um cristianismo sem religião, se entendemos com este vocábulo os atos externos que facilitam e conduzem nossas almas até o trono de Deus.

Vendo a Deus

A declaração que nenhum mortal já viu a Deus (Jo 1.18) deve ser colocada lado a lado com a afirmação do profeta Isaías: "Eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono" (Is 6.1). Jacó antecipou a experiência de Isaías por mil anos quando disse, após a luta com o anjo do Senhor em Peniel: "Vi a Deus face a face" (Gn 32.30). Assim aconteceu quando Deus firmou sua aliança com Israel: "Moisés, Arão, Abel e Nadabe, junto com os setenta anciãos, viram o Deus de Israel" (Êx 24.10, 11). Manoá e sua mulher tiveram o privilégio de ver a Deus em vida, o que lhes causou espanto (Jz 13.22). Jó também é incluído entre os que viram a Deus. Após uma tremenda prova, ele afirmou: "Eu te conhecia só de ouvir; mas agora os meus olhos te vêem" (Jó 42.5). Davi dá seu testemunho similar ao de Jó, afirmando: "Pois em ti, Senhor Deus, estão fitos os meus olhos..." (Sl 141.8).

Sob a Antiga Aliança, Moisés manifesta o desejo ardente de ver a glória de Deus (Ex 34.18), o que foi satisfeito ainda que de maneira restrita. A face do Senhor foi escondida (vv.20-23). Davi também contemplou o Senhor no santuário (Sl 63.2), após tê-lo buscado ansiosamente (v.1). Alegrementemente, Davi "viu" o cortejo de Deus, no santuário (Sl 68.24). Nas cerimônias de culto e nas celebrações santas, o salmista percebia a face de Deus, pela fé.

Filipe, o discípulo de Jesus que não se contentou com mistificações, pediu uma revelação direta de Deus. A resposta de Cristo foi: "Há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim, vê o Pai" (Jo 14.9). Esta repreensão diante da "cegueira" de Filipe, põe em relevo um dos temas de João: o Verbo (o Filho unigênito do Pai)

revela a pessoa de Deus por meio da Sua encarnação (1.18). Contudo, só quem nEle crê pode ver o Pai através do Filho. É imprescindível uma fé firmada em Jesus. Mas, se o homem soberbo procura a própria glória, de origem humana, a visão de Deus nunca lhe será concedida, pois ela é proporcionada pela fé (Jo 5.44): "Vimos a sua glória" (1.14) O testemunho do evangelista serviria, sem dúvida, de sub-título a este Evangelho. Aqui, o verbo grego, theaomai, usado em outras passagens de João, no sentido mais geral de "olhar", "enxergar" (1.32; 4.35; 6.5; 11.45), refere-se à vida histórica de Jesus, contemplada de tal maneira que se perceba a qualidade divina (glória).⁴

Devemos concluir por estas afirmações bíblicas, aparentemente contraditórias, em que homens vêem ou não a Deus, que ninguém jamais viu o que olhos físicos não podem ver. Houve transmutações de Deus em forma angelical (Gn 18.1-33), ou Ele se revelou por mero de uma sarça ardente (Ex 3.2-6). Deus manifestou Sua presença de múltiplas maneiras que os sentidos humanos puderam detectar. A presença de Deus (no A. T. chamada de sua "face")⁵ comunica-se somente com os que estão dispostos a se submeter a Ele. Quem O busca, sem dúvida O achará (Is 55.6). Porém, os que O desprezam, serão privados da visão beatífica "Esconderei, pois, certamente, o meu rosto naquele dia, por todo o mal que tiverem feito, por se haverem tomado a outros deuses" (Dt 31.18). O salmista receia que no dia da angústia, Deus oculte o Seu rosto (102.2). Um jovem músico apresentou um concerto ao violino. No fim do brilhante recital, alguns admiradores congratularam-se com ele. Um deles falou: "A sua música deveras elevou a minha alma, mas, fiquei curioso em saber a razão pela qual seus olhos estavam sempre fitos na segunda platéia do auditório". O jovem violinista respondeu: "E que meu mestre estava ali. Quando via o sorriso em seus lábios, sabia que ele estava satisfeito".⁶ "Em que consiste a sua oração?" perguntou São João da Cruz para uma senhora penitente. Ela respondeu: "Em considerar

a beleza de Deus em regozijar-me no fato de que Ele tem essa beleza. "7

Essa presença (face de Deus) só pode ser vista com os olhos abertos pelo Espírito. Paulo pede a Deus que os efésios possam receber uma iluminação dos "olhos do vosso coração" para ver realidades invisíveis (Ef 1.18). Paulo coloca-se entre os verdadeiros crentes que, sem véu, "contemplam, como por espelho, a glória do Senhor" (2 Co 3.18). Essa glória no A. T. era denominada "shekiná" ("o que tabernacula").

Devemos, em ato de adoração, contemplar, como por espelho, a glória do Senhor, porque isto nos transforma "de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2 Co 3.18). Esta contemplação, "como por espelho", possivelmente esteja relacionada à restrição que Deus fez por ocasião da revelação a Moisés. Deus falava com ele, face a face, claramente, e não por enigmas, "pois ele vê a forma do Senhor" (Nm 12.8). Viu, mas não fisicamente. Foi através da visão possibilitada pelo espírito de Moisés que ele e Deus se aproximaram. "Como está escrito: Nem olhos viram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam" (1 Co 2.9). Semelhantemente, João foi convidado a subir até a presença de Deus, no céu. O que o profeta viu foi Alguém sentado no trono (Ap 4.2). Mais tarde, afirma que o que ele viu "no meio do trono" foi um Cordeiro de pé (5.6). Evidentemente quem estava sentado continuava sentado (cf.5.1), mas a visão do Pai confundiu-se com a do Cordeiro, representando nosso Senhor crucificado, "como tinha sido morto" (5.6).

O Espírito, diz Paulo, torna possível esta visão ao cristão que almeja contemplar a glória do Senhor. O privilégio de ver ("como por espelho") o que olhos de nenhum pecador jamais puderam ver, não é alcançado por meio da imaginação especulativa, mas através da dinâmica da vida histórica de Jesus (cf. Jo 14.9, 10), ⁸ agilizada pelo Espírito Santo em nós. O Consolador (paraklêtos) glorifica a Jesus Cristo, recebendo do que Lhe pertence e anunciando-O a nós (Jo 16.14).

Adorar, concluímos, é comparável ao processo de ver. Através da fé e do conhecimento da pessoa de Deus, transmitidos ao coração que O busca, e pela meditação sobre Seus atributos, demonstrados na carne de Jesus, podemos ver a face de Deus, mesmo antes de morrer. Esta "visão de fé" deve ter prioridade nos cultos das igrejas porque tem poder transformador. Forma a imagem de Cristo no adorador e o torna semelhante a Jesus (2 Co 3.18; Cl 3.10; Ef 4.15). Era baseado nesta visão que Paulo apelava a seus leitores para imitarem a Deus" (1 Ts 1.6).

Uma rápida advertência: "há distintos níveis de adoração.⁹ O nível estético inspira, por meio da natureza, uma formosura agradável. Mas Deus não Se identifica pelas coisas que Ele criou e mantém pelo Seu braço onipotente. A ira de Deus não vem sobre os homens porque eles deixam de vê-LO por intermédio da natureza inanimada O erro dos pagãos está na recusa de elevar os olhos acima da criação, para o Criador. "Seu eterno poder como também a sua própria divindade claramente se reconhecem... sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas" (Rm 1.20).

Robert Coleman conta a história de um jovem que subiu ao monte Lookout no estado de Tennessee, nos EUA. Famoso pelo panorama que oferece, e que, em dia claro, estende-se até sete estados, naquela data apresentava a beleza indescritível da folhagem do outono. Aos olhos parecia um pôr do sol iluminando um carpete de árvores que se estende até 50 quilômetros de distância. Ao descer, alguém perguntou ao rapaz o que ele tinha visto. "Foi a primeira vez na vida que enxerguei a cauda de um urubu e ele a voar". Expressou uma visão comparável a muitos que cultuam sem noção do que deve ser central. Eles vêem as janelas coloridas, o terno do dirigente, a estrutura do templo, o quadro acima do batistério, mas não enxergam o trono de Deus, nem Aquele que está assentado nele. ¹⁰

A beleza e grandeza do mundo, do sol e das estrelas, somente elevam a mente humana a Deus, se esta O tiver

conhecido previamente, pela fé e Sua revelação pessoal. A inspiração estética, seja recebida por intermédio dos olhos ou por meio dos ouvidos, nada mais é do que o reflexo da natureza do homem criado à imagem de Deus. Sendo caído, naturalmente o pecador aprecia mais os dons ofertados pelo Pai do que o próprio Criador.

Há, também, em segundo lugar, um nível de adoração que reflete a consciência da qual Deus dotou a todos. Nele encaramos nossos deveres e falhas. "Este nível", diz Willis, "pode nos levar à compreensão reverente da importância da vida humana e à decisão respeitosa e protetora em relação a ela"¹¹ Mas uma consciência educada para valorizar os homens não se identifica com o conhecimento de Deus.

O terceiro nível trata da revelação de Deus, pela qual o homem confrontado oferece sua resposta em adoração verdadeira.

Ouvindo a Deus

Para alcançar e manter relacionamentos pessoais, o sentido da audição tem maior importância que o da visão. Escutar uma voz querida comunica conforto, motivação e segurança. A comunicação, através da língua e ouvido é a chave do relacionamento humano.

Adoração pressupõe que Deus Se comunica e que homens são capacitados a "ouvir" a voz que não emana de nenhum ser criado. A voz que nenhum rádio tem capacidade de captar, faz-se ouvir, apenas, pela intervenção do Espírito. "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas" (Ap 2.7, 11, 17, 29; 3.6, 13, 22).

Centenas de vezes a Bíblia faz referência a Deus falando com homens. Desde Adão e Eva no Paraíso, até João na ilha de Patmos, homens escolhidos ouviram a voz de Deus. Como teria Enoque andado com o Senhor sem ouvi-lo falar? Noé fez tudo consoante Deus lhe ordenara (Gn 6.22). Abraão

sabia que a voz que lhe dissera "Abraão... toma teu filho... a quem amas... oferece-o ali em holocausto" (Gn 22.2), era de Deus e não de uma inteligência oriunda do inferno? Em Êxodo 33.11 lemos que o Senhor falava com Moisés, face a face.

Multiplicam-se, através das páginas sagradas, os exemplos em que o ouvido humano teve consciência de que a voz extra-terrestre que escutava era, sem qualquer dúvida, de Deus. Seguramente, esta é uma das razões pelas quais o filho unigênito foi chamado a Palavra, Verbo (Logos, no grego, Jo 1.1, 14; 1 Jo 1.1; Ap 19.13). Ao manifestar parcialmente a glória divina no monte da transfiguração, Deus repreendeu o entusiasmo petrino que queria levantar três tendas ante a proclamação estrondosa "Este é meu Filho amado, a ele ouvi" (Mc 9.5-7; cf. Jo 12.28, 29). Declaração ousada foi aquela em que Jesus reivindicou identidade com o Pai; "De modo que as coisas que dele tenho ouvido, essas digo ao mundo... nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou" (Jo 8.26-28). "Quem é de Deus ouve as palavras de Deus" (ou seja, as palavras proferidas por Jesus, Jo 8.47).

Deus, por ser real, não guarda silêncio. Podia, se quisesse, nunca ter quebrado o silêncio eterno.¹² Mas Jesus declarou, o que poderíamos ter concluído depois de ler o A. T., que o Pai procura verdadeiros adoradores que discirnam e escutem a Sua voz. Falamos por intermédio da oração com Aquele que nos amou primeiro (1 Jo 4.19), porque Ele deseja nossa comunhão. Assim, não somos como os que cultuam imagens mudas, que lhes falam mas não têm resposta alguma. Na adoração, nossos ouvidos devem ficar atinados para discernirem a "voz" que fala ainda que somente quem "tem ouvidos para ouvir, ouvirá o que o Espírito diz" (Ap 2.7, 11, 17). Quando cultuamos a Deus devemos esperar ouvir a Sua voz, que se faz audível ao ouvido do homem interior.

Nesta era de graça, as promessas cumpridas da Nova Aliança mantêm-se em pleno vigor. Pedro, orientado pelo Espírito, declarou que o que aconteceu no Dia de Pentecoste

"é o que foi dito por intermédio do profeta Joel: E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei meu Espírito sobre toda a carne, vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; até sobre os meus servos e minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias e profetizarão" (At 2.16-18). O profeta verdadeiro não tem permissão para falar daquilo que ainda não ouviu. Declarar cumprida esta profecia de Joel, implica então na nova realidade. Quem recebeu o Espírito, deve ouvir palavras de Deus e ter visões dEle, que antigamente foram atribuídas unicamente a profetas e homens escolhidos. Antigamente o privilégio de ouvir era limitado. Hoje, estende-se a todos os remidos, universalmente, juntamente com a recepção do Espírito. Paulo declara; "Em Cristo é que falamos... da parte do próprio Deus" (2 Co 2.17).

Deduzimos com confiança que a promessa de Deus, feita por intermédio de Jeremias, cumpriu-se na vida da Igreja, "Nas suas mentes imprimirei as minhas leis... eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. E não ensinará jamais cada um ao seu próximo... porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior" (Hb 8.10, 11 citando Jr 31.33, 34).

Não mais com voz audível, Deus ensina e transmite Suas leis. Sua voz comunica diretamente aos corações¹³ daqueles que são sensíveis ao Comunicador da Nova Aliança. "O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8.16). Jesus, antes de sofrer na cruz, garantiu a seus discípulos que "o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito" (Jo 14.26). É impossível adorar sem o Espírito. Não se escuta a voz de Deus sem Ele, o qual glorifica a Jesus Cristo e anuncia a Sua palavra (Jo 16.15). Uma expressão incomum precede este versículo: "... não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido" (v.13). "Esta afirmação sugere uma íntima e contínua comunicação entre o Espírito que habita no crente e o Cristo glorioso, vivo. Seria um erro pensar que Cristo terminou sua atividade e então o Espírito começou sua

obra. "14 Por isso, adorar no Espírito implica na expectativa de ser receptor da comunicação de Deus.

Jesus, no seu ministério na terra, fez uma distinção entre a multidão incrédula e seus discípulos quando explicou o motivo de ensinar por meio de parábolas. "A vós... é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é concedido" (Mt 13.11). Contrastou os ouvidos dos discípulos que ouviram o que profetas e justos não conseguiram ouvir (w.16-17), com os alienados da graça que ouvindo não entenderam. A razão dessa incapacidade de perceber e entender o que Deus falava era o endurecimento dos corações na incredulidade. "De mau grado ouviram com seus ouvidos, e fecharam seus olhos" (Mt 13.15 citando Is 6.9, 10).

Crendo em Jesus Cristo e, conseqüentemente, recebendo o Espírito Santo, opera-se um milagre que abre os ouvidos dos fiéis. Jesus mostrou a impaciência com seus discípulos que, antes de receber o Espírito, mostraram-se empedernidos. Jesus os advertiu contra o fermento dos fariseus e de Herodes, enquanto eles discorriam entre si: "Ê que não temos pão" (Mc 8.15, 16). Perguntou o Senhor "Por que discorreis sobre não terdes pão? Ainda não considerastes, nem compreendestes? Tendes o coração endurecido? Tendo olhos, não vedes? E tendo ouvidos, não ouvis?" (vv.17-18?).

O milagre relatado por Marcos, logo após este episódio, mostra como um cego de Betsaida, depois de receber de Jesus uma aplicação de saliva nos olhos, ainda não via claramente; homens pareciam-lhe como árvores andando. Mas após um novo toque de Jesus, passou a ver claramente (Mc 8.22-25). Este único milagre, realizado em duas etapas, reflete a compreensão limitada dos discípulos antes de Cristo morrer e o entendimento pleno depois de terem recebido o Espírito. Em Marcos 8, vemos como Pedro confessou: "Tu és o Cristo" (Mc 8.29), e logo em seguida, rejeitou o ensino de Jesus, o Cristo, sobre sua missão. Os ouvidos de Pedro foram abertos para a comunicação do Pai, acerca de quem era

Jesus (Mt 16.17), no entanto, contestou Jesus ao ouvi-lo dizer qual o motivo primordial de sua vinda à terra. Pedro necessitava de uma nova revelação. Ela veio após a ressurreição; o sopro do Senhor concedeu-lhe o Espírito Santo (Jo 20.22), bem como o batismo no Espírito no dia de Pentecoste (At 2). Nunca mais Pedro resistiu à verdade sobre a missão do Messias, que cumpriu as profecias de Isaías a respeito do Servo Sofredor e trouxe perdão através de sua morte substitutiva (veja At 2.22, 23; 3.13-16; 1 Pe 2.24).

Ainda hoje o processo é semelhante. Antes de termos um relacionamento pessoal com o Senhor, éramos como os gentios de Corinto, conduzidos aos ídolos mudos (1 Co 12.2). Mas, uma vez convencidos pelo Espírito de que Jesus é o Senhor (1 Co 12.3), estamos declarando nossa lealdade. Paulo escreveu aos efésios mostrando o estreito relacionamento que existe entre Jesus Cristo e o evangelho. "E ele veio e pregou paz a vós que estáveis longe, e paz aos que estavam perto" (Ef 2.17 NASB). Esquecemos freqüentemente que Cristo, propriamente dito, traz a mensagem salvadora¹⁵ Novamente, em Efésios 4, o apóstolo argumenta que a vida transformada é resultado da ação de aprender de Cristo e ouvi-lo (vv.20.21).¹⁶ O propósito que o Senhor tem, aos nos confrontar dessa maneira, não é outro senão criar e nos manter em um relacionamento pessoal com Ele.

Quando reconhecemos que a palavra está perto de nós, na boca e no coração (Rm 10.8, citando Dt 30.14), e confessamos para salvação o senhorio de Cristo, ainda necessitamos ouvir a Sua voz para conhecer e obedecer à Sua vontade (Rm 10.9-13). Crendo e confessando (na igreja primitiva, atos realizados de maneira pública no batismo) o que ouvimos, passamos a ouvir e reconhecer a voz do Bom Pastor. "As ovelhas ouvem a sua voz, ele chama pelos nomes as suas próprias ovelhas e as conduz para fora... vai adiante deles, e elas o seguem porque lhe reconhecem a voz" (Jo 10.3, 4).

Adoração deve fornecer condições para se ouvir a voz do Senhor no íntimo. Deve penetrar como espada de dois gumes, "até o ponto de dividir alma e espírito... para discernir os pensamentos do coração" (Hb 4.12), ou atrair como o ruído de uma brisa tranqüila e suave (cf.1 Rs 19.12, 13). O que a era do Espírito não cogita é cultuar o Deus vivo sem perceber que Ele Se manifesta e fala.

Lastimáveis e indesculpáveis são as reuniões das igrejas em que uma torrente de palavras é pronunciada mas poucos, ou mesmo ninguém, conseguem ouvir a voz de Cristo. "Eis que estou à porta (da igreja reunida, celebrando a Ceia) e bato, se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele e ele comigo" (Ap 3.20). Obviamente a surdez espiritual não é um mal de origem recente.

O principal desejo daqueles que se reúnem para cultuar a Deus deve ser o reconhecimento de que, de fato, Ele está em nosso meio e fala através do salmo que um determinado irmão tem, ou pela doutrina exposta, ou pela revelação (desvendamento da presença do Senhor por meio da voz que fala com autoridade vinda dele), ou língua, ou interpretação (1 Co 14, 25, 26).

Poucas igrejas praticam este "culto primitivo" que Paulo descreve, mas isso não deve anular o objetivo de se reunir. Paulo acaba de escrever que se todos profetizarem, qualquer incrédulo ou indouto que comparecer será "por todos convencido, e por todos julgado; tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração, e, assim, prostrando-se com face na terra, adorará a Deus, testemunhando que Deus está de fato no meio de vós" (1 Co 14.24, 25).

A expressão "seja tudo feito para edificação" (v.26), é explicada concisamente na descrição da reação do indouto e incrédulo. Quando Deus fala por intermédio dos seus profetas (prothētēs, "transmissor da palavra de Deus")¹⁷ todos são edificados; mesmo os que não se apresentaram em

condições de adorar são incluídos no rol dos verdadeiros adoradores.

Descobrimos outras alusões aos cultos das igrejas do primeiro século, em Efésios e Colossenses.

A Adoração e o Enchimento do Espírito

Todos devem ser cheios pelo Espírito¹⁸, mensageiro divino da Palavra viva de Deus (Ef 5.18). Em uma passagem paralela de Colossenses, Paulo diz: "Habite ricamente em vós a palavra de Cristo" (3.16), dando a entender que a plenitude do Espírito significa ouvir e receber profundamente a mensagem que Cristo está dando à sua igreja

O primeiro resultado da comunicação do Senhor pelo Espírito será "falando entre vós com salmos". Pela música e a Palavra inspirada destacam-se as partes do culto para encorajar os irmãos (Ef 5.19).

Uma experiência mística, particular, não é o ideal, nem seria essa a evidência de alguém ter sido galardoado com a plenitude do Espírito. O ser cheio é demonstrado pelo relacionamento amável que ocorre entre os irmãos na comunidade.¹⁹

Colossenses nos chama à atenção o fato de que "salmos, hinos e cânticos espirituais" são os meios de louvor a Deus (3.16). Sem dúvida, tudo quanto glorifica ao Senhor, edifica os que se reúnem devidamente preparados para escutar o Cabeça, Jesus Cristo.

A segunda evidência de uma igreja cheia do Espírito é a sua adoração espontânea por meio do louvor e gratidão por tudo "em nome do nosso Senhor Jesus Cristo" (Ef 5.19-20). O louvor que sai "do coração" mostra como o Espírito exprime a alegria no Senhor daqueles que verdadeiramente têm ouvidos para ouvir o que o Espírito diz à igreja.

Em terceiro lugar, há a evidência do Espírito enchendo a igreja pela submissão "uns aos outros no temor de Cristo" (Ef 5.21). Quem ouve a mensagem do Senhor comunicada pelos irmãos que vivem em plena submissão ao Espírito, não acha difícil se submeter a eles. Jesus se identifica com a igreja obediente. Ele faz com que sua voz seja ouvida pelos lábios dos irmãos. Se não quisermos desobedecer a Cristo, cabe-nos a sujeição a uma mútua cooperação, isto é, um irmão atendendo ao outro. Esposas tornam-se submissas aos maridos (o texto original não repete o verbo "sujeitando-vos" usado nos vv.21, 22) e estes tratam suas mulheres com amor (agapē) como Cristo trata Sua igreja - corpo (vv.25-29).

Colossenses apela para que tudo (palavra e ação) seja feito "em nome do Senhor Jesus" (3.17). A adoração oferecida em reunião na igreja deve transformar a vida de todos os membros. "Em nome do Senhor" significa que cada palavra e ação nas divisões dos atos específicos de culto deverão ter o endosso de Jesus Cristo. Como Jesus Cristo é "a expressão exata do seu Ser" (Hb 1.3), o que o corpo de Cristo diz e faz deve revelar claramente que Deus está falando, e Seu povo está escutando.

A Voz do Senhor é Renovada nas Escrituras

Escutamos a voz do Senhor na hora em que nos sintonizamos com a voz dos profetas e apóstolos. Deus escolheu estes para serem transmissores do seu recado. Quando Deus falou a Moisés, Davi, Daniel, Pedro, João, Paulo, sua mensagem foi destinada a um círculo maior do que os primeiros ouvintes ou destinatários, leitores específicos do recado.²⁰ Imagine o Pai que faz uma chamada telefônica a seu filho. Outro filho, impulsionado pelo desejo de saber o que o pai está falando, silenciosamente passa a ouvir a conversa pela extensão do aparelho telefônico. Fica atônito ao perceber que seu pai sabe perfeitamente que ele

está escutando a conversa e a dirige a ele também. O mesmo ocorre em nossos dias. Lemos o que Jesus disse a Pedro de uma forma direta e particular, e o Espírito torna essa mensagem a voz de Deus, direta e particularmente, a nós também.

Perdoe-me o leitor por esta ilustração pessoal. Nosso filho mais velho vivia dias de rebelião. Uma profunda insatisfação com Deus, igreja, amigos e consigo mesmo tomou conta dele. Tristeza e desespero dominaram seus dias. Nada lhe animava ou interessava. A alegria característica desapareceu como o sol atrás de nuvens sombrias. Frases chocantes saíam dos lábios daquele jovem de quinze anos, porquanto se convencera de que sua fé em Deus não passava de alucinação de criança, inculcada em sua cabeça por pais iludidos. Mas, em uma noite, ele ouviu a voz soberana de Deus. Lia Romanos 2 para cumprir uma exigência ao preparar-se para uma aula bíblica que teria em sua escola no dia seguinte. "Mamãe", ele exclamou tomado pela emoção, "Deus acaba de falar comigo ao ler esta passagem em Romanos". Tendo lido o que Deus transmitiu a Paulo para escrever aos crentes de Roma, a realidade existencial lhe penetrou. Ele adorou; seu espírito foi quebrantado. Arrependeu-se e foi imediatamente transformado. Passou a divulgar a realidade que poucas horas antes negava. Experimentou o que se passou com Paulo quando, aproximando-se de Damasco, dominado pela raiva contra os seguidores de Jesus Cristo, subitamente O viu vivo e O escutou conversando diretamente com ele (At 9.4, 5; 22.7-10; 26.14-18). Hoje, nosso filho Timóteo está se preparando para servir a Deus com tempo integral num trabalho de pastorado ou missões.

Existe um alto risco em nossa prática cristã de pedir a Deus que nos fale particularmente, para, então, O ouvirmos. Até mesmo lendo a Bíblia "enquanto Deus não parar de falar", como costumava dizer o Pr. Roy Hession, não devemos tornar dogmática a nossa interpretação particular (2 Pe 1.20). A humildade é um fator muito importante na atitude do

ouvinte da Palavra de Deus, assim como a convivência cristã (Ef 4.2). Por isso, Paulo ordenou aos profetas de Corinto que somente dois ou três falassem no culto e que os outros profetas julgassem (1 Co 14.29). Seria pecado avassalador julgar a Palavra de Deus, ²¹ uma vez que entendemos corretamente o que Ele comunicou. É necessário "julgar" quando nos deparamos com cristãos que pronunciam recados "em nome do Senhor", que não concordam com a Bíblia. Alguns se intitulam profetas, mas suas palavras ou nunca se cumprem ou recomendam um caminho divergente daquele que Deus estipula. A tais homens não se deve dar ouvidos. São falsos profetas (Dt 13.1-5); uma vez desmascarados devem ser rejeitados (1 Jo 4.1-5). Este perigo não se limita somente aos outros. Nós, também, que temos a Bíblia como única regra de fé e prática, facilmente erramos. A nobreza dos bereanos estava na disposição que tinham em conhecer mais seguramente a fonte divina ou humana da mensagem que Paulo pregava (At 17.11). Assim, os cristãos, ao se reunirem na igreja ou no lar, devem tão somente cuidar para que cada ato gire em torno da Palavra de Deus ouvida, discernida e obedecida

Provar o Senhor

"Ver" e "ouvir" a Deus são as descrições mais freqüentes nas Escrituras, quando se trata do relacionamento entre o homem de fé e o Todo-poderoso. Um terceiro modo de as páginas inspiradas falarem, bem mais raro, aponta para a adoração através da experiência de provar ao Senhor, no sentido de saborear. Tanto dentro como fora da Bíblia, o simbolismo religioso usa ver, sentir e provar, tão freqüentemente como ouvir, ao descrever a experiência da presença divina; ^{*22}

Parece-nos estranho que Pedro exorte seus leitores: "Desejai ardentemente (lit. "ter saudade" como em Fp 1.8; Tg 4.5) como crianças recém-nascidas o genuíno leite espiritual,

para que por ele vos seja dado crescimento para salvação, se é que já tendes a experiência (grego *egeusathe*, "saboreastes") de que o Senhor é bondoso (*chrēstos* na LXX, "delicioso", citando o Sl 34.8, onde o original hebraico apresenta o conceito de experimentar mais profundamente).

O leite genuíno representa o Senhor Jesus, identificado com Javé no Salmo 34. Os cristãos já provaram o Senhor pelo menos uma vez quando foram regenerados. Devem, então, ter um desejo obcecado, a fim de continuar "bebendo" dEle. Beber espiritualmente de Jesus outorga vida. Continuar bebendo resulta em crescimento e maturidade até alcançar a salvação escatológica, (1 Pe 2.2). Tais metáforas pertencem à experiência da adoração. Definem o que pertence à essência dos cultos dos quais os recém-convertidos participam.

Jesus incentivou a mulher de Sicar a buscar o "dom de Deus", também chamado de "água viva", (Jo 4.10). Esta bebida celestial que a mulher deveria ingerir era a maneira figurada pela qual Jesus falava do Espírito. Na verdadeira adoração, ocorre o ato de o cristão buscar o Espírito, por meio de Jesus, para beber de fato, ainda que ele tenha o Espírito como fonte perene a jorrar no seu coração, (4.14).

Mais tarde, durante as comemorações da Festa dos Tabernáculos, Jesus convidou os sedentos a virem e crerem nele; assim receberiam o Espírito que do Senhor flui como rios (Jo 7.37-39). Aqui a água novamente é identificada com o Espírito (v.39) a ser distribuído a todo aquele que se aproxima de Cristo e nEle crê. Então, as três passagens (1 Pe 2, Jo 4 e 7) identificam o leite com Cristo e a água com o Espírito. A sede espiritual deve ser imprescindível ao cristão. A falta de consciência da ausência da atuação do Espírito, deveria levar o homem a suspirar como a corça pelas correntes das águas. "Assim, por ti, ó Deus suspira a minha alma" (Sl 42.1).

Além do leite para recém-nascidos na fé e água para sedentos, Jesus usou a metáfora do pão para representar a

realidade da adoração. Certamente, Jesus Cristo deixou seus seguidores boquiabertos ao declarar, após a miraculosa multiplicação dos pães, que Ele mesmo era o pão da vida "Quem vem a mim jamais terá fome e o que crê em mim jamais terá sede". Por esta comida os judeus deviam trabalhar, procurando um alimento que Jesus Cristo lhes daria (Jo 6.27, 35, 37). Este pão, feito alimento para o crente, não permite que ele pereça (v.50).

Quando o Senhor identificou esta comida espiritual com sua carne que estaria dando para a vida do mundo (v.51), torna-se patente que estava falando da crucificação. Foi no Calvário que o corpo de Jesus, sacrificado, tornou-se acessível a nós, pecadores. Pela fé, apropriamo-nos do sacrifício expiador do passado e então recebemos o perdão que no presente nos é outorgado. Paralelamente somos intimados a beber seu sangue que nos purifica de todo pecado (vv.53-56; cf.1 Jo 1.7).

Não pode haver dúvida embora os judeus não tivessem entendido a verdade profunda que Jesus desejava comunicar. Comer e beber do corpo e do sangue de Jesus, seriam atos repetidos de adoração. O simbolismo da Ceia representa em parte a realidade que jaz atrás desta linguagem figurada mas não exaure seu significado. Alimentar-se de Cristo, não de maneira sacramental ou material, implica em recebê-lo pela fé.

Por um processo inconsciente, nossos corpos se alimentam, extraindo saúde e energia do pão que comemos. Assim também, adorar ao pé da cruz renova nossa vida no Espírito. Não há nenhuma garantia de que aumentando a frequência da celebração da Ceia, nós seremos fortalecidos no Espírito. Atos externos de adoração podem abafar ou estimular a realidade do evento ou verdade simbolizada.²³ Por isso, o Senhor ensinou os seus discípulos, na oração do "Pai Nosso", a pedirem o pão de "amanhã", todo o dia (Mt 6.11; Lc 11.3). A palavra traduzida como "cotidiana" (epiousios provavelmente significa "amanhã", no original),

parece ter sua origem na descida do maná para sustentar os israelitas na sua caminhada pelo deserto (Ex 16). Toda sexta-feira tinham de apanhar o dobro do maná para não passarem fome no sábado. Naquele dia o maná não era dado. Era dia de descanso imposto por Deus. O pão espiritual do cristão é Jesus Cristo, crucificado e ressurreto. Ele virá futuramente no "amanhã", isto é, no sábado escatológico, identificado pela igreja como a Sua Segunda Vinda. Mas também vem no presente para alimentar a todo o que sente fome e que, pela fé, se fortalece através de louvor, gratidão, confissão, petição, intercessão e entrega das ofertas ao Senhor. Ele vem para Se revelar e Se comunicar com os que O desejam. Quando a multidão, após ter participado da festa em que Jesus multiplicou os pães para todos, pediu que Ele repetisse a façanha no dia seguinte, o Senhor disse; "Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna" (Jo 6.27).

Todo o discurso que segue em João 6 frisa a grande verdade de que a alimentação com o Pão do Céu não ocorre apenas uma vez. O essencial da adoração é vir a Cristo (v.35, o tempo presente do grego deve ser entendido no sentido original de "vir continuamente"), evitando assim fome e sede espirituais.

Esta linguagem metafórica foi usada pelo Senhor para lembrar Seus discípulos que, na Sua ausência, após a ascensão, Ele estaria disposto a Se comunicar com eles. Pela fé ele Se tornaria real. Sua presença habitaria neles, manifestando-se no meio da igreja reunida.

O Prof. Oscar Cullmann argumenta que a oração exclamatória da igreja primitiva, Maranata ("vem, outorgar-nos a tua presença, Senhor, enquanto adoramos") tem dois sentidos: escatológico e presente. Assim, ao mesmo tempo que se reconhecia a presença real do Cristo (cf. Ap 3.20), articulava-se o pedido pela Sua vinda na glória escatológica.

Aos que pretendem adorar, o que importa é a lembrança de que o nosso aproveitamento desse Pão que desce do céu

requer trabalho. Trabalhai... pela (comida) que persiste para a vida eterna" (Jo 6.22). Só não receberemos de Deus a Sua maior oferta - a de si mesmo -se não a quisermos. Pedir, buscar e aproximar são verbos bíblicos que comunicam algo do sentido de "trabalhai", na expressão usada por Jesus.

O Barão Von Hugel nunca se cansava de contar o que Bernardo de Clairvaux dizia aos monges: "Não me importa quão cedo eles possam acordar e se levantar para orar na capela, numa madrugada gelada de inverno, ou nas altas horas da noite; eles sempre descobrirão que, antes disso, Deus estava acordado, aguardando-os, ou melhor, Ele os tinha acordado para buscarem a Sua face".

De fato, quem busca acha (Lc 11.9a). O autor de Hebreus nos incentiva a uma aproximação de Deus, crendo que Ele está presente e pronto a galardoar todos os que O buscam (11.6). A recompensa que este texto promete não se limita ao futuro, mas inclui a realidade da comunhão presente. "Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça..." (Hb 4.16).

Para Jesus, o ato de comer pão tinha importância secundária. A comida substancial consistia "em fazer a vontade daquele que me enviou" (Jo 4.34). Esse pão os discípulos não conheciam (v.32). Quando estavam atravessando o lago da Galiléia, Jesus os preveniu sobre o perigo do fermento dos fariseus e o de Herodes, mas eles entenderam que o Senhor se referia aos pães que haviam esquecido de trazer (Mc 8.14ss.). Jesus os criticou duramente por terem pensado no pão físico e não no espiritual. "Por que discorreis sobre o não terdes pão? Ainda não considerastes, nem compreendestes? Tendes o coração endurecido?" (v.17). Ele repreendeu severamente a atitude materialista dos discípulos.

Aqui, vemos que, enquanto Cristo referia-Se ao homem interior, que se envenenava com valores egoístas que satisfazem a soberba da carne (como os fariseus

autoconfiantes, jactanciosos, e herodianos manipuladores políticos), os discípulos pensavam no homem exterior e o pão físico de que ele necessita para sobreviver neste mundo.

Satanás quis desviar a atenção de Jesus no deserto para tudo o que era externo, físico, e produz prazer passageiro: "... manda que estas pedras se transformem em pães" (Mt 4.3). Mas a resposta à tentação foi: "Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (v.4; Dt 8.3). Nessa declaração, o Senhor lança o fundamento pronunciado em Sicar (Jo 4.34). Quem se preocupa mais com o corpo e suas necessidades, deixará de viver pela alimentação espiritual. Seu coração se endurecerá sua fome por Deus e Sua justiça desvanecerá. A vontade de Deus não lhe susterrá, acontecendo o oposto do que ocorreu com Jesus (Jo 4.34).

Há vários meses, visitamos um homem que outrora servira zelosamente ao Senhor. Não faltava aos cultos; testemunhava sua fé, cria e procurava seguir a Palavra. Mas, hoje, não acalenta nenhuma saudade pelo "leite genuíno". Perdeu o gosto pelo Senhor (1 Pe 2.2, 3). Sua vida, que antes se equilibrava entre as duas dimensões do alto nível espiritual e o baixo nível das preocupações deste mundo, hoje revela um único nível. Não cuidou de evitar o fermento sobre o qual Jesus advertiu seus discípulos (Mc 8.15). Pedro foi bastante atento quanto ao assunto. Décadas depois, escreveu esta séria advertência: "Portanto, se depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, se deixam enredar de novo e são vencidos, tornou-se o seu último estado pior que o primeiro... Com eles aconteceu o que diz certo adágio verdadeiro: "O cão voltou ao seu próprio vômito" (2 Pe 2.20, 22).

Todos os que se encontram neste estado calamitoso têm uma história que explica de que maneira o culto genuíno perdeu sua atração. Jesus usou na parábola do semeador a frase "não têm raiz", para explicar a razão pela qual os que

ouviram a mensagem salvadora e a receberam com alegria não perseveraram na hora da provação (Lc 8.13). A semente que caiu entre os espinhos não teve melhor sorte. Os espinhos representam a sufocação com "os cuidados, riquezas e deleites da vida" (Lc 8.14). As raízes das plantas necessitam de água e alimento. Se algo impedir que recebam esses elementos, nada poderá ser esperado, além da queda diante das pressões externas do mundo ao redor. Se a planta cultivada não tiver uma fonte rica e duradoura e for envolta pelos espinhos, estes a sufocarão.

A verdadeira adoração fornece ao espírito do cristão tudo o que ele carece, de maneira semelhante àquela pela qual comida e água sustentam o corpo. O espírito transformado não tem possibilidade de sobreviver sem uma comunhão mantenedora com Deus. Os pecadores que antes estavam mortos em delitos e pecados (Ef 2.1), ressuscitam com Cristo e tomam seus lugares, assentados com ele nos lugares celestiais (v.6). Somente com Cristo alguém perseverando na comunhão, recebendo dEle o Espírito vivo e atuante, procurando conhecer a Sua vontade (5.17) e praticá-la, poderá crescer para salvação.

Concluimos que, quando gozamos de boa saúde, não achamos tarefa desagradável nos sentarmos a uma mesa bem arrumada e farta; não cremos que repetir esta ação três vezes ao dia seja um fardo pesado. Boa comida e bom paladar combinam perfeitamente. Deleitamo-nos em comer, e não importa por quanto tempo ou quantas vezes, conquanto haja apetite.

Aqui, temos uma das mais audazes figuras empregadas pela Bíblia para transmitir o que Deus quer que seus filhos desenvolvam: Nada menos do que um prazer profundo de recebê-lo em nosso ser, para que interiormente haja "dia a dia uma renovação de vigor e de vida" (2 Co 4.16, Phillips). O cristão recebe e digere o "Pão que vem do céu" por meio da comunhão pessoal, leitura das Escrituras, louvor, gratidão, oração e obediência

O Bom Perfume na Adoração

As Escrituras acrescentam ainda um quarto sentido envolvido na adoração. Trata-se do olfato. Algumas vezes encontramos na Bíblia afirmações de que Deus, não o homem, Se agrada do bom perfume de um sacrifício a Ele oferecido. "E o Senhor aspirou o suave cheiro, e disse:... não tornarei a amaldiçoar a terra por causa do homem..." (Gn 8.21). Esta maneira de falar é claramente antropomórfica.

A verdade subentendida por esta figura, de maneira profunda, comunica um fato raramente lembrado: Deus é quem recebe o nosso culto. Aspirar o bom perfume exalado pelas ofertas dos que O amam provoca nEle uma sensação agradável. Mas pode também acontecer o contrário. Isaías relata as palavras de Javé reagindo com aborrecimento diante dos sacrifícios que os israelitas ofereciam sem qualquer preocupação com as condições de seus corações: "Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação... as vossas solenidades, a minha alma as aborrece; já me são pesadas... porque vossas mãos estão cheias de sangue" (1.13-15).

Em diversas partes do mundo surge um volume notável de literatura com o objetivo de tornar a adoração cristã mais contemporânea, mais relevante e contextualizada. Quando o interesse dos que congregam para adorar se torna alvo prioritário, o culto forçosamente ganha características de entretenimento. A experiência do adorador recebe prestígio acima da do criador. Mas o que de fato é relevante é o que Deus acha do nosso louvor, orações, mensagens e ofertas.

Creio que seria uma idéia revolucionária para milhares de comunidades chegarem a reconhecer que o motivo das reuniões da igreja deve ser o de alegrar ao Senhor. Malaquias lembrou aos seus leitores que Deus sentia pesar e cansaço ao contemplar o culto deles. "Enfadais o Senhor com vossas palavras" (2.17). Sacrifícios desagradáveis oferecidos ao

Santíssimo somente aborrecem. Sem exceção, o desagrado divino com as ofertas do Seu povo, surge da contaminação do ato sacrificial pelo pecado no coração do ofertante. Sacrifícios "cheiram mal" a Deus, inevitavelmente, quando sofrem os efeitos nefastos de corações que abrigam iniquidade sem arrependimento.

A oferta de Abel agradou a Deus, a de Caim, não (Gn 4.4, 5), não porque a primeira tenha cumprido as exigências materiais de animal limpo, e a segunda falhado por ser composta de produtos da terra. O Senhor instruiu a Moisés sobre a oferta de manjares de farinha e azeite, sem sangue algum (Lv 2.1-16). Porém, se o coração se apresenta em desarmonia com a perfeição de Deus, como aconteceu com Caim, a oferta é sempre rejeitada.

Por certo, erramos seriamente quando avaliamos o valor do culto pelo padrão meramente humano. Nem tudo que nos agrada, automaticamente alegra ao Senhor.

O pastor Benjamim Patterson responde à pergunta "O que fazemos quando adoramos?" Resposta: Fazemos essencialmente o que fiz quando assisti no vídeo, pela 11ª vez, a vitória da Universidade do Sul da Califórnia sobre a Universidade de Notre Dame num jogo de futebol americano. Mas você talvez protestasse: 'Você sabia tudo que ia acontecer! Mas é isso mesmo'. Eu assisto justamente porque sei o que acontecerá!... O que procuramos é a dramatização, em forma de estória, dos valores da vida, seu significado, seus problemas e soluções!... O culto cristão é dramatização ritualista. A história dos grandes atos salvíficos de Deus em Jesus Cristo é recontada de alguma maneira. Confirma-se o que cremos e valorizamos. Reagimos com ofertas de gratidão, louvor e obediência. O bom perfume do sacrifício nunca cansa, tal como o aroma das flores frescas alegra a todos.

Nenhuma passagem bíblica demonstra tão bem o que desejamos compartilhar como a descrição da adoração celestial, em Apocalipse 4 e 5. O Pai, assentado no trono, e o Filho, visto como Cordeiro, em pé, horivelmente assassinado

(5.6). Seres vivos e anciãos entoam o novo cântico, exaltando a dignidade daquele que pagou a redenção de homens de todas as raças, línguas e povos. Juntam-se as vozes de trilhões de anjos proclamando: "Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor" (Ap 5.12). Finalmente, acrescentam-se as vozes de toda a criatura nos céus, sobre a terra e debaixo da terra, e ainda, sobre o mar, para oferecerem o culto de louvor e submissão ao Pai e ao Filho (v.13).

De maneira alguma devemos permitir que nos escape a realidade principal nesta cena Quem representa neste drama são anjos, anciãos e toda a criatura no universo; não o Cordeiro, mas a congregação. S. Kierkegaard, certa vez falando sobre a adoração, disse que tanto no céu como na terra, Deus é o espectador ou assistente e nós os atores. Quem dirige o culto promove a oferta de gratidão, louvor e obediência, de acordo com sua maneira de enxergar o que agrada a Deus. "Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome. " (Hb 13.15). Além destes atos característicos do culto congregacional, somos encorajados a praticar boas obras e a exercer a cooperação mútua, "pois com tais sacrifícios Deus se compraz" (v.16).

A oferta de nosso Senhor na cruz, tão vergonhosa e agonizante, foi um sacrifício a Deus (eis no grego, "em", "para", "com a finalidade de") em aroma suave (Ef 5.2). Paulo apresenta aqui o argumento de que Deus Pai aceitou e Se agradou deste ato central, único na história de todo o universo. Portanto, qualquer expressão de adoração que se fundamente na imaculada oferta do sangue de Cristo (Hb 9.14) e, sinceramente, procure atingir o mesmo objetivo, também "cheirá bem" ao Pai das luzes.

O autor de Hebreus cita o salmo 40.6, 8 para marcar o contraste infinito entre sacrifícios, holocaustos e ofertas de animais, que não agradaram a Deus, e o sacrifício do Seu

Filho unigênito, em que ele Se deleitou (10.6-8). É com razão que não degolamos cordeiros para mostrar tristeza por nossa iniquidade, nem aspergimos sangue num altar para dar prazer a Deus. Não há oferta que se compare ao perfeito sacrifício de Jesus Cristo. O culto "espiritual" ou "genuíno" que dá prazer ao Senhor é aquele sacrifício de nós mesmos, "através (gr. dia com o genitivo) das misericórdias de Deus", isto é, a graça demonstrada na cruz do Calvário (Rm 12.1). "Ele quer-te tal como és, nada pretende de sacrifícios, nem determinada ação; ele quer a ti tão somente. Dá-me, filho meu, o teu coração" (Pv 23.26)²⁴

Em primeiro lugar, Deus espera o sacrifício de nossos corpos, através das misericórdias a nós outorgadas. Ele Se agrada com a vida, a santidade e o prazer que nossas vidas humanas podem Lhe dar no serviço (latreia, veja p.17) obediente. "Agradável" corresponde à natureza dos sacrifícios aceitáveis no A. T., que tinham "aroma suave", e também se identificavam com a oferta de Jesus (Hb 10.6-10), nesta característica de alegrar o Criador.²⁵

Em segundo lugar, Paulo fala do bom perfume de Cristo que "por meio de nós" manifesta-se em todo lugar (2 Co 2.14). Os termos são os mesmos que caracterizam o sacrifício de Cristo (osmē euōdias, Ef 5.2) mas, no contexto do serviço missionário, o apóstolo afirma que "nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo" (v.15). Creio que o texto original dá a entender que Paulo e seus colegas, ao anunciarem o evangelho, transformavam-se em sacrifícios oferecidos a Deus, e exalavam maravilhosamente o mesmo aroma da morte de Cristo. Nos que se salvam (gr. "estão sendo salvos") e nos que se perdem, esta fragrância reflete "o conhecimento dele" (v.14). Isto é, a pregação em condições perigosíssimas (cf. 4.11 "somos sempre entregues a morte por causa de Jesus") deve ser reconhecida como um ato de culto que exprime o aroma da própria morte de Cristo. Para Deus, a natureza deste culto é um sacrifício agradável. Aos ouvintes provoca uma crise. Ou se submetem ao Senhor, reconhecendo a veracidade da mensagem, ou se auto-

condenam ao rejeitarem-na como falsa Assim, podemos ver no envolvimento da missão que semeia o evangelho, uma manifestação bíblica de culto oferecido a Deus, culto esse que dá prazer ao Mestre (cf. Lc 15.7, 10, 23).

Por último, atribui-se a mesma virtude, diante de Deus, ao sacrifício financeiro. Munidos de um espírito caracteristicamente generoso, os macedônios, em geral (2 Co 8.1-5), e os filipenses, em particular, preocuparam-se com o bem-estar dos irmãos necessitados. A Paulo mandaram um segundo donativo (Fp 4.16), que ele chama de "fruto que aumente o vosso crédito". Além de representar um investimento eterno, Paulo afirma que a oferta que recebeu da igreja foi "aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus" (Fp 4.18).

Tal manifestação de "grande riqueza de sua generosidade" (2 Co 8.2), agrada ao Senhor. Ela participa da realidade de adoração porque tem em vista a glória de Deus e o alívio da miséria de um amado do Senhor. O que os filipenses coletaram e mandaram pelas mãos do irmão Epafrodito não foi, afinal, um donativo obrigatório, um tipo de tributo que Deus exige. Ele "ama a quem dá com alegria" (2 Co 9.7); o segredo do culto que agradou tão profundamente a Deus, sem dúvida, foi o fato de que os macedônios "deram a si mesmos primeiro ao Senhor" (2 Co 8.5).²⁶ Se desejamos fazer ofertas ao nosso Deus, que Lhe sejam sacrifícios de aroma suave, lembremo-nos que Ele atenta sempre para o amor e entusiasmo de tais expressões de culto. Os macedônios foram voluntários, diz Paulo: "... pedindo-nos com muitos rogos a graça de participarem da assistência aos santos" (2 Co 8.3, 4).

A maioria das igrejas, hoje, apresenta um quadro bem oposto. Só com muitos rogos e insistente pressão externa dos líderes é que os membros arcam com as responsabilidades financeiras básicas. Não reconhecem, no levantamento das ofertas, um alto privilégio de cultuar a Deus e, acima de tudo, de agradar a quem tudo fez para nos alegrar eternamente.

Por um lado, quando apresentamos a Deus cultos rotineiros, tradicionais, mortos, sabemos que o aroma deles é o de carne em decomposição. John Hyde (missionário na Índia e homem de oração) disse uma vez que, se não sepultarmos o nosso velho homem a dois metros de profundidade, o mau cheiro impedirá as almas de aceitarem o evangelho. Não seria assim com o culto que afasta o nosso Senhor por causa da carnalidade não eliminada de nossa adoração?

Por outro lado, as reuniões que estimulam comprometimento sincero e obediência alegre (cf. Mt 25.14, 30) são ocasiões de "júbilo no céu" (Lc 15.7).

NOTAS

"Worship and Idolatry", citado em H. Dermot McDonald, "What is Meant by Religious Experience", Vox Evangélica, London: Epworth, 1963, p.58.

Leia cap.4 de O Conhecimento de Deus por J. I. Packer, São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1980, p.36ss. Idolatria é uma negação da realidade espiritual de Deus, um insulto à grande realidade que compreende Deus, e somente Ele. A criação material somente é importante por Sua causa. Cf. E. Underhill, Worship, Harper & Row, Nova Iorque, 1957, p.5.

"Ó vista a ser desejada, querida, almejada, porque tê-lo visto uma vez ó ter conhecido todas as coisas. "

F. F. Bruce, João - Introdução e Comentário, Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, São Paulo, 1986, comentário sobre 1.14 e nota de rodapé n- 81.

Panf, "face", foi usada no A. T. metaforicamente para indicar a presença imediata de Deus. Veja S. Terrien, op. cit, p.65.

R. Coleman, Songs of Heaven, F. H. Revell, Old Tappan, N. Jersey, 1980, p.38.

Citado por E. Underhill, Worship, Harper and Row, Nova Iorque, 1957, p.5, das Obras de S. João da Cruz, ed. E. Allison Peers, vol. I, p. XXXVI.

Compare 2 Co 5.16. Paulo não mais conhece Jesus do ponto de vista humano. A via negativa dos místicos, "onde cada afirmação, cada incorporação imaginativa é rejeitada" para dar lugar àquilo que pode ser amado mas não pensado", é notável. E. Underhill, op. cit, p.25.

W. Willis, Adoração, Editora Vida Cristã, São Paulo: 1981, p.11, 12.

R. Coleman, Songs of Heaven, Flemming H. Revell, Old Tappan, N. Jersey, 1980, p.19.

Ibid., p.12.

As esperanças de uma resposta pessoal da parte do "deus" Baal, alimentadas pelos israelitas paganizados, nunca foram satisfeitas. Baal estava dormindo ou viajando, pois, não se comunica (1 Rs 18.26-27), mas a verdade é que nunca responderá porque os "deuses" nada são.

Mas nunca em desacordo com a revelação da Sua Palavra (cf. At 17.11).

D. G. Mostrom, op. cit, p, 104.

D. G. Mostrom, The Dynamics of Intimacy with God, Tyndale House, Wheaton, III, 1983, p.29.

A tradução de J. B. Phillips atinge o sentido destes dois versículos no grego: "Mas não é isto que de Cristo aprendestes, se na realidade ouvistes a sua voz e compreendestes a verdade que vos ensinou. " Cartas às Igrejas Novas, Ed. Vida Nova, S. Paulo, 1972, p.120.

D. Aune, Prophecy in Early Christianity, G. Rapids: Eerdmans, 1983, 195.

Nós, intérpretes modernos, naturalmente entendemos esta exortação no sentido individual. Paulo e seus leitores provavelmente pensariam de imediato no sentido comunitário, porque a igreja e o Corpo e o Santuário de Cristo (cf.1 Co 12.12; 3.16).

Cf. J. R. W. Stott, The Message of Galatians, Londres, Inter-Varsity Press, 1968, p.155.

O prof. Roger Nicole (do seminário Gordon-Conwell) lembra-nos que Jesus Cristo e os apóstolos citavam freqüentemente o A. T. usando o verbo "ele diz" no tempo presente, em vez do pretérito "ele disse". Veja a citação de Jr 31.33 em Hb 10.15.

Creio que foi Lutero que recebeu um elogio, porque tinha se firmado sobre a Palavra de Deus. O reformador rejeitou as congratulações. "Não me firmo em cima mas coloco-me debaixo da Palavra", retrucou o líder mais famoso de sua geração.

Cf. P. Tillich, Systematic Theology I, p.123.

Assim, iniciamos com uma afirmação falada e/ou dramatizada acerca do que Deus já fez. O que segue, seja de caráter ritual ou ético, seria a resposta do homem para Ele, que, desse forma, se revela. Cf. A. S. Herbert, Worship in Ancient Israel, John Knox Press, Richmond, 1959, p.7.

Bonhoeffer, Se Não Morrer... Fica Só, Liv. Alegria, Lisboa, s/d, p.237.

Cf. R. Hession, "Foi por isto somente, para o deleite de Deus que o homem foi trazido à existência" (Ap 4.11), Queríamos ver a Jesus, Livraria Independente, São Paulo, p.14.

Filipos era uma das principais cidades da Macedônia, juntamente com Tessalônica.

CAPÍTULO V

O PREPARO PARA A ADORAÇÃO

Introdução

Poucas são as atividades das quais participamos e que não podem ser aperfeiçoadas com preparo e treinamento. Exercícios físicos dão ao atleta possibilidades numa competição, que serão negadas a um pretenso esportista que não tem tempo ou energia para condicionar seu corpo. Todas as profissões e artes requerem igual ou maior esforço e dedicação para serem apreciadas. Se qualquer pianista oferecer um concerto, sem primeiramente consagrar incontáveis horas de ensaio e aperfeiçoamento, sem dúvida ele receberá vaias em vez de elogios.

Cultuar também exige preparo. Reconhecemos, em princípio, que Deus tem, para nós, seus filhos, importância infinitamente maior do que qualquer auditório ou recipiente de serviço profissional. Mas, na prática, comumente esquecemos Aquele a quem oferecemos nossa adoração. O preparo que prestigiamos é o do líder do culto ou do coro, ou de qualquer outra pessoa que faça uso da palavra.

A maioria na igreja, para não dizer todos os participantes, naturalmente conclui que está sendo honrada com um sermão que exigiu um alto preço em horas de concentração e preparo. Porém, o culto não tem o propósito principal de agradar aos participantes mas, sim, conduzi-los na direção de uma adoração aceitável a Deus. Por isso, devemos nos lembrar continuamente que a condição de um

"verdadeiro adorador" só será alcançada se os participantes se prepararem conscientemente.

Seguem-se alguns passos que serão benéficos para treinamento e preparo. Não há, evidentemente, uma linha divisória que separa a prática que antecipa o culto da própria adoração pública ou formal em si.

1. O Passo da Busca

A mulher de Samaria, que veio buscar água no poço, foi preparada pelo Senhor para buscar água viva (Jo 4.15). Assim deve acontecer com todos que amam a Deus.

A adoração do Deus vivo, o Deus que Se revelou aos escritores bíblicos, sempre apresentou o desafio de ser Deus Absconditus (no hebraico, "um Deus que se vende", Is 45.15).¹ Implica no fato de que não é porque abrimos a Bíblia para ler ou curvamos a cabeça para orar que O encontramos. "Busquei ao Senhor e ele me respondeu" (Sl 34.4, NIV). O salmista encontrou-O porque O buscou.

O fato de Deus ser invisível e estar oculto aos nossos olhos deve ter sido a razão pela qual, no culto israelita, não era permitida qualquer imagem que O identificasse ou manifestasse a Sua presença. Nem mesmo no Santo dos Santos do templo, cujo acesso era proibido a todos, menos ao sumo-sacerdote, que nele entrava uma vez por ano, era possível encontrá-LO. Apenas a escuridão impenetrável envolvia a arca e os querubins, "onde Deus residia" (2 Sm 7.5, 13).

Nosso Deus está, enigmaticamente, perto de todos os Seus filhos, mas nem por isso O enxergamos cada vez que erguemos nossos olhos ou nos sentamos num banco de uma igreja. O poeta bíblico revela sua ansiedade em alcançar o privilégio de contato consciente com Deus. "Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma" (Sl 42.1). "Ó Deus, tu és o meu Deus

forte, eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; o meu corpo te almeja, numa terra árida, exausta, sem água" (Sl 63.1). "Ao meu coração me ocorre: Buscai a minha presença; buscarei, pois, Senhor, a tua presença" (Sl 27.8). "A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do Senhor o meu coração e a minha carne exultam pelo Deus vivo" (Sl 84.2).

Estes textos, bem conhecidos por sinal, mostram que a necessidade de buscar a face do Senhor não diz respeito somente ao nosso tempo moderno e materialista. Descreve, porém, a carência do relacionamento do homem com Deus. "Buscai o Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto". (Is 55.6). Em todas as épocas houve necessidade de ser lembrado que Deus, mesmo sendo onipresente, deve ser procurado voluntariamente. O contexto que segue em Isaías também frisa a imensa distinção que separa a maneira que Deus pensa da que caracteriza o homem. Nem os pensamentos, nem os caminhos do Senhor são compartilhados por nós, suas criaturas (Is 55.8, 9).

No sermão do monte, Jesus encorajou seus ouvintes a pensarem na fome e sede de justiça (Mt 5, 6) como fonte da verdadeira felicidade, porque os que buscam esse atributo de Deus serão satisfeitos. Mandou-lhes também buscar para achar (7.7), sem indicar, todavia, o objetivo dessa procura. Na passagem paralela em Lucas, notamos que o pedido pela presença do Espírito Santo deve ter prioridade na lista daquilo que solicitamos a Deus (Lc 11.13).

Assim como os gregos desejavam ver a Jesus (Jo 12.21), adoradores do século XX descobrem que o simples desejo do encontro com o Senhor não garante sucesso.² Porém, este é o primeiro passo. Como Felipe, a quem seria suficiente ver o Pai (Jo 14.8), adoradores do mesmo Deus que Se revelou de modo ímpar em Jesus (v.9) ainda externam o mesmo anseio. Esta procura do Senhor depende da fé. "Crede-me que estou no Pai" (v.11). "Sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus

creia que ele existe" (Hb 11.6). Deus galardoa aos que O buscam com diligência, mas raramente vem ao encontro daqueles que não se importam se a comunhão que gozam é com seu próprio íntimo ou com a Fonte de todas as coisas (cf. Hb 3.19). A fé assegura àqueles que buscam ao Senhor que Ele está presente, mesmo quando não há sinais reconhecíveis. Eles também confiam na declaração de Jesus, relacionada à busca que Deus faz de adoradores genuínos (Jo 4.23).

Assim como os amantes do livro de Cantares desejam o reencontro quando por um curto espaço de tempo se separam, o cristão que foi distraído por preocupações do mundo, busca ardentemente comunhão renovada com seu Deus. Quando esquecemos do "sabor" de encontros anteriores e nos falta o apetite intenso, como o de uma criancinha (1 Pe 2.2, 3), a adoração que prestamos não passa de religiosidade exterior, a de fachada habitual, em vez daquela de coração.

E se não desejamos realmente contato com Deus quando cultuamos, que fazer? Não seria o pecado, muitas vezes escondido e inconsciente, o que nos separa do Pai que nos procura? Adão e Eva se esconderam da presença divina logo que mergulharam no lamaçal do pecado (Gn 3.8).

Percebemos que o sentimento de insatisfação provocado pela separação de Deus é o mesmo que nos empurra em direção à verdadeira adoração; é sinal evidente da Sua graça. O apetite manifesta o excelente estado da saúde física; assim também a profunda solidão da alma se faz sentir diante da necessidade de comunhão. Se falta tal desejo, certamente advém um mal-estar espiritual, que aniquila a fome pelo Deus de Abraão, Isaque e Jacó.

O corpo humano revela indisposição de receber alimento justamente quando ele necessita eliminar tudo que não combina para beneficiar o corpo. Purificamos as células de nossos corpos das toxinas do gás carbônico pela simples troca do veneno pelo oxigênio que os vasos sanguíneos fornecem. Isto ilustra a prática essencial para se viver a vida

nova no Corpo de Cristo - separar-se dos valores mundanos, pensamentos diabólicos e desejos egoístas, em troca do grande privilégio de estar perto de Deus. Contentaremos-nos com o que mais Lhe agrada (Lc 15.7, 32). Enfim, buscaremos em primeiro lugar Seu reino e justiça, porque, pela fé, esperamos encontrar ali o Rei nos aguardando.

2. O Passo da Auto-Avaliação que Conduz ao Arrependimento

Via de regra, podemos pressupor que a consciência cristã acusa o que anda no caminho largo, mantendo solidariedade com a maioria mundana. Mas há inúmeras exceções, como Saul que disse a Samuel, após a vitória sobre os amalequitas: "Deus o abençoe. Tenho cumprido as instruções do Senhor" (1 Sm 15.13). Porém, Samuel, o homem de Deus, sabia que o rei desobedecera catas traficam ente. Esta falta de capacidade de Saul de perceber sua realidade espiritual, ante o ponto de vista divino, custou-lhe a intranquilidade interior e a perda do reino. Seu sucessor no trono de Israel também não foi um homem sem falhas.

Davi, depois de adular, tentou apagar a evidência do seu crime. Não sentiu o profundo repúdio do Senhor marcando o seu Intimo. Mas quando Natã o repreendeu, ficou indefeso (2 Sm 12.7-10). Sem a avaliação profética, Davi certamente arrazoava consigo mesmo, desculpando seus crimes no contexto do direito soberano que monarcas da época exerciam. No Salmo de confissão (51), Davi reconhece que seu pecado foi cometido contra o Senhor (v.4). Este fato teria suscitado a ameaça de ser expulso da presença divina, de ter o Espírito Santo removido por Deus (v.11). A alegria da comunhão entre o Rei do Universo e o rei de Israel esvanecera A restauração dá-se apenas através do perdão, a reconciliação e certeza de que a iniquidade foi apagada por Aquele que julga a todos, sem acepção de pessoas (vv.9-14); daí ser possível cantar novamente a justiça imaculada de

Deus no culto de louvor (vv.14, 15). Adoração sem arrependimento não agrada ao Senhor. Ele se agrada, porém, do culto que lhe é prestado por um espírito quebrantado e um coração contrito, (v.16, 17). Ofertas e holocaustos sem um auto-exame não trazem proveito (v.16).

Neste ponto, Isaías está em sintonia com Davi. Os sacrifícios meticulosamente preparados e queimados no altar no pátio do templo provocavam náuseas no Recipiente Celeste (Is 1.11). O culto oferecido sem a devida purificação é declarado "detestável" (Is 1.13), e cria aborrecimento (cf. Sl 50.7-13). Em lugar de ser digna do culto, essa adoração leva o Senhor Deus a fechar os olhos e os ouvidos (v.15). Mas, se os pecadores se purificarem, deixando de praticar o mal, serão aceitos (v.16).

Isaías, quando foi chamado para ser profeta, viu-se conduzido a uma auto-avaliação, que lhe trouxe a revelação do negro segredo do seu coração (Is 6.5). Sabia ele, antes da visão do Senhor assentado no Seu trono, que seus lábios, contaminados, não poderiam servir ao Deus santo, se não sentissem o toque purificador da brasa tirada do altar (v.6)? Mesmo sem ter resposta segura a esta pergunta, podemos afirmar que uma vez tirada a sua culpa e expiado o seu pecado (v.7), o profeta foi preparado para ouvir e transmitir a Palavra do Senhor (v.8, "Eis-me aqui, envia-me a mim").

Também o quadro apresentado no Novo Testamento não difere daquele já visto no Antigo. Pedro, consciente de que Alguém maior do que um filho de Adão estava junto dele no barquinho, consternado diante do seu próprio pecado e da santidade de Jesus, disse solenemente: "Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador" (Lc 5.8). Por que a "comunhão pietista não permite a qualquer pessoa ser pecadora? Não ousamos ser pecadores. Muitos cristãos ficam intensamente horrorizados quando descobrem, de repente, que há um verdadeiro pecador no meio dos justos. Desse modo permanecemos a sós com nosso pecado, vivendo em mentiras e hipocrisia O fato é que somos pecadores".³

A oração que Jesus ensinou aos discípulos instrui-nos a pedir perdão a Deus pelas dívidas contraídas por pecados que continuamente cometemos (Mt 6.12; Lc 11.4). A morte instantânea de Ananias e Safira, no meio da igreja de Jerusalém, revela a seriedade com que Deus encara o pecado escondido nos corações de adoradores hipócritas (At 5.1-11).

A medida em que enxergarmos e odiarmos nossa maldade, iremos ao nosso "Advogado que fala com o Pai em nossa defesa" (1 Jo 2.1), aceitaremos o seu sacrifício expiador pelos nossos pecados (v.2) e, conseqüentemente, andaremos na luz (1.7). Parece que João deseja comunicar, através da figura de alguém que "anda na luz", o conceito duplo de afastamento e reconhecimento de pecado.

Arrependimento bíblico sempre foi mais do que apenas sentir pesar por termos escorregado moralmente. Trata-se de uma mudança de atitude. Metanoia, "transformação de mente", é o vocábulo que o N. T. emprega. Pecamos porque na hora de errar julgamos que estamos com a razão. Pensamos que estamos certos e que Deus e o próximo irão nos justificar se tiverem a capacidade de ver do nosso ponto de vista. Depois que o Espírito Santo, à luz das Escrituras, nos convence de que erramos, arrependemo-nos, pois reconhecemos que Deus está com a razão. Por isso, se não resistimos por causa da soberba do nosso coração, confessamos os nossos pecados (1.9). Homologeō ("confesso") quer dizer "concordar e declarar publicamente"; isto é, Deus está certo e eu errado. Quando concordamos com o ponto de vista divino, Ele "é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1.9). Desta forma recuperamos a nossa comunhão com o Pai e o Filho (1.3). Se procurarmos no Senhor a coragem necessária para um auto-exame (2 Co 13.5, peirazete significa "testar, pôr à prova"), certamente o Espírito Santo nos auxiliará a descobrir cavernas nas quais escondemos os pecados secretos e atitudes divergentes das do Mestre. O estudo sério das Escrituras, a reflexão profunda sobre as mensagens bíblicas e livros de cunho espiritual desafiar-nos-ão a viver segundo o

Espírito. Abrirão caminhos para darmos este importante passo preparatório à adoração.

O reconhecimento de nossa iniquidade e, ao mesmo tempo, a agonia do sacrifício que Jesus fez para nos libertar criarão um desejo de confessá-la. Para nós, crentes em Cristo, a confissão enquadra-se quase exclusivamente no relacionamento particular entre o cristão e seu Senhor. A reação contra o confessionário da Igreja Católica é tão profunda que é raro alguém passar pela experiência de procurar um irmão ou pastor, em quem possa confiar, e abrir-lhe o coração. "Confessai pois os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros", recomenda Tiago (5.16). Não cremos que um cristão possa absolver pecados de seu irmão.⁴ Só Deus tem autoridade para afastar nossas iniquidades com base na expiação ímpar da morte substitutiva do Seu Filho (Rm 3.24, 25; 2 Co 5.21). Mas, de vez em quando descobrimos alguém que, embora tenha admitido abertamente seu deslize moral ou espiritual diante de Deus, permanece abatido, amargurado por causa do pecado. Este cristão aflito sentir-se-á aliviado se abrir seu coração a um membro do Corpo de Cristo ou a um grupo de irmãos íntimos. Lutero disse, no Catecismo Maior "Portanto, quando lhe admoesto a confessar, estou lhe admoestando a ser um cristão".⁵

Muitas vezes, a confissão aos irmãos estabelece comunhão com Cristo e com os membros da igreja. Jesus lavou os pés dos seus discípulos para ensinar que os pecados "diários" não requerem um novo batismo (Jo 13.10, "banhou") mas, sim, uma lavagem de pés. O que Jesus fez para seus discípulos, também ordenou que eles praticassem (13.14).

Para a Igreja do primeiro século, a Ceia do Senhor era celebrada com um duplo propósito. Culminava no pedido uníssono, Maranata, "Vem Senhor!", mas tinha seu início com o auto-exame. "Examine-se (dokimazetō, significa "testar por experiência o caráter genuíno de um artigo, moeda", etc), pois o homem... e assim coma do pão e beba do cálice" (1 Co

11.28). A auto-avaliação foi o passo inicial que Paulo exigiu. Como os coríntios omitiam sempre a auto-avaliação séria, o apóstolo afirmou que suas reuniões na igreja eram "para o pior" (1 Co 11.17-22). Como poderiam esperar que Deus aceitasse uma adoração repleta de atitudes contrárias aos seus desejos?

O profeta Miquéias escreveu, aproximadamente sete séculos antes de Cristo: "Quem, ó Deus é semelhante a ti, que perdoas a iniquidade, e te esqueces da transgressão... ?" (7.18). Comentando este versículo, Basilea Schlink escreveu: "Podemos louvar e glorificar a Deus por muitas coisas, mas não há tão grande regozijo aqui na terra como a exultação diante de Seu dom maior perdão dos pecados. Esta exultação... não se ouve só aqui no mundo, mas também no céu: 'Há júbilo quando um pecador se arrepende'. "⁶ Louvor e júbilo partem de corações que buscam e confiam no perdão divino.

Uma das explicações mais coerentes para a frieza e aridez em muitos cultos está em que existe pecado nos corações dos membros da igreja Conscientemente ou não, optamos pelo comodismo da iniquidade não confessada, em vez da alegria no Senhor. Acã (e sua família?) não teve a coragem de admitir que ele havia conturbado Israel e provocado a derrota (Js 7.25). As conseqüências foram desastrosas.

Algumas denominações incorporam na sua liturgia a "confissão de pecados", mas o fato em si não soluciona o problema se não houver contrição, isto é, sincero arrependimento da rebeldia Se não clamarmos pela atuação do Espírito em nós, provavelmente esta barreira gigantesca não será removida do caminho da adoração. Precisamos, aproveitando a figura sugerida por C. S. Lewis, olhar ao longo da Bíblia, tal como quando se acompanha um fecho de luz do sol que penetra num sótão, para descobrir o que Deus aceita ou rejeita em nossa vida O Espírito nos leva a julgarmos

nossas ações e pensamentos, fazendo a mesma avaliação que Ele faz.⁷

3. O Passo da Meditação

Após a avaliação e confissão do pecado, podemos avançar para a disciplina da meditação. Irmã gêmea da contemplação que desenvolve a visão interior, a meditação encoraja o coração a se preparar para gozar da comunhão por meio dos olhos deste e pelos ouvidos do íntimo. É triste termos de reconhecer que o famoso escritor escocês falou a verdade ao observar que algumas pessoas não têm nada em que pensar enquanto esperam o trem chegar. Para meditar precisamos de tempo e espaço onde possamos nos aquietar para conhecer a Deus (Sl 46.10). O psiquiatra C. C. Jung declarou: "A pressa não é do Diabo, ela é o próprio Diabo".⁸ Longe de distrações, esperaremos no Deus de Davi. "Minha alma encontra descanso somente em Deus" (Sl 62.1, 5 NIV). Se meditarmos voluntariamente, elevaremos a nossa alma ao Senhor e confiaremos que não seremos envergonhados (Sl 25.1-3) pela aridez dos pensamentos que ecoam em nossas cabeças vazias.

Entramos mais facilmente no recôndito da meditação pela porta da imaginação e da lembrança da comunhão em ocasiões passadas. Através da fé, podemos viver as experiências dos eventos bíblicos, e o Deus de Moisés revelará a nós a Sua santidade, assim como o fez com o Seu servo, enquanto falava do meio da sarça ardente (Ex 3.2-6). Sua glória revelada no Sinai não se limitará às palavras historicamente verídicas, mas satisfará a nossa própria ansiedade de ver a glória do único Senhor (Ex 33.18-23).

Deus não quis que Josué limitasse sua meditação no Livro da Lei a uma memorização de seus mandamentos. Muitas outras coisas deviam ocupar a mente do líder da nação (cf. Js 1.8). A meditação dar-lhe-ia a visão do passado revivido em sua imaginação. O passado influiria no presente,

se nós, deliberadamente, tornássemos reais os encontros de Deus com os homens pela meditação. Deus convidou Jó a voltar aos primórdios da criação (Jó 38.4-14). Desta forma seria ampliada a sua apreciação da soberana majestade de Deus. O encontro culminou no reconhecimento, da parte de Jó, de que tão digno é o Senhor, a ponto de ele não ter resposta para se justificar (40.4). Arrependeu-se no pó e na cinza como prova da sua real adoração (42.4-6).

Jesus aguçou a imaginação quando usou figuras e parábolas, para ultrapassar os limites da razão humana. Os discípulos deveriam comparar as flores do campo com o esplendor do rei Salomão e, assim, entender o que Deus pensa das pessoas que, aparentemente, não têm importância (Mt 6.28-30). Os passarinhos têm inteligência e capacidade inferiores às homem, mas Deus cuida deles (Mt 6.26, 27). Por que não cuidaria dos seus filhos que têm muito maior valor?

Jesus usou a figura de um pastor que, por amar profundamente sua ovelha perdida, deixou no campo o rebanho e foi procurá-la. Ele aguça a imaginação justamente pela falta de lógica. O Mestre pintou este quadro para estimular a mente criativa e, por meio dela, ultrapassar os limites do pensamento corriqueiro. Qualquer filho que se afaste dos braços paternos, da alegre comunhão com o pai, para gozar dos prazeres fora do lar, inevitavelmente causará pesar e amargura àquele que passa a esperá-lo pacientemente (Lc 15.19).

Se quisermos encontrar o Deus da Bíblia, temos que concentrar nossa imaginação na Sua revelação em encontros com homens e mulheres como nós. Ele, sendo imutável, nos deu a Sua Palavra, não repleta de milhares de mandamentos e proibições, mas principalmente por meio da história e da biografia. Preparamos devidamente nosso coração para cultuá-IO, a partir do momento que fixamos nossa meditação em Seus atos graciosos e encontros transformadores. Ao lembrá-los enquanto buscamos a Sua face, alcançamos plena esperança de um reencontro que suscitará louvor (veja

Salmos 105 e 106). "Que os homens rendam graças ao Senhor por sua bondade e por suas maravilhas para com os filhos dos homens!" (Sl 107.31).

A Ceia que Cristo ordenou que fosse celebrada por seus seguidores tinha o propósito de aguçar a imaginação e relembrar eventos ocorridos em Jerusalém, em abril do ano 30 d. C. Oscar Cullmann publicou um importante estudo sobre o Evangelho de João, mostrando o interesse subjacente que o autor tinha pela adoração.⁹ João mostra, pela escolha dos sete sinais (sêmeia, "eventos significantes"), que os milagres operados por Jesus apontavam para benefícios da salvação que Deus confere aos crentes. A transformação da água em vinho apontava para o novo vinho que emanaria da cruz, o meio eficaz pelo qual a purificação se efetuariá (Jo 2.6, 10). A cura do filho do nobre gentio mostra o poder de Deus revelado, a distância, a gentios que, alienados da Aliança, não têm qualquer reivindicação a fazer (Jo 4.46-54). A cura do paralítico mostra o poder de Deus sobre o mal concretizado, equivalente à morte (5.1-29). A multiplicação dos pães mostra a realidade de Cristo encarnado que nos foi dado como pão partido para dar vida ao mundo (6.1-51). O sinal de Jesus andando sobre o mar revela a disposição de Cristo, após a ressurreição, de aproximar-se de nós na hora de temor e trevas (6.16-21). O cego curado aponta para a nova visão espiritual que a morte e ressurreição de Jesus trazem aos que nele crêem. Aos crentes, a ressurreição de Lázaro deve dar confiança na vitória de Jesus sobre a morte. Os discursos de João (v. caps.5, 6-9, 11) apresentam o significado dos sinais para a comunidade dos renascidos.

A meditação deve transtornar os eventos que recordamos do passado bíblico em experiências pessoais. "Grandes realidades", como Von Hügel tem indicado, "ainda invisíveis, requerem para sua apreensão uma incorporação figurativa na imaginação".¹⁰

Ela também deve concentrar nossa imaginação no futuro. Como a ceia nos estimula a reviver o passado,

também torna real o futuro no presente. "A quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória, obtendo o fim (tetos) da vossa fê, a salvação das vossas almas" (1 Pe 1.8, 9). A meditação obtém, para quem ama ao Senhor, algumas das alegrias futuras, ainda que diluídas. "Vemos como espelho, obscuramente" Co 13.12).

No Apocalipse encontramos visões da realidade que nossa imaginação deve assimilar para nossa própria experiência. Por isso, o Espírito nos convida a nos posicionarmos junto com o profeta em frente ao trono (caps.4 e 5), visualizar a beleza do arco-íris celeste e o mar de cristal, tremer ao olhar para os seres vivos e nos posicionarmos entre o conselho ao redor do trono de Deus. Devemos imaginar a música celestial e deleitar-nos nas palavras do "novo cântico"; olhar ao redor e ouvir o louvor de incontáveis hostes de seres celestiais repetindo as palavras do seguinte jogral extra-terrestre:

"Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor" (Ap 5.12).

Se meditarmos, aspiraremos algo do significado prático, presente, da dignidade de Jesus Cristo receber "poder". Seria o poder de governar sobre o mundo? Como seria demonstrado esse poder em nossa cidade, estado ou país? Se Ele é digno de receber riqueza, que tesouros podemos render-lhe e como? E que força (ischun) mobilizaria as nossas energias humanas no serviço do vitorioso Cordeiro? Como ofereceremos a Cristo a honra que Ele tem todo o direito de receber, dentro e fora das reuniões da igreja?

Imaginemos como podemos honrá-lo em nosso serviço secular, estudo e lazer. É a glória experimentada pela nossa imaginação que nos conduz nesta tentativa de juntar o céu e a terra. Como João percebeu a glória eterna do Filho (verbo)

na forma encarnada (Jo 1.14), assim podemos buscar a glória de Jesus em Sua direção como cabeça da igreja ou nas circunstâncias da vida (17.22). Pela glória que assim percebemos, devemos louvar o nosso Rei no mundo presente (Mt 18.20; 28.20) e no vindouro (Mt 6.10; 1 Co 16.22).

Quem se matricula com intenções sérias na escola da meditação, logo aprenderá a distinguir os valores prioritários da vida. O que Deus aprecia terá ascendência paulatina, e os valores seculares, conseqüentemente, diminuirão em importância

Paulo escreve aos filipenses para adverti-los contra "os cães" e "os maus obreiros" (3.2). Tinha em mente os sectaristas judaizantes que valorizavam o zelo religioso, tal como os fariseus o exerciam. De maneira contrastante, o apóstolo declara "Nós é que somos a circuncisão (trata-se de uma operação espiritual no coração, Rm 2.29; Dt 30.6), nós que adoramos a Deus em (pelo) Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne" (Fp 3.2, 3).

Paulo, escrevendo aos filipenses, explica o significado da adoração pelo Espírito e o gloriar-se em Cristo Jesus sem confiar na carne. Ele desvaloriza todos os tesouros religiosos e culturais do seu passado. Seu zelo farisaico pela lei e pela preservação, através da perseguição, da pureza nacionalista do judaísmo, foi anulado nos dias de meditação em Damasco e na Arábia. Nessa ocasião, disse Paulo: "... o que era para mim lucro, isto considereí perda por causa de Cristo" (3.7). Sua ambição de ultrapassar a "muitos da minha idade no conhecimento e prática das tradições dos pais" (Gl 1.14) foi substituída por um ardor ainda mais consumidor - "a sublimidade do conhecimento de Cristo" (Fp 3.8).¹

Por meio da meditação (um significado de hēgēmai, hēgomai, "considereí", "considerar", vv.7, 8), Paulo, o antigo inimigo, foi transformado em amigo do Senhor glorificado. Contemplou todas as coisas que outrora satisfaziam seu orgulho carnal. Jogou-as no lixo com o intuito de ganhar a

Cristo. No seu pensamento "as coisas velhas passaram, eis que se fizeram novas" (2 Co 5.17).

Teríamos nós, cristãos do século XX, a capacidade de meditar tão profunda e radicalmente? Pela convicção das Escrituras e com a assistência do Espírito, encontraríamos a habilitação de avaliar as preocupações e ambições' de nossos corações e aniquilar todas que não conduzem a uma identificação com a Pessoa preeminente de nossa existência (Cl 1.18)?

"Há um perigo e uma tentação", disse George Fox, "de arrastar suas mentes para seus negócios e as entupir com eles, de maneira a quase não ter possibilidade de fazer coisa alguma para o serviço de Deus... e então se o Senhor Deus lhes cruzar e lhes fizer parar no mar ou na terra, e tirar deles seus bens e lucro, para aliviar suas mentes, então a mente atarefada sentir-se-á frustrada, estando fora do poder de Deus. "¹² Na atitude contrária haverá o benefício de uma meditação disciplinada e bíblica para o adorador que busca comunhão real com Deus.

4. O Passo da Expectativa

Um quarto passo que conduzirá na direção de uma adoração verdadeira é tomado quando cultuamos em espírito de esperança. Uma expectativa alegre deveria empolgar por antecipação os cristãos que se deslocam para a igreja ou se ajoelham para gozar da comunhão com Deus. Crianças mal podem conter a emoção quando pensam numa festa ou aniversário. Antecipam a alegria de um encontro com o vovô, uma viagem para o zoológico, pela expectativa.

De maneira semelhante, o adorador que alimenta a esperança de experimentar um encontro com Aquele que sua alma tanto ama, seguramente não ficará desapontado. "Eis que os olhos do Senhor estão sobre os que o temem, sobre os que esperam na sua misericórdia... Nossa alma espera no

Senhor, nosso auxílio e escudo... Seja sobre nós, Senhor a tua misericórdia, como de ti esperamos" (Sl 33.18-22).

A expectativa que pode influir no preparo para cultuar pode ser comparada àquele tempo em que o réu condenado à morte prevê sua experiência futura. Todo seu pensamento e imaginação voltam-se para o futuro.¹³ Paulo vivia sempre "carregando o morrer" de Jesus (2 Co 4.10). Prevvia o breve encontro com o Senhor, a quem ele amava acima de tudo neste mundo (Fp 1.21-23). A glória incomparável da futura comunhão que aguardava, tornava sem importância as tribulações desta vida (2 Co 4.16, 17). Mas o culto da Nova Aliança outorga uma experiência de comunhão com Deus comparável (mesmo que através de um espelho, 2 Co 3.18; 1 Co 13.12). Pedro afirma exatamente isto ao descrever o júbilo¹⁴ que, na sua totalidade, teremos somente após a ressurreição, no escaton, após o fim deste século. Porém, ele nos é oferecido no presente pelo amor, sendo recebido pela fé. "A quem não havendo visto amais, no qual não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia (irradiada) de glória" (1 Pe 1.8). Prever esta alegria indizível, como a criança prevê uma descida para a praia, prepara melhor o coração para os encontros periódicos com Deus e em reunião com sua família. Horas de culto criarão esta expectativa, se forem alegres e atraentes.

A terminologia que empregamos para as atividades da igreja refletem o conceito que temos. Muitos chamam o culto de "trabalho", porque a impressão que subconscientemente têm é de esforço e cansaço. Algumas igrejas denominam suas reuniões de "serviços". Comunica-se uma imagem mais de tarefa, e menos de celebração. Se adorar em essência quer dizer "alegrar-se no Senhor", o gozo, o bom tempo, no melhor sentido, terão destaque. Um culto que não cria emoção desejável não deixa de ser contraproducente, porque forma paulatinamente um caio que irrita. Aquele envolvimento pressionado e forçado abafa o espírito de expectativa nos adoradores. Uma característica destacada de toda igreja que

cresce é descoberta em seus cultos que produzem mais alegria do que tristeza ou enfado.

Não se deve entender mal quando falamos em alegria na adoração. Não se trata de uma festa para os baixos instintos, mas de um envolvimento no gozo que vem do Senhor. O fruto do Espírito é amor, alegria (Gl 5.22). Não procuramos diversão mas uma satisfação em íntima comunhão com o Pai.

Em Corinto, o culto era livre demais. Os ricos reuniam-se, comiam e bebiam até se embriagarem, mas os membros pobres tinham mais motivos para mágoa do que para alegria. Assim, os homens livres, abastecidos, prestavam culto ao deus do ventre (Fp 3.19), enquanto os pobres e escravos, ofendidos pela marginalização, dificilmente esperariam com gozo uma repetição de tal culto. Quando todos os membros se envolvem e participam com entusiasmo, há um espírito de alegre comunhão no Senhor. Então experimenta-se o "vinho novo" prometido por Jesus (Mt 9.17).

A ênfase bíblica sobre o amor fraternal (cf. 1 Pe 1.22) garante que a comunhão entre os membros da comunidade é satisfatória. Há interesse em conhecer detalhes das vidas nas conversas antes e depois do culto programado. Há satisfação em sentir união no cântico dos hinos, na leitura responsiva, nos testemunhos ou no recebimento de um recado do Senhor. Participação na vida social dos irmãos combina com os elementos rituais do culto e fornece motivação para ecoar a frase do salmista "Alegrei-me quando me disseram: vamos à casa do Senhor..." (Sl 122: 1).¹⁵

Foi assim que o filho pródigo, depois de ser reintegrado na vida do seu lar, voltou para a casa paterna após uma viagem de negócios para seu pai. Em contra-partida, o filho mais velho não quis entrar (Lc 15.28), mesmo sendo convidado gentilmente pelo pai. Por não sentir amor pelo filho restaurado, a celebração não o atraía. Nenhuma alegria podia ser prevista por aquele filho magoado.

O fato de que muitas igrejas apresentam um culto enfadonho, até repulsivo, faz com que os jovens, ao chegarem

à idade quando os pais não podem obrigá-los à frequência aos cultos, deixem de frequentá-los. Mas a igreja que celebra cultos alegres encontra facilidade em manter os jovens engajados. Forma um estado de expectativa constante no coração do adorador que se preocupa mais com a realidade do que com as aparências valorizadas pela tradição eclesiástica desatualizada e descontextualizada

O espírito do adorador que espera no Senhor sabe que existem experiências melhores do que as que já experimentou. Alimenta a expectativa de aproximar-se ainda mais de Deus à medida que os dias passam. Esta esperança não lhe permite descansar na corrida para uma comunhão mais íntima, nem encoraja o relaxamento espiritual.

As implicações de uma adoração que enfatiza a celebração como central no culto são notáveis:

Não devemos marcar reuniões unicamente porque sempre foram realizadas, mesmo quando ninguém sabe a razão.¹⁶ Uma igreja conhecida pelo autor, na cidade de Buenos Aires, marcou um retiro de três dias para avaliar a utilidade de toda a sua programação, e valeu a pena.

Quais são as partes do culto que mais promovem alegre comunhão com Deus e com os reunidos? Por que não lhes dar maior importância?

Jesus ensinou que mais bem-aventurado é dar do que receber (At 20.35). Sendo nossa adoração makarion ("alegre", "gostosa"), uma oferta que oferecemos a Deus, a participação agradável no culto deve ser o alvo dos que planejam e dirigem os cultos. Música cantada sempre em ritmo de marcha fúnebre não condiz com as alegres "boas novas" que proclamamos. Orações compridas, pronunciadas em tons solenes, como de um juiz passando uma sentença, raras vezes promovem um ambiente de celebração. As mensagens que chicoteiam o auditório, que acusam os participantes de inúmeros pecados, não causam gozo, mas medo e frustração. Comunica-se a imagem de um Deus sombrio ou leviano,

sereno ou espontâneo, através do conteúdo e do ritual do culto que prestamos.

Mais prejudicial do que todas as outras barreiras que aniquilam uma expectativa alegre ao esperarmos o culto é a falta de preparo. Por que será que Deus merece menos do que o melhor que podemos oferecer? Por que achamos que nosso chefe de trabalho e a empresa são mais dignos do que o Senhor - fonte e alvo de todas as coisas (Rm 11.36)?

Na hora marcada para começar, assistentes espalhados pelo auditório aguardam os retardatários, conversando. Alguém toca o órgão ensaiando uma música. O líder aparece na frente sem um programa previamente preparado, a não ser aquele de sempre. "Vamos ler um salmo", mas as traduções são diferentes; portanto, a tentativa de fazer uma leitura uníssona produz mais confusão do que uma mensagem de convocação aos ouvintes. No meio da leitura aparecem mais famílias que se enfiam nos bancos. "Qual hino iremos cantar?" Espera-se uma sugestão favorita, mas que nada tem a ver com o texto ou com a mensagem a ser pregada.

Este quadro é conhecido demais para necessitar de maiores delongas. Realmente anunciamos à igreja e ao mundo que um culto ao Deus vivo exige apenas o mínimo de participação e entusiasmo. Conseqüentemente, os participantes contribuem não só com 10% dos seus salários (se forem dizimistas), mas com essa mesma porcentagem do seu interesse e envolvimento. Cria-se, sem querer, a religião ao modo Mical, filha de Saul, que desprezou a celebração do rei Davi, que "dançava com todas as suas forças diante do Senhor" (2 Sm 6.14). Também foi Davi que deu exemplo de adoração valorizada quando recusou-se a oferecer um holocausto que não havia lhe custado nada (2 Sm 24.24).

A adoração deve ser doxológica, repleta de sentimentos de gratidão e louvor. "Bendito seja Deus que nos tem abençoado com toda sorte de bênção nos lugares celestiais" (Ef 1.3). Bendizemos, de fato, na medida que apreciamos a

quem nos galardoou graciosamente com todas as Suas bênçãos. Se perdemos a visão da grandeza dos benefícios que a nós Ele outorgou, lentamente se esgotará no culto o sentimento de celebração.

O culto público anuncia aos vizinhos incrédulos o que os crentes realmente pensam de Deus e de si mesmos. A fisionomia triste ou alegre, séria ou simpática, pesada ou exuberante, que adorna os rostos dos irmãos que saem dos cultos, comunica a realidade do nosso estado interior. Seria a opinião deles o que Deus quer e o que nós queremos transmitir?

NOTAS

Samuel Terrien, *The Efusive Presence*, Harper and Row, Nova Iorque, 1978, p.1.

R. Hession vê duas ênfases na evangetização moderna que têm dissipado a santa ambição dos nossos antepassados. "Em vez de insistir-se na santificação, como no passado, a fim de ver a Deus, põe-se a ênfase no serviço para Deus... Mais ainda, tende a haver hoje um ênfase na busca de experiências espirituais... A preocupação não surge tanto de uma fome de Deus, mas de um anseio por se obter uma experiência íntima de felicidade, gozo e poder, e descobrimo-nos a nós mesmos à procura de "uma coisa", ao invés do próprio Deus". Op. cit., p.13.

D. Bonhoeffer, *Life Together*, Harper & Row, Nova Iorque, 1954, p.110. Edição em Português, p.237.

Entendemos que João 20.23 refere-se à autoridade dos apóstolos {cf. At 5.1-11}.

Citado em D. Bonhoeffer, *Life Together*, Harper & Row, Nova Iorque, 1954, p.118. Se Não Morrer... op, cit, pp.246, 247.

M. B. Schilink, *Repentance- The Joy-Filled Life*, Zondervan, G. Rapids, 1968, p.7.

Cf. J. I. Packer, *God's Words*, Inter-Varsity Press, Leicester, 1981, p.17.

Citado por R. J. Foster, *Celebration of Discipline*, Harper & Row, N. Iorque, 1978, p.13. Edição fim português, *Celebração da Disciplina*. Vida, Miami.

O. Cullmann, *Early Christian Worship*, SCM, Londres, 1959.

E. Underhill, op. cit, p.15, citando *The Mystical Element of Religion*, vol. I, p.177.

Veja a discussão em torno deste trecho em minha exposição de Filipenses, Alegrai-vos no Senhor, São Paulo: Vida Nova, 1984, pp, 86-88.

Citado por R. Foster, op. cit, pp.82, 83 de G. Fox, Works, Filadélfia, 1831, vol 8, p.126.

Dostoievski relata brevemente seus pensamentos quando foi amarrado num poste e aguardava as balas que lhe tirariam a vida.

J. Bunyan - no grego ayolliaō, trata-se do êxtase cristão que alcançaremos quando Cristo voltar, mas que antecipamos na alegria que o Espírito dá aos que crêem.

Discordamos de A. N. Whitehead que definiu a religião como "aquilo que o indivíduo faz como sua vida solitária". Cf. E. Underhill, op. cit p.22.

Um soldado era destacado todos os dias para guardar um ponto numa praça em Moscou. Décadas se passaram. Um dia, um desconhecido indagou qual o motivo daquela prática. Investigado o assunto, descobriu-se que a Imperatriz Catarina mandou plantar uma árvore que deveria ser protegida por um guarda. A ordem não foi desobedecida, mesmo após a morte da planta. Assim são as práticas tradicionais que não têm propósito, nem edificam.

CAPÍTULO VI

A PRÁTICA DA ADORAÇÃO

Introdução

Deus mandou que seu povo, sob a Antiga Aliança, cumprisse ao pé da letra todas as Suas instruções a respeito da adoração. Ele advertiu Moisés sobre a construção do Tabernáculo. Tinha de ser "segundo a tudo o que eu te mostrar para modelo de todos os seus móveis, assim mesmo o fareis" (Ex 25.9). Os detalhes que Deus comunicou ao chefe da nação foram dados para que o povo não se desviasse em nenhum ponto da vontade estipulada por Deus. O temor de Deus arraigado no coração do piedoso israelita, não permitia que ele desobedecesse conscientemente qualquer regrinha que regulamentava o ritual dos cultos (cf. Dt 6.1, 2). Foi Deus quem planejou a participação dos sacerdotes e levitas no culto que Ele mandou que oferecessem (Nm 8; 1 Cr 9.33; 23.5; 2 Cr 29.25, etc).

Após a leitura do A. T., estranhamos o fato de não descobrirmos no N. T. regras explícitas para nos informar que tipo de culto Deus quer. Numerosas pesquisas, feitas com o intuito de descobrir as diretrizes que devem reger a forma de adoração realmente neo-testamentária, criam pouca convicção além daquela formada na cabeça do estudioso. Ele descobre, geralmente, o que procura. Tudo isto poderia levar-nos a desvalorizar a prática nos cultos da igreja primitiva. Mesmo assim, cremos que é válido examinar as indicações sobre as formas de adoração nos escritos dos apóstolos.

Após o derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecoste, a igreja de Jerusalém "perseverava na doutrina

dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações" (At 2.42). Este verso nos traz um breve esboço dos componentes do culto primitivo. As práticas sob a tutela dos apóstolos fornecem-nos um fundamento geral, mas seguro. Adoração, para manter o padrão apostólico, deve se aprimorar no ensino, comunhão, celebração da Ceia e oração.

A Doutrina dos Apóstolos

Adoração e doutrina apóiam-se mutuamente, porque um culto oferecido na ignorância evapora (Jo 4.22; At 17.23), carece de substância e de verdade. Doutrina (gr. *didachē*, "instrução"), não significa apenas granjear informação. Não foi uma aula bíblica acadêmica que os apóstolos ministraram, mas ensinamentos junto com apelos aos "discípulos" para que acatassem as diretrizes do Senhor. Quando igrejas do século XX dão uma ênfase exagerada à transmissão da informação e não à sua expressão, elas promovem depressão espiritual.¹

Jesus convocou os seus discípulos a "discipularem todas as nações" (Mt 28.19, segundo o grego). O primeiro passo foi o batismo que representava um compromisso público, total, com Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito. Em seguida, Jesus ordenou aos apóstolos que ensinassem aos futuros discípulos da segunda geração a "guardar todas as coisas" que Ele ensinara a seus seguidores. Esses ensinamentos foram exemplos práticos em torno de uma nova compreensão do relacionamento com Deus como Pai, de Jesus como Filho, irmão perfeito e Mestre exemplar para se imitar. De igual importância era a atuação do Espírito Santo como Motivador e Guia seguro para os caminhos de Deus. A. W. Tozer disse em *O Conhecimento do Santo* que o que mais importa a respeito de um homem é o que ele crê a respeito de Deus. Para crer torna-se essencial saber, ser instruído.

Dentro do culto primitivo, os novos discípulos recebiam a orientação sobre a vida consagrada, que glorifica a Deus (1

Pe 1.16, "Sede santos, porque eu sou santo"). Quando os assistentes novatos no culto da igreja de Jerusalém ou Antioquia ouviram pela primeira vez; "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas" (Mt 11.28s), certamente sentiram o impulso do Espírito para renovarem sua confiança em Jesus, e queriam entender num sentido prático o que significaria levar o "jugo suave" e "fardo leve" do Senhor (v.30).

O conteúdo dos evangelhos, antes de ser escrito, teria sido primeiramente comunicado aos iniciantes na fé em pedacinhos e retalhos, ² até que eles alcançassem uma vida madura. O quadro do discípulo descrito nos evangelhos de Mateus e Marcos foi formado para encorajar leitores das décadas 60-70 a não se desanimarem na longa caminhada. C. H. Dodd chama esse conteúdo de *didachē* ("ensino"), contrastado com a *kerigma* ("proclamação" do evangelho aos não-cristãos).

O A. T. também foi a Bíblia da Igreja³ Nas reuniões eram feitas exposições de textos dentro da nova visão cristã. Novas aplicações de velhas passagens receberam o endosso dos apóstolos que se formaram na "escola" de Jesus. Tudo se transformara dentro da perspectiva cristológica, ao aplicar a verdade à vida, como vemos nas mensagens de Pedro, em Atos. Citações do profeta Joel culminam com o apelo aos ouvintes para "invocarem" o nome do Senhor para serem salvos. "O Senhor", que no texto original significava Javé, passou a ter o significado "Jesus Cristo", crucificado, ressurreto e exaltado à destra de Deus (At 2.17-21, 36).

O Salmo 16 não se refere a uma experiência de Davi, mas à morte e ressurreição de Jesus. "Porque não deixarás a minha alma na morte..." (At 2, 27). Sua elevação à suprema posição de autoridade (Pedro cita Sl 110.1 em At 2.34s) mostra que Jesus merece adoração junto com o Pai. Sua

exaltação impera sobre os ouvintes. Jamais devem cogitar em ofendê-lo ou desobedecê-lo.

Quando Pedro pregou no templo, aproveitando a curiosidade suscitada pela cura do homem coxo, ele identificou Jesus com o "Servo de Javé" (Is 42-53). Atribuiu a Ele o poder que "fortaleceu a este homem" (At 3.13-16). Voltou a citar o A. T. em Dt 18.15, 16, para desafiar o povo a respeito do profeta semelhante a Moisés. "A ele ouvireis em tudo quanto vos disser. Acontecerá que toda alma que não ouvir a esse profeta será exterminada do meio ao povo" (At 3.22s.)

Examinando a hermenêutica empregada nestas últimas mensagens evangelísticas de Atos, podemos deduzir que o ensino divulgado nos cultos da igreja encontrou seu tema central em Jesus Cristo.⁴ O desafio daquele doutrinamento era conhecer ao Senhor que é "o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo a quem ele enviou" (Jo 17.3). À medida que esse conhecimento de Deus crescia (Cl 1.10), esperava-se que os membros da igreja manifestassem "pleno conhecimento de sua vontade em toda sabedoria e entendimento espiritual a fim de viverem de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado... " (Cl 1.9, 10). O ensino dos apóstolos tinha como alvo prioritário "dar a conhecer qual seja a riqueza da glória, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória, o qual anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando... a fim de apresentar todo homem perfeito em Cristo" (Cl 1.27, 28). O culto servia como instrumento que levava à maturidade.

Mas não era prática apostólica apenas transmitir uma nova doutrina acerca de Deus e o Filho de uma maneira escolástica. Muito pelo contrário, sabemos que os ensinamentos não chegaram, segundo afirma o apóstolo Paulo, "tão somente em palavras, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção... (1 Ts 1.5). Por isso, Paulo diz que os tessalonicenses acolheram a palavra não como humana, mas, "como em verdade é, a Palavra de Deus, a qual, com efeito está operando eficazmente em vós, os que

credes" (1 Ts 2.13), Somente assim poderia se esperar que os cristãos não se deixassem conformar com este século e ao mesmo tempo fossem transformados pela renovação da mente, para experimentar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Rm 12.2).

Qual é a atuação do Espírito Santo em nossos dias na transmissão do ensinamento da Palavra? Quando separamos metade do tempo da reunião da igreja para a mensagem, afirmamos que o recado bíblico tem prioridade acima de todas as outras partes do culto. Pela inspiração da Palavra de Deus, o Espírito garante o conteúdo original, mas também ilumina os corações dos ouvintes através da exposição (2 Tm 3.16, 17). Mas os sermões preparados às pressas, no sábado à noite ou domingo pela manhã, sem preocupação do pastor em primeiramente alimentar o seu próprio espírito, não prometem grande aproveitamento nos cultos. Os cristãos de Jerusalém "perseveraram na doutrina dos apóstolos" porque os discípulos "havia estado com Jesus" (At 4.13) durante centenas de horas num período de três anos.

Em fontes que remontam até o começo do século II, há exortações e exigências que regem o pastorado. O pastor deve ser, em primeiro lugar, um mestre habilidoso (Didaquê 15.1). O ensino era a norma para os cristãos congregados, segundo Clemente (1 Clem 1.3). O autor de Martírio de Policarpo disse a respeito do famoso mártir "Policarpo [era] um mestre apostólico e profético, bispo da igreja católica de Esmirna" (16.2)⁶. Por isso o cristianismo avançava rapidamente no meio de um ambiente sumamente hostil.

A adoração, na prática, deve dar lugar central à palavra de Deus porque Ele assim ordena. "Pregue a palavra" (2 Tm 4.2) representa a preocupação de Paulo com a igreja de Éfeso. Um homem que almeja o pastorado precisa ter uma qualidade que lhe recomende a conduzir os cristãos num culto verdadeiro. Ele deve ser "apto para ensinar" (1 Tm 3.2). Ensino requer entendimento, explicação, relacionamento entre o ouvinte e o Pai. O pastor-mestre deve direcioná-los no

caminho que conduz para uma comunhão cada vez mais íntima. Por isso, Deus inspirou as Escrituras, tornando-as úteis "para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a edificação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito..." (2 Tm 3.16, 17). Se a maioria dos adoradores de uma igreja não sente a convicção do Espírito, nem um incentivo para corrigir os erros que comete e, ainda, não está crescendo para plena maturidade, algo de importante está faltando nos cultos. Sendo, de fato, a tarefa do pastor-mestre o "aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço... e o pleno conhecimento do Filho de Deus" (Ef 4.12-13), ele só conseguirá atingir este alvo se dedicar-se ao ensino. Não se exclui, de maneira alguma, o ministério de cada membro dotado pelo Senhor para estimular os outros "ao amor e às boas obras" (Hb 10.24).

G. Whitefield, um dos poderosos pregadores no grande avivamento do século XVIII em ambos os lados do Atlântico Norte, tinha o costume de "ler as Sagradas Escrituras ajoelhado, pondo de lado todos os outros livros e orando o máximo possível sobre cada linha e até sobre cada palavra. O resultado - disse ele - foi que 'ela se tornou comida e bebida para minha alma. Diariamente recebia nova vida, luz e poder do alto'".

Uma razão pela qual, tão freqüentemente, em cultos hodiernos, poucos ou mesmo ninguém fica convicto (elengchetai "convencer", especialmente de pecado), nem "tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração", nem "se prostra com face em terra testemunhando que Deus está de fato no meio da igreja" (1 Co 14.24s), é inegavelmente porque a mensagem não traz o impacto do poder do Espírito. Como adoração sem amor de nada vale (1 Co 13), uma mensagem sem iluminação também é inútil.⁷

Freqüentemente a culpa também está no lado dos ouvintes. Se os adoradores não se aproximam com fé e inspiração na hora em que Deus deve falar por intermédio dos seus servos, o efeito de um recado vindo do Senhor pode

sumir como água na areia Não foi assim que ocorreu com Justino Mártir, que, no século II testificou: "As Escrituras e as palavras de Jesus possuem um poder terrível em si mesmas e também uma doçura maravilhosa". Isto era assim porque o Espírito acompanhava, na sua recepção, aquele cristão primitivo quando ele dava ouvidos à Palavra Para evitar uma atenção à Palavra que não produz fruto, o autor de Hebreus aponta para os israelitas que foram proibidos de entrar na terra prometida. "Porque também a nós foram anunciadas as boas-novas, como se deu com eles; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada (gr. sugkerasmenous, "misturado") pela fé, naqueles que a ouviram (Hb 4.2). Fé, em Hebreus, significa compromisso, dedicação e disposição para cumprir as ordens do Senhor. O capítulo 11 foi inserido em Hebreus para interpretar o significado da fé na vida prática dos heróis do A. T. Assim eram incentivados os irmãos congregados para adorarem o "Deus dos Antigos". "Concluimos que a fé é despertada pela mensagem, e a mensagem que desperta a fé vem por intermédio da palavra de Cristo" (Rm 10.17, NEB).

"Perseveravam na doutrina dos apóstolos" comunica a seriedade com que a igreja de Jerusalém encarou a importância da Palavra para o culto. Mas "mesmo o conhecimento de verdades teológicas, porém, e. g., de uma doutrina específica acerca do batismo, tem como seu objetivo a obediência que se expressa na vida" (Rm 6.6)⁸ Se é mesmo verdade que quase tudo, ou mesmo todo o nosso comportamento, é aprendido, o tempo gasto nos cultos com a finalidade de discipular não é perdido se houver uma disposição para "perseverança" (proskarterountes, "apegaram-se", da raiz kratos, forte, portanto, "persistir com muita garra"). Quem ama o Senhor irá alegremente à Sua lei, visando buscar a vontade divina A lei de Deus, preservada nas Escrituras, e a vontade divina são, substancialmente, uma só; a primeira é a manifestação externa da outra⁹ Não deve existir um estudo bíblico que não conduza o adorador à comunhão e à obediência

Comunhão

Junto com o serviço da Palavra, a primeira igreja da história perseverava na comunhão (koinonia, "participação em comum", At 2.42). Lucas explica algo mais a respeito desta comunhão nos versos subseqüentes. Os crentes ficavam juntos (epi to auto, v.44; em 1.15 e 2.1 indica que estavam juntos como família de Deus, isto é, regularmente), e "tinham tudo em comum" (koiná, da mesma raiz de koinonia). I. H. Marshall sugere que "não seria surpreendente... que pelo menos um outro grupo contemporâneo judaico, a seita de Cunrã, adotasse este modo de vida (1 Os 6)".¹⁰

A alegria e entusiasmo tomavam conta dos recém-batizados no Espírito. "Tomavam suas refeições com alegria e singeleza de coração" (v.46)¹¹ indica que barreiras que separavam os irmãos desapareceram. O espírito de egoísmo foi substituído pelo desprendimento que caracteriza uma família onde há amor e comunicação. A generosidade era natural naquele ambiente. "Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade" (v.45). Havia famílias pobres na igreja de Jerusalém; a igreja, como um todo, era pobre. Razões para essa situação não são difíceis de serem descobertas. Crentes vindos de outras cidades estavam com dificuldade para exercer suas profissões (e. g., Pedro e André eram pescadores). Outros, que se converteram na festa de Pentecoste, decidiram ficar em Jerusalém para aprender mais a respeito do Caminho. Outros parentes, visitantes, vieram com o desejo de saber tudo a respeito do Cristianismo. Além disso, a mensagem tinha um apelo especial para os pobres, os necessitados, prostitutas, ladrões, publicanos, Oferecia a todos o maravilhoso alívio da culpa e a esperança para um novo começo.¹²

A adoração genuína conduz-nos à lembrança de que não somos de nós mesmos. Fomos comprados por preço

infinitamente alto (1 Co 6.20). Conseqüentemente, somos escravos (douloi, cf. Rm 6.18, 22; 1 Co 7.22) de Deus e dos membros do Seu Corpo (2 Co 4.5). Ações de graça pelo sacrifício do Filho de Deus incitam os filhos beneficiados a indagar como se desincumbir da obrigação imposta Que presente digno devemos trazer para o altar cristão (cf. Mt 5.23s)?

O pano de fundo da eucaristia cristã descobre-se na refeição da Páscoa¹³. Esta celebração consistia de duas partes (primeira, "enquanto comiam" [Mt 26.26; Mc 14.22], e segunda, "depois de cear" [Lc 22.20; 1 Co 11.24s]). O que Jesus insistiu originalmente era repetido como duas partes de uma refeição maior — agapē ou "festa de amor", com a intenção de beneficiar os cristãos mais carentes da igreja¹⁴. Esta refeição, que substituiu a Páscoa dos judeus, era tomada diária ou semanalmente.¹⁵ Percebe-se pela leitura de 1 Co 11.17-22 e Didaque 9s, que esta refeição era a "Ceia do Senhor" (kuriakon deipnon, 1 Co 11.20), que reunia todos os membros da família de Deus. Além de lembrar (repetindo as palavras interpretativas) a morte de Jesus e a inauguração da Nova Aliança, a Ceia confirmava, de maneira inconfundível, que todos os participantes tinham uma vida em comum. Ricos e pobres, livres e escravos, todos se comprometiam diante de Deus a ter e manter uma responsabilidade mútua, uns pelos outros.

O caráter sagrado dessa refeição não se evidencia somente numa dramatização do sacrifício único do Filho de Deus pelos nossos pecados, mas era também uma demonstração da adoração que tem implicações horizontais. Daí, o veemente protesto de Paulo, em Corinto, diante da negação na prática da comunhão que a Ceia devia demonstrar, "... não é a ceia do Senhor que comeis. Porque ao comerdes, cada um toma antecipadamente a sua própria ceia" (1 Co 11.20s.). Agindo assim, profanavam o Corpo de Cristo formado pela morte e ressurreição (Jo 2.19ss.). Comiam e bebiam juízo para si em vez de bênçãos (1 Co 11.29). O corpo que foi crucificado, "dado por vós" (1 Cp

11.24) numa expiação de validade eterna foi ultrajado, exposto em ignomínia. A participação "em memória (anamnēsin) de mim" quer dizer que a igreja agradece e honra o doador de uma salvação de infinito valor. Mas também deve ser a ocasião de se formar o corpo e de se edificar a igreja. Assim, Paulo pergunta "Porventura o cálice da bênção (provavelmente a terceira na celebração de Jesus na Páscoa que precedeu sua morte) que abençoamos, não é a comunhão (koinonia) do sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo? Porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão" (1 Co 10.16, 17).

Os cristãos que comem juntos no culto são integrados (seguramente pelo Espírito, 1 Co 12.13)¹⁶ num corpo comparável ao corpo humano. Uma vida ou personalidade ocupa a unidade física humana, de tal forma que nenhuma parte pode se desligar sem prejuízo para as outras ("... porque não sou mão, não sou do corpo"), nem podem desprezar uma à outra ("nem a cabeça dizer aos pés: não preciso de vós"), nem devem ter inveja ("os que nos parecem menos dignos no corpo, a estes damos muito maior honra" (1 Co 12.14-25).

Tão ampla era esta visão de Paulo que ele emprega três vezes o termo koinonia para falar da contribuição financeira que as igrejas gentias da Macedônia ofereceram para os santos de Jerusalém (Rm 15.26; 2 Co 8.4; 9.13). À luz da verdade óbvia de que Jesus Cristo não era o cabeça apenas de uma igreja local era importante concluir que havia um Corpo universal de Cristo. Assim, a cooperação mútua teria de cruzar fronteiras geográficas, culturais e raciais. A "koinonia de Jesus Cristo" (1 Co 1.9) não pode estar restrita a uma congregação ou denominação. Como declara o apóstolo João: "O que temos visto e ouvido, anunciamos também a vós outros, para que vós igualmente mantenhai comunhão (koinonia) conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo" (1 Jo 1.3). Quando adoramos, declaramos e mantemos comunhão com Deus e também com os que o conhecem. Por isso, o N. T. salienta a importância

de os crentes se reunirem e de haver comunicação entre eles (cf. Hb 10.25). "A koinonia cristã é o elo que liga os cristãos entre si, a Cristo e a Deus".¹⁷ A comunhão passa da teoria à prática, nos cultos e na mútua cooperação de irmãos.

Foram as exigências da comunhão que provocaram a coleta de ofertas no "altar" da igreja primitiva (Mt 5.24).¹⁸ As ofertas em dinheiro, roupa e alimentos eram então distribuídas como sinal do amor divino. "Nisto conhecemos o amor, em que Cristo deu sua vida por nós, e devemos dar nossa vida (significa também o que sustenta a vida) pelos irmãos. Ora aquele que possuir recursos deste mundo e vir a seu irmão padecendo necessidade e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?" (1 Jo 3.17, 18). João deseja comunicar a seus leitores que o generoso amor de Deus supre tudo aquilo de que temos falta. A igreja, portanto, deve mostrar sua gratidão compartilhando suas posses com os membros mais carentes. É com tais sacrifícios de mútua cooperação que Deus Se agrada (Hb 13.16). Pelo mesmo motivo, Jesus incluiu no sermão do monte as três práticas individuais de justiça (isto é, culto oferecido a Deus), "dar esmolas", junto com oração e jejum (Mt 6.1-18).

O Partir do Pão

A primeira igreja em Jerusalém acrescentava ao aprendizado e à comunhão o terceiro elemento: "partir o pão" (At 2.42). Esta frase de Jesus quer dizer "tomar uma refeição", como podemos verificar em Atos 20.11".¹⁹ O discurso de Jesus após a multiplicação dos pães e peixes, em João 6, faz alusões à comunhão da Ceia sem qualquer referência às palavras da instituição ou ao vinho. Pode-se explicar esta ausência se João tem em vista a refeição agapê, de fraternidade. As ocasiões pós-ressurreição, nas quais o Senhor comeu pão em Emaús (Lc 24.30) ou peixe em Jerusalém (Lc 24.42s.), provavelmente causaram festas comemorativas. Importante é o relato preservado em João

21.13, onde Jesus, após sua ressurreição, tomou o pão e o deu aos discípulos, seguido pelo peixe.²⁰ Atos 1.4 também se refere não apenas às reuniões, mas às refeições que o Senhor ressurreto tomou com seus discípulos, provando assim, inconfundivelmente, ter levantado dentre os mortos. Também na mensagem de Pedro, na casa de Cornélio, a ressurreição foi confirmada "às testemunhas que foram anteriormente escolhidas por Deus, isto é, a nós que comemos e bebemos com ele, depois que ressurgiu dentre os mortos" (At 10.41).

Se perguntarmos que significado tinham essas refeições para os crentes reunidos em culto, descobriremos a característica de gozo e júbilo religiosos. Lembravam os participantes dessas "festas de amor" (agapês) como o Senhor apareceu no meio dos discípulos, após sua morte (cf. Jo 20.20). Também experimentavam a presença contemporânea de Jesus que surgia invisivelmente quando os cristãos se reuniam "em seu nome" (Mt 18.20). O convite "Maranata", frase aramaica que quer dizer "vem, nosso Senhor", sem dúvida originou-se nos primórdios da Igreja palestina (cf. 1 Co 16.22, citado por Paulo apenas 25 anos após a ressurreição)²². Ela expressava a fé dos cristãos primitivos, que reconheciam que Jesus vinha ainda para ser anfitrião à cabeceira da mesa da sua família. Naqueles cultos em torno das refeições, os celebrantes estavam prevendo o futuro banquete messiânico, as chamadas "bodas do Cordeiro" (Ap 19.9). Essa festa escatológica, tão ansiosamente aguardada, marcará o auge e o alvo da esperança cristã quando os escolhidos verão face a face o Senhor da glória (cf. 1 Co 13.12). Por isso, em Apocalipse 3.20, o convite do Cristo ressurreto para o convertido cear junto com Ele representa o antegozo da vinda escatológica. Então, a presença do Senhor na reunião da igreja para "partir o pão" unia o passado histórico, o presente espiritual e o futuro escatológico.

Paulo descreve a alegria da festa, que tão facilmente podia descambar para a desgraça em Corinto (1 Co 11.20-22). Provavelmente nas mentes dos crentes associava-se esta festa, a Ceia do Senhor, com festas pagas nas quais os

adoradores honravam seus deuses por meio de orgias caracterizadas por muita comida, bebida (alcoólica) e divertimento desenfreado. Paulo critica duramente os coríntios que tão vergonhosamente desonraram o Senhor e a igreja, embriagando-se e comendo antes que os pobres e escravos chegassem (1 Co 11.21). Eles não entendiam que a santa comunhão não se manifesta sobre a mesa, mas em volta da mesa

Os coríntios tinham esquecido a cruz.²³ Essas festas de fraternidade tiveram sua fonte nas aparições de Jesus após a ressurreição, mas Paulo protesta veementemente contra a separação da crucificação e da ressurreição. Os coríntios distorceram esta última realidade, a fim de sustentar o triunfalismo característico, resultando em egoísmo e arrogância individualistas (cf. 1 Co 4.6-13). A pregação que tem poder transformador proclama o Senhor crucificado (1 Co 1.18, 23). A alegria da festa agapé" precisava ser temperada com o drama espiritual que Jesus inaugurou na noite em que foi traído (1 Co 11.23ss.). Naquela ocasião, o pão não representava apenas comida para matar a fome; nem o cálice de vinho, bebida para alegrar o coração. Eram justamente os representantes da agonia do corpo de Jesus cravado na cruz e o sangue que fluía das suas feridas. Aquela Ceia pascal, celebrada por Jesus, marcava o início da Nova Aliança e a formação do novo povo de Deus. Este povo deve ser marcado pela humildade dos seus líderes (Jo 13.14) O amor mútuo (Jo 13.34). Estes fatos levaram o apóstolo a reconfirmar a importância de um culto que une o pesar pelo pecado, que necessita de expiação e alegria irradiada pela glória futura (1 Pe 1.8), na certeza do perdão por meio da ressurreição e vinda do Senhor. Ambas as características devem promover o amor fraternal e assegurar o discernimento do Corpo de Cristo, a Igreja (1 Co 11.29).

Concluimos que qualquer concepção da Ceia do Senhor que lhe reivindique algum poder mágico fica à margem do pensamento bíblico. O dogma católico promove uma confiança na participação, expressa na frase latina *ex opere*

operato; isto é, ao ingerir a hóstia, infunde-se no fiel uma realidade espiritual; opera automática ou inconscientemente uma transfusão de santidade. Paulo evidencia em sua denúncia dos coríntios, que todos os israelitas comeram a mesma comida espiritual e beberam da mesma fonte espiritual e, mesmo assim, morreram no deserto. Não alcançaram a fronteira da terra santa (1 Co 10.3-5). Isto ilustra precisamente os membros que confiam na participação da Ceia como garantia da salvação-

As Orações

O quarto elemento que Lucas destaca na adoração mais antiga é a oração (gr. tais proseuchais, "as orações", At 2.42). O judeu do primeiro século dificilmente podia imaginar um culto sem orações, pelo menos na sinagoga. Conseqüentemente, era natural que os primeiros cristãos continuassem essa prática, ainda que com algumas modificações.²⁵ A importância básica das orações é notada no nome "lugar de oração" (At 16.13). Em Filipos, uma colônia romana, não havia os dez homens necessários para formar uma sinagoga, mas havia um lugar de orações, onde mulheres se reuniam (At 16.13). Paulo e Silas não sentiram nenhum embaraço ao participarem desse primeiro culto "ecumênico", transformando o que antes era especificamente judaico em culto cristão. Daquele local foi feito um palco para anunciar o evangelho.

Jesus ensinou que a oração deve ser particular (Mt 6.6) e pessoal (Lc 11.5-13). Ele pouco falou sobre oração em comunhão com outros irmãos, com exceção da famosa afirmativa: "Se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que porventura pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai que está nos céus" (Mt 18-19), relacionada com o contexto de disciplina na igreja²⁶ Sua própria prática foi de orar sozinho, num monte ou lugar afastado (Lc 6.12 9.29; 9.18; 22.41).

Ainda que pensando num sentido mais geral, a oração se distingue da adoração pela preocupação do suplicante com suas necessidades, enquanto a adoração conceitua a alma sobre seu Deus. Um comentário puritano sobre o Salmo 107 dizia "A miséria instrui maravilhosamente a pessoa na arte de orar".²⁷

Mas as orações bíblicas valorizam a comunhão com Deus. Como aparelhos complicados, projetados para uma função particular, deixamos de alcançar o objetivo de nossa existência fora da comunhão que a oração cria. Egoísmo, soberba e murmuração aniquilam a comunhão. Somos, então, como quem tenta martelar um prego com sabonete²⁸. Orar de verdade quer dizer abandonar a rebelião e aceitar a reconciliação. Jesus quis ensinar, acerca da oração, a verdade incomparavelmente preciosa de que Deus deseja nossa comunhão. Ele nos ama mais do que um pai humano é capaz (Lc 11.11-13). Ele deseja ouvir as nossas necessidades e supri-las (Mt 7.7-11). Amar a Deus acima de todo objeto por ele criado só pode significar que Ele quer ser conhecido e desejado pelas Suas criaturas.²⁹ Por isso, as orações dos santos são qualificadas como o incenso que enche os vasos de ouro nas mãos dos 24 anciãos que rodeiam o trono do Senhor do universo (Ap 5.8; cf.8.3). O altar de incenso do propiciatório simbolizava o prazer com que Deus recebia os louvores e petições do Seu povo.

No início, Deus fez o homem à sua imagem e semelhança para que entre o infinito e sua criatura pudesse haver comunhão, "pensamento correspondendo a pensamento, coração a coração e vontade a vontade."³⁰ Mas, surpreendentemente, havia algo na criação que não era bom (Gn 2.18); o homem, que vivia em plena harmonia vertical com Deus, ainda não estava completo. Faltava-lhe descobrir o que completava o nível horizontal e social. Comunhão humana junto com a divina, para o homem.

A oração, mesmo quando elevada de uma forma particular, não pode estar isolada do contexto social. Deus é

nosso Pai, não meu Pai. Se admitirmos que a essência do pecado é egoísmo e orgulho, de onde emanam a geração de pecados e condições características da humanidade após a queda tais como: temor, frustração, ira, ciúme, inveja amargura e vingança, reconheceremos que todos separam o homem do seu próximo. Veremos, também, que a reconciliação com Jesus, a qual nos induz ao louvor, agradecimento e petições, tem a tendência de diminuir essas barreiras. Na oração, procuramos escapar de nossa independência para interceder.

Deste modo, não nos aproximamos do trono da graça sozinhos, mas com o irmão, e até com a igreja.³¹

Orações públicas nas reuniões da Igreja devem ter o mesmo significado. Aquele que ora, conduz toda a congregação aos pés do Senhor, isto é, na medida que os membros, individualmente, estejam também orando. Não é necessário repetir as palavras do que ora, mas, sim, elevar o coração com ações de graças e petições pelos membros da comunidade. Louvar a Deus pela escolha dos companheiros na longa caminhada para o lar eterno tem um significado singular, porque "temos da parte dele este mandamento, que aquele que ama a Deus, ame também a seu irmão" (1 Jo 4.21).

Lucas preserva um exemplo de oração pública na igreja de Jerusalém, em Atos 4.24-31. Os estímulos anteriores a estes momentos na presença de Deus foram a cura do homem coxo, a interrogação de João e Pedro no Sinédrio e, finalmente, a libertação dos dois. As autoridades não acharam como os castigar, "por causa do povo, porque todos glorificavam a Deus pelo que acontecera" (4.21). Uma vez soltos, Pedro e João procuraram os irmãos da igreja e contaram-lhes suas experiências. "Ouvindo isto, unânimes (homothumadon) levantaram a voz a Deus" (v.24). Perceberam claramente que Deus estava controlando todas as circunstâncias ameaçadoras. Atribuíram a Deus o título de "Soberano" (déspota, "autoridade suprema"), Criador do

Céu, terra, mar e todas as coisas que neles existem (v.24, citando Ex 20.11; Sl 146.6). Nesta oração, a igreja firmou-se no fato de que Deus é chefe supremo do universo (cf. Is 37.16). Nada e ninguém pode escapar da Sua providência perfeita

Após reconhecer quem é Deus e o que Ele fez, a oração afirma que Davi escreveu, pela inspiração do Espírito Santo, palavras aplicáveis à situação da igreja. A posição mundial voltada contra Jesus, o Ungido, foi uma manifestação de ódio contra Deus. O que acontecera nos eventos da Paixão apenas poucas semanas antes, não fora surpresa nem ocorrera por acaso, mas de acordo com o propósito divino. Confiança em Deus e Sua palavra é a rocha viva em que a oração se fundamenta

A igreja de Jerusalém não rogou para que a perseguição acabasse e, assim, não sofresse a derrota que o temor dos homens produz. Antes, pediu ao Senhor oportunidades e intrepidez (parrêsia, "ousadia, liberdade, desembaraço") para anunciar a mensagem da salvação. Não pediram curas, nem milagres, mas desejaram (v.30) que o testemunho e a pregação surtíssem efeito sobre os ouvintes. Deus agraciou a comunidade toda com a plenitude do seu Espírito. Conseqüentemente, anunciavam com intrepidez a Palavra de Deus (v.31). E a igreja cresceu em vez de se encolher e se esconder (At 5.14).

Inseridos neste relatório da experiência na oração, devemos notar os seis princípios seguintes.

O princípio da dependência. A igreja, sem forças próprias e alvo da perseguição, sentiu de modo preciso a verdade declarada por Jesus' "Sem mim, nada podeis fazer" (Jo 15.5). Deixamos o braço da corpo físico para nos apegarmos, pela fé, ao poderoso braço do Senhor.

O princípio da união. A igreja pôs-se a orar com unanimidade. Eles não desprezaram a palavra de Jesus, de que "se concordarem" (gr. sunphonēsōsin, "juntar vozes e corações em plena harmonia") sobre qualquer coisa que

porventura pedirem, esta ser-lhes-á concedida (Mt 18.19). Desconhecemos, freqüentemente, a força que a sintonia e união espirituais acrescentam à oração.

O princípio da comunhão. "Levantaram a voz" (At 4.24). Não oraram em silêncio, mas transmitiram com suas vozes o que queriam. Dessa maneira todos podiam reforçar os pedidos, assim como muitos fios torcidos formam um cordão que dificilmente pode ser rompido.

O princípio do reconhecimento da grandeza de Deus. A igreja colocou uma base inabalável sob sua oração. Lançaram sua petição aos pés do único Soberano, aquele que criou e controla todas as coisas. A única verdade que realmente importa quando oramos é saber que Deus tem Seus propósitos pré-determinados (v.28). As ameaças que nos atemorizam não existem fora do controle de Deus (a oração de Ezequias em Is 37.15-20). Satanás, como um cachorro amarrado, pode rosnar, latir e até morder a igreja, mas nunca engoli-la. A corrente que segura o diabo parece-nos muito comprida, mas ele não deixa de estar acorrentado.

O princípio de paralelismo nas Escrituras. As verdades que o Espírito Santo revelou para Davi, e que ele, em seguida, escreveu no Salmo 2, não valiam somente para a situação original que aquele rei passou. "Estas coisas... foram escritas para advertência nossa" (1 Co 10.11), Paulo declarou. O "conforto" da Palavra de Deus (Rm 15.4) de maneira alguma deve ser ignorado nas orações que colocamos diante do trono de graça (Hb 4.16).

O princípio de prioridades. Ao contrário de muitas orações pronunciadas hoje em dia, a igreja de Jerusalém colocou a evangelização em primeiro lugar. A ameaça dos inimigos era perigosa somente porque podia fechar a boca dos servos de Deus. Nem curas e nem prodígios tinham importância se esses milagres não apoiassem a desinibida proclamação do evangelho. O plano predeterminado de Deus culminou na crucificação do santo Servo Jesus (v.27). Deus deu prioridade ao sacrifício substitutivo do Seu Filho para

que todo o mundo pudesse receber os benefícios do perdão. Quando oramos devemos ter os pensamentos de Deus, como o filho que pede um serrote ou uma máquina de escrever, justamente porque o que quer fazer está sintonizado com o desejo do pai. Este, por sua vez, deseja que o filho tenha a experiência necessária para, um dia, poder colaborar com ele (cf. 1 Co 3.9).

Mais um tipo de oração da igreja recebe destaque especial em Atos. Lucas relata que na ocasião da escolha do apóstolo substituto, Matias, os apóstolos, mulheres e irmãos, juntando cerca de cento e vinte pessoas, oraram juntos (At 1.24-25). Trata-se da oração que procura a vontade de Deus na escolha e consagração de um obreiro para o ministério. "Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, revela-nos qual destes dois (José ou Matias) tens escolhido" (v.24).

Não foi democracia eclesiástica que indicou o novo líder, mas o desejo de preencher a vaga com a escolha divina. A ênfase desta petição, portanto, cai na autoridade de Deus ("Tu, Senhor") e Sua onisciência ("conheces o coração"). Eleições desastrosas para cargos de liderança podem ser evitadas somente por intermédio da oração que põe essa responsabilidade pesada nas mãos do Todo-poderoso.

A escolha dos sete discípulos para cuidar da distribuição diária teve sua causa primária na falta de tempo dos apóstolos para ministrarem a palavra e orar (At 6.1-4). Após a escolha segundo os critérios divulgados pelos apóstolos (sabedoria e plenitude do Espírito), a consagração foi realizada pela oração. cremos que tal ato deve ter sido um culto de entrega, um sacrifício oferecido a Deus pela igreja. Separar para as responsabilidades de administração e ministério deve ser encarado como um sacrifício da igreja. Tempo e talentos dela são ofertados a Deus em benefício do Seu reino. Novamente, no início da primeira viagem missionária, tanto a escolha como a própria consagração surgiram e continuaram imersas na oração (At 13.1-3). Não foi um chamado que Barnabé e Saulo receberam em

particular, mas o convite lançado para a igreja pelo Espírito, para consagrar estas colunas da igreja de Antioquia para a obra missionária.

Paulo e Barnabé aplicaram o mesmo princípio no campo missionário. Ao voltarem às igrejas iniciadas na primeira visita, promoviam eleições de presbíteros (pastores). É importante destacar que as igrejas do sul da Galácia oraram com jejuns para, em seguida, consagrar os obreiros indicados: "... os encomendaram para o Senhor" (At 14.23). Concluimos dizendo que qualquer líder da igreja de Jesus Cristo precisa ser alguém que se comprometa a servir ao Cabeça da Igreja

O Ensino de Jesus Acerca da Oração

Jesus foi o Mestre e exemplo da igreja na oração. Pela oração modelo, Sua vida prática e Seu ensino direto, Ele deu à oração o lugar central que ela merece na adoração.

O pastor Ray Stedman comenta em seu livro *Jesus Teaches on Prayer* (Jesus Ensina Sobre a Oração), acerca do "dever de orar sempre e nunca esmorecer" (Lc 18.1): "Ou esmorecemos ou oramos. Não há alternativa. O propósito de toda a fé é nos conduzir a um contato direto, pessoal e vital com Deus. A oração verdadeira é o reconhecimento tanto da nossa carência desesperadora, como da suficiência divina. Para Jesus, a oração era tão necessária quanto o ato de respirar para manter a vida. Embora Deus saiba de todas as nossas necessidades, orando acerca delas a nossa atitude de murmuração é transformada em louvor, e somos capacitados a participar dos planos pessoais que Deus tem para nossa vida".³²

O passar dos séculos mostra com que dificuldade os cristãos têm mantido exatamente como oração as palavras que Jesus ensinou aos discípulos. A tendência no transcorrer dos tempos foi de fazer do "Pai Nosso" uma reza, um rito que se repete, bem distinto da oração.

Quando os discípulos pediram a Jesus que lhes ensinasse a orar, queriam aprender de que se compõe a oração e qual deve ser o padrão que ela deve alcançar. Não penso que é conveniente repeti-la sem pensar. Esta oração foi preservada por Mateus (6.9-13) e Lucas (11.2-4).

1. Pai Nosso lembra-nos de que toda verdadeira oração depende do Espírito Santo, o "Espírito de Oração" (cf. Zc 12.10). "Recebestes o Espírito³³ de adoção, baseados no qual clamamos Aba, Pai" (Rm 8.18). Gaiatas 4.6 também afirma esta verdade de que Deus enviou o Espírito de Seu Filho para nossos corações, que clama Aba, Pai.³⁴ Tanto o direito como a motivação para orar dependem do Espírito que nos regenerou. A ignorância e desobediência ao Espírito explicam em grande parte o motivo por que tão poucos membros da Igreja se matriculam na escola da oração. P. T. Forsythe acertou ao dizer "Toda oração é resposta de oração".

Pai Nosso distingui-se da frase "Meu Pai" em um particular. Quando oramos devemos admitir que não pedimos benefícios exclusivamente para nós. Venho ao trono juntamente com meus irmãos. A doutrina do Corpo de Cristo tem esta mesma implicação. O que Deus concede para um membro beneficia a todos. Deus não é Pai que pratica acepção de pessoas (Tg 2.1, 9). A ele honramos quando lembramos de nossos irmãos na família que é dEle.

2. Que estás nos céus. Jesus acrescentou esta palavras para ensinar que a perspectiva do céu é bem diferente da nossa, aqui na terra "Meus pensamentos não são os vossos... assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são... meus pensamentos mais altos do que os vossos" (Is 55.8, 9).

A esperança de ser atendido existe unicamente para quem pede "alguma coisa, segundo a Sua vontade" (1 Jo 5.14). Não é o nosso desejo que deve orientar a nossa insistência diante de Deus para que ele venha a nos premiar com manifestações do Seu poder, mas temos de nos sujeitar às prioridades do céu, Somente Deus tem o plano do Seu

agrado, incluindo todos os eventos e circunstâncias em Sua mente. Sairemos frustrados em nossas orações se não atentarmos para as palavras de Paulo: "O Espírito... nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém... E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede por nós" (Rm 8.26, 27).

O cristão sozinho, sem o Espírito, não consegue orar, nem acertar os alvos de Deus. O primeiro passo, então, deveria ser pedir o melhor dos dons que o Pai oferece para Sua Igreja - o Espírito Santo (Lc 11.13; cf. Mt 7.11). Quando Ele enche a igreja, a perspectiva do céu certamente fica mais clara (veja Ef 5.18-20). Quando o **intercessor está cheio dEle**, a oração no Espírito torna-se possível. No contexto em que Paulo orienta os cristãos na Ásia sobre como e por que eles podem colocar toda a armadura de Deus para lutarem eficazmente contra os principados e potestades (Ef 6.11-13), ele exorta os leitores a que orem "em todo tempo no Espírito" (Ef 5.18). Concluimos, portanto, que o desejo de orar, a assistência necessária e controle total da oração, devem vir do Espírito Santo de Deus.

3. Santificado seja o teu nome. Deus proibiu, no terceiro mandamento, que Israel proferisse Seu nome em vão (Ex 20.7). Neste primeiro pedido, Jesus transformou a proibição num pedido mais amplo. Ele não manda apenas que evitemos a profanação do nome divino, usando-o sem a devida reverência. Neste pedido, rogamos que o nome de Deus seja gravado, por assim dizer, nas testas de todos os Seus filhos. A maneira como eles vivem profana ou santifica o nome exaltado acima de todos os nomes.

Pecadores falhos nunca serão capazes de santificar o nome de Deus. Jesus tomou clara esta verdade, colocando o verbo "santificar" na voz passiva. Só Deus, o único que é Santo em Si, pode separar o Seu bendito nome da imundície moral que sempre se associa na prática com os portadores do Seu nome. O Senhor regenera filhos (1 Pe 1.3, 23), e lhes dá

o seu nome (Tg 2.7). "Não se envergonha de lhes chamar irmãos" (Hb 2.11), ainda que só Ele "tem o nome de santo" (Is 57.15)³⁵.

Por um lado, então, o Pai justo associa-se conosco imputando aos que crêem a Sua justiça (Rm 3.26). Por outro lado, há uma infinita distância que separa a perfeição de Deus e a "impureza, tanto da carne, como do espírito" (2 Co 7.1), que caracteriza o seu povo³⁶. Portanto, não seria o objetivo desta petição causar incômodo à igreja e ao crente, a tal ponto que ele se disponha a correr incansavelmente atrás da santificação (Hb 12.14; 2 Co 7.1)? Se pedirmos com fé e ardor que Deus mude as condições que profanam o Seu nome, esperaremos que haja uma clara manifestação de Sua santidade na igreja, não somente em âmbito local, mas mundial. Pedimos arrependimento e avivamento, quando deveríamos fazer o primeiro pedido do Pai Nosso.

4. Venha o teu reino. Nesta petição podem ser vislumbrados dois quadros. Primeiro, a visão da vinda do Rei Jesus para estabelecer o Seu reino justo sobre toda a face da terra. Segundo, concebemos o reino no sentido literal, "reinado" que se manifesta sempre que pecadores se submetem voluntariamente à Sua soberania. Na primeira acepção da palavra, reino refere-se a espaço geográfico sob o domínio do Senhor; nesta última, ao reino espiritual estabelecido nos corações dos que nEle crêem.

Se dobramos os joelhos e suplicamos a Deus a vinda do Seu reino, reconhecemos Sua soberana liberdade. "Bem profundo na história da teologia está a convicção de que a liberdade do homem não é um conceito abstrato. Não é apenas a liberdade para expressar a vontade ou escolher algo, liberdade para esculpir o destino próprio, para buscar o seu prazer. Quando Agostinho iniciou as Confissões, dizendo que o homem foi feito para Deus e não pode descansar enquanto não descansar em Deus, estava afirmando que a liberdade do homem é uma liberdade alcançada em Deus".³⁷ Curvamos-nos diante dele porque finalmente ficamos convictos de que

tentar governar nossas vidas sem Deus resulta em escravidão. A vitória que Jesus Cristo obteve na cruz por nós foi derrubar o pecado do seu trono. "O pecado, portanto, não terá domínio (reinará) sobre vós; pois... estais... debaixo da graça" (Rm 6.14). Seremos feitos "servos da justiça" (Rm 6.18), quer dizer passarmos a ser súditos do Rei.

Passando de um sentido mais particular, esperamos na resposta à petição para a vinda do reino, a expansão da igreja e a realização de sua missão. Ambos, João Batista e Jesus, proclamaram a vinda próxima do reino (Mt 3.2; Mc 1.15). Este anúncio estarrecedor foi acompanhado pela exortação ao arrependimento e o discipulado: "... crede no evangelho" (Mc 1.15). O contexto imediatamente seguinte em Marcos revela que o convite feito por Jesus a Simão e André para segui-lo e se tornarem pescadores de homens, também deve ser atendido em relação à vinda do reinado de Deus (Mc 1.15-20).

Rogar a Deus para que as portas se abram (Lc 11.9, 10; 1 Co 16.9), e obreiros sejam enviados para a seara branca (Lc 10.2), é também pedir que Ele envie Seu reino. A divulgação das boas notícias do reino por todo o mundo precederá a vinda do Rei (Mt 24.14; Mc 13.10).

William Carey (o sapateiro que fez um mapa rude do mundo e o afixou na parede ao lado de sua mesa de trabalho para se lembrar de orar pela evangelização do mundo) obedecia às instruções do Rei: "peça a vinda do reino". Como resposta parcial àquelas orações pelos países em trevas espirituais, o próprio Carey foi para a Índia. Orações amplas e insistentes levarão embaixadores da igreja a cruzar fronteiras e mares até os confins da terra (At 1.8). É o passo preparatório para a vinda do reino no sentido geográfico e absoluto. A mais clara pré-condição que a Palavra de Deus coloca para a volta de Cristo e a inauguração do reino é especificamente a pregação do evangelho para toda tribo, língua, povo e nação (Ap 5.9; 7.9).³⁸

Nesta petição, agarramo-nos ao poder de Deus para desafiarmos o "Deus deste mundo" (2 Co 4.4). Quando o pecado o invadiu, Satanás, o príncipe da potestade do ar, recebeu autoridade sobre o mundo e os filhos da desobediência (Lc 4.6; Ef 2.2). A batalha mundial começou. A história desde a queda de Adão até "a restauração de todas as coisas" (At 3.21) convoca-nos para a guerra que se trava de joelhos. O mundo que jaz no maligno (1 Jo 5.19), será capturado em resposta às orações do povo que intercede e trabalha. Por isso, as súplicas de todos os santos serão oferecidas sobre o altar de ouro diante do trono e voltarão à terra nos julgamentos contra a besta e seu trono (Ap 8.3-5). Jesus expulsou demônios e declarou que isto demonstrava a chegada do "reino de Deus sobre vós" (Lc 11.20). Quando enfrentou a cruz, Jesus orou: "Agora está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora?... chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora seu príncipe será expulso" (Jo 12.27s.). A luta entre Deus e Satanás alcançou o seu auge quando Jesus derrotou o demônio na cruz (Cl 2.15). Sua vitória foi descrita por Paulo desta forma: "... levou cativo o cativoiro" (Ef 4.8).³⁹ Falta agora a "grande luta" que Paulo manteve pelos colossenses, laodicenses e as igrejas que ele não conheceu pessoalmente (Cl 2.1). Derrotado, Satanás continua solto para testar o amor dos santos. Está "cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta" (Ap 12.12).

5. Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu (Mt 6.10).⁴⁰ Querer que a vontade de Deus prevaleça significa a disposição da igreja de submeter-se ao que Deus quer. Esta vontade divina, porém, não se realiza na terra como no céu, unicamente por causa da rebelião e pecaminosidade do homem.

A vontade de Deus é a santificação da igreja (Jo 17.19). Ele deseja o louvor e a gratidão do Seu povo (I Ts 5.18 e inúmeros salmos).

As dezenas de exortações escritas em quase todas as páginas do texto sagrado orientam qualquer filho que deseja conhecer a vontade do Pai. O desejo divino primordial é, certamente, a perfeição dos que Ele ama como a menina dos Seus olhos, (cf. Dt 32.10; (Mt 5.48; 1 Pe 1.15, 16). Ainda que creiamos que na terra não há ninguém que cumpra com absoluta perfeição a vontade divina, como os anjos, no céu, cabe-nos rogar a Deus que Ele nos conceda ânimo e fé para progredirmos em direção a esse alvo.

Esta oração que Jesus nos transmitiu através de seus discípulos pode ser reconhecida, também, como um guia de adoração. As petições, ao serem respondidas, exaltam de tal maneira o Senhor que o adorador não deixará de ser conduzido ao Lugar Santíssimo. Todas as ênfases de suas petições provocarão uma percepção mais real de quem é nosso Deus e Pai celestial, e anteciparemos a adoração prevista em Filipenses, capítulo 2. O ato de toda língua confessar que Jesus Cristo é o Senhor realiza-se parcialmente cada vez que Deus responde ao pedido inicial. Deus glorifica Seu nome, atendendo aos desejos sinceros do Seu povo.

Quando o reino de Deus invade uma vida, uma família, ou uma igreja de maneira real, todos são motivados a glorificar a Deus porque experimenta-se um antegozo da visão escatológica, predita por João: "O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do Seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos" (Ap 11.15). Também alcançamos um vislumbre do papel desenvolvido pela igreja na exortação de Pedro, referente à esperança e ao apressar o dia da vinda de Deus (2 Pe 3.12).

O nosso desejo de ver a vontade de Deus obedecida acima de qualquer vontade humana, é sinal de que estamos colocando o Senhor no centro da nossa existência. Assim, passamos realmente a adorar em espírito e em verdade.

Se pedirmos o verdadeiro pão do céu, não para jogá-lo fora, como qualquer criança que, depois de uma mordida não

o quer mais, mas como um faminto, que está morrendo de desnutrição, certamente diremos como Pedro: "Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna" (Jo 6.68).⁴¹

6. Perdoa-nos as nossa dívidas (Mt 6.12; cf. "pecados", Lc 11.4). Pedir perdão também significa aproximar-se do trono da graça para valer-se da justiça que Jesus Cristo nos oferece na Sua cruz. Teríamos purificado a nossa alma de todo o ressentimento, todo desejo de vingança? Não temos o direito de pedir o que não estamos dispostos a dar, neste caso, o pleno perdão. Daí a frase: "... pois também perdoamos a todo o que nos deve (Lc 11.4; Mt 6.14). Certa vez, Pedro perguntou ao Senhor acerca da responsabilidade cristã de perdoar. Sete vezes seriam suficientes? Jesus respondeu: "Não sete, mas setenta vezes sete" (Mt 18.21s.). E acrescentou a ilustração do servo que livremente teve perdoada a sua dívida de dez mil talentos, mas logo depois processou um de seus conservos, a ponto de mandá-lo à prisão porque não podia pagar uma dívida de uma pequena fração de um talento (Mt 18.22-30). A indignação do senhor daquele mau servo foi total (v.34). "Assim, também, meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão" (v.35). Aqui, salienta-se a impossibilidade de alguém se aproximar do Deus misericordioso, sem ter anulado toda e qualquer ofensa recebida de quem quer que seja (cf. Lc 23.34).

Pedro, décadas depois, exortou os maridos, leitores de sua, primeira carta, a tratarem suas esposas com dignidade e como co-herdeiras "da mesma graça de vida" (1 Pe 3.7). Este procedimento é essencial ao atendimento das orações do casal cristão (v.7).

Se realmente desejarmos escapar às garras do "leão que ruge procurando alguém para devorar" (1 Pe 5.8), não abandonaremos, em hipótese alguma, o "esconderijo do Altíssimo" (Sl 91.1). Sendo Deus nosso protetor, busca-LO-emos com maior zelo justamente na hora em que a tentação

nos assediar. A adoração depende de uma confiança absoluta em nosso soberano Pai'. Quem duvida da Sua companhia nas horas de aflição e luta com o exército do mal, logo dependerá de suas próprias forças. Em humildade, rogamos: "Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal (maligno)" (Mt 6.13).

O Cântico no Novo Testamento

Surpreendentemente encontramos poucas referências ao cântico no N. T. Os evangelistas relatam que Jesus cantou um hino (gr. humnein, Mt 26.30; Mc 14.26) após a celebração da Páscoa Paulo e Silas "cantavam louvores a Deus" na prisão em Filipos, na contundente ocasião após seu espancamento e antes do terremoto que abriu as portas da prisão. Acreditamos que essa música evangelística concorreu para a conversão do carcereiro (At 16.25). O autor de Hebreus cita Salmo 22.22: "Cantar-te-ei louvores no meio da congregação" (2.12). Paulo cita o Salmo 18.49: "... cantarei louvores (gr. psallein, "cantar acompanhado pela harpa) ao teu nome" (Rm 15.9).

Salmos, Hinos e Cânticos

Mas, ainda que referências à música sejam raras no N. T., seguramente o soar de vozes em louvor a Deus teve muito destaque nos cultos dos primórdios da igreja. "Cânticos espirituais" (Cl 3.16), surgiram, provavelmente, por inspiração imediata do Espírito Santo. W. Lock identifica tais composições como semelhantes a "alguns cânticos preservados no N. T. "⁴² No Apocalipse, várias referências aos cânticos dos adoradores celestiais revelam características de exultação e júbilo na contemplação da vitória retumbante de Deus e Seu Filho sobre todas as forças do maligno (5.9, 10; 14.3; 15.3, 4).

Os "salmos" (Cl 3.16) provavelmente são os mesmos do A. T., amados por nós e lidos em nossos cultos.⁴³ Ocasionalmente cantamos porções de alguns salmos. Nas igrejas que se reuniam nas casas, no primeiro século, o entoar de salmos deve ter sido comum, "formando parte do culto religioso e da fraternidade cristã".⁴⁴ Nas sinagogas, os judeus cantavam salmos, como também os essênios do Mar Morto.

Os "hinos" (humnoi) também, provavelmente, referem-se aos hinos de louvor a Deus e a Cristo, compostos espontaneamente por cristãos, ou em outras horas.⁴⁵ A. B. McDonald escreve: "É de se esperar, a priori, que um movimento que suscitou tanta emoção, lealdade e entusiasmo, encontre expressão em cântico".⁴⁶ Avivamentos e despertamentos religiosos, com o passar dos séculos, estimularam o louvor por meio da música; seria estranho se no primeiro século não houvessem aparecido expressões musicais para tornar a adoração mais real e agradável.

Estas três palavras, "salmos, hinos e cânticos" (Cl 3.16), tomadas juntas, descrevem de modo global o âmbito da adoração expressa pela música e estimulada pelo Espírito. O termo "espirituais" refere-se a todas as formas de expressão de louvor contidas nos três termos, ainda que não possamos precisar as formas exatas da expressão musical.⁴⁷

Não devemos deixar passar despercebido que mesmo que a igreja louve ao Senhor por meio da música cantada, ela estará igualmente, "instruindo e aconselhando" (gr. nouthetountes, "advertindo") uns aos outros por meio de tais expressões musicais. A Deus são oferecidos louvor e gratidão; aos membros da congregação estimula-se o encorajamento. A adoração firma-se nestas duas bases de louvor ao Senhor e na Sua palavra, que recebemos por ser originalmente inspirada pelo Espírito de Deus. A música sustenta, dá coragem e anima os que se sentem isolados ou alienados. Os primeiros mártires lançados às feras na arena foram

fortalecidos pela música para enfrentarem a entrega da oferta máxima de sua fé.

Muito tem sido publicado sobre hinos e cânticos compostos nas igrejas e citados pelos escritores do N. T.. Há muitos hinos chamados "sacramentais", entre os quais o mais bem atestado seria Ef 5.14: "Desperta, ó tu que dormes, levanta-te dentre os mortos e Cristo te iluminará". Um cântico como este pode refletir uma composição cantada ou recitada acompanhando o batismo de neófitos.⁴⁸ Reflete o significado da ordenança simbolizando morte e ressurreição, seguidas pela iluminação da instrução de Cristo na igreja. Ao mesmo tempo não perde de vista o elemento básico de exortação, encorajando o participante do culto a deixar o mundo e as velhas amizades, tal como o recém-ressuscitado Lázaro abandonou o cemitério (cf. Jo 11.44).

Em segundo lugar, há meditações que empregam linguagem de retórica, e tratam de temas teológicos profundos como, por exemplo, Ef 1.3-14; Rm 8.31-39 e I Co 13.4⁹ Não parece provável que estes textos tenham sido cantados como hinos ou versos decorados por todos os participantes, mas sua estrutura poética e lírica sugere a importância que devem ter tido na expressão de adoração no período do N. T..

Em terceiro lugar, podemos notar os hinos confessionais, como Paulo citou em 2 Tm 2.11-13. Este foi composto de quatro séries de linhas duplas sobre o tema do batismo e martírio. O ritmo nos versículos 15 e 16 faz-se notável no original. Kelly acha certo o contexto batismal por causa da frase: "Se já morremos com ele, também viveremos com ele" (v.11).⁵⁰ Neste hino, novamente o elemento de exortação se destaca encorajando o perseguido cristão a contemplar o galardão oferecido e garantido a todos os que perseveram. Eles reinarão com Cristo por causa da sua fidelidade que se marcou nas águas do batismo. Desse modo, o neófito convencido coloca-se definitivamente ao lado de Cristo e separa-se do mundo inimigo.

Um quarto tipo de cânticos são os cristológicos. Nenhum sobressai com mais relevo do que 1 Tm 3.16, introduzido com a frase: "Grande é o mistério da piedade". Este "coro" ou "corinho" de apenas seis linhas contém o cerne da verdade cristã acerca de Jesus Cristo, que foi revelado (encarnado) na carne, mas justificado no Espírito.⁵¹ Os termos "carne" e "Espírito" marcam as duas esferas, mundo e céu. A salvação consiste na união das duas esferas, realizada pela vinda de Jesus ao mundo, Sua morte, ressurreição e exaltação. A pregação entre os gentios (1 Tm 3.16) destaca o senhorio que a exaltação de Jesus Cristo tornou real, um senhorio universal e cósmico.⁵² A adoração que o céu e a terra oferecem ao Senhor confirma que Ele é vitorioso sobre todos os seus inimigos (cf. 1 Pe 3.22). Se separarmos as linhas que dizem respeito "à carne" ([1] foi manifestado na carne, [2] pregado entre os gentios, [3] crido no mundo) das linhas relacionadas com o Espírito ([1] justificado em espírito, [2] contemplado por anjos e [3] recebido na glória), encontraremos um esboço da humilhação e exaltação do Salvador (cf. Fp 2.6-11).

Semelhantes temas sobressaem em 1 Pe 3.18-22. A morte de Jesus e Sua vivificação no Espírito, a pregação aos gentios (no tempo de Noé) e a ressurreição precedem a exaltação no céu "à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos e potestades, e poderes" (3.22). Novamente o cântico enfatiza o descenso e a ascensão do Filho de Deus em humilhação e exaltação. Estas duas passagens, possivelmente citadas por Paulo e Pedro de cânticos familiares entoados na igreja primitiva, têm um paralelo notável no texto de Fp 2.6-11. Este hino⁵³ destaca o descenso voluntário e obediente, que Jesus Cristo experimentou, da majestosa igualdade com Deus à vergonhosa escravidão de um homem crucificado. "Só a camada mais baixa da sociedade — a classe dos escravos — morria por crucificação".⁵⁴ Segundo o intérprete Ernst Lohmeyer, "estas três estrofes (vv.6-8) conduzem-nos, como em um imenso

mergulho, dos mais elevados píncaros aos mais profundos vales, da luz de Deus para a escuridão da morte".⁵⁵

Mas o hino cristológico não permite que Jesus permaneça no infortúnio da derrota aparente. "Deus o exaltou sobremaneira" aponta para uma majestade maior ainda do que aquela cedida, mesmo que aqui não haja intenção de se fazer uma comparação. Diante do Seu nome, num culto ou por ocasião do batismo, serão prestadas, de joelhos, toda honra e lealdade (comp. Is 45.23). Esta exaltação, incansavelmente confessada por aqueles que aceitam as boas novas da salvação, um dia será reconhecida por todos os seres humanos e angelicais. Nenhum ser inteligente escapará da obrigação de dar a Ele a honra merecida "para a glória de Deus Pai" (Fp 2.11).

Não devemos concluir que o canto é uma atribuição apenas de coristas e cantores talentosos que, após muitos ensaios, apresentam melodias harmoniosas e complicadas. A questão não é de o adorador "ter uma voz", mas de "ter um cântico".⁵⁶ Os crentes contemporâneos de Paulo, que encheram as casas para adorar ao Senhor, tinham um cântico que o Espírito lhes dera.

Foi o impulso de adorar ao Pai e ao "Cordeiro" que motivou a inclusão, no Apocalipse, das "proclamações" dos seres vivos e anciãos (4.8, 11). O texto não revela se João escutou a letra com a música ou não. O mais importante é que sejam confessadas a santidade e a grandeza do nosso Deus, Todo-poderoso, eternamente santo (4.8). A música estimula as emoções que, por sua vez, motivam a vontade e a confiança.

Os seres vivos e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro e cantaram o novo cântico: "Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto..." (Ap 5.8, 9). Mas este hino não foi composto somente para o benefício dos seres angelicais. A razão de cantar vem da obra missionária na terra onde todas as tribos, nações, línguas e povos do mundo enviam seus

representantes redimidos pelo sangue do Cordeiro para servirem e reinarem. Seguramente, estas frase não seriam ouvidas no céu apenas por João, mas devem ser repetidas na terra pelos salvos. Não há razão para se duvidar de que os "cânticos espirituais" do Apocalipse foram cantados desde o primeiro século.

Sugerimos que a proclamação "em grande voz" de "milhões de milhões" de anjos, "Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor" (Ap 5.12), tinha seu eco de entusiasmo nas reuniões das igrejas locais em toda a Ásia. Hoje não é diferente. Milhares de jovens brasileiros participam calorosamente do canto deste "corinho". Apesar de hoje serem diferentes o ritmo e a melodia que acompanham esta expressão de louvor, o resultado final deve ser semelhante ao do primeiro século. Música que emana da alma e expressa as profundas emoções espirituais, como também os anseios do coração, é uma oferta digna da adoração em verdade.

No Antigo Testamento, a expressão musical muitas vezes acompanhava a oferta de sacrifícios. "No seu tabernáculo oferecerei sacrifício de júbilo; cantarei e salmodiarei ao Senhor" (Sl 27.6b). Ainda que hoje não queimemos holocaustos, nem degolemos cordeiros para ofertar, nosso louvor deve aumentar à proporção que Jesus Cristo, "nosso Cordeiro pascal" imolado por nós, se torna, para nós, mais valioso do que um animal mudo. Antes de Jesus Cristo, o judeu entregava à morte um bode ou bezerro, para fazer propiciação pelo seu pecado. Hoje, confiando no perfeito sacrifício do nosso Sumo Sacerdote-vítima, devemos oferecer "sempre sacrifício de louvor, que é fruto de lábios que confessam o seu nome" (Hb 13.15).

A música envolve os sentidos, o corpo e a criatividade dos adoradores. Stephen Winwar falou: Tanto em revelação como em resposta, a adoração deve envolver toda a personalidade do homem, o corpo e os sentidos,

pensamentos e palavras, movimento e ação, como também o ouvir e o entender".⁵⁷ Justamente no entusiasmo do cântico e do sacrifício de louvor é que os adoradores podem expressar "com todo seu coração" (Ef 5.19) o que sentem para com o Remidor de suas almas. Se o amor há tempo se esfriou (cf. Mt 24.12), se a tradição e o enfado corroeram o frescor alegre dos adoradores, então a mensagem de Amos para Israel deve dizer respeito a tais cristãos: "Aborreço, desprezo as vossas festas, e com as vossas assembléias solenes não tenho nenhum prazer. Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos; porque não ouvirei as melodias das tuas liras" (Am 5.21, 23). Mais uma vez confrontamo-nos com o fato de que Deus condena a expressão externa do culto, se não há um respaldo de amor e uma íntima aproximação de Deus.

A música harmoniosa deve desafiar a congregação que canta a "esforçar-se diligentemente por preservar a unidade do Espírito" (Ef 4.3). A harmonia musical atrai porque as vibrações sonoras não entram em choques contraditórios, mas se complementam e despertam nossa admiração. As leis que regem a combinação dos tons e compasso do ritmo fornecem uma figura de complementação na diversidade dos membros da igreja que se unem em adoração (1 Co 12.13-26).

Jesus expressou a necessidade relevante de harmonia na oração. "Se dois dentre vós... concordarem (sumphōnēsōsin) a respeito de qualquer coisa que porventura pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai que está nos céus" (Mt 18.19). Nota-se que o termo original de "concordarem" é a raiz do vocábulo "sinfonia", em português.⁵⁸ Para nossos ouvidos humanos, a afinação que destaca a unidade de muitas vozes cantando em ritmo harmonioso obtém o direito de ser reconhecida como bela. O que é essencial à música, também o é à adoração. Inspirado pelo Espírito Santo, Davi ordena "Adorai o Senhor na beleza da santidade" (Sl 29.2). Quando Deus extirpa todas as barreiras na comunhão mútua do povo de Deus, e quando esse povo se aproxima de Deus na santidade de arrependimento e confiança na oferta expiatória de Cristo, a

adoração é caracterizada pela beleza que Deus procura Assim, a música reflete a união que o Espírito proporciona ao Corpo de Cristo.

O poeta Addison disse que "a música é o maior bem que nós, mortais, conhecemos, e todo o céu que aqui em baixo nós temos". Discordamos, evidentemente, porque temos conosco o Compositor, fonte de toda a música que nos conchama para embarcar na viagem em direção à alegria no Senhor. Não levantamos objeção à realidade. "O prazer" de fazer e ouvir boa música que exalta a pessoa do nosso Deus pode ser o motivo mais forte na produção da música evangélica Por outro lado, não sejamos indiferentes ao perigo indicado por Agostinho: "Quando sou mais tocado pela voz do cantor do que pelo conteúdo das palavras cantadas, confesso que pequei".⁵⁹ Sendo que a música, este veículo tão carinhosamente outorgado por Deus ao seu povo, está sujeita a expressões devidas e indevidas, encorajemo-nos a buscar nela mais do que o prazer, mais do que uma bênção. Consideremos como podemos fazer uso digno da música como veículo de louvor, ações de graças e verdadeira adoração.

A Adoração e os Dons

Passando da descrição de adoração em Atos para Romanos e 1 Coríntios, descobrimos que o exercício dos dons do Espírito deve ser encarado como uma expressão de culto a Deus. Somente no caso dos dons serem motivados por amor genuíno pelos irmãos e por Deus⁶⁰ é que podemos encaixá-los no quadro de um culto genuíno, "em Espírito e em verdade".

Paulo lembra aos romanos que a oferta de seus corpos a Deus é um ato de adoração espiritual, se, contudo, esses mesmos corpos estiverem sujeitos ao Cabeça para sentir, profetizar, ensinar, exortar, contribuir, presidir e exercer misericórdia (Rm 12.1-8). Certamente a lista pode ser

estendida para incluir todo e qualquer ministério. A vida do cristão, se não se isolar da família de Deus, nem se separar do próprio Senhor, expressará adoração nas reuniões ou nas atividades do dia-a-dia (veja cap. VII).

A significação dos cultos nos quais a congregação se reunia alcançou relevância particular na concentração de vozes louvando e ensinando juntas, com corações sedentos, aprendendo e aplicando a Palavra. Era uma ocasião apropriada para o treinamento (katartismos, Ef 4.12) dos santos para servirem a Deus dentro e fora das reuniões. Os dons de apóstolo, profeta, evangelista, pastor e mestre cooperam e fecundam no centro do culto para encorajar o bom ajustamento, o auxílio de toda junta e a cooperação de cada parte, o que "efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor" (Ef 4.16).

Edificação seria um dos termos-chaves em 1 Coríntios 14 (vv.3, 4, 5, 12, 17, 26), onde o apóstolo avalia os dons de profecia e línguas. Profetizar quer dizer "edificar, exortar e consolar" (v.3), enquanto que quem fala em outra língua, edifica a si mesmo (v.4). O dom de línguas implica, segundo a orientação apostólica, dar bem as graças (v.17), "pois o que fala em outra língua, não fala a homens, senão a Deus... em espírito fala mistérios" (v.2).

Os visitantes vindos de terras distantes no dia de Pentecoste ouviram os cento e vinte membros da igreja de Jerusalém falando em suas "próprias línguas as grandezas de Deus". Sem entender o que falavam, o significado de suas palavras incompreensíveis visava a exaltação do Senhor e o louvor a Deus. "Pelo exercício dos dons, o culto é transformado numa experiência alegre e responde ao Deus vivente. Neste sentido, a adoração pode ser um testemunho poderoso ao mundo". Esta foi uma das conclusões expressas pela consulta sobre a Obra do Espírito Santo e a Evangelização, patrocinada pela Aliança Evangélica Mundial e pelo Comitê de Lausanne, em 1985, em Oslo, Noruega.

Benefícios imediatos e de longo alcance são alcançados pela igreja que desata as cordas tradicionais que inibem a liberdade do Espírito Santo (2 Co 3.17). Deus criou os dons, e deu-os para Sua igreja, para edificá-la; mas o exercício dos carismas deve ser sempre subordinado ao amor (agapê) (1 Co 13.1-3). Somente o amor edifica (1 Co 8.1), amor que opera por intermédio de pessoas espirituais, dotadas de capacidades específicas para fortalecer a igreja e fazê-la crescer. Nós herdamos alguns rígidos moldes da Igreja Católica Romana que formam a imagem do bom funcionamento de uma igreja. Destaca-se a hierarquia. O líder consagrado dispensa os benefícios para a comunidade como mediador de Deus. Sua posição privilegiada e de poder dentro da organização eclesial nem sempre reflete os interesses divinos. Tornou-se desnecessário e impossível Deus dispensar seus dons como Lhe apraz (1 Co 12.11). O sacerdote adora, os membros da equipe observam e aplaudem ou criticam o desempenho do chefe espiritual.

Creio que podemos confiar que o ensinamento inspirado acerca dos dons foi-nos dado para continuamente rebuscar a verdadeira adoração que agrada a Deus. Como Pai, Deus valoriza a contribuição de todos os Seus filhos, não apenas a do pastor titular. Por isso, "ser membros uns dos outros" (Rm 12.5) envolve o serviço a Deus, com os irmãos servindo-se mutuamente. O culto racional (logikên, "espiritual, genuíno, verdadeiro") agrada a Deus (Rm 12.1), porque corresponde à figura do corpo humano cheio de saúde e vigor. Eis a lista dos carismas que Paulo colocou neste trecho de sua Epístola aos Romanos.

Profecia. O membro que Deus dotou com o "carisma" de profecia deverá exercê-lo "segundo a proporção da fé" (v.6), ou "em correspondência com a fé".⁶¹ Paulo não esperava que cada igreja tivesse somente um profeta, mas que este dom fosse exercido por muitos. Ele escreveu para os coríntios: "Procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente que profetizeis" (1 Co 14.1). Por intermédio do seu exercício, o profeta edifica, exorta, consola (v.3); comunica a vontade do

Senhor, de acordo com toda a verdade bíblica. Encoraja o irmão a cumprir sua missão dentro e fora da igreja, para que assim Deus seja glorificado (1 Pe 4.11).

Ministério (diakonía, "serviço", Rm 12.7; 1 Pe 4.11) é, também, um carisma, um dom de Deus. Todo e qualquer trabalho sacrificial oferecido a Deus, por intermédio do auxílio a irmãos da igreja, é uma forma de adorar. Do mesmo modo que a perseguição da igreja atinge o Cabeça - Jesus Cristo (At 9.4), ⁶² o serviço oferecido aos santos igualmente afeta o Senhor. "Se alguém serve (diakonei), faça-o na força que Deus supre, para que em todas as coisas seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo" (1 Pe 4.11).

Qualquer serviço que beneficia a igreja ou um membro encontra sua motivação no Espírito "que realiza todas estas coisas" (1 Co 12.11). Como o poder saiu de Jesus e curou a mulher que sofria de hemorragia (Mt 9.20ss; Mc 5.25-34; Lc 8.43-48), o poder do Espírito de Jesus incentiva a "diversidade nos serviços" (1 Co 12.5) na vida corporal da igreja.

Jesus viveu o que Ele mesmo afirmou: "O Filho do Homem não veio para ser servido (diakonēthēnai) mas para servir" (diakonēsai) (Mc 10.45). Suas horas todas foram comprometidas em glorificar o Pai, servindo (Jo 17.4). O ministério dos seus seguidores também é reconhecido como adoração, quando motivado pela graça do Servo do Senhor. Assim, notamos que K. Hess reconhece esta verdade ao escrever "O significado neo-testamentário de diakoneō deriva da pessoa de Jesus e do evangelho... um termo que denota a ação amorosa em prol do irmão e do vizinho, e também descreve a operação da koinonia, comunhão"⁶³.

O reconhecimento final deste dom, exercido em nome e para a glória do Senhor, dar-se-á no julgamento futuro. Quem alimenta os famintos, dá abrigo aos desabrigados, roupas e cobertores para os nus, visita os presos e doentes da família de Deus, serve ao próprio Cristo (Mt 25.35s., 40).

Os carismas, tais como profecia e diakonia, não expressam atos de adoração específicos. A, profecia podia tratar de predição, como de fato ocorreu no caso de Ágabo (At 11.28; 21.10, 11), mas em 1 Coríntios inclui uma exortação (também chamado carisma em Rm 12.7) e consolação (1 Co 14.3). Diante do exercício deste dom, esperava-se convicção e condenação do pecado por causa da revelação dos segredos do coração de pessoas presentes ao culto (1 Co 14.25). O ministério abrange o corpo e a vida de cada membro, estendendo-se até a diakonia da igreja como um todo.

Os líderes (domata, "presentes", "dons") que o Senhor exaltado dá para a sua Igreja têm a responsabilidade de treinar e equipar os membros para o pleno desempenho do seu serviço (diakonia, Ef 4.8, 12). Todo tipo de serviço, dentro e fora da igreja, está em vista Paulo, sendo apóstolo, era também servo do evangelho (Ef 3.7; Cl 1.23), servo de Deus (2 Co 6.4) e servo da igreja (Cl 1.25).⁶⁴ Também eram servos (diakonoi) os colaboradores de Paulo (Ef 6.21; Cl 1.7, 4.7; 1 Ts 3.2). O uso do dom estimula outros irmãos a descobrirem e desenvolverem seus carismas. Sendo todo serviço também um meio de cultuar, tanto Paulo como Pedro (1 Pe 4.10, 11) colocam diakonia entre os dons. Seu exercício glorifica a Deus; encaixa-se na ampla visão bíblica de adoração.

3. Ensino (didaskalia). Em terceiro lugar na lista dos dons citados por Paulo, em Romanos 12, encontramos o ensino. Dispensa-se qualquer discussão prolongada, à luz do que já vimos em Atos 2.42. Importa-nos apenas examinar o fator carismático, ou o dom do ensino na adoração. Na Grande Comissão, Jesus ordenou aos discípulos que ensinassem (didaskontes "a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado" (Mt 28.20). Incumbidos de ir e fazer discípulos em consequência da atribuição de "toda a autoridade... no céu e na terra" (v.18) às mãos de Jesus, os apóstolos teriam de formar "escolas" de Deus. Os novatos, recém-matriculados através do compromisso batismal, deveriam receber orientação da parte da primeira geração de discípulos acerca da vida submissa a Deus. Porém, o mais

significativo era a concessão do Espírito - o Mestre incomparável da igreja (cf. João 16.13).

A inauguração da Antiga Aliança foi marcada pela obrigação oferecida por Deus e voluntariamente aceita pelo povo escolhido. Moisés transmitiu ao povo todas as palavras do Senhor (Ex 24.3). Erigiu um altar ao pé do monte Sinai. Ofereceu holocaustos, leu o livro da Aliança ao povo, e declarou: "Tudo o que falou o Senhor, faremos e obedeceremos" (Ex 24.7). A despeito de promessas e ameaças divinas (e. g. Dt 28.30) seguidas pelos apelos dos profetas, Israel desprezou essa Aliança Apesar de Deus ter responsabilizado os pais quanto à obrigação de manter a palavra de Deus no coração e inculcar "estas palavras que hoje te ordeno" (Dt 6.6ss.) aos filhos, de geração em geração, o relato bíblico dos séculos subseqüentes põe em alto relevo as falhas da nação eleita A educação religiosa rapidamente decaiu. Gerações posteriores estiveram mais inclinadas a seguir os moldes dos vizinhos pagãos, em vez de se conformarem aos estatutos de Deus. O livro dos Juízes relata a rápida decadência israelita dos altos ideais declarados nos dias de Moisés e Josué (cf. Jz 21.25).

A visão profética da inauguração da Nova Aliança não exclui o ensino. O Servo Sofredor será, também, Mestre. Não somente Israel, mas terras do mar aguardarão a Sua doutrina (heb. "Torá", Is 42.4). Uma vez que identifiquemos o Servo com Jesus Cristo (Messias), veremos que repartir a Lei para o mundo será uma das suas funções centrais.⁶⁵ Muitas nações buscarão no monte do Senhor a orientação para andar nos seus caminhos, declara o profeta Isaías (2.3),

O Servo receberá o Espírito (Is 42.1; 59.21; 61.1; Lc 4.18) para reparti-lo com seus seguidores. Assim, o Enviado de Deus que recebeu o Espírito sem medida fala as palavras dEle (Jo 4.34). Quando batiza com o Espírito os que nele crêm, estes recebem a capacidade para serem mestres. Concordamos com Spurgeon, que disse: "Não tentarei ensinar a um tigre as virtudes do vegetarianismo. Mas, eu

teria maiores esperanças em fazer isto do que em procurar convencer um homem não regenerado da verdade revelada por Deus a respeito do pecado, da justiça e do juízo.⁶⁶ Torna-se patente que sem o Paracleto, não existe o "dom de ensino". Sem esse carisma, a igreja fica condenada a receber instrução que pode encher a cabeça mas não motiva o coração. O mal do "academicismo", em lugar de sabedoria espiritual (Cl 2.3), caracterizará o povo de Deus.

O dom de pastor-mestre, incluído na lista dos dons juntamente com apóstolos, profetas e evangelistas (Ef 4.11), tem um papel central no desempenho da adoração. Paulo mostra o seu envolvimento "litúrgico" em suas cartas às igrejas de Roma e Colossos. Seu alvo na proclamação do evangelho concentrava-se no alvo de fazer dos gentios uma oferta aceitável, santificada pelo Espírito Santo (Rm 15.16). Cristo, por intermédio do pastor Paulo, tinha conduzido "os gentios à obediência, por palavra" (v.19). Trata-se de um trabalho que envolve o ensino de todos "em sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo" (Cl 1.28). Este ensino, sem dúvida alguma, era transmitido nos cultos nas casas (igrejas) dos cristãos. Temos o exemplo de Paulo em Trôade. Numa casa em que se reuniram os cristãos da pequena cidade, para "partir o pão" (At 20.7), o renomado apóstolo "exortava-os e prolongou o discurso até à meia-noite" (v.7). Não cremos que foi um culto de evangelização, mas de exortação moral e espiritual. Deduzimos que, na ausência de Paulo (ele viajou no dia seguinte, v.7), os membros da congregação que receberam dons de ensino e exortação exerceram estes carismas.

Ainda que o dom de ensino seja imprescindível ao líder que alimenta o rebanho de Deus (Jo 21.15-17; At 20.28; 1 Pe 5.2; 1 Tm 3.2), o privilégio de fazer discípulos é concedido a membros da igreja, que não têm títulos de pastor ou bispo. Os romanos, afirma Paulo, estavam cheios de bondade e de "todo conhecimento", aptos para se admoestarem e ensinarem mutuamente (Rm 15.14). Paulo recomenda que os colossenses permitam que a palavra de Cristo habite

ricamente neles (isto é, "no vosso meio"); "instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria" (Cl 3.16). O contexto que o Apóstolo visava era o culto da igreja de Colossos. Qualquer membro "ensinado por Deus" (Jo 6.45) tinha a feliz responsabilidade de repassar as palavras de sabedoria divina, que produzem crescimento "em tudo naquele que é o cabeça, Cristo" (Ef 4.15).⁶⁷

Dois membros de uma igreja conversavam sobre o culto. Um deles, uma jovem, não achava difícil identificar todas as partes do culto como componentes da adoração, com exceção da pregação. Porém, a mensagem "em toda a sabedoria espiritual", que caracteriza o exercício do carisma, une o auditório numa expressão de gratidão e submissão aos pés de Jesus Cristo.

4. Exortação (paraklêsis). Paulo, com muita razão, acrescenta à lista dos dons a "exortação" (Rm 12.8). O nome que Jesus deu ao Espírito Santo foi Paraklêtos, "Exortador", "Consolador", "Encorajador" (Jo 14.16, 26; 15.26; 16.7). Ao mesmo tempo, João emprega este mesmo título referindo-se ao Senhor glorificado, nosso "advogado" junto ao Pai (1 Jo 2.1).

O dom que o Pai concedeu à Igreja foi o Seu Espírito (At 1.4). O Espírito evidencia os Seus atributos no cuidado mútuo com que os cristãos se tratam. Este tratamento, tal como Paulo o deu aos tessalonicenses ("nós nos tornamos dóceis entre vós, qual ama que acaricia os próprios filhos", 1 Ts 2.7), pode ser um exemplo do exercício do dom de exortação.

A atuação do Espírito, enviado no nome de Jesus Cristo (Jo 14.26), traz glória ao próprio Jesus (16.14). Assim, somos impelidos na direção de reconhecer o exercício deste dom cada vez que um irmão da igreja consegue apelar para seu colega, emaranhado em tentações, tirando-o do lamaçal, para recolocá-lo nos passos de Cristo (Tg 5.20; 1 Pe 2.21).

Convencer pecadores, mesmo renascidos, de erro e transgressão, para em seguida mostrar-lhes "os caminhos em

Cristo" (1 Co 4.17), glorifica ao Senhor de modo tão aceitável (ou até mais) quanto aquele que com seus lábios diz "aleluia" (cf. 1 Co 6.20; Gl 1.24; 1 Pe 4.13, 14).⁶⁸

O carisma de exortar manifesta o poder do Espírito para restaurar o irmão "surpreendido nalguma falta" (Gl 6.1), como também para aconselhar (noutheteō e ser aconselhado (Cl 3.16)).⁶⁹ O contexto em que Paulo pensava, ao escrever estas palavras, era a reunião da igreja para cultuar. Certamente o apóstolo aos gentios ficaria decepcionado com os cultos que realizamos, sem nos preocuparmos em oferecer alguma oportunidade para exortação mútua. "Consideremos também uns aos outros, para nos estimularmos (eis paraxus mon, "provocação", como em At 15.39; 17.16; 1 Co 13.5), ao amor e às boas obras" (Hb 10.24). Em todo caso de adoração verdadeira, o estímulo do Espírito passa de pessoa a pessoa. Por isso, Deus nos anima a não deixarmos de congregar-nos (Hb 10.25), porque, assim fazendo, afastamos do gracioso ministério do Espírito Santo por intermédio dos Seus canais.

A vida de Jesus na terra demonstrou o perfeito exercício deste dom de exortação. Para as casas de publicanos corruptos, como Levi (Mateus) e Zaqueu (Mt 9.9-13; Mc 2.13s.; Lc 5.27s., 19.1-10), Jesus foi um perfeito instrumento para glorificar a Deus. No pouco espaço de tempo que o Senhor compartilhou com eles, suas vidas começaram a refletir esta glória (Lc 19.8-10). Os tradicionalistas denunciaram a confusão que Jesus criava entre o santo e o contaminado, porque não confiavam no poder de Deus. Oficiais judeus que recolhiam os impostos para os romanos estavam longe demais da fonte da graça divina para se tornarem troféus do Seu amor singular. Porém, Jesus mandou que seus críticos procurassem o sentido de Os 6.6: "Misericórdia quero, e não holocaustos; pois não vim chamar justos, e, sim, pecadores" (Mt 9.13). Não sacrifícios animais, mas a recuperação de viciados na avareza pelas riquezas mundanas, compõe o culto que agrada ao Senhor.

Na segunda metade do século XX, deve ficar mais claro ainda que Deus é louvado pelo serviço sacrificial de todos os que oferecem aos pecadores e viciados o "vinde a mim" de Jesus Cristo (Mt 11.28-30). Nos casos de recuperação de toxicômanos, nas prisões, entre prostitutas, criminosos, bêbados e muito mais, o Espírito envia seus "guerrilheiros"⁷⁰, que, pelo testemunho e atos de amor, encorajam os oprimidos e algemados pelo Diabo a mudarem radicalmente.

5. Contribuição (Rm 5.8). Com raras exceções, pensamos acerca das contribuições para o orçamento da Igreja como uma obrigação, não como um dom. Mas nosso texto atribui à prática de compartilhar (gr. *metadidōmi*) a qualidade de um carisma. Isto significa que quem exerce o dom da contribuição não age puramente impulsionado pela vontade humana. Há outro fator dinamizador, o Espírito atuando como Sujeito.

Ao planejar sua ida para Roma, Paulo menciona seu ardente desejo de ver os cristãos, "a fim de repartir (*metadidōmi*) algum dom (*charisma*) espiritual, para que sejais confirmados" (Rm 1.11). Aqui, encontram-se os dois vocábulos, "contribuir" e "repartir" com o termo "carisma". Provavelmente o exercício dos ministérios de ensino, exortação, profecia, todos incluídos nos cultos em Roma, estava na mente do apóstolo. Mas o Espírito forneceria justamente aquele dom que a igreja mais necessitava. Seria, então, esse carisma que Paulo repartiria.

Assim ocorre com o dom da contribuição. Necessidades materiais surgem de vez em quando, como vemos em Atos 11.28. Agabo deu a entender à igreja de Antioquia que "estava para vir grande fome por todo o mundo". A reação natural seria de poupar ao máximo e encher os celeiros e despensas com o necessário para vencer a fome. Mas "os discípulos, cada um conforme as suas posses, resolveram enviar socorro aos irmãos que moravam na Judéia" (At 11.29). O impulso para repartir surgiu no culto em que o profeta falou pelo Espírito, e o mesmo Espírito colocou nos corações

dos membros de Antioquia uma solução para atender aquela necessidade.

O vocábulo *charisma*, composto de *charis* ("graça") e as letras *mas* (que indicam "efeito"), sugere uma tradução literal: "efeito, resultado da graça". Foi a "graça de Deus concedida às igrejas de Macedônia" (2 Co 8.1) que as levou a contribuir para os pobres cristãos na Judéia. Da profunda pobreza e tribulação "manifestaram abundância de alegria" em contribuir, de modo que a oferta "superabundou em grande riqueza da sua generosidade" (2 Co 8.2). Tal magnanimidade teve sua motivação na ação invisível do Espírito. O modelo é visto na encarnação do Senhor, A graça de Deus demonstrou-se de modo mais incompreensível ao oferecer-nos "Seu dom inefável" (2 Co 9.15). "Sendo rico, se fez pobre por amor de vós (nós), para que pela sua pobreza vos tornásseis ricos" (2 Co 8.9). Considerando que foi derramado sobre nós o Espírito de Jesus Cristo, ⁷¹ é de se esperar que essa generosidade se torne uma característica normal, pois que foi concedido a Cristo o direito de reinar em nossas vidas. O fruto do Espírito manifesta-se em nossa bondade e benignidade (Gl 5.22), isto é, em generosidade.

Mas quando se vê em algumas pessoas um desprendimento notável, uma alegria em receber recursos, apenas para repassá-los, depara-se com o dom da contribuição. Por meio da expressão de generosidade, tais membros do Corpo devolvem a Deus o que Ele lhes deu. Dessa forma, transformam o paradigma de adoração (receber, para em seguida dar) em expressão concreta de louvor a Deus. Por isso, Paulo exorta aos romanos a contribuírem com liberalidade (Rm 12.8), se o Espírito lhes concedeu o dom de contribuir.

No mesmo contexto em que Pedro ensina a respeito dos dons (1 Pe 4.10, 11), ele exorta seus leitores a serem "mutuamente hospitaleiros sem murmuração" (v.9). Sendo que as reuniões da igreja primitiva eram realizadas nas casas dos crentes, podemos imaginar com que frequência os menos

favorecidos dirigiam-se a essas casas para os cultos. Por não terem suas próprias casas, os mais pobres deveriam ser acolhidos com prazer nas casas dos mais abastados. Desta forma a hospitalidade tornou-se, então, uma "extensão" do culto.

O autor de Hebreus, junta ao sacrifício de louvor e à confissão do nome de Jesus a "cooperação mútua" e a "prática do bem", sacrifícios que alegram a Deus (Hb 13.15, 16). O ministério de contribuir para atender as necessidades dos paupérrimos é uma expressão de adoração. Seria um sacrifício após a crucificação de Jesus, de "aroma" muito agradável a Deus.

6. Presidência (Rm 12.8). "O que preside (gr. *proistēmi*, "dirigir, governar, administrar") com diligência" (v.8), enfatiza a necessidade de os dirigentes da igreja local não negligenciarem em suas responsabilidades. Para evitar a anarquia nas reuniões, Deus levanta e dota líderes com a graça de serem presidentes ou moderadores. Está em vista a tarefa de planejar, persuadir e conduzir os membros do Corpo a cumprirem os ministérios para os quais cada participante contribui. Uma posição como esta na igreja implica na incumbência de guardar e responsabilizar-se pelas vidas sobre as quais alguém é colocado.⁷²

Se falta o dom de presidir, a igreja pode sentir-se como um barco sem capitão ou uma empresa sem direção. Paulo indica que os presbíteros que presidem bem e se afadigam na palavra e ensino merecem honorários dobrados (1 Tm 5.17). Trata-se do pagamento que os pastores devem receber, desde que trabalhem com dedicação, investindo o seu tempo. Mas, entende-se pelo texto que havia presbíteros que não se dedicavam à palavra ou ao ensino, e por isso concluímos que se comprometeram com a liderança da igreja, de modo comparável à supervisão exercida pelos anciãos numa sinagoga judaica⁷³

Mas, notamos que Paulo refere-se a dom, carisma e não a talento, em Romanos 12.⁷⁴ Assim, a capacitação e a

investidura do líder numa igreja deve ocorrer em consequência à atuação do Espírito Santo. A liderança nos cultos da igreja deve criar um ambiente que afaste o caos carnal e satânico ("Porque Deus não é de confusão", 1 Co 14.33) e dê boas vindas ao ambiente que facilita a adoração genuína (nas palavras de Pedro: "Senhor, bom é estarmos aqui" Mt 17.4). Tendo o dom de presidir, o líder conduz o culto de maneira a evitar divagações, e une as mentes dos adoradores em torno da beleza da santidade de Deus. Conduz os presentes a uma solidariedade e unidade, para que, com um só coração e mente, louvem a Deus no Seu templo. O presidente substitui o Cabeça do Corpo, o próprio Senhor da Igreja. Certamente, se ele não estiver cheio do Espírito, não poderá desempenhar tão importante papel.

Há possibilidade de que a palavra *proistēmi*, incluída por Paulo nesta lista de dons, signifique "preocupar-se", "cuidar", "auxiliar".⁷⁵ Em 1 Ts 5.12, os líderes que trabalham, "vos presidem no Senhor", e *admoestam* devem ser acatados com apreço, e isto apoia a conclusão de que se tratam dos líderes de Tessalônica. Mas, seriam os que contribuíram com donativos para os necessitados (At 6.1-6), ou os presbíteros que dirigiam os cultos (como se fazia na sinagoga)? Somos incapazes de responder, mas isto não influi na tese geral. O dom de presidir ou auxiliar era exercido nos cultos, como expressão da adoração da igreja. Devemos zelar por esse dom nos dias contemporâneos.

7. Misericórdia (Rm 12.8). Pouco resta para acrescentar em torno deste dom que, junto com a contribuição, expressa a compaixão de Deus. À luz da grande misericórdia que Deus oferece aos homens por meio do sacrifício de Jesus Cristo (Rm 15.9; Tt 3.5; Ef 2.4), devemos esperar que Seus servos sejam exemplos de misericórdia no relacionamento com seus próximos. O nosso Deus se manifesta à humanidade como Deus de misericórdia. Ele espera que os que O adoram reflitam Seu caráter compassivo.

Uma vez que o Espírito distribui os dons como lhe apraz (1 Co 12.11), Ele dá a alguns na comunidade o desejo de evidenciar seu amor pelo Senhor, por meio de boas obras e auxílio a pessoas dependentes e deficientes. Deus se agrada com a contribuição motivada pela alegria de dar (2 Co 9.7; At 28.35); portanto, este dom deve ser exercido "com alegria" (Rm 12.8). Quem planeja separar dinheiro para suprir alguma necessidade corre o risco de envolver-se apenas superficialmente na vida do carente. Mas, quem mostra misericórdia simpatiza-se com aquele que sofre e alegra-se com o alívio alcançado (cf. Rm 12.15).

Importa não fazer distinção profunda entre os dons que envolvem a fala (profecia, ensino, exortação, presidência) e os que envolvem serviço (ministério, contribuição, misericórdia), quanto ao seu valor e aceitação diante de Deus. Todo dom que genuinamente expressa o impulso do Espírito agrada a Deus como os sacrifícios de um filho amoroso (cf. todo o Salmo 84).

NOTAS

J. C. Aldrich, *Amizade: A Chave para a Evangelização*, Edições Vida Nova, São Paulo, 1987, cap.5.

Eruditos na pesquisa do N. T. têm desenvolvido o conceito de "Form Geschichte", uma tentativa de identificar o processo em que as histórias e ensinamentos do N. T. poderiam ter sido incorporados aos quatro evangelhos.

No culto apresentado nas Constituições Apostólicas (na Síria) havia duas leituras do A. T. e, aparentemente, duas do Novo; os salmos de Davi eram cantados no intervalo. Após as leituras, vinha uma série de sermões. Cf. R. T. Beckwith, *The Evangelical Quarterly*, "The Daily and Weekly Worship of the Primitive Church", V. LVI, nº3, 1984, p.144.

Cf. O. Cullmann, *Early Christian Worship*, op. cit, p.12. A importância do testemunho sobre Cristo nos livros da Hagiografia (Salmos, Jó, Provérbios e Daniel), fez com que a liturgia dos cristãos não o omitisse, como ocorreu com os judeus.

Justino Mártir, em meados do século II, descreveu o culto cristão da seguinte forma: "As memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas são lidos enquanto o tempo permite; então quando o leitor cessa,

o presidente instrui verbalmente, e exorta os presentes a imitarem estas boas coisas" (Primeira Apologia, 67).

Craig Evans, "Preacher and Teaching some Lexical Observations", *Journal of the Evang. Theol. Soc.*, V.24, nº 4, 1981, p.318.

Batley Smith tem razão quando observa que "muitas pessoas têm usado a Bíblia como o estudante de medicina usa um cadáver. Elas a examinam, dissecam, fazem cirurgias, familiarizam-se com ela e aprendem suas qualidades distintivas. Mas como o futuro médico não pode dar vida àquele corpo inerte, assim tais pessoas nunca recebem em suas vidas a Palavra viva. Elas, de alguma maneira, deixam de lembrar que as pessoas que mais odiavam Jesus foram os estudantes da Bíblia, que tinham as escrituras nos umbrais das casas, amarradas a seus corpos e as citavam para sustentar seus pontos de vista bitolados. *Real Evangelism* (Nashville, Broadman), 1978, p.59, citado em J. C. Aldrich, op. cit

E. D. Schmrztz, "Conhecimento" no *NDITNT*, Edições Vida Nova, São Paulo, Vol.1, 1981, p.481.

H., Bonar, *God's Way of Holliness*, Moody Press, Chicago, 1970, p.79

Howard Marshall, *Atos - Introdução e Comentário*, Edições Vida Nova, São Paulo, 1982, p.84.

O termo *agalliasai* ("júbilo exuberante") prevaleceu na igreja não porque os discípulos lembravam a última Ceia (uma ocasião de grande pesar), mas por causa das manifestações alegres do Jesus ressurreto (cf. Lc 24.30, 36; Jo 21.12ss; At 1.4). Veja R. Bultmann, *TWNT*, V. I, p, 20, onde afirma que se refere à alegria escatológica. O. Cullmann, F. J. Leenhardt *Essayson the Supper*, (Atlanta: J. Knox Press), 1972, p.9.

Peter H. Davids, James, *A Good News Commentary*, Harper & Row Publ., S. Francisco, 1983, p. xxiii.

Assim argumentam Edersheim, Dalman, Strack-Billerbeck e J. Jeremias, *The Eucharistic Words of Jesus*, SCM Press, Londres, 1966.

Cf. R. T. Beckwith, op. cit, p.146. Na próxima seção apresentaremos a sugestão de Cullmann e outros, de que a festa *agapê* originou-se nas refeições compartilhadas com Jesus após a ressurreição.

Ibid., p.146. Os cultos ordinários foram realizados diariamente e a Ceia do Senhor nos domingos, segundo o *Didachê*, 4.2; 14.1; 16.2. Cf. E. Schweitzer, *Church Orderin the New Testament*, F. Clarck, SCM Press: Londres, 1961, p.142. Pode ser que as refeições diárias em Jerusalém refletissem a grande pobreza de alguns irmãos (cf. as viúvas em At 6.1ss.). R. T. Beckwith, op. cit, p.140.

"É a participação mútua da presença do Espírito que resulta na vida participativa (*koinonia*, e é seu poder soberano sem limites que pode tornar eficaz esta união". D. G. Mstrom, op. cit, p.139.

William Barclay, *Palavras Chaves do Novo Testamento*. São Paulo, Ed. Vida Nova, 1985, p.123.

Cf. Hb 13.10, "possuímos um altar do qual não têm direito de comer os que ministram no tabernáculo", refere-se à Ceia cristã.

O. Cullmann e F. J. Leenhardt, op. cit, p.10. Nos Atos de João (caps.106-110) e, Atos de Tome (caps.27; 49s.; 133) descobrimos que na era primitiva a igreja celebrava refeições em que o elemento principal era o pão, sem nenhuma referência ao vinho. Ibid.

O peixe (gr. ichthus) era símbolo primitivo da fé cristã. Cada letra representa uma palavra: Jesus, Cristo, Deus, Filho, Salvador.

A palavra sunalizesthai literalmente significa "tomar sal com alguém". O. Cullmann e F. J. Leenhardt, op. cit, p, 12.

Cf. O. Cullmann, ibid., p.13.

Com certeza foi por este motivo que o Dr. Martyn Lloyd-Jones, em certa ocasião, disse que 1 Coríntios era o livro mais relevante da Bíblia para a vida contemporânea no ocidente. Cf. J. Bayly, Out of My Mind, Tyndale House Publ., Wheaton, 1970, p.26.

Esta frase, freqüentemente mal interpretada, quer dizer: tratar os membros do corpo humano, isto é, com todo cuidado, respeito e solicitude.

W. F. Adeney, "Worship" no Hastings Dictionary of the Bible, T & T Clarck: Edimburgo, 1902, V. V, p.941. A recitação da oração dominical na igreja era obrigatória, segundo o Didachê, 8.2. Cf. E. Schweitzer, Church Order in the N. T, trad. F. Clark, SCM Press: Londres, 1961, p.141. Há também orações pré-estabelecidas para acompanhar a eucaristia no Didachê 9.1, 5.

Cf. R. P. Shedd, Disciplina na Igreja. Ed. Vida Nova, S. Paulo, 1983, p.29.

Cf. A. P. Gibbs, op. cit, p.26.

A ilustração vem de D. G. Bostrom, The Dynamics of Intimacy with God, Tyndale House Publ., Wheaton, 1983, p.16.

D. G. Bostrom, op. cit, p.14.

D. G. Bostrom, op. cit, p.17.

Conheço um pastor que criou o hábito de interceder por todos os membros da igreja que ele lidera. Ele compreende que a oração é comparável a um triângulo em que o cume representa Deus; o ângulo direito, o intercessor; e o ângulo esquerdo, o seu irmão. Se todos os membros da igreja orassem pelo pastor, e o pastor por todas as ovelhas poder-se-ia esperar que a comunhão da igreja mostrasse muito fruto do Espírito (Gl 5.22s.)

Citado em "What Should be our lifestyle in these Last Days", Discovery Papers, Pato Alto, Califórnia, 18 de novembro, 1984, p.2.

Ainda que a versão de Almeida Revista e Atualizada tenha a minúscula (o grego não ajuda aqui), seria mais correto a maiúscula. Não é um "espírito" qualquer, mas o Espírito Santo que recebemos.

Em Romanos 8.18, o Espírito nos leva a clamar: Aba, Pai. Em Galatas 4.6, Ele mesmo clama através de nossa mente e língua. Unem-se

o divino e o humano para fazer da oração um ato natural e eficaz. A. Murray, *The Prayer Life*, Zondervan: Grand Rapids, sem data, p.61.

Não esqueçamos que "a santificação que precisamos compartilhar... é perfeitamente alcançada em Cristo". H. Bavinck, em *Our Reasonable Faith*, 1956, citado em *The New Life*, p.175.

Cf. *ibid.*, p.174. O "status" de uma pessoa não modifica sua condição, nem vice-versa.

B. Ramm, *Them He Glorified*, Eerdmans: Grand Rapids, 1963, citado em *The New Life*, p.209.

Veja R. P. Shedd, *Escatologia do N. T.*, Ed. Vida Nova, 1983, p.20.

R. P. Shedd, *Tão Grande Salvação* ABU: São Paulo, 1979, p.59.

Esta terceira petição não aparece em Lc 11.2, possivelmente porque o significado realmente foi incluído no pedido anterior. "Venha o teu reino".

Para uma discussão mais extensa deste pedido, veja p.118,

W. Lock, "Hymn" HDB ii, 1899, pp.440s., *Epistle to the Ephesians*, 1929.

J. B. Lightfoot *The Epistle to the Colossians*, 1879 ad loc.

Ibid....

Cf. J. B. Lightfoot e R. P. Martin, "Aspects of Worship", *Vox Evangélica* II, 1963, p.11

Christian Worship in the Primitive Church, 1934, citado em R. P. Martin, *Vox Evangélica*, op. cit., p.7.

Cf. P. T. O'Brien, *Word Biblical Commentary on Colossians, Philemon*, Waco, Texas., 1982, p.210.

Veja a evidência em R. P. Martin, *Vox Evangélica*, pp.19, 20.

Ibid., p.20.

J. N. D. Kelly, *1 e 2 Timóteo e Tito*, Série Cultura Bíblica, Ed. Vida Nova, São Paulo, 1983, p.167.

Note a paráfrase do v.15, dada por Kelly: "A revelação salvífica que subjaz a fé e vida cristãs, e que nelas acha expressão", op. cit., p.89.

R. P. Martin, *Vox Evangélica*, op. cit., p.25.

53. Cf. R. P. Shedd, *Alegrai-vos no Senhor*, Ed. Vida Nova, S. Paulo; e R. P. Martin, *Filipenses, Introdução e Comentário*, Série Cultura Bíblica, Ed. Vida Nova, 1985, pp.104-116.

54. Segundo Cícero, *Pro Rabirio* 5: 10, citado em R. P. Martin, *ibid.*, p.113.

Kommentar, p.86, citado por R. P. Martin, *Ibid.*, p.113.

D. P. Hustad, *Jubilate*, (São Paulo, Edições Vida Nova), 1986, p.82.

Citado em D. P. Hustad, *Jubilate*, op. cit., p.81.

Compare a discussão em K. Bailey, *A Poesia e o Camponês*, Ed. Vida Nova, São Paulo, 1985, pp.239S.

D. P. Hustad, op. cit

D. G. Peterson, *Further Reflections...*, op. cit, p.38.

NDITNT, op. Cit V. I, p.52. Cf.1 Pe 4.11.

J. A. T. Robinson e Seyoon Kim, tem argumentado que a união entre o Senhor ressurreto e a igreja que Paulo perseguia produziu esta visão da igreja como corpo de Cristo. Cf. R. P. Martin, *The Spirit and the Congregation*, Eerdmans, GrandRapids, 1984, p.23.

NDITNT, vol IV, p.451.

Ibid., p.452.

W. D. Davies, *The Sermon on the Mount*, Cambridge Univ. Press, Cambridge, 1966, p.38.

All-around-ministry, p.322.

Cf. H. L Green, citado por J. S. Woodroof, *O Aroma de Cristo, Vida Cristã*, São Paulo, 1981, p.21: "O Conceito do Novo Testamento é alcançar os homens onde se encontram no mundo, ganhá-los para Cristo e devolvê-los à casa de Deus como adoradores. A igreja deve deixar de evangelizar a si mesma e começar a evangelizar o mundo".

Cf. Antônio Gonçalves, *As Igrejas e os Dons*, São Paulo, 1981, p.84.

Cf. R. P. Shedd. *Disciplina na Igreja*, op. cit, pp.25-28.

J. S. Woodroof, op. cit, pp.16, 23.

Nota-se que o Espírito de Cristo é o Espírito de Deus, cf. Rm 8.9.

L Coenen, NDITNT, v.1, pp.304, 305.

Cf. J. N. D. Kelly, *1 e 2 Timóteo e Tito*, Série Cultura Bíblica, op. cit, p.118.

Em 1 Coríntios 12.28, Paulo incluiu "governos" (kubernēseis, da mesma raiz, kubernetes, "piloto", "mestre de navio"; At 27.11, ARA), que seguramente corresponde aos dirigentes no texto de Romanos.

Veja o Léxico do N. T., F. W. Gingrich e F. W. Danker, Ed. Vida Nova, 1984, p.176. *A Greek English Lexicon of the New Testament*, W. F. Arndt e W. F. Gingrich, Univ. of Chicago Press, 1957, p.714.

CAPÍTULO VII

OS EFEITOS DA ADORAÇÃO

Introdução

Se alguém nos perguntasse a razão de os cristãos passarem tantas horas preciosas sentados nos templos, cantando, orando e ouvindo mensagens, teríamos uma resposta fácil: Deus ordena que O adoremos. À luz do preço infinito da salvação pago na cruz, todo sacrifício de tempo, dinheiro e esforço físico sempre será pequeno. A gratidão dos filhos de Deus pela adoção e co-herança com Cristo não permite medir esforços. Adoramos a Deus porque o amamos e cremos firmemente que Ele deseja nossas fracas tentativas de expressar nossas ações de graça e dedicação.

Mas, adorar tem um valor extra. Com muita razão, um escritor desconhecido disse: "A adoração transforma o adorador na imagem do deus diante do qual ele se curva". Esta consequência precisa ser cuidadosamente focalizada.

Se alguém fizer do dinheiro seu deus, para ele as pessoas serão desvalorizadas em prol da ganância. Paulo advertiu Timóteo: "Os que querem ficar ricos caem em tentação e cilada... as quais afogam os homens na ruína e perdição" (1 Tm 6.9).

Se uma outra pessoa tiver a saúde e o bem-estar do corpo como seu deus, ela trocará o culto cristão por uma praia, montanhas e clubes. Suas economias financiarão a compra de vitaminas e alimentos saudáveis. Livros que orientam os leitores acerca de cuidados com o corpo físico substituirão a Bíblia. Os adeptos desta forma de pensamento mudarão assim a afirmação do apóstolo Paulo: "O exercício físico para

tudo é proveitoso, mas a piedade para pouco é provei tosa...
"(cp.1 Tm 4.8)!

Se alguém elevar sua família ao trono supremo e perante ela se curvar, certamente será despedaçado pelas vontades divergentes e conflitantes que ali florescerão. Não foi apenas de forma teórica que Jesus declarou: "Ninguém pode servir a dois senhores" (Mt 6.24). "Senhor" (gr. kurios) quer dizer "dono de escravo" e também significa um ser divino: "... há também alguns que se chamem deuses, quer no céu, ou sobre a terra, como há muitos deuses e muitos senhores, todavia para nós há um só Deus... para quem existimos, e um só Senhor... " (1 Co 8.5, 6). Qualquer que seja o deus que cultuamos, dele aprenderemos como viver. Assim, J. B. Phillips alerta-nos para os efeitos de uma adoração voltada para um "senhor" deste mundo.

Uma vez que a maioria das pessoas não adora ao Deus verdadeiro, não é de admirar que os valores se encaixem na seguinte deturpação das bem-aventuranças:

"Felizes são as pessoas petulantes e atrevidas, pois delas é o progresso na vida.

Felizes são os insensíveis, pois nunca permitem que as coisas da vida lhes afetem.

Felizes são os estúpidos, pois nem se apercebem dos erros que cometem.

Felizes são os que dirigem com prepotência, pois assim é que obtêm bons resultados dos outros.

Felizes são as pessoas instruídas, pois sempre conseguem sair bem em qualquer situação.

Felizes são os valentões, pois, só pela fama que criam, todo mundo já os trata com cuidado. "¹

Mas fica assentado que à medida que a adoração é verdadeira e oferecida pelo Espírito ao único Deus, haverá efeitos provocados pelos benefícios dessa comunhão. Eis alguns:

1. Segurança

O primeiro benefício que o culto em espírito e em verdade trará ao adorador deve ser a segurança íntima. Crianças inseguras dependem de cobertores, chupetas e outros meios para substituir os braços maternos que lhes apertam contra o peito, e que na realidade são insubstituíveis.

Todos nós encaramos a incógnita da vida. Não podemos prever os acontecimentos de um dia e, muito menos, de um ano ou uma década. Criam-se a insegurança e a ansiedade que podem paralisar o homem que não se firmou no Senhor. O autor dos Salmos 42 e 43 acredita que se ele pudesse restabelecer a sua comunhão com Deus o desespero desvaneceria (42.5). Antes ele acompanhava a multidão até a casa de Deus; liderava a procissão de adoradores até os átrios do Senhor com alegria, gratidão e festejos (42.4). Mas algo desconhecido interveio para afastá-lo do Eterno Conforto (vv.1, 2), causando um inevitável desespero psicológico que se apoderou dele.

Clama ao Senhor pelo envio de sua luz e verdade, que o conduzirão até ao monte santo e às habitações do Infinito (43.3). "Então irei ao altar de Deus, de Deus que é a minha grande alegria. " (v.4).

Estes salmos (42 e 43) apontam especificamente para a adoração real como a solução para a insegurança que todos enfrentam no desencadear dos acasos, num futuro desconhecido. À luz desta necessidade que todo ser humano tem, deve-se conclamar os adoradores, repetidas vezes, em cultos dos mais diversos, a uma fé viva no Deus Todo-poderoso que faz com que todas as coisas cooperem para o bem daqueles que O amam (Rm 8.28).2

A adoração edifica a fé sobre a Rocha divina que opera em todos os acontecimentos segundo o propósito de Sua vontade (Ef 1.11). Se a pequena fé do pai daquele jovem

posseio não foi fortalecida no convívio com os nove discípulos ao pé do monte da transfiguração (Mc 9.18, 19, 22), ela foi mais do que robustecida pela conversa com Jesus (v.24). Assim acontecerá conosco. Os desafios da vida cortam-nos as pernas e machucam nossos pés. Onde haverá um terapia que levante nossos olhos para o horizonte e nos faça andar confiantes e esperançosos? A resposta bíblica sempre será: "Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele, e o mais ele fará" (Sl 37.5).

"Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento, reconhece-o em todos os teus caminhos e ele endireitará as tuas veredas" (Pv 3.5, 6).

Esta realidade foi ilustrada de maneira cintilante por uma carta escrita num pedaço de papel de embrulho encontrado numa lata vazia de fermento amarrada na alavanca de uma bomba de água, no meio do deserto da Califórnia, nos E. U. A. Assim rezava aquela carta

"Esta bomba de água está boa neste dia de junho de 1932. Coloquei um anel de couro novo nela, e deve funcionar bem durante, pelo menos, cinco anos. O anel, porém, seca-se e a bomba necessita de água para funcionar. Embaixo da pedra branca enterrei um frasco de água longe dos raios do sol. Há água suficiente para a bomba, mas não se você tomar um gole primeiro. Derrame um quarto da água no anel até molhá-lo bem. Depois, despeje o resto dentro da bomba, levantando e abaixando a alavanca repetidas vezes com toda sua força. A água sairá, pois o poço nunca secou. Tenha fé. Depois de pegar toda a água de que precisa, encha o frasco e coloque-o novamente onde o encontrou para a próxima pessoa que chegar. (Assinado) Pedro do Deserto. P. S. Não cometa a asneira de beber a água primeiro! Use-a na bomba e receberá tudo de que precisa".

Assim como era necessário ao viajante sedento confiar nessas instruções de Pedro, o adorador investe seu precioso tempo e esforço para participar do culto. Mas recebe multiplicados retornos em forma de confiança íntima (cf. Fp 4.7).

2. Comunhão e Reconhecimento Mútuos

O segundo efeito de uma adoração bíblica, conforme o coração de Deus, será a comunhão mútua na família de Deus. Um casal cristão, sofrendo de incompatibilidade de gênios, poderia assistir ao concerto de uma orquestra e arrepiar-se com a beleza e a força da música, mas os problemas de relacionamento em pouco ou nada melhorariam. Por outro lado, quando se elimina a distância entre a alma e o Criador, as pessoas aproximam-se umas das outras.³

Já vimos em Atos 2 e 4, 1 João e Mateus 25 que conhecer Jesus Cristo implica no reconhecimento dos que a ele pertencem. Adorar o Pai estimula a apreciação pelos "filhos". Se este não é o resultado do culto prestado pela igreja, pode-se concluir que ele não é verdadeiro, mas espúrio, uma simples forma sem essência. "Dá para todos", disse Agostinho, "para garantir não passar de lado ao próprio Cristo." ⁴

3. Santificação

O terceiro efeito notável que o contato com Deus produz é a busca da santificação. Sentimo-nos tão incomodados ao tomar conhecimento dos nossos deslizes morais e falhas espirituais na presença do único Deus santo, da mesma forma como nos sentiríamos usando roupas imundas, rasgadas e malcheirosas, na sala do trono, diante de um rei.

Isaias 6 é uma das passagens mais apreciadas sobre a adoração. A convicção de pecado do profeta é inesquecível. "Ai de mim! Estou perdido!" (v.5) revela o desespero que deve ser normal a pecadores que se encontram na presença de Deus.⁵

A mulher de Samaria sentiu essa perturbação na presença do Homem que lhe revelou tudo que tinha feito" (Jo 4.39). Não quis, por isso, abafar nem esquecer a terrível imagem de sua pessoa real (Tg 1.23, 24). Quem tem a coragem de se colocar de joelhos diante do espelho da perfeita lei do Senhor o faz porque sentiu a liberdade, ou mesmo o alívio de ouvir, como aquela outra mulher pecadora, as belas palavras de Jesus: "Eu te digo, seus pecados, que são muitos, estão perdoados" (Lc 7.47). Cristo toma-se doce justamente na medida em que nosso pecado se toma amargo para nós.⁶

O desejo ardente de receber a lavagem que afasta nossa culpa, como ocorreu com Pedro na noite em que Jesus foi traído (Jo 13.9, 10), e a busca da santidade são conseqüências da aproximação de Deus, no Espírito. Por isso, o profeta Isaias recebeu com alegria a brasa do altar celestial que, no momento que purificou a iniquidade dos seus lábios, também os purificou para disseminar o recado que Deus desejava que seu povo ouvisse (Is 6.7, 9). Desse modo, o culto deve fazer-nos parar de usar a língua para mentir, xingar ou murmurar (Ef 4.29, 31). Uma língua oferecida inteiramente a Deus somente emite palavras "boas para edificação" (v.29); fala a "verdade em amor" (4.15). Se, como foi dito há muito tempo, "a única intolerância de Deus é o pecado", será impossível ficarmos tão cheios de auto-satisfação diante das evidências que uma consciência bem instruída pela Palavra nos fará ver, quando vivemos realmente na presença de Deus. Se a "regeneração é a fonte, a santificação é o rio".⁷

4. Visão Transformada

O homem que normalmente vive na presença do único Deus terá sua visão do mundo mudada. Aos poucos, enxergará tudo do ponto de vista divino. "A capacidade de pesar todas as coisas na balança de Deus e dar a elas o mesmo valor que Deus dá é a marca da vida cheia do Espírito". Disse A. W. Tozen "Quando olhamos para a superfície, apenas para o presente, e não visualizamos o significado central nem o efeito eterno, demonstramos nossa comunhão superficial com Aquele que 'em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia' (Hb 12.2)".

A pessoa que examina a realidade à sua volta, fica contente ou triste pelo que vê. Mas será que o seu gozo é compartilhado com o Rei do Universo que está vendo estas mesmas circunstâncias e fatos? Judas viu o recipiente de bálsamo partido e o conteúdo despejado. Sua visão defeituosa não permitiu que se alegrasse com Jesus nesse ato de amor (Jo 12.5-8). Paulo e Silas aparentemente tinham tudo para ficarem revoltados e tristes na prisão de Filipos. Mas, surpreendentemente, a visão que haviam obtido pela constante comunhão com Deus só deu motivos a louvores (At 16.25). O resultado da íntima comunhão com Deus cria o desejo de colocar a honra de Deus acima da própria segurança física. A. W. Tozer disse: "Toma-se mais desejável ser santo do que ser feliz".

5. Evangelização

O quarto efeito de um culto digno do Senhor será o desejo crescente do adorador de ser testemunha de Jesus Cristo e arauto das boas novas acerca dEle. O Mestre convidou os discípulos a seguirem-no (Mt 4.19; Mc 1.17; Lc 5.10), mas os enviou sem obrigá-los a ir. "Ser-me-eis testemunhas em Jerusalém, Judéia e Samaria e até aos

confins da terra" (At 1.8). O propósito de Jesus para aqueles homens rudes e simples realizou-se pela comunhão (Mc 13.14) e pela concessão do Espírito Santo (At 1.8). Dessa forma, o Senhor deixou muito claro que a comunhão com Ele e o poder que dEle se originava motivaria toda a realização da tarefa missionária. Se as igrejas evitam a comunhão permanente com o Arquiteto da Igreja (Mt 16.18), não é de se admirar os erros que os "mestres de obras" cometem. Nem deve-se estranhar a facilidade com que os trabalhadores desistem da obra ainda tão longe do término.⁸

A adoração é a chave de ouro que motiva a evangelização. Os seres viventes e os vinte e quatro anciãos cantam o novo canto porque reconhecem a dignidade do Cordeiro que comprou com seu sangue os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação (Ap 5.9). Aqui na terra há um reflexo deste cântico em nossos cultos, mas freqüentemente são palavras expressas com pouco amor e sem o estímulo do Espírito Santo.

6. Preocupação com a Alegria de Deus

Um efeito deve ser almejado acima de todos os outros. Diz respeito a Deus, não principalmente a nós. Deus procura verdadeiros adoradores que O glorifiquem. Se O adoramos de acordo com suas normas, ele se alegra (Cl 1.10; cf. Lc 15.32). "Porque dele e por meio dele e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente" (Rm 11.36).

A única maneira de verificarmos se Deus agradou-se de nosso culto é conhecê-lo tão bem, a ponto de não haver possibilidade de erro. Jesus, e não os judeus, agradou sempre ao Pai porque Ele O conhecia, mas eles não (Jo 8.29, 55). Se nos apegarmos à verdade revelada na Bíblia até ao ponto de "habitar-mos" (gr. *menō*, "permanecer, residir") na sua palavra (Jo 8.31), certamente chegaremos a conhecer melhor a Deus.

Para conhecer bem um homem, tomam-se necessários contatos maiores do que aqueles que, normalmente, um carteiro tem. Mesmo o convívio com um colega da escola ou da fábrica não proporciona a oportunidade de penetrar profundamente além da casca de um homem complexo.

Somente um filho ou a esposa pode reivindicar que conhece bem a personalidade do pai ou do marido. Ademais, um ato realizado por um filho de um ano de idade pode suscitar prazer ao pai, mas se a mesma ação for praticada pelo mesmo filho, cinco anos depois, decepciona e irritará o pai. Isto não acontece pelo fato de o pai precisar de estabilidade mental, mas unicamente porque espera que a passagem dos anos produza maior maturidade. Thomas Watson falou a verdade, afirmando que "a santificação é progressiva; se ela não cresce é porque não vive".⁹

Assim também se deu no relacionamento de Jesus com seus discípulos. Eles começaram sua caminhada em plena ignorância (Jo 1.35-39, 46). Incrivelmente, após uns dois anos ainda viam a realidade espiritual de maneira cega, como gatinhos recém-nascidos (Mc 8.18). Seus ouvidos eram comparáveis aos de um velhinho que não capta o que se passa ao seu redor (Mc 8.18). Seus corações tinham mais em comum com um coco seco do que com o órgão no peito que faz circular o sangue (Mc 8.17). Esta péssima nota que Jesus deu a seus alunos não quer dizer, de forma alguma, que ele não se agradou com a decisão que tomaram de segui-lo. Sem dúvida, após aqueles dois anos (cf. Mc 8), entendiam bem mais do que nos primeiros dias. Mesmo no fim da jornada em que os discípulos foram chamados de amigos (e não escravos), porque "tudo que ouvi do meu Pai vos fiz conhecer" (Jo 15.15), Jesus falou da vinda do Espírito que os guiaria a toda a verdade" (Jo 16.13). Um conhecimento profundo e atualizado é resultado unicamente de um convívio íntimo e contínuo com Deus.

Mesmo os que dirigem os cultos deixam de perceber que a maioria dos cristãos passa seus anos sem jamais parar

para perguntar se Deus está satisfeito com o culto a Ele oferecido. Como os fariseus contemporâneos de Jesus, compararam-se mutuamente. O resultado: nada para agitar ou modificar o "status quo"! São como crianças, que, num dia muito frio, param na calçada para desenhar com os dedos numa vitrina embaçada. Que susto têm quando, de repente, vêem através de seus desenhos alguém que os observa (cf. Hb 4.12, 13)! "Com seus lábios me honram, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me adoram..." (Mc 7.6, 7).

O que faltou à comunidade religiosa da Palestina, na época de Jesus, não falta aos que são instruídos pelo Espírito. Estes são capacitados pelo Revelador celestial a unir realidades espirituais a palavras espirituais (1 Co 2.13). Enquanto o homem natural não alcança mais do que a forma, o ato religioso em si, o homem aberto à revelação divina "avalia todas as coisas" (1 Co 2.15). Em outras palavras, adorar pelo Espírito, requer a mente de Cristo (compare Fp 3.3 com 1 Co 2.16). Com essa mente, pode-se saber se o culto agrada e glorifica a Deus. A. J. Gossip descreveu a adoração como "o ato de pensar de forma magnífica em Deus". Os Salmos 95-97, 145-150 refletem tal maneira de pensar. Podemos acompanhar o salmista na sua exaltação do Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo? Podemos afirmar que "a adoração vale mais do que o serviço, e o Rei mais do que os negócios do Rei"?¹⁰

Quando a adoração realmente acontece, duas pessoas se aproximam, sendo a primeira Deus, em sua majestosa perfeição, e a segunda, um pecador cansado pela futilidade de suas ambições não alcançadas. O profeta Isaías relata o caso em que Judá, sob a má liderança do rei Acáz, "regozijava-se" na segurança do apoio militar de Rezim. Deus disse a Isaías que não caminhasse pelo caminho daquele povo antigo (8.6, 11). Isaías não devia temer o que Judá temia

"Ao Senhor dos Exércitos, a Ele deveis atribuir santidade. Ele será o seu temor. Então ele será um santuário... " (v.13).

A adoração deve reconcentrar nossas preocupações em Deus, desviando-nos das circunstâncias ao redor. Por Deus ser o supremo valor, de que valerão os "bons" ou "maus" acontecimentos que nos assediam? Tozer declarou: "Quem tem Deus e mais nada não tem menos do que o homem que tem Deus e tudo mais". Enquanto não adorarmos da forma verdadeira, esta frase apenas será uma frase bonita. Um dos efeitos mais notáveis da convivência com Deus será sempre o que Paulo expressa nestas palavras: "Para mim o viver é Cristo" (Fp 1.21). Agostinho falou uma grande verdade ao afirmar: "Deus encontra prazer em nós quando encontramos prazer nEle".¹¹

NOTAS

Op. cit, pp.79, 80.

Thomas Watson, A Divine Cordial, Sovereign Grace Book Club: Evansville, 1959.

Ouve-se sobre divórcio entre crentes, mas é muito raro haver separação entre um casal que mantém uma vida de adoração incessante, no altar (cf. Rm 12.1).

Em Gathered Gold, op. cit, p.112.

W. J. Oumbrell, "Worship and Isaiah 6", Reformed Theological Review, xliii. nº 1, 1984, p.6, afirma que o verdadeiro culto é o reconhecimento correto do governo divino sobre a nação e o mundo.

Veja J. Flavel, em Gathered Gold, op. cit, p.52.

J. Sidlow Baxter, Gathered Gold, op. cit, p.147.

Ainda metade da população do mundo está carente de um conhecimento adequado da essência do evangelho.

Em Gathered Gold, op. cit, p.145.

J. Blanchard, op. cit, p.341.

Em Gathered Gold, op. cit, p.40.

CAPÍTULO VIII

EXEMPLOS DE ADORAÇÃO

Introdução

As Sagradas Letras são o nosso manual de adoração. Nelas descobrimos a revelação única de Deus - o princípio e o fim de tudo o que existe. Nelas deparamos com o essencial na adoração e com a distinção básica entre a forma e a realidade.

Neste capítulo, desejamos contemplar exemplos bíblicos de adoração. Limitados pelo espaço e pelo tempo, escolhemos apenas seis. Há dezenas de exemplos, e esperamos que o caro leitor se anime a descobri-los e possa neles meditar.

A. Salmo 96: Modelo de Adoração

Não podemos afirmar, com precisão, quem compôs esta peça de tão rara beleza e fervor espiritual. Basta meditarmos por alguns instantes para sentirmos o Espírito impulsionando-nos da periferia do círculo de adoradores para o centro, onde fica o trono majestoso de Deus, onde nos colocamos extasiados.

1. O Convite (vv.1-6)

O salmista nos conclama a cantarmos um cântico novo. Por que cantar? Não existe, dentro de nosso alcance, outro veículo de comunicação comunitária tão emocionante ou tão impressionante. Vozes entoando em sinfonia, não a tragédia

de uma ficção operística, ou o compasso de um cortejo fúnebre, mas a exaltação da humanidade em comício, apresentada ao Candidato único e digno de todo nosso louvor! (v.8).

O cântico deve ser novo, pois a adoração pode perder seu brilho se a ferrugem das ações de graça rotineiras não forem constantemente renovadas sob a orientação do Espírito. A repetição de frases milenares toma-se algo enfadonho. Um novo cântico abre a visão da glória do paraíso (Ap 5.9). Temas desgastados pela repetição acabam como apontamentos de aula, transferidos da apostila do professor para o caderno do aluno, sem penetrar na mente de nenhum deles!

Quem deve juntar-se ao coro de louvor? O autor convida todas as terras (v.1). Enquanto existir um povo ou mesmo um único homem que não reconheça que Deus é digno de receber toda a glória, o culto será incompleto. A extraordinária exaltação de Jesus garante que um dia todos dobrarão os joelhos e confessarão o senhorio de Jesus, para a glória completa de Deus Pai (Fp 2.9-11). Aqui deparamos com a motivação para que toda igreja local rogue "ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara" (Lc 10.2). Assim, exorta-se: "... anunciai entres as nações a sua glória" (v.3).

Vemos um tema duplo neste cântico de adoração. Primeiro, a majestade soberana de Deus (v.4); segundo, o salmo enfatizando seus atos salvíficos e maravilhas (vv.2, 3). O Criador não está afastado da criação, mergulhada no desespero de sua iniquidade. Ele manifesta entre todos os povos as suas maravilhas, terríveis como terremotos na China ou no México, como furacões nas ilhas do Caribe e na América do Norte, como a seca na África e as inundações em Bangladesh. Contudo, ficamos ainda mais maravilhados diante da formação de uma criança no ventre da mãe (Sl 139.14) ou a passagem das estações do ano, que estimulam a produção agrícola. Para os israelitas contemporâneos do escritor deste salmo, a maravilha maior foi aquela que

emancipou o Povo Escolhido da escravidão no Egito. Para nós, no século XX, a maior maravilha foi aquela que Deus operou, levantando Seu Filho do túmulo e destruindo as cadeias do pecado e da morte (Gl 4.4-6).

O salmista salienta, ainda, a grandeza de Deus (w.4-6). Pleno de poder, o Senhor que adoramos não pode ser comparado com os deuses "que nada são" (vv.4, 5). Sua grandeza inspira temor. Quem teria coragem de aproximar-se de um Ser de tamanha importância?!

Ele criou os céus (v.5) e milhões de sóis flamejantes que cintilam nas inimagináveis distâncias do universo. É uma glória fulminante e majestosa que ultrapassa infinitamente a imaginação dos homens. No lugar onde Ele habita, poder e beleza, força e formosura jamais se dissipam.

2. Como Adorar (vv.7ss)

A expressão "tributai ao Senhor glória e força" chama a nossa atenção para o elemento central na oferta a Deus. "Glória", no hebraico, traduz a palavra kabod, "peso, valores reconhecíveis", tais como: ouro, gado, posses. "Força" (heb. 'oz) aponta para segurança, ousadia, majestade, aquilo que prevalece. Deus compartilha conosco Sua glória e força Suas posses ("ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém" Sl 24.1), mas também deseja nossa gratidão que deve ser expressa pela prestação de glória e força, através dos nossos lábios e mãos (Hb 13.15, 16). Trazei oferendas", ordena o escritor sagrado, não porque Deus sente falta de nossas ofertas, mas porque elas comprovam nosso amor. "É possível dar sem amar", disse R. Braunstein, "mas é impossível amar sem dar".¹

O manual divino convida-nos a adorarmos (heb. shâchâ, "prostrar-se, rogar humildemente, tomar posição de escravo") na beleza da sua santidade (v.9). Porém, não há nenhum atributo tão assustador para o pecador como a santidade de

Deus.² Todo adorador humano é pecador. Como obterá ele uma visão da natureza essencial de Deus, que possa classificar como bela? Unicamente se o adorador tiver certeza de que seus pecados foram perdoados (Sl 51.7; 103.12; 1 Co 1.30; 2 Co 5.21).

Em quarto lugar, a adoração desafia-nos a praticarmos o que aceitamos pela fé. Com a boca declaramos que o Senhor reina (v.10). As nações, em geral, têm uma vaga noção da declaração cristã: "Deus é o Rei supremo". Mas ainda falta nos apropriarmos inteiramente daquilo que temos declarado. Se Deus reina, onde estão os seus "policiais" para que combatam os crimes cometidos contra a Sua soberana vontade, tais como: aborto, drogas, racismo, desonestidade, mentira, indústrias de bebidas alcoólicas e fumo, despachos de macumbeiros e a ignorância tão espessa acerca dos decretos do Senhor?

Onde estão os embaixadores do Senhor (cf. 2 Co 5.20) que dizem às nações que Ele "Vem julgar a terra"? (v.13). De certa forma, os sinais da bondade de Deus ("ele firmou o mundo para que não se abale... alegrem-se os céus e a terra exulte; ruja o mar... folgue o campo e tudo o que nele há", vv.10-12) são mencionados para incentivar a humanidade a preparar-se para o julgamento.

Quando realmente se adora, espera-se que o adorador veja a fidelidade divina marcando todas as facetas da criação. Mas a visão precisa ser elevada da periferia para um futuro escatológico. O dia do Senhor virá quando o Juiz de toda a terra "julgará o mundo com justiça" (v.13).

Concluimos com uma breve observação: os salmos, especialmente os salmos de louvor, servem perfeitamente para nos orientar nos desafiantes passos da adoração. "Pelo fato de sermos a invenção de Deus, segue que todos nossos problemas e suas soluções são teológicos", afirmou A. W. Tozer.³ Urge, portanto, procurar a orientação da Palavra para conhecer e servir bem ao Senhor.

B. Enoque (Gn 5.22-24; Hb 11.5, 6)

Este homem, quase totalmente desconhecido, exemplifica um fator básico na adoração. "Enoque andou com Deus." Esta descrição repetida (Gn 5.22,24) salienta a comunhão que esse herói gozou com seu Amigo divino.

"Andar", na cultura e língua hebraicas, significa uma conduta fundamentada em temor e amor de Deus. Andar nos "caminhos" do Senhor expressa a obediência (Sl 18.30; 86.11). Andar com Deus enfatiza a comunhão; assim se deu com a vida de Enoque, que recebia a revelação e orava. Ele falava com um Ser real, muito especial, não com um fruto da sua imaginação. Assim, Hebreus o aponta como exemplo de fé no Deus que se faz presente (11.5,6).

Aprendemos também em Hebreus que Enoque agradou a Deus (v.5); mantendo comunhão através do seu "andar" e, portanto, dando prazer a Deus. Era uma comunhão agradável para ambas as partes, não a atitude de um indivíduo que tenta impressionar um político ou um rico, visando obter benefícios para si, mas alguém que encontra em Deus a sua verdadeira realização. "Deus foi para ele o ponto de partida, a estrela para orientar seu destino".⁴ Ele era devoto a Deus. Sua devoção estava arraigada na fé ativa. Exemplificou-a em ação e piedade resultantes de uma profunda gratidão pelo privilégio de ser amigo íntimo do Soberano que o amava.

"Sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam" (v.6). Esta declaração em Hebreus refere-se a Enoque. "Aproximou-se" seria um tema chave em Hebreus para representar a adoração ao Senhor. Enoque buscou comunhão diária, e assim orientou seus passos e valores. Porque Deus se agradou dele, recompensou-o, trasladando-o ao Seu palácio celestial. Se W. J. Dumbrell está certo quando define adoração como o "protocolo pelo qual alguém entra na

presença divina"⁵, então Enoque foi trasladado da terra porque a comunhão aqui é somente parcial. "Vemos como em espelho, obscuramente" (1 Co 13.12). Conseqüentemente, os que andam com Deus nesta vida terão suas vistas voltadas para o horizonte escatológico. Como Paulo, reconheceremos que, independente da perfeição que a comunhão com Deus alcance nesta vida "estar com Deus é incomparavelmente melhor" (Fp 1.23).

C. Jacó Luta com o "Homem" Divino em Peniel (Gn 32.22ss)

O fator que sobressai na experiência desse patriarca no vale de Jaboque é a luta Sozinho, após sua família ter atravessado o rio Jordão levando todos os seus pertences, o homem enganador, interessei-ro, enfrentou um homem estranho (Gn 32.24) que lhe barrava o caminho. Reunir-se-ia à família após a conquista deste ser misterioso. A luta demorou "até ao romper do dia" (v.24). O relato nos informa que o homem não podia com ele; assim, acabou deslocando a articulação da coxa de Jacó (v.25). Ao raiar a luz do novo dia o homem disse: "Deixa-me ir, pois já rompeu o dia"; e Jacó respondeu-lhe: "Não te deixarei jr, se não me abençoares". Em resposta a esta oração, Deus mudou-lhe o nome de Jacó para Israel, "pois lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste" (v.28). Jacó chamou o lugar "Peniel", porque reconheceu que ali viu a Deus face a face, sem morrer (v.30).

Sem tentarmos oferecer respostas dogmáticas a perguntas que vez por outra nos assaltam, gostaríamos de considerar aqui o seguinte: o encontro com Deus, a recepção de uma bênção que não só queremos, mas de que precisamos, às vezes coloca-nos numa luta. Estranhemos o fato de que o próprio Deus, aparentemente, Se coloque como nosso inimigo. Em vez de dar-nos um empurrão por trás, ataca-nos pela frente! É interessante notar que Jacó não se sentiu desmoralizado ante esta oposição. Pelo contrário, a luta

forneceu-lhe novas energias à medida que as horas da noite passavam. E, mesmo sendo ferido fisicamente, não fugiu. Render-se significava também vencer, mas não antes de receber a bênção, bênção essa que nos lembra Jacó procurando em seu pai, Isaque, a garantia de um futuro feliz e próspero (Gn 27). Contudo, com Isaque, Jacó usou de subterfúgios, enganos e mentiras. Nenhum método como esse serviria no vale de Jaboque. No entanto, a luta valeu, pois Jacó tomou-se o príncipe de Deus.

Deus tomou-se o seu Deus. Jesus citou Moisés no trecho referente à sarça quando chamou ao Senhor "o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó" (Lc 20.37).

Nesta peleja o patriarca que "segurava o calcanhar", portanto, "suplantado", ou seja "o que tira vantagens sobre os outros pela astú-cia",⁶ não tinha em que segurar, senão em Deus. Tudo o que ele poderia chamar "seu", estava longe dele, em certo sentido. Contudo, Deus tornou-se mais próximo, e ele segurava o Absoluto como quem agarra uma corda para não se afogar. Isto pode muito bem ser entendido como um ato de adoração. Viu a Deus face a face, e sobreviveu. O conquistador do Todo-poderoso conquistado. Assim deve ocorrer com o verdadeiro adorador. Nessa luta com Deus, a vontade egoísta precisa ser ferida como o foi a articulação da coxa de Jacó. Nessa tentativa de segurar Deus está também a nossa realização, pois ela se torna real. Vencemos no momento em que somos vencidos. Através do ferimento em sua perna, Jacó era constantemente lembrado de sua dependência e fraquezas moral e espiritual, e ainda da realidade de Deus. À semelhança de Paulo, que sofria as investidas do "mensageiro de Satanás" e descobriu a vitória na graça e não na retirada do "espinho na carne" (2 Co 12.9), Jacó conquistou seu adversário, rendendo-se a Ele.

D. Moisés Roga a Deus a Sua Presença (Ex 33.12-23)

O chefe da nação israelita, liberta da escravidão, gozava de uma extraordinária familiaridade com o Soberano. Passou quarenta dias em comunhão com Deus no cume do Sinai, enquanto o povo se desviava do caminho que Deus lhe ordenara (Ex 32.8). Moisés falava com o Senhor "boca a boca" (Nm 12.8), enquanto os filhos de Israel procuravam uma imagem que servisse de intermediária para tornar Javé real e presente (cf. Ex 32.1, 4, 5), o bezerro de ouro que conduziria o povo a Canaã. Arão e os israelitas não se conformavam com uma presença divina invisível. Moisés, por ter experimentado a comunhão pessoal com o Senhor, desejou ter a certeza de que a "presença" de Deus nunca se afastaria dele e da nação. O grande líder protestou diante da responsabilidade de fazer subir o povo, sem a devida colaboração: "Não me deste saber a quem hás de enviar comigo" (Ex 33.12). Ele sabia que tinha achado graça aos olhos do Senhor, isto é, recebera aceitação plena, e que era visto por Deus como amigo: "Conheço-te pelo teu nome" (v.12). Porém, toda essa situação não garantia a permanência de Deus com ele. "Se tua presença não vai comigo, não nos faças subir deste lugar" (v.15). Momentos especiais de comunhão não satisfazem a necessidade do homem que tem uma tarefa a cumprir, um caminho a trilhar. O líder de Israel ora da seguinte forma "Rogo-te que me faças saber neste momento o teu caminho, para que eu te conheça" (v.13).

E. Isaías (Is 6.1 -8)

1. Contemplação e Comunhão (vv.1-4)

Num ato de revelação graciosa Deus aproximou-se do filho de Amos, que no ano da morte do rei Uzias compareceu no templo de Jerusalém. Isaías vivia em Jerusalém (7.1-3;

37.2) e, provavelmente, ia ao templo com bastante frequência. Contudo, neste dia do ano 740 aC.,⁷ Deus tirou a cortina que cobria os olhos físicos de Isaías, e este viu o Senhor "assentado sobre um alto e sublime trono" (v.1).

O que Deus proporcionou naquela visão foi uma experiência sensível da proximidade dEle. Comumente pensamos em um Deus ausente, distante de nós, embora preocupado com o governo do universo. Raramente nos conscientizamos de que Ele está pronto a conversar conosco. Devemos nos lembrar de que a comunhão com Deus é possível exatamente porque Ele não se afasta de nós. Mesmo sendo Ele infinito, e nós, finitos, num certo sentido ele é o *totaliter aliter* (lat. "totalmente outro"), como dizia Karl Barth, Ele fala conosco como um pai amoroso que se dirige ao seu filho.

Isaías viu o trono do Senhor exaltado, "alto e sublime". Isto confirma a verdade de que Deus é soberano. Sua majestade e grandeza inspiram reverência. O temor a Deus é essencial; é o princípio da adoração! Este poder santo, em primeira instância reconhecido pelo profeta, também devia ser comunicado à nação e, finalmente, até os confins da terra (vv.11-13). O primeiro pedido da oração dominical, "santificado seja o teu nome", deve abrir a porta para o lugar santíssimo aos verdadeiros adoradores, preocupados com um encontro com o Deus único.

Isaías contemplou o Senhor, como seu testemunho indica (v.1). A comunhão por intermédio da contemplação preparou o profeta para ouvir a voz de Javé (v.8). Buscar a presença de Deus, sem vê-lo, resulta em cultos vazios, sem qualquer expressão. Entrar no templo, ouvir o prelúdio, elevar o coração em oração e meditar numa passagem que descreva a bondade do Criador pode conduzir o adorador à presença real de Deus, como aconteceu com Isaías.

O atributo que mais penetrou na consciência do profeta e dele se apoderou foi a santidade de Deus. Ainda que santidade seja o amor perfeito unido à justiça sem mácula, o

pecador não poderá alcançar a visão bem-aventurada se não estiver disposto a eliminar o pecado de seu próprio esconderijo. "Se eu não te lavar, não tens parte comigo" (Jo 13.8).

Isaías experimentou realidades que geralmente atribuímos ao mundo sobrenatural, visionário, afastado do nosso dia-a-dia. Quem espera ver serafins com seis asas, por cima do Senhor sentado num trono, dentro de uma igreja evangélica, hoje? Se um cristão consagrado declarasse que ele ouve regularmente os seres celestiais clamando: "Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos" (v.3), seríamos capazes de sugerir-lhe que marcasse uma consulta com um psiquiatra. Se, "as bases do limiar se moveram à voz do que clamava e a casa se encheu de fumaça" (v.4), a única coisa que pode ter ocorrido é que o cristão do século XX cochilou e sonhou durante um sermão monótono.

Mas a experiência que Isaías gozou foi real. Paulo, de maneira semelhante, também foi "arrebataado até ao terceiro céu... ao paraíso, e ouviu palavras inefáveis" (2 Co 12.3, 4). Todos nós que, pela fé, fomos incorporados em Jesus Cristo, o qual "nos fez assentar nos lugares celestiais" (Ef 2.6), devemos associar esta verdade à experiência. Esta verdade inegável vem sendo negada e até se apagará por completo de nossa consciência se dependermos unicamente da visão física. Paulo rogou que os efésios pudessem receber iluminação dos olhos do coração através do Espírito de sabedoria e revelação (1.17, 18). Dessa maneira eles teriam acesso às realidades centrais do culto celestial, em vez de ficarem restritos ao mundo material. Paulo não duvidava de que os anjos acompanhavam os cultos da igreja de Corinto (1 Co 11.10). O autor de Hebreus, igualmente cômico da realidade invisível que verdadeiros adoradores experimentam, escreveu: "... tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembléia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus..." (Hb 12.22-24).

Estas realidades somente penetrarão em nossa consciência se o Espírito as comunicar para corações imbuídos de fé e esperança. Pela fé, vemos aquilo que é invisível (Hb 11.1), porém real.⁸ Pela esperança, anulamos o tempo que nos separa da ressurreição e da parousia (segunda vinda de Cristo). "Vemos, ainda que por espelho, obscuramente" (1 Co 13.12), mas o suficiente para que nos seja concedido conhecer, ainda que em parte, a herança que aguardamos (1 Pe 1.8, 9).

2. Convicção, Confissão e Purificação (vv.5-7)

Uma vez que contemplamos o Santíssimo e dentro de nós há um sincero eco do jorgal dos serafins, a nossa alienação torna-se chocante. No mais profundo do nosso ser sabemos que estamos condenados. "Ai de mim! Estou perdido!" (v.5). O "ai de mim" escapa dos lábios, expresso pela contrição resultante do contato entre a perfeição divina e a maldade arraigada nas profundezas da rebelião do coração. Jó expressou seus sentimentos assim: "Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem. Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza" (42.5, 6). Davi revelou sua aflição espiritual pela poesia: "Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos⁹ pelos meus constantes gemidos todo o dia" (Sl 32.3). Pedro, horrorizado ao pensar no horripilante ato de negar três vezes o seu Senhor, "chorou amargamente". Isto aconteceu porque o Senhor o fitou, e ele então "lembrou-se da palavra do Senhor" (Lc 22, 61, 62).

Mas Isaías foi além da convicção e confessou seu pecado específico: "... sou homem de lábios impuros, habito no meio dum povo de impuros lábios" (Is 6.5). Confessar significa concordar com o pensamento de Deus. Concordamos com Habacuque, que reconheceu a impossibilidade de o Senhor assimilar aquilo que é totalmente repugnante à Sua perfeita

justiça. "Tu és tão puro de olhos que não podes ver o mal e a opressão não pode contemplar" (Hc 1.13). Isaías confessou a mentira, as "palavras torpes"¹⁰ (Ef 4.29), piadas sujas, palavras vãs, chocarrices (Ef 5.4), porque de repente reconheceu como palavras inconvenientes entristecem o Espírito (Ef 4.30). O profeta, encarregado de transmitir a palavra mais duradoura do que os montes (cf. Is 40.7, 8), necessita de lábios puros para anunciar a mensagem vinda do coração do Altíssimo. Isaías sentiu a incoerência absoluta entre seus lábios, instrumentos de iniquidade, e a responsabilidade de transmitir o recado imaculado de Deus.

A adoração do cristão não se apaga no oceano do pecado reconhecido e confessado, mas apóia-se firmemente na rocha da "fonte aberta... para remover o pecado e a impureza" (Zc 13.1). Esta profecia cumpriu-se no monte Calvário, muito tempo depois de Zacarias. Isaías recebeu a consciência da absolvição, quando um dos serafins trouxe uma brasa viva do altar e tocou a boca do profeta, declarando: "A tua iniquidade foi tirada, e perdoado o teu pecado" (Is 6.7). Incomparavelmente melhor do que a cura do corpo é a restauração da comunhão pela purificação do pecado (cf. Mc 2.5). "Cristo morreu pelos nossos pecados" deve ser a pedra fundamental do culto que ao Senhor oferecemos. "Feliz é aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto" (Sl 32.1). Este é o estado conseqüente do pecador que confiadamente achega-se ao trono da graça, a fim de receber misericórdia e achar graça (Hb 4.16).

3. Comunhão (Is 6.8, 9)

"Depois disto, ouvi a voz do Senhor" (v.8). O coração purificado assemelha-se a ouvidos desobstruídos. Ele se torna sensível à vontade de Deus (Rm 12.2). Logo depois de Jesus pedir"... santifica-os na verdade", disse: "Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo" (Jo 17.17, 18). Isaías ouviu a indagação celestial, "a quem

enviarei e quem há de ir por nós?" (6.8), logo que recebeu a certeza de que sua iniquidade fora substituída pela justiça divina.

Em qualquer culto, o peso da responsabilidade de levar adiante a missão da igreja surge da alegria provocada pela absolvição dos pecados. A afirmação honesta, "eis-me aqui, envia-me a mim" (v.8), é uma consequência da gratidão que leva o pecador, que teve seus pecados perdoados, a querer servir.

Observa-se que, muitas vezes, o pastor planeja um culto de consagração e espera que os ouvintes se prontifiquem a anunciar as boas novas da salvação, sem que ocorra, porém, o convencimento do pecado e da justiça (Jo 16.8), pela ação do Espírito Santo. Se falta confissão e arrependimento sinceros (1 Jo 1.9), o Diabo amarra a nossa língua. Mesmo havendo esforço, neste caso o poder convincente do Espírito não envolve a Palavra. Ela volta vazia.

F. Maria Unge os Pés de Jesus (Jo 12.1-8)

Entre as mais expressivas demonstrações do significado do culto, destaca-se o relacionamento entre Jesus e Maria, irmã de Lázaro e Marta. O quadro que Lucas pinta dos três irmãos solteiros hospedando Jesus atinge seu ponto central na frase: "Maria... quedava-se assentada aos pés do Senhor a ouvir-lhe os ensinamentos" (Lc 10.39). Enquanto Marta se ressentia da falta de cooperação da irmã no preparo de um banquete digno do Senhor, Maria preocupava-se em conhecer o Mestre, a quem ela amava. Jesus julgou os valores demonstrados nas diferentes opções feitas pelas duas irmãs. "Pouco é necessário, ou mesmo uma só coisa; Maria escolheu a boa parte..." (Lc 10.42). Em lugar do ativismo, tantas vezes encarado por nós como serviço cristão merecedor de elogios,

¹¹ Maria concentrou sua atenção na aproximação dos corações, na busca de intimidade no relacionamento com o Deus encarnado.

Seis dias antes da Páscoa, numa ceia oferecida ao Senhor, Maria veio com o propósito de ungir-Lhe os pés com bálsamo de nardo puro (Jo 12.1-8). Não veio para fazer uma súplica (como o fez quando Lázaro adoeceu mortalmente), nem para receber congratulações em consequência do notável milagre da ressurreição do seu irmão, mas para oferecer um presente, o mais precioso que tinha para dar. Somos todos essencialmente egoístas. Geralmente esperamos que o culto nos proporcione alegria e satisfação. Maria levou seu bálsamo tão valioso para refrescar e honrar seu Senhor. Não derramou o perfume para impressionar os discípulos ou os outros presentes, mas unicamente para expressar seu amor e lealdade a Jesus, na hora mais difícil de Sua vida. Deu ao Senhor o lugar de honra, chamando atenção ao propósito redentor de sua vinda ao mundo.¹²

Maria não adorou ao Senhor de maneira popular.¹³ De fato, Judas, um dos discípulos que usou um argumento lógico, teria convencido todos os presentes de que a oferta de amor, despejada nos pés do Senhor, era uma desperdício sem razão, não fosse Jesus revelar o que Deus pensa de tais atos de sacrifício com pouquíssimo reconhecimento humano (Jo 12.7, 8). Em seu ato de adoração, ela rejeitou valores humanos supremos em favor de valores divinos superiores, como passaremos a considerar.

a) Maria não calculou o preço (v.3). Podemos crer que, com muita abnegação, Maria conseguiu poupar dinheiro suficiente para comprar uma libra de bálsamo de nardo, que custava o equivalente ao salário anual de um lavrador. Adoração sem sacrifício torna-se, facilmente, inócua. Este foi o pensamento que inspirou Davi: "Não oferecerei ao meu Deus holocaustos que não me custem nada" (2 Sm 24.24). O escritor do Salmo 132 também encarou a adoração desta maneira: "Não darei sono aos meus olhos, nem repouso às minhas pálpebras até que encontre um lugar para o Senhor" (vv.4s).

b) Foi um ato de culto fundamentado na confiança de que Jesus era o Messias, o Servo Sofredor que expiaria os pecados. Ele declarou: "Deixai-a! que ela guarde isto para o dia em que me embalsamarem" (Jo 12.7). Em termos de compreensão, Maria ultrapassou os próprios discípulos que não conseguiram conceituar o propósito central da encarnação (cf. Mc 8.32). Assim, a adoração jamais deve estar separada do sacrifício supremo do Servo, no Calvário (Mc 10.45). Só Maria pôde ungir o Senhor. As outras mulheres que pretendiam ungir o corpo de Jesus chegaram muito tarde (Mc 16.1-6).¹⁴ Em adoração, devemos dar ao Senhor a glória merecida, respondendo àquilo que ele nos revelou e proporcionou em Jesus Cristo, seu Filho.¹⁵

Maria derramou o bálsamo todo. Não ofereceu uma parte para ficar com o resto, como Ananias e Safira fizeram com parte do dinheiro da propriedade vendida (At 5.2). Não se pode servir a dois senhores; Deus requer tudo ou nada (Mt 6.24; Rm 6.34; Gl 2.20). O ato de Maria, realizado há tantos séculos atrás, é um exemplo de rendição de vida ao Senhor, que com preço incalculável nos comprou.

O culto que Maria ofereceu, ainda que particular e motivado por uma decisão pessoal, também envolveu todos que ali estavam: "... encheu-se toda a casa com o perfume do bálsamo" (Jo 12.3). Toda adoração também é parte de um coração que reage sacrificialmente diante do amor divino, de modo que não pode ser contida. Uma vez expressa a adoração, ocorre o que Paulo descreve: "... por nós (Deus) manifesta em todo lugar a fragrância do seu conhecimento" (2 Co a 15).

Não deve passar despercebido o modo com que Jesus recebeu o ato de culto prestado por Maria. A honra concedida agradou-Lhe profundamente. Deus procura verdadeiros adoradores, tais como essa mulher de Betânia, pois a singularidade da sua adoração coincidiu com o que o Senhor espera de todos os remidos. A finalidade original da criação

do homem é a glorificação de Deus e o gozo eterno da Sua comunhão.

Para muitos, que julgam como os discípulos, a moral desta história não se prende à falta de preocupação com os pobres, mas à perda inútil do precioso unguento. O bom senso nos induz a odiar qualquer desperdício: luzes acesas sem necessidade, pratos devolvidos com sobra de comida, preços altos numa loja mais do que em outra, enfim, qualquer gasto desnecessário cria revolta.

Mas quando este espírito invade o culto ele pode ser prejudicial. A mulher pecadora aproveitou a ocasião do banquete oferecido por Simão, o fariseu, uma oportunidade em que Jesus encontrava-se reclinado, para ungir-Lhe os pés com unguento, regando-os com suas lágrimas e enxugando-os com seus cabelos (Lc 7.36-39), pelo amor que transbordava do seu coração. Jesus não interrompeu sua ação "irracional" para perguntar qual seria o seu objetivo. Amor e adoração desprendidos agradam ao Senhor, podemos ter certeza. Foi assim que ele criou e cria formas diversas de criaturas. "Não há criatividade divina nem humana, sem um desperdício santo, que emana da abundância do coração, sem perguntar 'Que proveito há nisto?'"¹⁶

A base que justifica toda adoração cristã foi posta na rocha viva fora dos muros de Jerusalém, em 30 A. D., quando Deus "não poupou a Seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou" (Rm 8.32). Seria tolice profana saber exatamente quantos pecados o sangue vital de Cristo apagaria, ou qual seria o número de pecadores que a Sua morte substitutiva libertaria da culpa eterna Deus, ao oferecer Seu Filho, mostrou o desperdício santo. O Infinito morreu por nós. O ilimitado valor do seu sofrimento deve incentivar um amor também sem medida.

NOTAS

Em Gathered Gold, op. cit., p.112.

Matthew Henry, ibid., p.117.

Ibid., p.195.

J. Bridges, The Practice of Godliness, Navpress: Colorado Sprgs., 1984, p.17.

Citado por D. Peterson, RTR, xliii, nº 3, 1984, p.65.

Cf. Bíblia Nova, nota sobre Gn 25.26.

Cf. N. D. B., voll, 1967, p.755.

L. GilKeí, "The Church as the Body of Christ", do livro How The Church Minister to the World Without Losing Itself, 1964, em The New Life, ed. M. Erickson. Baker Book House: G. Rapids, 1979, p.294. Uma igreja pode estar cheia de idéias criativas e transbordando de boas obras, mas se não houver uma consciência da presença do Santo ali, se não houver capacidade de adoração, é duvidoso se o que ali ocorre é religião.

Refere-se às dores de artrite que freqüentemente atacam os idosos.

"Torpe" traduz sapos no original grego, que significa "sapo morto", "podre".

É perigosamente possível que o ativismo seja como dar voltas em torno de nada, o que acaba por produzir vertigens. J. Blanchard, Gathered Gold, op. cit., p.1.

A. P. Gibbs nos lembra do perigo de esquecermos que o o anfitrião na mesa do Senhor não é realmente o pastor, mas o Senhor Jesus Cristo. Op. cit, pp.49s.

Ibid., p.50.

Ibid., p.53.

O. B. Milligan, em Gathered Gold, op. cit, p.341.

CAPÍTULO IX

OBSTÁCULOS À ADORAÇÃO

Não é raro, em cultos realizados na igreja haver o sentimento de que faltou o mais importante. Trata-se do essencial na adoração, que é o **encontro** com Deus, Se a presença dEle não se toma real para os adoradores. Se a frieza caracteriza os momentos que devem promover vitalidade espiritual, recomenda-se uma pesquisa sobre os possíveis impedimentos, e sobre como livrar-se deles. Seguem algumas sugestões.

A Atitude Incoerente com a Adoração em Espírito e em Verdade

A adoração de Caim foi rejeitada pelo Senhor. Frequentemente se explica a falta de aceitação da oferta de Caim (Gn 4.5) pelo fato de não ter sido um sacrifício que envolvia sangue. Mas não descobrimos nada no texto sagrado que apoie a teoria de que Deus não aceitaria uma oferta dos frutos da terra. Manjares foram estipulados pela lei (Lv 2), indicando que, quando não se tratava de propiciar pecados, as ofertas produzidas pela terra seriam vistas com bons olhos pelo Senhor. Caim não estava em condições de cultuar, porque odiava seu irmão (1 Jo 3.11-15). O crime de homicídio cometido por Caim contra seu irmão não se explica pelo simples fato de que sua oferta de produtos da terra não tenha agradado a Deus. Mais aprovável seria uma sugestão que apontasse para a inveja e a amargura no coração do primeiro filho de Adão e Eva. É necessário retirar do íntimo todo e qualquer espírito faccioso (**eris**, "dissenção" e **echthra**, "inimizade", em Gl 5.10, texto grego),¹ se pretendemos nos aproximar de Deus.

O contexto da bem conhecida afirmação de Jesus, "onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mt 18.20), frisa a necessidade de que todo aquele que cultua perdoe seu irmão, para que possa esperar o cumprimento desta promessa (Mt 18.21-35). Qualquer atitude de ressentimento, vingança ou cobrança de dívida moral do passado impede uma adoração real. Assim tentou fazer o servo que foi perdoado de uma dívida absurda de dez mil talentos (trezentos mil quilos de prata), mas não perdoou seu conservo que lhe devia cem denários apenas, uma soma irrisória se comparada a sua própria dívida. O credor original "indignou-se e o entregou aos ver-dugos", ilustrando a reação divina diante de qualquer filho que se recuse perdoar seu irmão.

Tão sério é este impedimento no culto cristão, que Jesus ordenou que quem chegar à reunião da igreja com uma oferta para os necessitados, num ato de adoração característico da igreja primitiva, e lembrar-se de que um irmão na fé tem alguma coisa contra ele, será obrigado a deixar de ofertar para primeiramente reconciliar-se com o irmão ofendido (Mt 5.23,24).

Davi revela em seu salmo de penitência que Deus renova nosso espírito para podermos gozar da comunhão com Ele (51.8). Um espírito ferido, amargurado, de incredulidade ou zombaria, só encontrará barreiras, a menos que atinja o contato que Deus deseja com Seus filhos.

As Exterioridades e o Tradicionalismo

Evidentemente, toda prática que faz parte da liturgia das igrejas teve sua origem em boas intenções. Os quacres, em 1650, reuniam-se sentados em círculo, esperando que o Espírito movesse alguém e o inspirasse a proferir uma palavra da parte de Deus. Tinham um desejo legítimo, que tornou-se uma prática tradicional pouco eficaz aos adoradores.² O livro de oração que rege os cultos episcopais

(anglicanos) teve sua origem no desejo de se apresentar um culto ordeiro, sem imprevistos, uma liturgia completa de palavras escolhidas, sem lacunas. O mesmo desejo autêntico explica a ordem do culto tipicamente batista ou presbiteriano. Quando um pastor sente que a "boa ordem" lhe obriga a cantar hinos unicamente do Cantor Cristão ou do Hinário Evangélico, com o intuito de evitar desordem no culto com corinhos e uma bateria, entende-se o legítimo temor de oferecer uma adoração indigna do Senhor. Contudo, o apego aos modos tradicionais acarreta o perigo constante das exterioridades, da hipocrisia e da desonestidade. Deus se compraz "na verdade, no íntimo e no recôndito". O adorador precisa conhecer a sabedoria (Sl 51.6).

A experiência e a reação de Jesus, durante os dias da Sua jornada na terra diante dos rituais judeus, deve nos fazer parar e refletir. A tradição dos anciãos induziu os religiosos contemporâneos de Cristo a não comerem sem lavar cuidadosamente as mãos, juntamente com outras aspersões e lavagens destinadas a retirar a contaminação religiosa Deus ordenou que Seu povo evitasse a contaminação (Lv 11.47). Os rabinos, querendo agradar a Deus, puseram uma "cerca" em torno da lei mosaica, para evitar qualquer contato com o mundo gentio ou outra fonte de contaminação. Assim, a vontade de Deus foi exteriorizada Jesus avaliou o ritual meticuloso como hipocrisia, um exemplo de vã adoração.

De modo inevitável, a tradição na religião produz exterioridades, a menos que lutemos conscientemente contra ela. Ela pode abranger o jejum (Mt 6.16-18; Lc 18.12), a entrega do dízimo (Mt 23.23) ou a oração (Mt 6.5). As exterioridades corroem qualquer prática bem intencionada ou inocente, seja a de bater palmas, ajoelhar-se, ficar em pé, levantar os braços ou sentar-se num banco da igreja. A leitura da Bíblia e a oração não estão livres do assalto da nossa carnalidade, sempre pronta para identificar o ritual externo, com a verdadeira adoração. Porém, de Deus não se zomba (Gl 6.7). É impossível enganar Aquele que nos conhece totalmente. Se houver qualquer hiato entre o nosso falar e o

nosso modo de agir, Deus o saberá antes Mesmo de começarmos a adorá-lo.

Se queremos "pisar os átrios de Deus", o mais importante é a nossa humilhação na presença da santidade incomparável de Deus. Jesus, nos Seus dias na terra, frisou esta verdade, ao orar em certa ocasião: "Graças te dou, ó Pai... porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado" (Mt 11.25ss.). Os humildes são os únicos que conseguem se aliviar da corrupção das exterioridades, da forma de culto irreal. Certa vez, Lutero afirmou: "Fé é humildade".³

Arão teve a responsabilidade de levar uma lâmina de ouro na frente da mitra, sobre a testa, onde estava gravada a seguinte frase: "Santidade ao Senhor", de modo que "Arão leve a iniquidade das coisas santas... para que elas sejam aceitas perante o Senhor" (Ex 28.36, 38). " Contaminamos tudo aquilo que tocamos. A iniquidade intervém nos momentos mais sagrados. Logo após Pedro ter feito a louvável confissão acerca da divindade de Cristo, o Senhor foi obrigado a repreendê-lo por haver emprestado seus lábios a Satanás (Mt 16.15-23).⁵ Acreditamos que Pedro "era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos" (cf. Tg 5.17). Para que o adorador evite o obstáculo das exterioridades na adoração, ele deve se curvar em humildade sincera, e reconhecer a sua indignidade.

O Obstáculo da Rotina

Ao lado da ameaça da tradição está a rotina Surgem hábitos que passam a regular a nossa vida e nos fazem ignorar a necessidade de aprendermos e renovarmos constantemente as nossas atitudes, de forma que haja um desgaste muito menor de nossa energia cerebral. As indústrias dependem da rotina, atos repetidos que não

exigem qualquer espaço para a reflexão, mas aumentam a produção em série.

Contudo, nas relações interpessoais os hábitos representam um perigo. As esposas queixam-se de maridos que não lhes dão atenção.

Os elogios e as carícias transformaram-se em rotinas enfadonhas. Ninguém gosta de ser tratado mecanicamente, como se fosse um simples número.

Com muita facilidade a rotina pode caracterizar os cultos. Aquilo que atraía e empolgava no início da vida cristã passa a ser um hábito irrefletido, um caminho percorrido automaticamente, de maneira que a sua utilidade se perde. Se o culto se torna monótono, uma repetição cansativa, colocará um obstáculo terrível à verdadeira adoração.

Não se trata de um ramerrão apenas para o participante do culto, mas Isaías diz que Deus também Se cansa das solenidades do Seu povo. "A minha alma as aborrece; já me são pesadas; estou cansado de as sofrer" (Is 1.14). Quem se acostuma com Deus será condenado a causar-Lhe cansaço.

Ao examinarmos o livro dos Atos dos Apóstolos, nos primórdios da igreja, não encontramos cultos rotineiros, cansativos e pesados. Lucas relata que, num culto presenciado por ele em Trôade, Paulo exortou os irmãos prolongando o discurso até à meia-noite. A seguir, a Ceia do Senhor foi celebrada, e "ainda lhes falou largamente até ao romper da alva" (At 20.7, 11).

A descrição da igreja de Sardes, no Apocalipse, destaca o problema da rotina, apenas quarenta anos após o Início dessa igreja Jesus fala: "Conheço as tuas obras, que tens nome que vives, e estás morta" (Ap 3.1). Que outra expressão descreveria melhor o estado das igrejas do século XX? Faltam-lhes o temor e o mistério que caracterizavam - para o judeu - o Lugar Santíssimo, no templo.

Para que a adoração mantenha a sua legitimidade, o adorador precisa estar disposto a pensar, a mudar os hábitos estéreis, e revitalizar o "resto que estava para morrer" (Ap 3.2).

Quando a oração e o louvor não são a principal alegria, quando a reunião semanal dos membros da igreja em culto não proporciona empolgação, podemos detectar um sinal de que Deus não é bem conhecido. Preocupamo-nos conosco mesmos, com nossas necessidades e interesses, mas não com o Pai que aguarda ansiosamente a comunhão com o Seu filho tão amado. Da mesma forma que a esposa sente-se abandonada pelo marido que vive a rotina do dia-a-dia sem conversar intimamente com ela, Deus oferece a todo aquele que sinceramente O busca o privilégio de reconhecê-LO e receber sua comunhão. Ainda que o homem carnal fique contente com o ato de culto porque não deseja uma comunhão real com Deus, o homem espiritual sente-se traído e enganado; pois este sabe que "adorar não é uma parte da vida, mas é a própria vida".⁶

O Mundanismo

O espírito mundano também é uma barreira espessa, capaz de impedir a verdadeira adoração. A grande diversidade de opiniões a respeito do significado de mundano suscita alguma dificuldade em defini-lo. No seu sentido mais abrangente, quer dizer tudo que compõe a vida independente de Deus. Podem ser os prazeres, pessoas, coisas, lugares, planos, desejos e pensamentos. Trata-se daquele "mundo" que Deus nos proíbe de amar, porque seria um amor incomparável ao "amor do Pai" (1 Jo 2.15). "Tudo que há no mundo, a concupiscência (isto é, desejo forte) da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo" (v.16).

Torna-se claro que o mundo estimula o desejo de possuir, dominar e impressionar. Segundo M. Muggeridge, o único desastre absoluto é "sentir-se em casa" neste mundo.⁷

Jesus nos lembra, na sua oração sacerdotal, que os discípulos estão no mundo, mas "eles não são do mundo" (Jo 17.11, 14). A importância de Jesus ter-lhes transmitido a Palavra de Deus se nota no fato de que não são mais do mundo, como Ele mesmo não era (v.16). O compromisso do discípulo com a pessoa de Jesus e Seus mandamentos afasta o perigo do mundanismo.

Em vez de as vaidades humanas serem o ímã da vida, o homem renascido pelo Espírito deve colocar o Senhor como centro e circunferência de sua vida.⁸ A tragédia que abalou a igreja de Jerusalém, quando Ananias e Safira pereceram, foi provocada pelo mundanismo que estava se infiltrando no culto ao Deus único. O casal pensava que cultuar aos dois deuses, Jeová e Mamom, era perfeitamente viável {cf. Mt 6.24}. Mas o julgamento repentino da parte de Deus, colocou em destaque o perigo para todos os membros da igreja (At 5.11).

Demas, antigo companheiro e colaborador no ministério de Paulo, desviou-se por causa do amor a este mundo (2 Tm 4.10). isto não quer dizer que aquele ex-obreiro decidiu freqüentar as boates de Roma ou os bailes de Tessalônica O mundanismo pode ser chamado o câncer da alma. Muitas vezes, aos olhos da maioria, ele é invisível porém mortífero. "Se você se encontra amando qualquer prazer mais do que as orações, qualquer livro mais do que a Bíblia, qualquer casa mais do que a de Deus, qualquer mesa mais do que a do Senhor, qualquer pessoa mais do que Cristo, qualquer indulgência mais do que a esperança do céu, então tome conhecimento do perigo que você está correndo!"⁹ Seja o mundanismo do pensamento ou da prática, impreterivelmente criará um impecilho intransponível para a adoração, a menos que nos acheguemos a Deus conscientes desta falha. Arrependidos do mundanismo, que em maior ou menor grau nos assedia aproximemo-nos de Deus como uma pessoa sedenta e bebamos (Jo 7.37-39).

Alguns perguntariam se um templo suntuoso, luxuoso, espaçoso, com vitrais e todo acarpetado não revela uma infiltração do espírito mundano. Se o mundanismo também almeja impressionar, não é impossível que os membros de uma igreja estejam orgulhosos da casa onde se reúnem para adorar. Mas, a soberba e a adoração são tão contrárias entre si como são o Espírito e a carne (Gl 5.17). Quantas igrejas de mármore e granito devem supostamente conduzir as almas dos adoradores para "as coisas lá do alto" (Cl 3.1), quando de fato somente apelam para a carne, aqui em baixo! As aparências enganam facilmente.

Orgulhar-se da aparência, da voz com que se canta louvores, da mensagem ou da eloquência, através da qual se pretende transmitir a palavra viva de Deus, é um sentimento indigno de todo culto oferecido a Deus. A sutileza característica da soberba penetra até o redil de Deus. Basta dizer que tudo o que chama atenção a si mesmo, seja na área de arquitetura ou no pastorado, exala um cheiro forte de mundanismo, e cria um verdadeiro obstáculo para a adoração em Espírito e em verdade. Jesus acusou os líderes que gozavam de alto conceito aos olhos de seus conterrâneos, de assemelharem-se a "sepulcros caiados, que por fora se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos mortos, e de toda imundícia" (Mt 23.27). Evidentemente, o que gerou esse estado deplorável foi o mundanismo que incentivava uma preocupação maior com as aparências do que com o pecado interior. Disse Horatius Bonan "É com nossos pecados que nos achegamos a Deus, pois não podemos nos apresentar a Ele com qualquer outra coisa que seja realmente nossa.. Sem termos aprendido esta lição, não poderemos dar um só passo correto naquilo que chamamos de vida religiosa".¹⁰

O Pecado Não Confessado

E. Underhill nos lembra que todo o culto cristão é sempre direcionado para a santificação da vida. O alvo é a transfiguração total da ordem criada que a encarnação do Logos tinha como propósito central.¹¹ Ocorre que milhares de cristãos dão pouquíssima atenção ao fato declarado pelo salmista "Se eu no coração contemplara a vaidade (heb. awen, "iniqüidade, falsidade, um ídolo") o Senhor não me teria ouvido" (66.18). Pecado consciente, cultivado e defendido no recôndito do coração, não pode deixar de ser motivo intransponível para Deus nos negar o prazer de Sua companhia. A santidade do Senhor e o apego obstinado a alguma impureza, por parte de um filho, torna impossível a adoração real.

Mas, como devo derrotar o meu egoísmo? Como enfrentar a preguiça, como parar de mentir e exagerar? Como evitar pensamentos infernais vindos do Maligno? Como posso amar a quem odeio, preocupar-me com os necessitados, espiritual e materialmente? Por um lado, cada falha precisa ser especificamente apontada e colocada no altar de Deus. Isaías reconheceu o foco do seu pecado nos lábios impuros

(Is 6.5) e clamou: "Ai de mim! Estou perdido!". O povo de Deus no século XX precisa extirpar qualquer pecado que tenazmente o assedia (Hb 12.1). O simples reconhecimento de que somos todos pecadores tem muito pouco valor.

Andrew Murray escreve que tudo depende de nós estarmos certos em Cristo... "Se nossa vida com Cristo estiver certa, tudo finalmente se tornará certo... O essencial é ter a vida plena em Cristo; em outras palavras, ter Cristo em nós, operando por meio de nós"¹² Em verdade, sabemos que Cristo promete habitar nos seus discípulos (Jo 15.5), mas essa comunhão bendita depende da lavagem dos pés, a Sua remoção da imundícia acumulada nos intervalos entre os períodos de adoração. Empregando a figura da videira, Jesus confirmou a seus discípulos que eles estavam limpos "pela

palavra que vos tenho falado" (Jo 15.3). Assim, o Senhor ensinou que, pela admissão do pecado e pela confiança no sangue purificador, podemos ter livre acesso ao trono da graça (Hb 4.16). O caminho da adoração passa pela bacia e pelo altar (Ex 30.17-21; 27.1-8), pelo reconhecimento do pecado e pela presença ao pé da cruz.

Segundo A. W. Tozer, o Espírito Santo, presença invisível de Deus, espreita, seleciona, decide. Busca um Jacó e rejeita um Esaú. Procura os eleitos, rejeita os não-eleitos. Busca os penitentes, rejeita os impenitentes. Vai após o homem disposto a se arrepender e tristemente afasta da sua presença o homem que ama o seu pecado. O Espírito Santo, todo sábio, não erra, porque Ele conhece todas as coisas. Ninguém é capaz de enganá-lo. O julgamento confirmará a decisão por Ele tomada.¹³

O Desinteresse e a Ingratidão

A época em que vivemos se notabiliza pelos grandes empreendimentos e mudanças rápidas. Na vanguarda deste progresso, encontram-se os meios de comunicação: revistas a quatro cores, jornais com manchetes cintilantes; o rádio e a televisão aprimoram-se para cativar a mente do habitante do planeta Terra. Entretenimento e diversão tornaram-se gêmeos bem-vindos aos lares não só dos não-cristãos, mas dos cristãos também.

Mas, qual é o preço espiritual que se paga pelos duvidosos prazeres que os meios de comunicação oferecem?

Paga-se caro pelo tempo desperdiçado no fútil compromisso com as notícias que nada oferecem ao bem-estar do homem.

Paga-se caro pela escravidão da mente que se obceca com o enredo das novelas, os fatos bizarros do "Fantástico" e as inúteis informações acerca dos times que estão venceram e perderam na longa disputa de um campeonato qualquer.

Paga-se caro pela violência, as intrigas, os assaltos, as críticas aos líderes, guerras que diariamente se apresentam na tela diante dos olhos dos telespectadores. É impossível alimentar as emoções com crueldade e desprezo sem se tornar insensível diante dos sofrimentos humanos.

4. Paga-se caro pelas conversas inócuas que não têm absolutamente nada do amor de Deus, fofocas ao telefone, torrentes de palavras sem qualquer elemento da mensagem celeste.

Os cristãos pagam a conta com a moeda do desinteresse pelos valores eternos. Na balança da vida, colocamos num prato as preocupações, interesses, atrações, enfim, tudo o que preocupa o pensamento. No outro prato, colocamos os elementos básicos que compõem a adoração: louvor, comunhão com Deus, gratidão e busca do reino de Deus na oração. Tal como o rico insensato, na história contada por Jesus, que "arrazoava consigo mesmo, dizendo: Que farei, pois não tenho onde recolher os meus frutos" (Lc 12.17), o homem moderno não tem onde estocar a abundância dos seus interesses e preocupações terrenas. O tempo e o espaço da mente não servem para entesourar riquezas duradouras. O homem que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus (Lc 12.21) desqualifica-se para adorar. Não será movido pela gratidão, nem incentivado por entusiasmo¹⁴ santo. Desta maneira se explica a necessidade do envolvimento de gratidão e participação nos cultos de milhares de igrejas.

O leitor não deveria concluir que seria aconselhável desligar-se das fontes de comunicação, mas, sim, conscientizar-se do horrível obstáculo que elas levantam contra a adoração real, a menos que o cristão concentre sua atenção nos valores eternos. Os gnósticos, que tão cedo surgiram na igreja do primeiro século, desviaram os corações dos cristãos, encorajando-os a vencer a tentação do mundo pela abstinência do casamento, de alimentos particulares para seguir uma prática ascética rigorosa (cf. 1 Tm 4.3). Paulo

afirma que esse caminho vem sendo traçado por demônios e espíritos enganadores (1 Tm 4.1).

O segredo é procurar cortar o que desvia a atenção e esfria a alegria no Senhor. Tudo o que Deus quer para Seus filhos é bom, não podre. Deve, portanto, sei recebido com ações de graça e consagrado pela palavra de Deus e pela oração (1 Tm 4.4, 5). Paulo recomenda uma peneira para a mente cristã. "Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento" (Fp 4.8). Se escolhermos uma dieta saudável para a mente, não será difícil adorar ao Senhor de forma a agradá-LO.

A Preguiça e a Negligência

No meio das múltiplas barreiras que tornam a verdadeira adoração mais rara, nenhuma seria tão comum quanto a preguiça. O Pregador de Eclesiastes encara a mocidade como o período da vida em que se deve lembrar do Criador: "Antes que venham os dias maus... nos quais dirás: Não tenho neles prazer" (Ec 12.1). Porém, não há garantia de imunidade contra a preguiça para o jovem que se envolve nas práticas religiosas de sua igreja. A energia de corpos novos se esvai. "Os jovens se cansam e se fatigam e os moços, de exaustos, caem" (Is 40.30). O cansaço atinge os mais zelosos se não houver uma vigilância persistente contra este inimigo silencioso do bem-estar espiritual. O Irmão André falou a verdade, quando disse: "É mais fácil esfriar um fanático do que esquentar um cadáver".¹⁵

O preguiçoso não encontra dificuldade em justificar o defeito que arrasta a vida de comunhão com Deus. Como o conhecido vadio dos Provérbios, ele não sai de casa porque "um leão está lá fora!" (22.13); na hora de levantar para orar e ouvir a Palavra sente a força soporífera a lhe convencer de

que não tem maior responsabilidade diante de Deus. "Como a porta se revolve nos seus gonzos, assim o preguiçoso no seu leito" (Pv 26.14). A desgraça de muitas igrejas é evidente. Há mais zelo entre comunistas ateus e mais fanatismo entre adeptos de seitas heréticas do que entre os membros do Corpo vivo de Cristo. Quem não tem zelo também não tem o amor de Deus. A vida cristã não consiste apenas em esperar a última trombeta ou morrer de fome espiritual, porque "mete a mão no prato, e não quer ter o trabalho de a levará boca" (Pv 26.15).

A negligência no culto que devemos oferecer não danifica a comunhão apenas para o indivíduo ocioso. Isto afeta negativamente a todos. Os novos aprendem dos mais velhos, que "não faz mal chegar tarde, abandonar o culto de oração, ou dar uma escapadela no fim de semana". "Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns... " (Hb 10.25). Vemos que já no primeiro século, menos do que quarenta anos após a crucificação, havia cristãos que davam um péssimo exemplo para seus correligionários.

Os motivos que criam a preguiça devem ser identificados para que possamos melhor combatê-los.

1. O sono, freqüentemente, apodera-se do adorador ou porque este deitou-se tarde ou porque mantém um ritmo de trabalho acelerado. O adorador descobre que não tem disciplina necessária para concentrar-se na oração, no significado da leitura do texto bíblico e nem na exposição da Palavra. Deve haver melhor estratégia do que aquela que foi praticada por um pastor numa igreja no interior da Escócia. Com certa regularidade, um trabalhador do campo sentava-se no banco de trás da igreja onde durante o transcorrer dos cultos era vencido pelo sono. Não só dormia, mas também roncava! Um dia, o pastor não agüentou, pegou um hinário e o lançou, com um zelo de Finéias (Nm 25), contra a testa do irmão sonolento. E ainda por cima acrescentou as seguintes palavras: "Se não queres ouvir, seguramente terás de sentir a Palavra!"

Antes da traição, Jesus convidou seus três discípulos mais íntimos a vigiarem em oração. Três vezes eles dormiram na hora da angústia do Mestre (Mc 14.32-41). Quase sentimos o nó na garganta de Jesus ao perguntar. "Não pudeste vigiar nem uma hora? Vigiai e orai para que não entreis em tentação" (Mc 14.37s.). Porém, "seus olhos estavam pesados" (v.40). Às vezes, o sono vem em consequência de um programa de TV na noite anterior. O corpo resiste o programa movimentado, mas cobra depois, na hora de nos apresentarmos aos pés do Senhor.

Aprende-se a negligência da mesma forma como se contagia com o zelo. "Pegue fogo para Deus", disse Wesley, "e os homens virão por ver-te queimar". "Ninguém é uma ilha, por si; todo homem é parte de um continente", foi a famosa observação de John Donne. Ponha um novo convertido numa geladeira, mas não fique surpreso com a frieza e complacência que ele, em seguida, vai demonstrar. Os membros preguiçosos contaminam a comunhão dos santos de maneira semelhante às colocíntidas que envenenaram o alimento dos discípulos dos profetas (2 Rs 4.39s.). Paulo ordenou aos líderes de Tessalônica que amparassem os fracos (1 Ts 5.14). Há um motivo sério para se agir assim; para que os fracos não venham sugar a energia da igreja toda, como um vampiro suga o sangue de sua vítima

A preguiça aumenta num ambiente onde o culto não é valorizado. Várias maneiras e expressões da adoração já sofreram notável desvalorização em face da secularização de nossa época. A plena liberdade de culto não é um direito que o cristão desejaria perder, mas em países onde há fortes restrições à prática da religião, o zelo dos cristãos tem crescido muitíssimo. Cresce o envolvimento porque a comunhão é preciosa. Um certo pastor afirmou, referindo-se a um país onde constantes perigos ameaçam os cristãos: "Em toda a Romênia, não existe nenhum lugar vazio nas igrejas em hora de culto".

João Calvino dizia que o coração humano é uma fábrica perene de ídolos.¹⁶ Certamente, ele não estava se referindo a imagens de Jesus, de Maria e dos santos, mas à imaginação que se curva diante dos falsos deuses, como o dinheiro, a beleza e o conforto. A negligência da adoração deve ser encarada como um sintoma da idolatria do coração.

Quase sempre, a diminuição da fome pela comunhão com Deus tem alguma explicação razoável. Aos poucos, alguma coisa vai ocupando o espaço que antes abrigava o Espírito. Paixão por alguém do sexo oposto, um "hobby", descoberta de "novas" verdades num livro filosófico; enfim, qualquer desperdício de energia mental ou espiritual que deixe a pessoa desmotivada para um culto vital.

NOTAS

Veja a discussão ampla destes termos em Barclay, Wm. As Obras da Carne e o Fruto do Espírito. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1985, pp.39ss.

Cf. Petty, P. W. "Society of Friends", in New International Dictionary of the Church. Grand Rapids: Zondervan, 1978, p.393.

Cf. E. Underhill, op. cit, p.277.

A. P. Gibbs, op. cit, p.217.

Ibid.

Vann, G. Gathered Gold. op. cit, p.342.

Ibid, p.338.

Gibbs, op. cit., p.219

Guthrie, T. Gathered Gold. op. cit., p.338.

Bonar, H. Como Irei a Deus. São Paulo: Ed. Fiel, 1985, p.5.

Underhill, E. op. cit. p.77.

No seu livro Absolute Surrender (Entrega Absoluta).

Na revista His, de outubro de 1965.

A raiz da palavra entusiasmo é composta de dois moriemas: en = em; tus = Deus. Quando Deus, de fato, preenche a vida, não falta entusiasmo por aquilo que a Ele interessa.

Em Gathered Gold, op. cit, p.343.

Stam, Juan. Creencias Bautistas, ed. R. Gutiérrez Cortês: México D. F., 1984, p.5.

CAPITULO X

A ADORAÇÃO NA IGREJA CONTRASTADA COM A DO ANTIGO TESTAMENTO

Introdução

O cristianismo é bipolar pela sua própria natureza. Esses dois pólos são o conteúdo da fé, fundamentado na sua mensagem revelada, e a adoração prática, através da qual o cristão e Deus mantêm comunhão. Ambos os pólos não são fortalecidos repelindo-se ou ignorando-se, mas são vitalizados por apoio mútuo. A avaliação de A. W. Tozer sobre a adoração do cristianismo evangélico como a "jóia perdida"¹ reflete a dicotomia insalubre entre a verdade proclamada e a vitalidade da adoração, hoje. Podemos criticar a observação: "Em toda a parte os cristãos estão perdendo o interesse, passando a simplesmente simular na igreja", ² pois milhares de protestantes, católicos e cristãos ortodoxos estão satisfeitos em participar de maneiras vazias, porém rígidas, com apenas uma vaga percepção do conceito bíblico de adoração em Espírito e em verdade.

De um modo geral, os cristãos não estão conscientes de que sua adoração reflete a teologia prática da comunidade onde estão inseridos. O cunho puritano no dito "a finalidade principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre" é inequívoco. Os puritanos focalizaram o significado da existência inteira do homem em glorificar a Deus e deleitar-se em Sua comunhão, porque este era o único resultado prático de suas crenças.³ A adoração centralizada no homem tende a negar a realidade do coração que

confessamos. De um lado, a lei ameaça deslocar a graça como o motivo fundamental para se adorar a Deus. Tanto o hábito como a busca da paz espiritual devem ser suspeitos quando procuramos uma base lógica e bíblica para adorar a Deus.⁴ Em resumo, a liturgia é teologia representada, ⁵ a resposta humana a Deus e ao seu favor. As formas persistem enquanto o conteúdo evapora ou muda o seu centro de Deus para o homem. Assim, o liberalismo nega a realidade de um Deus que está presente. Fazendo assim, não pode evitar de transmutar as verdades religiosas em mitos.

O resultado é visto em toda parte na secularização do "pós-cristão que atingiu a maioria". A teologia da libertação procura contextualizar a adoração num programa de ação sócio-político. Assim, o despertar da consciência torna-se identificável com a percepção de Deus no processo da história.

Os evangélicos têm a tendência de separar a centralidade do senhorio de Cristo, biblicamente fundamentada, do viver cotidiano, de modo que a adoração se torna, com efeito, compartimentada em cápsulas de uma hora de duração, não sendo levado em consideração quão importante pode ser o ato de se "invocar o nome do Senhor juntos". Mas o Novo Testamento projeta uma visão de adoração que invade toda a vida com a presença e a glória de Deus. O objetivo desse estudo é mostrar, através de um exame dos conceitos de tempo, templo, sacrifício e sacerdócio, como o Novo Testamento refundiu as formas vetero-testamentárias da adoração sem anular a importância da reunião da igreja.

A Maneira de Adorar e a Liberdade

Desde o princípio, a adoração tem sido vítima de dois perigos: 1) um formalismo que desafia os moldes externos da liturgia, enquanto mortifica qualquer relacionamento vital com Deus; 2) uma espontaneidade que, por causa de

desordem e confusão, deixa de estimular qualquer encontro sério com o Deus que procura verdadeiros adoradores (Jo 4.23).⁶ A igreja de Corinto era livre e espontânea até os extremos. A liberdade total reinava, o que, por sua vez, gerava confusão (cf. 1Co 14.40). Amando a liberdade, a igreja perdeu de vista a santificação e a comunidade.

O Jesus ressurreto condenou a igreja de Éfeso pela perda do seu primeiro amor (Ap 2.4). Esta frase, bem usada, sugere que o formalismo escondera a liberdade. A respeito da igreja de Tiartira, Cristo diz: "Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu serviço, a tua perseverança... (2.19); contudo, Jezabel continuou a seduzir os servos do Senhor. A palavra incisiva de Cristo é de que virá o julgamento, quando todas as igrejas saberão que Ele sonda mente e corações (v.23). Nem a forma correta nem a liberdade de expressão devem ter significado máximo na adoração. Amor sincero e um relacionamento pessoal obediente a Deus devem ser o mais importante. A. P. Gibbs define a adoração como "a ocupação do coração, não com as suas necessidades, ou mesmo com as suas bênçãos, mas com o próprio Deus".⁷

O fato de Jesus ter condenado as práticas religiosas dos Seus contemporâneos e o Seu próprio rompimento com a tradição apóia esta opinião. Citando Isaías, Ele disse: "Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram... "

(Mc 7.6, 7). Para o judeu do tempo de Jesus, tanto a oração com a leitura das Escrituras eram aceitáveis a Deus quando feitas em hebraico. Para Jesus, a língua não era importante - Ele falava e orava em aramaico e grego. A atitude do coração, sim, era de total importância.

A inautenticidade do homem, como Bultmann afirmou, consiste principalmente em sua religião que, com demasiada frequência, é uma forma disfarçada de rebelião contra Deus. A avaliação negativa de Jesus acerca da religião tradicional judaica explica, em parte, o rompimento radical que separou a igreja neo-testamentária dos seus antecedentes judaicos.

Embora a diferença na forma de adoração no Novo Testamento seja mais marcada pelo modo cristão de encarar o tempo, o templo, o sacrifício e o sacerdócio, não há rompimento com o ideal vétero-testamentário quanto à verdadeira adoração. Homens como Abel, Enoque, Noé, Abraão, Moisés e Davi eram pessoas de fé (Hb 11). Eles adoravam segundo os padrões de Deus. O homem não está livre para adorar conforme sua própria vontade, mas apenas em "verdade", isto é, de acordo com os mandamentos de Deus. As suas expressões externas de adoração nasciam naturalmente do seu relacionamento genuíno com Deus. W. J. Dumbrell acertou em cheio o ideal do A. T. ao concluir sua análise de Isaías 6 afirmando que "a adoração certa é o reconhecimento adequado da autoridade divina sobre a nação e sobre o mundo".

A Adoração e o Tempo

A adoração, quando expressa em ritual, exige tempo. Sob o antigo pacto, Deus fez provisão para períodos de tempo diários, semanais, anuais e mesmo de gerações (e. g. o ano do jubileu), para o cumprimento da obrigação de culto em Israel. O sacrifício diário (Nm 28.1-8), o descanso do sábado ou do sétimo dia, os primeiros dias do mês e as cinco festas anuais do período pré-exílico foram divinamente determinados. Tempos designados" (Nm 29.39)⁹ eram considerados centrais na expressão da adoração a Deus em Israel, porque eventos passados, nos quais Deus agira, nunca deveriam ser esquecidos.¹⁰

O sábado, dia semanal de descanso e adoração é um exemplo fundamental do tempo consagrado a Deus. Embora alguém tenha se referido ao sábado como uma "criação singular do gênio religioso hebraico e uma das contribuições hebraicas mais valiosas à civilização da humanidade", ¹¹ a Bíblia simplesmente atribui a santidade do sétimo dia à lei de Deus. Ele foi fundamentado no descanso de Deus após a

criação (Gn 1.1-2.3). O quarto mandamento impõe rigidamente a sua observância. Ele foi tanto abençoado como santificado por Deus (Ex 20.11). Sendo uma parte integral do pacto, Israel aceitou a observância do sábado como um sinal exigido de submissão nacional a Deus (Ex 31.13; cf. Ne 9.14). Em resumo, esta festa semanal foi instituída para lembrar ao homem a sua responsabilidade de adorar a Deus em "tempos e lugares determinados"¹², bem como para proporcionar ao corpo físico o descanso necessário.¹³

Apesar da cessação de toda obra, os sacerdotes continuavam o seu serviço (Lv 24.8; Nm 28.9, 10; Mt 12.5); a circuncisão era executada (Lv 12.3); o sábado, embora sendo apenas uma observância semanal, foi incluído nas "festas fixas do Senhor" (Lv 23.1-3), "uma convocação santa", não devendo ser profanada. Quer visitando um profeta (2 Rs 4.23), quer participando da adoração no templo (cf. 1 Cr 9.32; 23.31; 2 Cr 2.4; 8.13), os hebreus encarregados de tal serviço o consideravam coincidente com a santidade do sábado. Isaías desafiou os seus leitores a se desviarem dos seus próprios prazeres e "se deleitarem no Senhor" (58.13s.). Muitos outros textos poderiam ser citados para mostrar qual significado o dia deveria ter para os israelitas (cf. Sl 92).¹⁴

Durante e após o exílio, a proeminência do sábado aumentou. O surgimento da sinagoga aumentou ainda mais a centralidade da adoração no sábado (cf. Lc 4.16).¹⁵ A santidade do sábado é refletida por atitudes tais como as expressas pelo escritor de Jubileus (50.13). Ele exige a pena capital para punir a transgressão no sábado. A Mishna é mais clemente, e prescreve apenas uma oferta pelo pecado (Sanh.7.8).

A importância crítica do sábado ilustra a proeminência que os outros tempos divinamente designados tinham para o israelita religioso. Cautela extrema era exercida ao se marcar o começo da Páscoa. Era considerado altamente impróprio celebrar uma das festas do Senhor em qualquer outro dia, não fosse aquele prescrito pelas instruções divinas.¹⁶

Qualquer observância adequada das outras convocações ou festas santas necessariamente incluía uma adesão rígida a tempos e estações divinamente programados.¹⁷

Para os cristãos, no relacionamento da Nova Aliança com Deus, o tempo é fundamental, por causa da salvação que Deus proporcionou na história.¹⁸ Aquele momento principal (kairos) trouxe ao homem o significado da história. O povo verdadeiro de Deus olha para a frente, porque acredita na "bendita esperança" da volta de Cristo no tempo e numa ressurreição física do corpo, ao término da história. Por esta razão, é muito mais surpreendente o fato de que a adoração pelo Espírito, sob o amparo da nova era, rompe, decisivamente com o conceito dos "tempos designados" para a adoração prescrita sob a velha era.

Jesus repetidamente expressou a sua oposição à mentira legalista judaica, daqueles dias, de guardar o sábado (cf. Mt 12.1-4; Mc 3.1-5); Lc 13.10-17; 14.1-6; Jo 5.1-18; 9.1-41). A celebração da bondade de Deus expressa na criação foi transformada, pela atitude contemporânea judaica, num teste de lealdade a Deus bem como num trabalho meritório. Jesus lembrou a seus oponentes que o sábado foi feito para o homem (Mc 2.27)¹⁹, mas Ele também Se proclamou o Senhor do Sábado. Seu Pai não parava a Sua atividade no sábado (Jo 5.17); portanto, tampouco o faria o Filho (vv, 17s.). Por meio dessa afirmação, o Senhor apontou para a realidade da Nova Aliança, na qual Deus sempre permaneceria com o Seu povo. As leis do Antigo Testamento que regem a observância do sábado atingem o seu cumprimento no descanso sabático cristão (Hb 4.1, 3; 7-11), incorporando todos os tempos.

Tão logo a nova criação (2 Co 5.17) foi inaugurada, ²⁰ os primeiros cristãos adotaram uma visão distinta de tempo e adoração.²¹ O tempo, aparentemente, tornou-se universalizado, ou seja, perdeu seu caráter sacro. Mas, ao permanecer com o senhorio do Cristo glorificado, a visão cristã santificou todos os tempos. Não há dúvida que a igreja judaica continuou a observar os sábados e a celebrar as

festividades judaicas, ²² mas a motivação não era mais por causa de uma obrigação divina. As antigas práticas eram consideradas meramente um fenômeno cultural. As reuniões semanais da sinagoga ofereceram aos evangelistas uma oportunidade de ouro para proclamar Jesus como o Messias Salvador (At 9.20; 13.14; 14.1; 17.1, 2, 10; 18.4). Contudo, os judeus cristãos (Paulo, por exemplo) criam que a sua participação no culto da sinagoga ou numa festa tal como o Pentecoste (At 20.16) nada mais era do que uma atitude de se fazer "tudo para com todos" (1 Co 9.19ss.). Quanto à igreja gentílica, o sábado era considerado uma parte inseparável do jugo judaico a ser aceito junto com a servidão a todo o ritual da lei (cf. Gl 5.1; Cl 2.14). Se as igrejas primitivas fossem considerar "dias, meses, estações e anos" (Gl 4.10) como elementos essenciais à adoração a Deus, elas recairiam na escravidão dos rudimentos fracos e pobres ou nos "espíritos" (stoicheia) que as haviam acorrentado anteriormente (Gl 4.9).²³

Podemos ter bastante certeza de que esta destruição audaz da consagração antiga de tempos especiais se originou dos próprios ensinamentos e práticas de Jesus. Ele ofereceu o único "descanso" autêntico a todos os que porventura estivessem sobrecarregados de pecado e culpa bastando-lhes que aceitassem o Seu jugo (Mt 11.28-30).²⁴ O inspirado autor de Hebreus insta com os seus leitores para que aproveitem ao máximo o descanso de Deus. Não mais um dia semanal, literalmente falando; o descanso foi mudado para a herança da salvação que cristãos, fiéis a Cristo, compartilham e esperam (4.1-11).²⁵ Pode-se procurar em vão qualquer alusão que apóie a crença de que o autor pensava em horas determinadas para se adorar a Deus. É verdade que ele, de fato, salienta a necessidade de diligência para se alcançar o descanso sabático de Deus (v.11), mas "tempos sagrados" não fazem parte de sua discussão prolongada acerca da adoração da Nova Aliança. Ele estava preocupado, com razão, porque alguns cristãos deixavam de se reunir regularmente com a comunidade de adoradores cristãos (10:

24, 25). Quem perde as reuniões, perde benefícios espirituais cruciais. Porém, nem dias específicos nem a frequência às reuniões da igreja entram no seu texto, a menos que vejamos em Hb 3.13 a indicação de uma reunião diária "O descanso evangélico, para o qual o sábado sempre apontou", apareceu.²⁸

Em Atos podemos concluir que os membros da congregação de Jerusalém se reuniam diariamente (2.46; 5.42; Lc 24.53 diz "sempre").²⁷ Mas supomos que ninguém tinha a obrigação divina de frequentar todas as reuniões. Antes, a motivação suficiente para a frequência regular a alguma reunião de adoração, fosse no templo ou em casas particulares, surgia do impulso interno da nova alegria de se adorar ao Senhor.²⁸

Em meados do segundo século, Justino, o Mártir, tinha identificado o viver cristão com o sábado perpétuo que consiste de abster-se do pecado, não do trabalho.²⁹ Irineu encarava o sábado como um símbolo do futuro reino de Deus, no qual aqueles que serviram a Deus "num estado de descanso, participariam da mesa de Deus".³⁰ Tertuliano declarou: "Nós não temos nada a ver com as festividades judaicas".³¹ Orígenes disse do cristão perfeito: "Todos os seus dias são do Senhor e ele está sempre observando o dia do Senhor", embora reconhecesse que a maioria era incapaz de guardar cada dia como uma festa.³²

Os escritores do Novo Testamento (bem como os patriarcas) perceberam que a nova era exige que vejamos o tempo, na sua totalidade, como uma dádiva de Deus, adequado a toda e qualquer atividade sagrada. Pode ser este o significado do pronunciamento profético de Jesus, no poço de Jacó: "Mas vem a hora, e já chegou, quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade..." (Jo 4.23).³³ Pois a todos que, através de fé e obediência, permanecem em Cristo como a videira verdadeira (Jo 15.1-11), horas, dias ou semanas "santas" tomam-se incoerentes. O Espírito comunica a presença contínua de Deus em e com

o Seu povo, com ou sem qualquer alusão a tempos sagrados. Paulo exorta as igrejas da Ásia a aproveitarem as oportunidades, isto é, o tempo, porque os dias são maus (Ef 5.16; Cl 4.5). Timóteo precisa pregar a Palavra, quer seja oportuno, quer não (eukalros, akairos, 2 Tm 4.2). Esses trechos não refletem a divisão entre o tempo sagrado e o secular, mas o conflito entre a era cristã (aiōn mellōn) e o mundo que está passando (1 Co 7.31). O "mundo" é equivalente a "atual era má".³⁴

Com demasiada freqüência, através da história, tempos estabelecidos eclesiasticamente usurpavam o espírito de urgência que os "últimos dias" inculcaram na primeira geração de cristãos. Quando o fogo do Espírito é brando, intensifica-se o impulso externo no sentido de se santificar a forma³⁵

De acordo com a fórmula de Paulo referente à instituição da Última Ceia, a frase "... todas as vezes que o beberdes" aparece duas vezes (1 Co 11.25s.). Em vez de estabelecer um programa para a celebração cristã regular mais importante, Jesus e Paulo deixaram com os seus participantes a decisão referente à freqüência às reuniões da igreja. Como no caso da nutrição física, os cristãos podiam se unir para observar a ceia tantas vezes quantas quisessem. A fome espiritual os compelia a comer a carne de Cristo e a beber o seu sangue, simbolizados no pão e no vinho (Jo 6.53-63). Jesus ensinou que participar de tal nutrição espiritual é vital para cristãos que permanecem em Cristo (v.56). Aos menos preocupados com os valores espirituais, que procuravam em Jesus a provisão do pão natural, ele disse: 'Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará... ' (6.27).³⁶ No diálogo posterior, os judeus solicitaram: "Senhor, dá-nos sempre desse pão" (v.34). Após a morte e ressurreição de Jesus este pão seria fornecido "sempre", não como a multidão o havia compreendido, porém como o "Pão da Vida" (v.35).⁸⁷ Dentro da mesma constelação de idéias, Jesus anunciou que aqueles que "têm fome e sede de justiça, serão fartos" (Mt 5.6).

Semelhantemente, na oração modelo que Jesus deu a Seus discípulos, a petição principal é o "pão de cada dia" ou o "pão de amanhã" (epiousios), que eles deviam comer regularmente ou, talvez, diariamente (Mt 6.11; Lc 11.3). É provável que Jesus estava se referindo ao mesmo pão pelo qual os judeus deviam trabalhar, ou seja, o próprio Jesus.³⁸

E um perigo mortal o ato de os cristãos comerem e beberem de Cristo de uma maneira formal e material, como o povo remido de Deus fez no deserto, isto é, deixando de se apropriar da Sua vida santa em si mesmo (1 Co 10.3-12). Paulo incisivamente dissocia-se de quaisquer propriedades mágicas na Ceia A forma não terá nenhum valor essencial em si mesma, se o significado mais profundo, tudo o que pertence ao resultado da verdadeira adoração, não for transposto para um viver santo e prático.

Exatamente pelo fato de o domingo tornar-se o símbolo do novo começo, uma celebração Pascal semanal, ³⁹ era natural que a igreja primitiva adotasse aquele dia para a adoração pública (At 20.7; 1 Co 16.2; Ap 1.10).⁴⁰ Apenas os abastados e os livres podiam interromper as suas atividades, mas os escravos precisavam pedir permissão para abandonarem os seus deveres regulares. As horas noturnas, portanto, ofereciam a oportunidade mais prática para que diversas classes sociais se reunissem (At 20.7).⁴¹ Nesse caso, a reunião começava no sábado à noite e, freqüentemente, se estendia até a madrugada do domingo (cf. At 20.11).⁴²

A reunião da comunidade no dia do Senhor dava testemunho eloqüente da realidade da nova era.⁴³ Tais reuniões eram consideradas uma antecipação da glória infinita a ser gozada no céu. O partir semanal do pão (ou quando a igreja se reunia)⁴⁴ simbolizava a oferta ilimitada do verdadeiro maná proveniente de Deus - Seu Filho. A invocação culminante de Maranata, proclamada pelos participantes, chamava a atenção à presença do Cristo ressurreto junto à comunidade adoradora, de acordo com a Sua promessa (Mt 18.20). Assim, o mesmo Senhor que tinha

prometido nunca deixar os Seus discípulos (Mt 28.20) até a consumação dos séculos, fazia sentir a Sua presença deliberada entre o Seu povo. Quando os cristãos se reuniam no nome de Cristo, os indivíduos nos quais habitava o Espírito Santo podiam obter uma percepção singular da presença de Deus.⁴⁵

Certamente seria errado argumentar que esta manifestação da presença de Deus tinha pouco significado para os cristãos do período do N. T. A reunião de adoração proporcionava a oportunidade para expressões de louvor, instrução doutrinária e ética, além de um sentimento vital da proximidade de Deus.

João achava-se em Espírito no "dia do Senhor" (Ap 1.10), sugerindo que era um dia com significado especial para a adoração; especialmente quando notamos a proeminência da adoração por todo o livro de Apocalipse.⁴⁶ Aparentemente, a igreja em Corinto também se reunia regularmente aos domingos (cf. 1 Co 16.2). Embora não tivesse sido determinado por Jesus ou pelos apóstolos, o primeiro dia tornou-se o dia de adoração. Assim nasceu na Igreja a "santidade" tradicional do primeiro dia da semana.

O Antigo Testamento estipulava tempos e maneiras específicas para a adoração nas festas de Israel. A Páscoa e a Festa dos Pães Asmos exigiam atenção meticulosa para os detalhes com relação ao tempo e ao ritual. Mas, segundo o conceito de Paulo, a Páscoa arquetípica da igreja foi cumprida em Cristo. "Nosso cordeiro pascal foi morto (etuthē, "sacrificado", aoristo); portanto, celebremos a festa (heoratazōmen, presente) não com o fermento velho, nem com malícia (má disposição) e maldade (prática do mal) mas com pães asmos (plural, sugerindo os bolos comidos durante a festa) de sinceridade e verdade" (1 Co 5.7s.).⁴⁷ As orações programadas dos judeus foram transformadas em orações incessantes dos cristãos (cf, Rm 1.9; 1 Ts 5.17; 2 Tm 1.3). Tratavam-se de orações ininterruptas como a respiração, mas as horas programadas para a oração foram diminuídas, ou

até obliteradas. Não mais haveria horas específicas obrigatórias para a oração, e os adoradores estariam livres no restante da semana para outros afazeres.

Novamente, do mesmo modo como o sábado tornou-se o descanso espiritual do cristão, a Páscoa passou de uma festa anual, que comemorava a emancipação de Israel da escravidão do Egito, para uma celebração cristã contínua (note o tempo presente citado acima) do significado da cruz, que liberta os cristãos do poder do pecado. A festa antiqüíssima tem seu novo e único significado válido na vida cotidiana dos cristãos. O tempo específico do velho ritual, que exigia que o judeu evitasse comer pão com fermento, foi universalizado e espiritualizado, uma vez que é importante evitar o pecado todos os dias do ano (1 Co 5.8).

Consideremos também a Festa dos Tabernáculos no novo conceito de Jesus. Não mais seria uma lembrança da peregrinação no deserto. Ela agora aponta para o fluxo incessante da "água viva" que flui do próprio corpo perfurado de nosso Senhor.⁴⁸ O significado da forma judaica foi transposto por Jesus e oferecido aos seus seguidores como a doação permanente do Espírito. Todos os que vierem a Jesus com fé, e beberem, participarão da bênção para a qual a celebração judaica apontava (Jo 7.37-39). Jesus também assegurou à mulher de Samaria: "Aquele que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede, para sempre; ao contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna" (numa referência ao Espírito; Jo 4.14). A liberdade efetuada pelo Espírito Santo (cf. 2 Co 3.17) destrói a forma, contudo dá uma expressão visível à nova realidade espiritual da união do Mestre com os seus seguidores.

Mas tudo o que foi dito nas linhas anteriores de maneira nenhuma contradiz a verdade de que "os seres humanos precisam interromper o seu envolvimento em ocupações físicas e materiais e dedicar significativos períodos de tempo ao Senhor, num ciclo regular e constante."⁴⁹ Isto é verdade, porém a perspectiva do N. T. é de que o mundo físico e

material deve ser abordado de um ponto de vista espiritual. Os quinze ou mais anos que Jesus gastou na profissão de carpinteiro foram uma parte distinta do trabalho determinado pelo Pai, assim como as missões de curar, ensinar e morrer (Jo 17.4).

O Templo

Na adoração do antigo Israel, o espaço sagrado era comparável, em importância, aos tempos divinamente designados. Deus escolheu locais especiais para Se revelar no decorrer da história vétero-testamentária (cf. Gn 28.17; Ex 3.1). Especialmente após o êxodo e a instituição da lei, o levantamento do tabernáculo significava localizar a glória de Deus no Lugar Santo. Deus proibiu Israel de erigir altares sacrificiais em qualquer lugar onde seu nome residisse (Dt 12.5, 11; 15.20; 16.2; 17.8). Nos recessos inacessíveis do Santo dos Santos, aquele aposento santo, respeitável primeiramente no tabernáculo e depois no templo onde Deus "residia", ficavam o propiciatório e a arca que continha as tábuas da Sua lei. Ali, o sangue da expiação pelos pecados da nação era aspergido, no mais solene rito anual de adoração (Lv 16). "A adoração é o protocolo pelo qual se pode entrar na presença divina".⁵⁰

O Santo dos Santos (debîr, lít. "a palavra") representa o Monte Sinai, onde Deus se encontrou com Moisés, dando-lhe sua Palavra e mostrando-lhe sua glória ⁵¹ Assim, o tabernáculo e, posteriormente, o templo se tornaram extensões históricas daquele encontro, o modelo de adoração para o povo eleito. O templo era o único local de sacrifícios, consagrações e entrega de dízimos agradável a Deus. Jesus mostrou grande respeito pelo templo, purificando-o para realçar sua Santidade.⁵² Contudo, apesar da identificação do templo com a "casa do Pai" (Jo 2.16), assim mesmo ele foi destinado à destruição.⁵³ Jesus declarou que um templo "não feito por mãos" estava destinado a tomar o lugar da

temível grandiosidade da arquitetura herodiana (Mc 14.58 Mt 26.61). O término do templo ocorreria na associação da Sua morte (através do véu rasgado) com a invasão romana. A ressurreição do corpo de Jesus, então, criaria um templo de uma ordem distinta para o substituir (Jo 2.19-22), um conceito compreensível aos discípulos depois da ressurreição apenas com a ajuda do Paráclito (Jo 16.13ss.).

Aspectos adicionais do pronunciamento de Jesus podem ser encontrados na Sua conversa com a mulher de Sicar. Lugares santos, tais como Gerizim e Jerusalém, não exigiriam mais a reunião de adoradores verdadeiros. Tanto judeus como samaritanos não teriam mais acesso a Deus via cerimônias realizadas nos recintos sagrados da adoração tradicional. A presença divina seria encontrada unicamente em Cristo⁵⁴ e, por extensão, na comunidade com Ele identificada. Esta nova verdade, que provocou uma reação violenta por parte dos judeus, foi reiterada por Estêvão.⁵⁸ Claramente devemos entender que a vida ressurreta de Jesus e a vinda do Espírito anularia as distinções geográficas "santas". A glória shekinah, antigamente localizada no templo, então habitaria exclusivamente no Filho (Jo 1.14), e seria compartilhada com todos os que nEle habitam (Jo 17.22).

Todos os crentes unidos a Ele, pela fé, formam com e no Cristo ressurreto a casa do Pai. Jesus, o único caminho para o Pai e o destino de todo cristão, uma vez que nEle habita a plenitude do Pai (Cl 2.9), proporciona em Si mesmo as "habitações" (monai, "aposentos", tais como os de viajantes) para os peregrinos cristãos. Tradicionalmente, a casa do Pai tem sido interpretada como sendo a casa celestial do cristão. Porém, a "escatologia realizada" de João permite a este mesmo templo existir indivisível na terra e no céu. Jesus é tanto a ressurreição como a vida para que "todo o que vive e crê nele, não morra eternamente" (Jo 11.26). Os cristãos são todos ocupantes dos "aposentos" (monai) na segurança da casa do Pai. Há apenas um templo que põe todo o povo de Deus numa unidade coletiva única.⁵⁶ Uma "habitação" (monē) precisa estar ligada rigorosamente à "morada" (menein) dos

discípulos-ramos, como indica o termo raiz "habitar" (Jo 15.4-7). Aqueles que amam e guardam a Palavra de Jesus, Ele dá a garantia do amor do Pai e do Filho, (paralelo à vinda através do Espírito) para fazer neles a Sua moradia trinitária (monê, 14.23).

A ligação entre o templo escatológico e o corpo ressurreto de Jesus é completada, então, na formação do templo, composta de cristãos reunidos. As igrejas locais podem ser consideradas "aposentos" na casa mundial de Deus. Através de Jesus, os cristãos conhecem o Pai (Jo 14.10). A oração no nome de Jesus assegura uma resposta àqueles que pedem (v.13). Jesus intercederá por eles, e, em resposta, Deus mandará um outro (allos, "um do mesmo tipo") Ajudante (parakletos, "advogado, encorajador") que habitará neles. Assim, em vez de órfãos dispersos, os discípulos formarão uma família (14.16-18). É precisamente o Espírito-Paráclito quem torna possível uma representação da vida de Jesus na igreja que tem a Sua imagem (Cl 3.10).

O Novo Testamento apresenta consistentemente a unidade essencial da igreja com Jesus Cristo, obtida através da presença do Espírito, tal como a glória Shekinah encheu o templo (1 Rs 8.10s.; 2 Cr 7.1s.).⁵⁷ Apenas os nascidos do Espírito podem ver o Reino de Deus (Jo 3.3, 5). Jesus recebeu o Espírito sem medida (3.34) e a Ele o Pai designou para batizar em ou com o Espírito (1.33; cf. Mc 1.8ss.). A adoração verdadeira, então, precisa ser oferecida ao Pai em resposta ao Espírito e controlada pela verdade (Jo 4.23). Paulo reforça esta perspectiva em Filipenses: "Porque nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos a Deus no⁵⁸ Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus... " (3.3). Não pode haver nenhuma adoração aceitável separada do Espírito.

Seria errado concluir desta reinterpretação do templo que Deus Se manifesta apenas a indivíduos em quem o Seu Espírito habita. Antes, somos convidados, no Novo Testamento, a reconhecer a importância crucial da reunião do povo do Senhor para ouvir a Palavra louvar a Sua glória

majestosa através do cântico, orar, confessar os pecados e celebrar as ordenanças (sacramentos). E exatamente em tempos como estes que a natureza peculiar da presença de Deus entre os Seus filhos é sentida Tal adoração coletiva é um antegozo da unidade alegre da assembléia celestial da Igreja (cf. Hb 12.22-24, bem como Ap 4-22 passim). Na reunião de adoração, a realidade do "templo" deve ser manifesta como a habitação de Deus, embora ele seja composto de "pedras vivas", em vez de madeira, pedra e argamassa.

Paulo advertiu os coríntios, baseado no fato de que as facções negavam a unidade e santidade do templo de Deus (1 Co 3.16), e, portanto, impediam a adoração. O templo de Deus é santo, e é isto o que vocês são (v.17). Cristo é seu fundamento (v.11) e sua pedra angular (Ef 2.20). Ele proporciona a sua moldura e a sua estrutura. A comunidade escatológica está sendo transformada num templo santo (nãos, "santuário") no Senhor, uma construção única, crescendo dinamicamente, na qual Deus habita pelo Espírito (Ef 2.21s.), ⁵⁹ porque os membros precisam se reunir para se edificarem uns aos outros (1 Co

14.26). Portanto, Paulo pode identificar a igreja com aqueles "que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo (1 Co 1.2), presumivelmente nas assembléias dos "santos". Não devemos ver nenhuma dissociação entre o templo universal e cada congregação local que o compõe, também chamadas de "templo", e nem com relação ao cristão como indivíduo.⁶⁰ Dessa maneira, a antiga promessa feita a Israel foi cumprida; "Andarei entre vós, e serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo" (Lv 26.11ss.; Zc 2.11; cf. Sl 47.9).

Tanto a proclamação de Jesus como Senhor (2 Co 4.5) como a edificação dos crentes através da adoração em grupo (cf. 1 Co 14.25s.) sugere que o templo da nova era foi concebido como uma realidade concreta e visível sendo "construído" em suas reuniões de adoração.⁶¹ Os coríntios são realmente o edifício de Deus (1 Co 3.9); portanto, cada

"construtor" precisa tomar cuidado de como edifica (v.10). Nos cultos dos coríntios esperava-se que os participantes contribuíssem com "um salmo" (um hino, possivelmente composto pelo adorador), "um ensino, uma revelação, uma palavra em línguas ou uma interpretação" (1 Co 14.26). Mas, tal participação poderia causar uma influência tanto positiva quanto negativa, dependendo das intenções e do conteúdo das mensagens trazidas pelos líderes contribuintes. Materiais inflamáveis, em vez de "ouro, prata, pedras preciosas", estavam sendo usados para edificar o templo de Deus (cf.3.12). No julgamento, toda madeira, feno e palha serão destruídos. Perda irreparável advirá ao "construtor" que "edifica" com insensatez, sem levar em consideração a natureza do "edifício de Deus".

Assim, Paulo condena o uso das reuniões para promover interesses carnavais partidários às custas da unidade sagrada. A supremacia é unicamente de Cristo (1 Co 1.10-13). Semelhantemente, Paulo repreende a igreja em Corinto por se reunir, "não para melhor, mas para o pior" (1 Co 11.17). O propósito da reunião de adoração pode ser atingido apenas por expressões mútuas de amor sacrificial. Assim, Deus será exaltado no meio do Seu povo; o mundo reconhecerá que os discípulos são de Cristo (Jo 13.35).

Na mesma linha de pensamento, Paulo condenou a imoralidade dos coríntios, baseando-se nas implicações da santidade do templo. "Acaso não sabeis que o vosso (plural) corpo (singular) é santuário do Espírito Santo que está em (ou "entre") vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?" (1 Co 6.19). Para cada cristão, ele designa a responsabilidade de manter a santidade de todo o Corpo-templo. Pelo fato de pertencer a Cristo, a prostituição corta (aras "tomando")⁶² de Cristo o membro em erro (cf. v.15), visto que ele se tornou "um corpo com uma prostituta". Tal união é, deste modo, contrastada com "um espírito" (i. e. corpo espiritual) formado ao se unir ou ao se casar (kollomenos) com o Senhor (vv.16.17).⁶³ O uso que Paulo faz da metáfora do templo em 1 Coríntios destaca tanto a sua

santidade com a sua unidade em amor (cf. cap.13).⁶⁴ Mas não devemos entender mal o que Paulo escreve. Ele não quer dizer que a Igreja é "Cristo continuado, a Encarnação continuada... Por ser o corpo de Cristo, a Igreja se encontra com o Seu Senhor; ela não O prolonga mas expressa-O aqui e agora. Ela não O substitui, mas torna-O visível, demonstra-O, sem ser confundida com Ele".⁶⁵

Pedro apresenta uma "teologia do templo" em sua primeira carta, de acordo com aquela que já vimos nas palavras de Jesus e escritos de Paulo. Para Pedro, Cristo é a pedra viva, escolhida por Deus. Formados daquele fundamento original, os cristãos regenerados, ao virem a Ele, são "edificados como casa espiritual" (1 Pe 2.4s.). Os verbos "vir" e "ser edificado" (tempo presente) significam a reunião de cristãos⁶⁶ que adoram a Deus através do Cristo ressurreto. O templo (oikos pneumatikos) está sendo formado pelo crescimento numérico e pela união vital que os indivíduos adoradores (chamados "pedras vivas") têm com Cristo e com eles mesmos.

O objetivo em erigirem o templo é tornarem-se um "sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus através de Jesus Cristo" (v.5). Templo e sacerdócio são figuras firmemente integradas. O primeiro expressa a unidade da Igreja; o segundo refere-se ao seu ministério. A natureza das ofertas que o sacerdócio da nova era oferece deve corresponder rigorosamente à obediência sacrificial do Servo, prestada durante a vida terrena de Jesus. O caderno (hupogrammon) que Jesus deixou deve ser acompanhado, seguindo-se os seus passos (2.21).

O Sacrifício na Igreja

Considerando que o homem é pecador, ele precisa de um sacrifício propiciatório para remover qualquer ofensa que o separe de Deus, de modo que possa ter comunhão com seu Criador. Como "Moisés... se interpôs, impedindo que Sua

cólera os destruísse" (Sl 106.23); assim o sacerdote e o pecador sob a égide do Antigo Pacto se uniam para oferecerem a Deus uma vítima sacrificial em propiciação.⁶⁷ Seguindo as ordens divinas, os pecadores gozavam da bênção de pecados cobertos (Sl 32.1) ou apagados (Is 43.25; Sl 51.1, 9), Há, contudo, uma verdade básica a ser lembrada "Deus não é influenciado por meio de sacrifício sacerdotal... É realmente o próprio Deus quem realiza o ato de perdão e expiação, mas o culto sacerdotal é designado como resposta ao Seu ato e como testemunho da purificação do pecador.⁶⁸

Quatro tipos distintos de sacrifício eram prescritos: 1) A oferta queimada (da LXX), significando literalmente "aquilo que ascende" (Lv 1; 6.8-13). Ela produzia um "sabor de satisfação" de modo que do altar, no tribunal da casa de Deus, um fogo perpétuo e o sacrifício pudessem, duas vezes por dia "simbolizar a resposta do homem à promessa; "ali virei aos filhos de Israel" (Ex 29.38-43).⁶⁹ Apenas o melhor animal, um macho sem mácula, podia ser oferecido, o que sugere a máxima devoção. A imposição de mãos retratava a identificação completa⁷⁰

2) A oferta de manjares (Lv 2; 6.14-18) era literalmente chamada uma "dádiva". Oferecida junto com a oferta queimada e a oferta pacífica, ela exigia "o sal da aliança do teu Deus" (2.13). A "porção memorial", queimada com incenso ao Senhor, tinha como objetivo trazer a Aliança à lembrança de Deus. O simbolismo sugeria que Deus era o convidado de honra⁷¹

3) A oferta pacífica (Lv 3; 7.11-14). Seguindo um ritual preparatório idêntico àquele de quem apresentou a oferta queimada, o ofertante comia o sacrifício com alegria diante do Senhor. Não era permitido que a festa resultante durasse mais que um dia (7.15), para garantir que um número de amigos fosse incluído. Ela expressava a plenitude e o bem-estar denotados pela shalom de Deus, compartilhada com sacerdotes e colegas.⁷²

4) As ofertas pelo pecado e pela culpa (Lv 4.1-6.7; 6.24-7.10). Distintas das três festas anteriores que eram voluntárias, estas eram exigidas quando um pecador quebrava a lei de Deus e tinha o seu relacionamento interrompido com o Criador. Nem a congregação nem o Sumo Sacerdote estavam sem pecado; conseqüentemente, eles precisavam de sangue para ser aspergido diante do véu e aplicado aos dois altares.⁷³ Uma vez por ano o sangue expiatório tinha de ser levado para dentro do véu. Os objetivos desse sacrifício eram a restauração da comunhão e o acesso à presença de Deus por meio dos sacerdotes.⁷⁴ A cerimônia do Dia da Expição, quando os pecados da nação eram transferidos aos dois bodes, retratava a remoção da culpa e a dependência de Deus para perdoar os pecados do povo (Lv 16).⁷⁵ Existe muita controvérsia em cima da questão de se a idéia básica do sacrifício no Antigo Testamento é a de uma dádiva ou a da comunhão com Deus.⁷⁶ Sem dúvida, precisamos fazer concessões ao considerarmos ambos os conceitos. O foco sacrificial do Novo Testamento cai essencialmente sobre Jesus, como Sumo Sacerdote de Deus (Hb 2.17; 4.14ss.; 5.5-10; 7.1-8.6) e, também, como o Cordeiro que tira o pecado do mundo (Jo 1.29, 36); ⁷⁷ qualquer outro sacrifício desaparece pela sua insignificância. R. A. Ward o diz bem:

O seu sacrifício foi racional, voluntário e amoroso, contrastando com os sacrifícios de animais. Os sacrifícios eram oferecidos... na melhor das hipóteses com o consentimento equivalente ao de um animal (Is 53.7). Ele, porém, pela alegria que lhe estava proposta suportou a cruz (Hb 12.2). Por esse ato, o julgamento eterno foi afastado; a redenção, garantida; e a herança eterna, prometida um laço eterno estabelecido entre Deus e o homem, a eterna aliança (Hb 6.2; 9.12, 14s.; 13.20). O Seu trabalho foi absoluto e final. Nada mais precisa ser feito. O meio de tal sacrifício não foi basicamente o Seu corpo (embora o Seu corpo tivesse sofrido), assim como ocorria com os animais sacrificiais, mas

o Seu espírito.⁷⁸ Do ponto de vista cristão, todo sacrifício animal é contrastado com a morte expiatória de Cristo, da mesma forma como a sombra se opõe à realidade (Hb 10.1s.).⁷⁹ Apenas através da oferta perfeita do Servo Sofredor, o Filho de Deus, é que qualquer pecador tem livre e pleno acesso à presença de Deus (Rm 5.1; Hb 10.19). Na auto-oferta de Jesus, a obediência amorosa tornou-se uma realidade, confirmando o que o salmista declarara séculos antes. Deus não deseja sacrifício animal, mas obediência (Hb 10.5-7; Sl 40.6-8).⁸⁰ Será vã qualquer procura de uma referência a um sacrifício aceitável a Deus, no N. T., que não esteja vitalmente ligado a esta raiz cristológica Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, o cumprimento da oferta queimada, uma vez que ele "entregou-se a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus em aroma suave" (Ef 5.2,) e a única oferta pelo pecado do homem (cf. "o sangue aspergido", Hb 12.24)⁸¹ Ele se tornou a "nossa paz" (Ef 2.14-18) bem como "o dom inefável" de Deus (2 Co 9.15).

Poderá não ser possível achar-se uma linha direta de cumprimento entre todos os sacrifícios distintos de Moisés e os aspectos específicos do significado da morte de Cristo.⁸² É suficiente reconhecer que no ato histórico remidor de Deus em Cristo, é oferecida ao homem, inimigo de Deus, reconciliação e acesso a Ele (2 Co 5.21; Rm 8.3; 5.6-11).⁸³ Unidos ao Filho, através da participação no Seu sacrifício arquetípico, os pecadores tornam-se "santos". Deus pode, sem sentir-se envergonhado, habitar no meio do Seu povo purificado (1 Pe 2.9).

Visando nossos objetivos, é importante prosseguirmos em direção às outras referências neo-testamentárias, onde a adoração da Nova Aliança é oferecida a Deus através de sacrifícios feitos pelos remidos, sem haver a pretensão de se obter propiciação ou expiação de pecados. À luz da qualidade infinita da Sua graça, a única obrigação a pesar sobre os

crentes deve ser a gratidão através de louvor e boas obras (Ef 2.8-10).

Jesus convidou a todos os que desejassem tornar-se seus discípulos a se auto-negarem, tomarem sua cruz e segui-lo (Mc 8.34ss.). Aparentemente, Paulo apresenta a morte batismal dos crentes com Cristo e o seu ressurgimento à "novidade de vida" como uma contrapartida das condições de Jesus para o discipulado (cf. Mt 28.19). A afirmação de Paulo: "Eu estou crucificado com Cristo" (Gl 2.19), que se aplica a todos os cristãos genuínos (Gl 5.24), corrobora esta interpretação. A Igreja, pelo batismo com Cristo (cf. Mc 10.38s.; Rm 6.2-6;

Cl 2.12), e tendo sido enxertada nEle. na união à Sua morte e ressurreição, toma, como Ele, a forma de servo (Fp 2.7; cf. Jo 13.10-16). Para Paulo, isto significava que o *imitatio Christi* significava que ele deveria levar "sempre no corpo o morrer de Jesus", de modo que a vida de Jesus pudesse tornar-se manifesta na sua carne mortal (2 Co 4.1 Os.). Por este motivo, a vida de Paulo tomou a forma de sacrifício (*thusia*) e serviço (*leitourgia*, "adoração sacerdotal"), em união à fé dos filipenses (Fp 2.17).⁸⁴ A morte de um mártir não deve ser reputada como trágica, mas antes como um alegre ato de adoração, em comunhão com os filipenses.

Semelhantemente, o apóstolo regozija-se nos seus sofrimentos por causa dos colossenses, preenchendo o que está faltando nos sofrimentos de Cristo por causa do Seu corpo, a Igreja (Cl 1.24). O sacrifício de Paulo não era expiatório. Contudo, aflições suportadas por Cristo e para promover a Sua causa, são sacrifícios cristãos aceitáveis. Diz L. Goppelt "O significado tipológico do serviço de Paulo como um sacrifício torna muito claro quando se lembra que ele encara tanto o começo como o término do seu serviço como um morrer com Cristo" (Rm 6.3-5, etc; Fp 3.10).⁸⁶

Para Paulo, o batismo significa, no nível mais profundo do coração, uma necessidade de o candidato se considerar "morto para o pecado, mas vivo para Deus, em Cristo Jesus"

(Rm 6.11). Esta expressão é explicada nos versículos seguintes como sendo uma forma de deixar de se oferecerem (paristanō "consagrar") membros corporais como instrumentos do pecado, mas antes como crentes que voluntariamente se apresentam a Deus como ressurretos dentre os mortos, tendo os seus membros como instrumentos de justiça (Rm 6.13). Paulo novamente emprega este importante verbo, "apresentar", em Rm 12.1,⁸⁷ fazendo uma referência explícita ao corpo do cristão (i. e. "eles próprios um sacrifício, thusian). Tal oferta, consagrada de uma vez por todas,⁸⁸ significa que o cristão está oferecendo uma adoração (latreia) genuína ou espiritual (logikēn).⁸⁹ É preciso que seja uma oferta santa para que Deus possa aceitá-la, tendo sido oferecida através das "misericórdias de Deus", à disposição dos gentios, pela fé em Jesus Cristo. Nos parágrafos precedentes, o apóstolo revelara a misericórdia inesperada de Deus ao enxertar na oliveira cultivada a igreja gentílica, em lugar dos ramos quebrados de Israel (11.22, 30-33). Como acontecia com os velhos sacrifícios da Aliança, que eram aceitos por satisfazerem todas as condições, este sacrifício agrada a Deus porque coincide com o Seu propósito de levantar um novo homem em Cristo, cuja vida incorporada é mantida pelo Espírito Santo e cuja meta é ser apresentado a Ele "santo, inculpável e irrepreensível" (Cl 1.22).

Seria um erro concluir que Paulo está pensando principalmente em devoção individual. Romanos 11 compara a salvação dos gentios com ramos bravos enxertados numa oliveira cultivada, não com um campo de oliveiras novas. À proporção que as vidas são consagradas e as mentes transformadas, para entenderem a vontade de Deus em Sua total bondade e perfeição (Rm 12.1s.), surge um reconhecimento humilde da natureza do Corpo em Cristo (v.4).⁹⁰ O corpo e a mente não são sacrificados num altar, segundo o modo da Antiga Aliança, mas incorporados em serviço ativo dentro do Corpo de Cristo, a Igreja Os dons distribuídos pelo Espírito são um sinal claro da aprovação de

Deus em relação aos sacrifícios vivos que Lhe foram oferecidos.

À medida que os dons são exercidos, o Corpo é tornado real na adoração resultante (Rm 12.6-8), segundo nos mostra a seleção de dons feita por Paulo. O profeta torna a voz de Deus audível e a Sua vontade conhecida (v.6). O servo ajuda a irmandade sacrificialmente, impelido pelo amor de Cristo (v.7). O mestre hábil informa e esclarece os corações dos não instruídos, de modo que eles também possam ser apresentados perfeitos em Cristo (v.7; Rm 15.16; Cl 1.28). Aquele que exorta⁹¹ oferecerá aos indivíduos o seu estímulo carinhoso (Rm 12.8). O doador se deleitará em compartilhar benefícios materiais com os necessitados (cf. At 2.42ss.). O líder tomará diligentemente a responsabilidade de guiar e organizar a igreja e suas atividades, para que as metas sejam atingidas e a missão seja cumprida. Os compassivos servirão o Corpo aliviando o sofrimento e oferecendo simpatia (cf. Rm 12.8).

É altamente significativo o fato de toda essa ação do Corpo (cf. 12.4, praxis) estar incluída no conceito de Paulo de adoração espiritual (latreia). Partes da adoração ritual expressas através de profecia, ensino e exortação, nas reuniões regulares da igreja, são integradas com o serviço (diakonia). Este, por sua vez, é manifestado através de ações orientadoras e misericordiosas, realizadas dentro e fora das reuniões congregacionais. Como vimos com o tempo, a adoração era considerada pelos escritores neo-testamentários como "em" e "extra" ecclesia por natureza.

Outros exemplos do novo significado do sacrifício podem ser vistos no "dever sacerdotal de Paulo no sentido de proclamar o evangelho" (hierourgein⁹² to euangelion). "O seu serviço é sacerdotal porque ele está encarregado de um santuário (o evangelho), mas também especialmente porque a sua meta e realização é a apresentação dos gentios como um sacrifício santificado pelo Espírito e, portanto, aceitável a Deus (Rm 15.16b). "⁹³

Encontramos sugestões de sacrifícios semelhantes nos serviços pastorais de Paulo, profundamente comprometidos, descritos na sua última mensagem aos presbíteros efésios (At 20.17-35). Uma vez que a igreja foi comprada com o sangue de Cristo (v.28), Paulo em nada considerava a vida preciosa para si mesmo (v.24). Com dedicação e lágrimas humildes (em imitação do seu Mestre), ele cumpriu o seu ministério com proclamação pública e de casa em casa (v.20, nas reuniões). Agora que o seu trabalho em Éfeso fora completado, ele estava limpo do sangue de todos (v.26). Ele podia encomendar com toda liberdade (*paratithemai*) aqueles líderes a Deus (v.32). Este trecho inteiro confirma a conclusão de que o propósito central das reuniões das congregações nos lares era o de receber a influência aperfeiçoadora de Paulo e de todos os que pastoreavam o rebanho, mantendo-se o objetivo de apresentar a igreja a Deus, sem mácula.

Exatamente este mesmo propósito é salientado no contexto do amor que os maridos devem oferecer as suas esposas. "Cristo a si mesmo se entregou por ela (sua esposa) para que a santificasse (a igreja), tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar (*parastēsē*) a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito" (Ef 5.25-27).⁹⁴ Vemos, então, a própria vida de Paulo como um sacrifício, cujo ministério prepara a igreja para ser oferecida em perfeição como um complemento aceitável ao próprio sacrifício de Cristo na cruz.

Pelo fato de o pensamento de Paulo estar dominado pela presença da nova era, ele não hesita em identificar a contribuição financeira que os filipenses lhe enviaram como "um sacrifício aceitável e aprazível a Deus" (4.18). Ele viu isso como um tipo de contrapartida da oferta queimada descrita em Levítico, pois ela também produziu um "aroma suave". Ofertas materiais podem ser consideradas verdadeiros sacrifícios, se forem feitas por aqueles que "dão-se a si mesmos primeiro ao Senhor" (2 Co 8.5). Não que o dinheiro

seja em e de si mesmo um substituto válido para a vida, mas ele poderá ser uma expressão genuína de vida quando oferecido da parte de pessoas que vivem em pobreza extrema (2 Co 8.2, "além de sua capacidade"). A viúva que Jesus louvou deu apenas duas leptas, contudo nelas ofereceu toda a sua vida (holon ton bion, Mc 12.44). Tal compartilhar sacrificial pertence ao ministério sacerdotal (leitourgia) dos filipenses (2.30; cf. Rm 15.27).

De uma forma semelhante, o autor de Hebreus retrata a adoração cristã como "fazer o bem (eupoias) e compartilhar (koinōnias)" (13.16). O parágrafo inteiro (10-17) é melhor compreendido no contexto da reunião da igreja onde o "altar" cristão se refere à Ceia. À proporção que a igreja se reunia em celebração memorial do sacrifício único de Cristo (9.12), a gratidão levava os seus membros a compartilhar as suas bênçãos materiais com irmãos necessitados.⁹⁵ Como a participação da Ceia é proibida aos que servem no tabernáculo (latreuontes, 13.10), o interesse principal da igreja deve ser pelos membros da família de Deus. De maneira semelhante, a primeira igreja em Jerusalém incluía a ação de "compartilhar" (koinōnia)⁹⁶ junto com o ensino, a Ceia e a oração (At 2.42).

Em Hebreus, também, a adoração oferecida em louvor e gratidão expressas durante as reuniões da igreja, pertencem à categoria de sacrifício. "Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício (thusian) de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome" (13.15).⁹⁷ Aqui, um tema vétero-testamentário genuíno vem à tona na igreja Louvor e ações de graças são, ocasionalmente, substitutos aceitáveis das ofertas materiais (cf. 2 Cr 29.31; Sl 50.14, 23; 69.30s.; Os 14.2). Uma tradição rabínica previu o fim de todos os sacrifícios mosaicos, exceto o da oferta de gratidão.⁹⁸ Mas somente através de Jesus o louvor pós-crucificação da igreja pode ser elevado como sacrifício. Em união vital com Cristo, o Sumo Sacerdote da Nova Ordem, todos os cristãos podem oferecer adoração verbal através de proclamação e cântico. " "Por isso, recebendo nós um reino

inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos (latreuomen) a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor" (Hb 12.28).¹⁰⁰ De acordo com o Antigo Testamento, os seguintes assuntos eram dignos de louvor os atos poderosos de Deus (1 Cr 29.12s.; Sl 105.1-6), a Sua bondade (Sl 118.1-4), o livramento de desastres (Sl 107.1, 8, 15, 21, 31) e a conquista de inimigos (Sl 91; 92). A igreja dos primogênitos deveria avistar toda a realidade do ponto de vista espiritual, elevando as razões de louvor e gratidão dos fatores terrestres para os celestiais. Uma ilustração, em Atos 4.21ss., apresenta a multidão que glorifica a Deus pela Sua intervenção em favor dos seguidores de Jesus. Com corações agradecidos, os cristãos reconhecem que o Criador dos céus e da terra predeterminara tudo que aconteceu ao Ungido de Deus. Em vez de libertação nacional, o Deus onipotente venceu opressores espirituais. O sofrimento físico suportado pela comunidade perseguida é de pouca monta em comparação ao propósito divino.

Pedro também se refere às ofertas nas igrejas. Mas não são especificados quais os "sacrifícios espirituais" que o santo sacerdócio cristão deve oferecer. L. Goppelt certamente tem razão, ao declarar. "Não são atos físicos realizados em obediência à letra mas uma rendição inspirada pelo Espírito a todo tipo de serviço".¹⁰¹ Tanto em Efésios como em Colossenses, Paulo roga a seus leitores que sejam "cheios do Espírito" e a Palavra neles habite (5.18; 3.16). As expressões de adoração nas reuniões das igrejas nos lares deviam ser marcadas com "salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando ao Senhor, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo" (Ef 5.19s.). Apesar do entusiasmo que tais reuniões devem ter demonstrado, Paulo não faz qualquer divisão importante entre o culto de adoração da comunidade e as atividades diárias comuns. Pois ele acrescenta que tudo que os cristãos fazem ou dizem deve ser oferecido como adoração, contanto que seja realizado em nome do Senhor Jesus e

acompanhado de ações de graças oferecidas através dEle (Cl 3.17; 1 Co 10: 31).

Contra o ensino dos gnósticos, de que o reino material era maligno, o apóstolo Paulo argumenta que tudo é bom contanto que seja recebido com gratidão e santificado por meio da Palavra de Deus e da oração (1 Tm 4.4s.). Em contraste com o culto ocasional do antigo Israel, a Igreja em Cristo deve regozijar-se sempre, orar sem cessar e dar graças em tudo (1 Ts 5.16-18).¹⁰³

Nas listas tradicionais de admoestações a esposas, maridos, filhos, pais e escravos, pode-se destacar uma ilustração notável no tocante a uma vida inteira sacrificada a Deus e seu significado. Cristãos escravos são solicitados com insistência a que não ofereçam serviço apenas sob as vistas do patrão, para agradá-lo. Pelo contrário, eles precisam considerar-se como escravos de Cristo, servindo-O "com sinceridade de coração, temendo o Senhor" (Cl 3.22; cf. Ef 6.5-7). Esta linguagem sugere o culto. Todos os cristãos são encorajados a cantar a Deus em seus corações (Ef 5.19; Cl 3.16). Os escravos devem trabalhar calorosamente (ek psuches), oferecendo os seus serviços como um sacrifício ao Senhor (em vez de ficarem ressentidos com o serviço não pago).

Embora esses sacrifícios de corpo, louvor e boas obras possam parecer notadamente mundanos, ele são agradáveis a Deus. Atos extraordinários de piedade através de auto-aflição ou abstinência ascética não são estimulados (Cl 2.16-23). O importante é o amor a Deus e ao próximo. Sem tal amor agape genuíno, a auto-imolação é inútil (1 Co 13.3).

O Sacerdócio dos Crentes

O sacerdócio sob a Antiga Aliança, unido ao templo, sacrifica e festeja como uma parte essencial do rito estabelecido por Deus, por meio do qual o Seu povo poderia

adorá-lo. Os sacerdotes eram pontes vivas entre o Deus santo e o homem pecador. O significado do termo "sacerdote" (kohen, em heb.) é "aquele que fala a verdade", e mostra a ligação íntima que a sua função tinha com a profecia.¹⁰⁴ Uma vez que Deus tinha confiado a Israel Seus oráculos (Rm 3.2), a nação foi consagrada como um "reino de sacerdotes" (Ex 19.6). A missão de Israel consistia em tornar o nome e a vontade de Deus conhecidos por todas as nações.¹⁰⁵

Para comemorar a graciosa intervenção de Deus na conquista dos egípcios no Êxodo e a preservação dos primogênitos israelitas, cada pai presidia como um sacerdote num êxodo redramatizado, por ocasião da festa da Páscoa (Ex 12). De fato, Israel como um todo era o primogênito de Deus (Ex 4.22) e enviado como seu "sacerdote real" (Ex 19.6).¹⁰⁶ Por motivos práticos, os filhos primogênitos de cada família foram separados em favor do sacerdócio levítico institucional, fundamentado no princípio da representação (Nm 3.12s.; 8.19s.).¹⁰⁷ Esses sacerdotes eram consagrados (Ex 29.9s.), distinguidos ao usarem a roupa sacerdotal prescrita após a purificação, unção e santificação por uma oferta parcialmente consumida por eles (Lv 7.12s.).¹⁰⁸ Somente o sumo sacerdote era ungido como O Ungido (christos, Lv 4.13s.; 6.12s.), embora seus filhos também recebessem aspersão com óleo. O resultado foi o surgimento de uma pirâmide ou uma hierarquia composta de sumo sacerdote no topo; depois sacerdotes; e, finalmente, levitas, separados do resto da nação. Apenas enfrentando a pena de morte qualquer pessoa que não fosse sacerdote se aventuraria a entrar no Lugar Santo (Nm 3.10). Em vez de uma herança geográfica, estes homens consagrados tinham o direito de "herdar" o Senhor (v.13). Tanto o seu trabalho como o seu sustento tinham de vir unicamente de sua adoração contínua a Deus.

Agora que a nova era fora inaugurada, o autor de Hebreus prova que Jesus Cristo reúne todo o sacerdócio israelita no seu papel único de representante de Deus diante do homem e do homem diante de Deus. Como mediador, ele

satisfaz perfeitamente as condições humanas e divinas para a vantagem eterna dos eleitos (Hb 5.1-10; 7.1-28). O fundamento desta interpretação está bem claro na oração sacerdotal de Jesus (Jo 17).¹⁰⁹ Ele, por causa dos seus seguidores, se consagrou (v.19), o que inclui a idéia de sacrifício,¹¹⁰ para que eles pudessem ser santificados na verdade (v.19). Ele também ora, para que eles sejam "aperfeiçoados (i. e. consagrados) na unidade" (v.23).¹¹¹ Assim, através de Sua auto-entrega Jesus incorporou o povo da Nova Aliança num sacerdócio genuíno que tem como fonte e fundamento o Seu próprio papel como sacerdote.

Também é evidente que em Hebreus o sumo sacerdócio de Cristo é o meio abrangente de o autor descrever seu significado mediador.¹¹² Porque ele mesmo morreu uma vez para tirar os pecados, o Seu ministério preeminente atual expressa simpatia (2.17; 4.14s.) e intercessão (7.25; Rm 8.34).¹¹³ Dessa forma, Seu ministério terreno continua nos céus, pois Jesus foi conhecido pela sua compaixão e intercessão tanto pelos Seus seguidores amados como por aqueles que o perseguiram (Jo 16.26; 17.20; Lc 22.32; 23.34),

Claramente, então, o privilégio de o sacerdócio ser estendido a todos os crentes¹¹⁴ tem como fonte e modelo Aquele que os une a Si no próprio sacerdócio da Nova Aliança. "... tanto o que santifica, como os que são santificados, todos vêm de um só" (Hb 2.11). "Por isso mesmo convinha que, em todas as coisas, Ele Se tornasse semelhante aos irmãos" (2.17). Pelo fato de os cristãos fazerem parte da "igreja dos primogênitos arrolados nos céus", eles estão convidados a entrar no Lugar Santo (Hb 12.23; 10.19-22). O acesso ao Santo dos Santos está limitado àqueles que foram incorporados na "casa de Deus", sobre a qual Ele governa (Hb 3.6; 10.19, 21). Goppelt pensa que a confissão (homologia, 3.1; 4.14) da comunidade devia incluir afirmações acerca do sumo-sacerdócio (10.19ss., especialmente o 23) de Jesus (3.1). Exatamente esta confissão do Seu nome, isto é, a de quem Ele é, foi incluída nos sacrifícios de louvor que a comunidade adoradora oferecia ao Senhor (13.15).

Pela sua união com Cristo, a Igreja tornou-se um "reino" e seus membros "sacerdotes" (Ap 1.6; 5.10; cf. 20.6; 1 Pe 2.9). Eleito da humanidade como um todo, o Novo Israel tem a responsabilidade de executar a missão original do Antigo Israel, isto é, proclamar as "virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1 Pe 2.9). No papel de sacerdote real de Deus, a igreja tem a feliz responsabilidade de desafiar toda a raça humana a reconhecer as virtudes do salvador do mundo (cf. Jo 4.42).¹¹⁸ De acordo com a sua missão sumo-sacerdotal, a Igreja precisa dar prioridade ao aniquilamento da brecha entre o mundo e o Criador. Este sacerdócio real dá testemunho da mediação singular do Senhor, sendo enviado ao mundo como Ele o foi (Jo 17.18; 20.21; At 1.8; 2 Co 5.18-21). O Filho veio para expor o Pai ao mundo (Jo 1.18), e a Igreja foi chamada para desincumbir-se desta tarefa até a consumação do século (Mt 28.18-20). Portanto, tudo o que a Igreja faz para cumprir a sua missão pode corretamente ser considerado adoração. Paulo assim sugere, em Ef 4.12, ao focalizar o propósito da liderança da igreja na preparação (**katartis-mon**) dos santos para servir (**eis ergon diakonias**). Jesus identificou a Sua própria missão como aquela do Servo Sofredor, pois Ele veio "não para ser servido mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mc 10.45).

À luz da compaixão sacerdotal infinita de Jesus, está claro que qualquer adoração que isola a Igreja das necessidades espirituais ou materiais do mundo não é bíblica. Tal isolamento nega a sua chamada sacerdotal. Através de atos práticos de amor, a igreja cumpre o seu desafio divino para dar testemunho do caráter do seu próprio Sumo Sacerdote (At 1.8; 10.38; Ef 2.10).

Semelhantemente, a Ceia do Senhor como a expressão suprema da adoração neo-testamentária, expõe dramaticamente a união entre comunidade como um sacerdócio e a dádiva incomparável da vítima sacerdotal de Deus, carregando Ele mesmo em Seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados (1 Pe 1.18.s; 2.24). Ao comer e beber à

mesa do Senhor ressurreto, a igreja também espera ansiosamente o Seu reinado triunfante, proclamando no presente a Sua morte vicária, até a Sua volta (1 Co 11.26).

As várias expressões de ajuda mútua dentro da irmandade da igreja pertencem a esta mesma categoria de ministério sacerdotal. Nas páginas do Novo Testamento, acumulam-se cerca de trinta e cinco exemplos de responsabilidade mútua, indicados pela frase "uns aos outros" (allélous).

Embora o termo "sacerdote" (singular) não se aplique a um indivíduo cristão no Novo Testamento (nem a palavra "rei"), pois ela pertence unicamente a Cristo, o ministério da Palavra, o encorajamento, a intercessão e o compartilhar são exemplos de "serviço sacerdotal" ou adoração. Esta concepção básica sugere as razões pelas quais a descrição que Paulo faz do culto de adoração leva naturalmente a subordinação mútua (Ef 5.21) e obediência, pois compreende-se que o próprio Cristo está empenhado em ministrar como Sumo Sacerdote governante, em e através do Seu Corpo e Templo. D. G. Peterson nos lembra que:

O uso de tais expressões como "ir ao culto" obscurece a ênfase das reuniões de encorajamento mútuo. Mesmo quando estamos cantando hinos e entoando melodias ao Senhor, Paulo diz que devemos "instruir-nos e aconselhar-nos mutuamente" (Ef 5.19s.; Cl 3.16). O exercício dos dons tanto dentro como fora da reunião congregacional deve ser uma expressão daquela obediência grata que é "a adoração espiritual" (Rm 12.1-8).¹²⁴

A eternidade invadiu o tempo quando o Filho de Deus se tornou carne, morreu e ressuscitou. Aqueles que crêem nEle, morrem e ressuscitam com Ele em união batismal (Rm 6.2-6; Cl 2.12) também compartilham com Ele da vida do "porvir", através da mediação do Espírito. Todas as experiências

vividas na nova criação e dignas do Seu Senhor devem, portanto, ser consideradas "adoração".¹²⁵ A mudança da "morte em pecado" para a "vida em Deus" (Cl 3.3) é mais radical do que a metamorfose de uma lagarta transformando-se numa borboleta (cf. Rm 12.2). O véu foi removido na realidade da Nova Aliança, pois "todos nós com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2 Co 3.18).

Devemos viver todo tempo em serviço alegre. Cada ato obediente pertence, inseparavelmente, ao campo da adoração (1 Co 10.31; Cl 3.17). Conseqüentemente, atribuir "santidade" legalista a certos dias, estações ou festividades significa realmente aniquilar a própria essência do "aperfeiçoamento" (peplēmomenoi) pelo qual fomos levados em

Cristo (Cl 2.10-23; Gl 4.9). A seleção opcional de dias, horas ou períodos para a oração (Cf. 1 Co 7.5) ou a observação de qualquer rito religioso nunca devem ofuscar esta concepção se quisermos evitar uma volta ao cativeiro dos espíritos elementares (stoicheia, "elementos (espíritos?) do universo" (Cl 2.8; Gl 4.9)).¹²⁶ A obrigação anterior da lei sucumbiu perante o impulso da "lei do Espírito da vida em Cristo" (Rm 8.2).

Para os remidos, a alegria contínua no Senhor (Fp 3.1; 4.4; 1 Pe 1.6, 8) tem mais importância do que o louvor incessante prestado pelas hostes angelicais (Ap 4.8). Todos os que estão selados pelo Espírito (Ef 1.13; 2 Co 1.22; Ap 7.3ss.) têm mais motivos para exultar na excelência do Cordeiro, nAquele que está sentado no trono, do que os seres celestiais. Portanto, os escritores neo-testamentários não sentem nenhum constrangimento ao instarem com os seus leitores a que ofereçam "sacrifícios de louvor continuamente" (Hb 13.15; cf. Ef 5.19).

Mas, o que dizer dos pecados dos cristãos, a raiz profunda de injustiça não extraída? Como o Novo Testamento encara a anomalia das transgressões dos santos? Paulo

afirma que qualquer pensamento, palavra ou ato do cristão sem fé é pecado (Rm 14.23). Significa que ele deixou de adorar. A boa consciência, que é dever dos crentes (1 Pe 3.16), precisa ser restaurada através de confissão e confiança na completa purificação de todo pecado que Cristo fielmente efetua (1 Jo 1.9), de modo que a interrupção do ato de adoração não mais ocorra. Semelhantemente, permitir que o tempo passe sem ser aproveitado (i. e. "sem ser remido") significa que nós o cedemos à Velha Era, e isto é fatalmente mau (Ef 5.16; Cl 4.5).

Que melhor resumo pode ser encontrado, sobre o conceito de tempo e adoração da Nova Era, do que aquele que o irmão Lourenço compartilhou com uma simpatizante, há mais de três séculos atrás?

Ele (Lourenço) disse que a nossa santificação não dependia de mudarmos nossas obras, mas de realizarmos para Deus o que normalmente realizamos para nós mesmos... Afirmou que o método mais excelente que encontrou para ir a Deus era o de realizar o trabalho normalmente, sem a intenção de agradar aos homens, apenas (tanto quanto pudesse) pelo amor a Deus... "A hora do trabalho não difere da hora da oração; enquanto há barulho e confusão na cozinha, enquanto várias pessoas estão ao mesmo tempo pedindo coisas diferentes, eu possuo Deus numa tranqüilidade tão grande como se estivesse ajoelhado numa ocasião de Santa Ceia. "¹²⁷

Partindo-se do conceito neotestamentário de templo, podem-se notar várias implicações:

1) A identificação de Cristo com o Seu povo no templo deve nos lembrar que adoração é aquilo que realizamos juntos, estejamos no mesmo lugar geográfico ou não {cf. 1 Co 5.4). À parte dEle não há adoração verdadeira. Assim, reunir-se em Seu nome significa que a irmandade está unida de acordo com o Seu ensino (Mt 28.20), para glorificar o Pai através dEle (1 Pe 4.11). Reunindo-se como uma irmandade em Cristo, a presença do Senhor ressurreto está garantida A

expressão visível da união da igreja com Cristo não é opcional. Ela pertence, junto com o batismo e a ceia à essência da confissão audível e da adoração visível da Igreja.

A unidade da igreja é fundamental a sua natureza como templo santo de Deus. Portanto, profanar a comunidade através de divisões em grupos hostis ou rivais invoca um anátema sobre qualquer causador de desunião (1 Co 3.17). O Espírito Santo de Cristo, dignando-se a habitar no templo, efetua e certifica a sua santidade (1 Co 3.17; Ef 2.21), tornando também sagrado, desta maneira, o relacionamento entre os cristãos.¹²⁸ Assim, a nossa real união com Deus, que é "nosso Pai"¹²⁹, e com os nossos irmãos espirituais pertence à natureza vital da adoração. Não pode haver atos particulares no templo do Deus vivo, embora indivíduos, congregações e denominações estejam amplamente separados por espaço, crenças e práticas.

A composição do templo não está restrita a raça, idade ou sexo. Todos os homens e mulheres que receberam o Filho estão incorporados nesta casa escatológica de Deus. Esta figura bíblica reflete a continuidade básica da história da salvação. O propósito original de Deus ao eleger o Seu povo (Ex 19.5; 1 Pe 2.9) foi cumprido quando Ele determinou que habitaria no seu meio. De fato, Deus é onipresente, e afirma que toda a terra é Sua (Ex 19.5). Conseqüentemente, a transformação do templo material da Palestina num "edifício feito não por mãos" de homens, significa que, assim, a meta original de universalidade é atingida.¹³¹

O templo ainda está sendo edificado. "Ele sempre deve ser aceito pelo que é, em seu estado incompleto".¹³² Tudo que aumenta a sua perfeição deve ser considerado digno de inclusão na liturgia. Tudo que a diminui deve ser eliminado.

Cada congregação local deve buscar convencer os homens da realidade da habitação de Deus na terra e entre o Seu povo. A vida da igreja em todas as suas inumeráveis atividades e atitudes, deve refletir a perfeição divina e apresentar uma visão como a de Isaías, no templo (Is 6.3-5).

Daí, então, será criada uma percepção penetrante de culpa que produz a lamentação: "Ai de mim".¹³³ Sendo, na verdade, uma comunidade espiritualmente terapêutica, também não deveria atrair aqueles que sofrem a dor da culpa?

Para que a adoração seja neotestamentária ela precisa ser mais do que um simples entrelaçamento de pessoas que se encontram ocasionalmente, tornando-se um verdadeiro grupo de indivíduos que se influenciam mutuamente em suas personalidades, comportamentos e valores de vida.

O sacrifício cristão e o sacerdócio universal da Igreja, vistos através do prisma dos autores do Novo Testamento, tornam-se aspectos integrantes de sua opinião de adoração. "A vida toda está relacionada e situada dentro do movimento missionário de Deus aos homens".¹³⁴ Como uma fonte a jorrar, uma comunhão continuamente renovada por Aquele que Se sacrificou sem reservas pela Igreja deve motivar os adoradores a reagirem positivamente aos apelos urgentes de Deus para oferecer a solução salvadora de Deus à necessidade desesperadora do mundo.

Segundo H. Berkhof, a adoração na igreja, concebida desta maneira, torna-se:

"... um evento antifônico no qual, de um lado, Deus vem a nós em elementos como a proclamação de graça, a ordem, a leitura das Escrituras, a pregação, a ceia e a bênção; por outro lado, chegamo-nos diante de Deus com a nossa confissão de pecados, litania de louvor, profissão de fé, orações e intercessões, dons para o Seu trabalho na igreja e no mundo, hinos de humilhação e adoração, de louvor e petição."¹³⁵

Contudo, tais exercícios comuns de culto, pertencendo por direito a reunião pública da igreja, não são dignos dEle, que viveu a Sua vida inteira por nós, a menos que os membros, voluntariamente, sintam-se impelidos a oferecer

com alegria todos os seus atos e serviços no altar de sacrifícios. De modo geral, a congregação habituada à adoração tradicional vê nela um dever a ser cumprido na representação da liturgia como se isto fosse a essência da leitourgia (serviço sacerdotal) que o sacerdócio do Novo Testamento nos convida a trazer a Deus. Uma vez terminado o momento de culto (seja coletivo ou individual), o cristão sente-se à vontade para voltar à rotina neutra ("secular") do viver cotidiano no mundo. Não há aqui nenhum desejo de denegrir o significado dos cultos de adoração repetidos. O Novo Testamento certamente nos desafia a nos apropriarmos do verdadeiro conceito de adoração. Todos os pensamentos, palavras e atos devem ser realizados como adoração, porque o Cordeiro é "digno de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor" (Ap 5.12). Esta oferta de sete elementos, que as inúmeras hostes angelicais proclamam que o Cordeiro é digno de receber, na realidade só pode ser dada pelos remidos na terra. São eles quem têm riqueza (plouton) para dar, riqueza que já não é totalmente deles. A sabedoria (sophian) obtida na terra deve ser usada e disseminada por causa de Sua excelência. A força corporal (ischun) deve ser usada para promover os Seus propósitos. Para a Sua honra, glória e bênção, falamos, escrevemos, trabalhamos, brincamos, comemos e dormimos, pois Ele é digno de toda força da vida que pulsa dentro de nós.

As reuniões públicas da igreja devem ter constantemente este objetivo em vista. Seus membros, ao participarem da liturgia, devem ser estimulados a praticar atos de amor agapē e boas obras (Hb 10.24). Reunida ou dispersa, a Igreja deve ser uma comunidade glorificadora. Apenas esta adoração de duas faces é digna dEle, que Se entregou pela Igreja com a intenção de garantir a sua perfeição (Ef 5.27). Se a adoração for julgada uma prática ocasional, limitada a horários, lugares e ritos específicos, a igreja certamente irá perder a sua vitalidade espiritual, mantendo a "forma" mas negando o poder nela inerente. Para ser uma igreja da Nova Aliança, os sacrifícios por ela

oferecidos precisam ser uma "oferta contínua", e o sacerdócio de todos os seus membros têm de ser de "tempo integral". Pois não somos de nós mesmos, mas fomos comprados por um preço (1 Co 6.20), e isto significa que os cristãos têm tanto tempo livre quanto os escravos! Portanto, quer comais, quer bebais, ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus (1 Co 10.31).

NOTAS

Vide seu livro *Worship: The Missing Jewel of the Evangelical Church* (Harrisburg, PA, sem data).

B. H. Leafblad, em R. Allen e G. Borrar, *Worship: Rediscovering the Missing Jewel*, (Portland, Oregon, 1982) p.10.

L. Ryken aponta para o significado do conceito puritano de trabalho como uma integração de toda vocação honrosa com uma vida espiritual cristã. "Puritan Work Ethic: The Dignity of Life's Labor, *Christianity Today*, (19 de outubro de 1979) p.15.

Lutero disse: "Ter um Deus é adorar a Deus".

5. D. Macleod, "Theology Gives Meaning and Shape to Worship", *The Princeton Seminary Bulletin*, vol. LXVIII, nº 2 (1975) p.38.

Vide M. L. Loane, "Christ and His Church", em *Fundamentals of the Faith*, publicado em *Christianity Today*, (Washington D. C, s. d.) p.15; cf. Hendrikus Berkhof, *Christian Faith*, (Grand Rapids, 1979), p.377.

Worship, *The Christian's Highest Occupation*, (Kansas City, s. d.) p.16.

"Worship in Isaiah 6" *RTR* xliii nº 1 (1984), p.16, citado em David Peterson, *RTR*, xliii, 3, p.65.

A. F. Rainey, "Sacrifices and Offerings", *Pictorial Encyclopedia of the Bible* (Grand Rapids, 1976) v. p.201 s.

Cf. R. E. Webber, *Worship Old and New*, (Grand Rapids, 1982) p.163.

A. E. Milligram, "Sabbath, the Day of Delight, p.342, em *Pictorial Encyclopedia*, *ibid.*, p.183. Cf. H. H. P. Dressler, "The Sabbath in the Old Testament", em *From Sabbath to Lord's Day*, ed. D. A. Carson, (Grand Rapids, 1982) 24.

G. H. Waterman, *Pictorial Encyclopedia*, *op. cit.*, p.184.

H. H. P. Dressler, *op. cit.*, p.26. A. J. Heschel, *The Earth is the Lord's, the Sabbath*, (Nova Iorque, 1966) p.18.

H. H. P. Dressler, *op. cit.*, p.33

G. H. Waterman, *op. cit.*, p.185. E. Lohse sugeriu com base em B. Pes.68b que a frequência compulsória na sinagoga era considerada parte

da observância do sábado, mas C. Roland nota que a referência não é ao sábado mas aos dias festivos. Cf. "Sabbath Observance in Judaism at the Beginning of the Christian Era", em *From Sabbath to Lord's Day*, op. cit., p.51.

Veja 2 Cr 36.21 e Jr 25.11s., onde o exílio foi a consequência do fato de Israel ter deixado de observar os descansos da terra a cada sete anos, segundo a prescrição de Deus.

Cf. D. Freeman, "Festas", em *O Novo Dicionário da Bíblia*, v.1 (São Paulo, 1965)pp.614s.

Para uma afirmação definitiva, vide O. Cullmann, *Christ and Times*, trad. F. V. Filson, (Filadélfia, 1964) passim.

Para a opinião judaica, cf. C. Rowland, op. cit., p.46. G. H. Waterman, op. cit., p.186; M. M. ES. Turner, "The Sabbath, Sunday, and the Law in Luke/Acts", em *From Sabbath to Sunday*, op. cit., p.102. D. Guthrie, *New Testament Theology*, (Leicester, 1981), nota que devem ter surgido muitos problemas para aqueles que procuravam manter o padrão judaico do descanso do sétimo dia no mundo gentílico, mas que o N. T. não fornece nenhuma orientação para tais problemas.

Cf. P. E. Hughes, *Interpreting Prophecy*, (Grand Rapids, 1976) pp.28s.

"O A. T. torna claro que para a pessoa devota daquela era todas as atividades deviam ser executadas olhando para Deus, "Reconhece-O em todos os teus caminhos (literalmente, 'conhece-O'. D. G. Mostram, *The Dynamics of Intimacy with God*, Tyndale House, (Wheaton, IL 1983) p.38. A adoração no A. T. "é geralmente considerada um meio de se reconhecer a soberania de Deus", D. G. Peterson, op. cit. p.65.

Cf. W. F. Adeney, *Hastings Dictionary of the Bible*, (1902) pp.941s.

Cf. T. W. Jennings, Jr. *Life as Worship: Prayer and Praise in Jesus' Name* (Grand Rapids, 1982) p.6.

CF. D. A. Carson, "Jesus and the Sabbath in the Four Gospels", *From Sabbath to Lord's Day*, op. cit., p.75.

De acordo com o Talmude, o sábado é me'en 'olam ha-ba, o que significa "um pouco como a eternidade", ou "o porvir", A. J. Heschel, op. cit. p.74. Para os cristãos, porém, Jesus como o representante de Deus, "Ele próprio substituiu as prescrições codificadas da Lei para a comunidade dos cristãos e tornou-Se a personificação da vontade divina". Hugh Anderson, *The New Century Bible Commentary Series, The Gospel of Mark*, (Londres, 1976) p.111.

D. A. Carson, op. cit., p.75.

Cf. O. Cullmann, *Early Christianity Worship*, (Londres, 1959) p.10. "Orações", plural em At 2.42, provavelmente significa "períodos de oração".

O. Cullmann, *ibid.*, p.15. Poderíamos comparar à vigília semanal da Igreja Evangélica Coreana em São Paulo. Toda sexta-feira à noite, às 9.30 horas, lotam-se dois ônibus com adoradores que são transportados, cerca de 40 quilômetros, a um "Jardim de Oração", louvor, estudo bíblico e

exortação ocupam o tempo até as duas horas da manhã. Após um pouco de sopa de abóbora, três horas de sono, o culto de oração normal das cinco horas é celebrado. Depois todos voltam ao centro da cidade às sete horas da manhã, para começar o seu dia de trabalho.

Dial. W. Trypho, *Anti-Nicene Fathers*, I, pp.199s. Cf. Clemente de Alexandria em *Anti-Nicene Fathers*, II, p.70,

Adv. Haer.14.16 em *Anti-Nicene Fathers*, i, p.481.

On Idol.14, *Anti-Nicene Fathers*, III, p.70.

Cf. R. J. Bauckham, "Sabbath and Sunday in the Post-apostolic Church", em *From Sabbath to Lord's Day*, op. cit., pp.277s.

Cf. B. Lindars, *New Century Bible Commentary on John*, (Londres, 1972): "Jesus traz a profecia escatológica para os tempos atuais", p.189.

Vide F. F. Bruce, "Age" em *ISBE*, (Grand Rapids, 1979) v. I, pp.67s.

O único artigo que tange a adoração, na Declaração de Fê das Igrejas Batistas do Brasil (com a exceção do n° XIV regulamentando o Batismo e a Ceia do Senhor), afirma que o domingo é o sábado cristão, e exige a abstenção do trabalho secular e "a observância piedosa de todos os meios de graça".

Teria algum significado o fato de a multidão ter comido até ficar satisfeita e, no dia seguinte, ter procurado Jesus novamente?

O. Cullmann, *Worship*, op. cit, p.96. Toda vez que Cristo Se comunica com a Sua igreja, ela é privilegiada por participar com Ele. Cf. T. F. Torrance, op. cit, pp 75s.

38. Os judeus usavam o termo "pão" para se referirem ao Pentateuco. T. F. Glasson, *Moses in the Fourth Gospel* (Londres, 1963) p.47, n-1.

O. Cullmann, *Worship*, op. cit, p.10.

Para a evidência, vide R. J. Bauckham, "The Lord's Day", em *From Sab... op. cit*, pp.221 ss.

Poderia haver alguma sugestão às reuniões noturnas no simbolismo dos sete candeeiros como representação das igrejas da Ásia?

C. F. D. Moule, *Worship in the New Testament*, (Londres, 1961) p.16.

O *Didachê* também indica que nos primórdios da era pós-apostólica também se celebrava a Santa Ceia, no dia do Senhor (14.1). Cf. K. Lake, *Apostolic Fathers*, (Cambridge, 1965) v.1, p.331; e R. J. Bauckham, op. cit, pp.227-33a

CF, O. Cullmann, *Worship*, op. cit, p.31.

D. G. Mostrom, op. Cit, p.137.

Cf. F. D. Moule, op. cit, p.13.

J. White vê 1 Co 5.7s, como a principal evidência da observância da Páscoa pela igreja neotestamentária. *Introduction to Christian Worship*, (Nashville, 1980) p.50. Cf. R. E. Webber, op. cit, p.165.

Vide B. Lindars para opiniões referentes aos significados da frase "ser interior" e da lamentação de Jesus no último dia da festa. Op. cit. pp.300ss.; e T. F. Glasson, op. cit., pp.48ss.

D. G. Mostrom, *op. cit.*, p.38. "A adoração é para a vida cristã o que a corda é para o relógio", disse L. R. Axelson, em *Gathered Gold*, compilado por J. Blanchard, Evangélica! Press, (Welwyn Herts, 1984) p.340.

D. G. Peterson, *op. cit.*, p.65.

Cf. T. F. Torrance, *Royal Priesthood*, SJT, Occasional Papers, no3, (Edimburgo, 1963) -p.1.

Cf. O. Cullman, *Early Christian Worship*, p.9, n-1. E. Lohmeyer, *Lord of the Temple*, tr. S. Todd, (Edimburgo, 1961) pp.38s. E para que viesse a ser uma casa de oração digna para todas as nações.

D. A. Carson, "Jesus and Sabbath in the Four Gospels", *From Sabbath to Lords Day*, *op. cit.*, p.79. Cf. C. F. D. Moule, *op. cit.*, p.14.

O. Cullmann, *Worship*, *op. cit.*, p.117.

R. P. Martin, *Adoração na Igreja Primitiva*, (São Paulo, Edições Vida Nova, 1982), p.28.

Do mesmo modo como há apenas um rebanho e um só Pastor (Jo 10.16) e uma videira com numerosos ramos (Jo 15.1-6), a casa do Pai *tem* muitos "aposentos", apesar do fato de que Jesus precisa ir preparar um lugar para os seus discípulos. A linguagem figurada significa que Jesus incorpora em Si mesmo a Igreja Mundial, apesar de a redenção da Igreja exigir que Ele vá ao Calvário e volte pela ressurreição. A idéia da *parousia* é secundária ao Seu propósito nesta passagem. Cf. R. P. Shedd, "Significados Múltiplos no Evangelho de João", em *Current Issues in Biblical and Patristic Interpretation*, ed. G. F. Hawthorne (Grand Rapids, 1975), pp.253ss.

Cf. R. P. Martin, *op. cit.*, p.28.

En está faltando no original. Espírito (*pneumati*) provavelmente deve ser instrumental. Nós adoramos "pelo Espírito", em contraste com os judeus que continuam praticando os ritos dos cultos pró-cristãos.

Cf. J. A. Robinson, *Commentary on Ephesians*, (Grand Rapids, 1979) p.72, com J. R. W. Stott. Parece melhor ver um ensino paralelo em Ef 1.23, onde Cristo enche a Igreja pelo Seu Espírito. *God's New Society* (Downer's Grove, II, 1979) p.65.

Vide 1 Pe 2.4s. onde o singular "pedra" e plural "pedras" expressam o concerto total. Não havia edifícios sagrados usados pelos cristãos exclusivamente para a adoração antes do fim do segundo século. Cf. P. Schaff, *Anti-Nicene Christianity*, p.199, citado no *Hastings Dictionary of the Bible*, p.942.

Cf. B. Shelley, *A Igreja: O Povo de Deus*. (São Paulo, Edições Vida Nova, 1984), pp.12-14. Rústico (165 A. D.) perguntou a Justino Mártir: "Onde você congrega?" Justino respondeu: "Onde qualquer um deseja... porque o Deus dos cristãos não é limitado pelo lugar, mas sendo invisível enche os céus e a terra e em todo lugar é adorado e glorificado pelos fiéis" (*Martyrdom*, 2). Citado no *Hastings Dictionary of the Bible*, p.941.

Paulo não afirma, porém, que a pessoa imoral se perdeu. Ele também não manda que os coríntios entreguem os ofensores a Satanás, como em 1 Co 5.5.

Cf. E. Best, *One Body in Christ*, (Londres, 1955) pp.74ss.

O capítulo de Paulo sobre dons e adoração, seguido pelo seu hino acerca do amor, visa o propósito único de edificar a igreja. Cf. J. White, *op. cit.*, p.31.

T. F. Torrance, *op. cit.*, p.31, citando I. Muirhead em *SJT*, n- 6, p.331. Teólogos católico-romanos sempre se inclinaram a tirar as conclusões reprovadas aqui.

Embora o N. T. não se refira a horas ou lugares sagrados, de modo algum diminui a importância da reunião, ressaltando seu propósito como "edificação" (cf. 1 Co 14.3, 4, 5, 12, 26) e adoração a Deus (cf. Ef 5.19, 20; 3.16, 17; Ap 5.12-14; 14.7).

Cf. Ex 32.11, onde propiciar significa, literalmente, "abrandar a face". D. Kidner, "Sacrifício: Metáforas e Significado", *Tyndale Bulletin* n.33, (1982) p.122.

T. F. Torrance, *op. cit.*, p.3.

D. Kidner, *op. cit.*, p.130.

Ibid. p.131.

Ibid., p.132

Ibid., p.133.

D. Kidner, *ibid.*, p.134.

ibid., p.135.

Cf. W. Eichrodt, *The Theology of the Old Testament* (Trad. para o inglês em 1961), para o significado da imposição das mãos. Cf. Donald Guthrie, *op. cit.*, p. 433 para o significado do sangue.

V. Taylor, *New Testament Essays*, (Grand Rapids, 1972) p.49

Para o significado da expiação no Evangelho de João, vide G. L. Carey, "The Lamb of God and Atonement Theories", *Tyndale Bulletin* 32, (1981), pp.112ss.

Commentary on 1 and 2 Timothy and Titus, (Waco, 1974), pp.64s.

Vide F. F. Bruce, *The Time is Fulfilled*, (Exeter, 1978), p.83. "Talvez não seja acidental o fato de que as quatro palavras usadas em referência a sacrifício no Salmo 40.6-8 (Hb 10.5-7) cubram os tipos principais de sacrifício levítico. Elas são abolidas na declaração de que Deus quer *corações e vidas obedientes*. A preparação para este ponto de vista da Nova Aliança pode ser encontrada no Antigo Testamento. A confirmação de Samuel de que a obediência é melhor do que o sacrifício (1 Sm 15.22) é bastante repetida nos profetas (Is 1.10-20; Mq 6.6-8; Os 6.6; Am 5.21-27, etc.); Cf. R. P. Martin, *The Worship of God*, (Grand Rapids, 1982), p.66.

L. Goppelt, *op. cit.*, p.169.

D. Guthrie, *op. cit.*, pp.433s.

L. Goppelt, *op. cit.*, p.149.

Cf. F. F. Bruce, *The Time*, *op. cit.*, pp.93s,

Cf. T. F. Torrance, *op. cit.*, p.34.

Cf. E. C Selwyn, que toma a frase *eis Christon* (1 Pe 1.11) como significando sofrimentos "por Cristo". Os sofrimentos de Paulo teriam regredido grandemente se ele não tivesse estado ativamente empenhado em ampliar a extensão de sua missão divinamente ordenada. *The First Epistle to St. Peter*, (Londres, 1946), pp.136s.

Typos, trad. D. H. Madvig, (Grand Rapids, 1982) p.151.

Cf. K. Munzer, *NDITNT*, v. I, pp.631s. e G. R. Beasley-Murray, *Baptism in the New Testament*, (Exeter, 1972), p.203.

Indicado pelo aoristo *parestesai*.

Vide Arndt e Gingrich, *Lexicon*, p.477.

Poderá ser enganadora a afirmação de E. Kaeseman, apoiado por T. W. Jennings, Jr., de que o significado de apresentar os nossos corpos é, "a nossa vida no mundo em todos os seus relacionamentos e ligações" (*Life as Worship*, p.6 e Kaeseman, *New Testament Questions of Today* (Trad. inglesa) (Filadélfia, 1969), p.135, se não houver distinção clara entre o relacionamento do cristão com a igreja e o seu relacionamento com o mundo.

Timóteo é instado a dar atenção à exortação (1 Tm 4.13). O artigo indica que, como "a leitura", isso fazia parte da adoração pública (cf. At 13.15). Cf. Michael Griffiths, *The Church and World Mission*, (Grand Rapids 1982), p.169.

O significado pode ser que ele dedicou toda a sua pessoa ao evangelho. Cf. 4 Mac.1.23ss. onde o termo é aplicado ao sacerdote mártir Eliezar. L. Goppelt, *op. cit.*, p.151, n.92.

L. Goppelt, *ibid.*, pp.150s.

Cf. G. R. Beasley-Murray, *op. cit.*, pp.200ss.

Vide a citação de R. P. Martin e a discussão (Apol.67) da clara indicação de Justino Mártir no sentido de que as contribuições da congregação são voluntárias. "Aqueles que prosperam e, se assim desejam, contribuem, com quanto querem". *The Worship of God*, *op. cit.*, p.62.

C. F. D. Moule, *op. cit.*, pp.18s.

Cf. C. F. D. Moule, *op. cit.*, p.11

Strack B. *Komentar*, I, 246.

A palavra *homotogounton* (Hb 13.15) inclui tanto proclamação como louvor.

"A essência da adoração cristã é mais ou menos definida em Hb 12.28s., como um modo de vida que agrada a Deus e que é sustentado tanto por gratidão como por um sério sentimento de responsabilidade." G. Peterson, *op. cit.*, p.68.

Op. cit., p.154. A obediência é melhor do que o sacrifício (1 Sm 15.22).

Cf. C. F. D. Moule, *op. cit.*, pp.26s.

Note o significado que a alegria tinha na adoração (At 2.46; 5.41s.; Lc 24.41, 52).

T. F. Torrance, *op. cit.*, p.1; TWNT, III; *NDITNT*, v. III, p.33.

Cf. J. P. Hyatt, *Exodus, New Century Bible*, (Grand Rapids, 1971) p.200; *NDITNT*, v. III, p.36.

Note Ec 5.1; Os 12.6; Zc3.2; Ag 2.15; Is 29.13; 58.2, onde todo o Israel tem o privilégio de chegar perto de Deus, direito este reservado aos sacerdotes em trechos como Ex 19.21S.; Lv 10.33.; Ez 42.13; cf. D. G. Peterson, *op. cit.*, p.70.

Cf. R. P. Shedd, *Man in Community*, (Grand Rapids 1964) pp.31s.

T. F. Torrance, *op. cit.* p.79.

Cf. F. F. Bruce, *New Testament Development of Old Testament Themes*, (Londres, 1965) pp.55S.

B. Lindars, *op. cit.*, p.528; T. F. Torrance, *op. cit.*, p.80. Vide L. Goppett, *Theology of the New Testament*, v. II, (Grand Rapids) p.249 e TDNT, v. VIII, p.82.

Cf. R. E. Brown, *The Gospel According to John, The Anchor Bible*, (Nova Iorque, 1970) v. II, pp.776ss.

L Goppelt, *Typos, op. cit.*, pp.163, 165. O autor de Hebreus está interessado em mostrar o contraste "entre a eficácia limitada do sacerdócio anterior e a eficácia absoluta do sacerdócio de Cristo no sentido de favorecer um relacionamento certo com Deus (cf.7.25)". D. G. Peterson, *op. cit.*, p.71.

J. Murray, *The Heavenly Priestly Activity of Christ* (Londres, 1958) pp.7ss.

Cf. B. F. Westcott, *The Epistle to the Hebrews, 3Ed.* (Londres, 1914) p.110.

Cf. E. P. Clowney, *The Biblical Doctrine of the Church*, (Nutley, NJ, 1979) pp.19s.

Theology of the N. T., op. cit., p.252.

Cf. J. Baehr, *NDITNT*, v. III, p.37.

E. P. Clowney, *op. cit.*, p. 111. "A posição deles é também uma chamada ao serviço do domínio mundial de Deus".

Cl. Bruce Shelley, *op. cit.*, p.79.

Paulo está se referindo a orações públicas, neste texto.

Cf. E. P. Clowney, *op. cit.*, p.139.

Para as promessas do A. T., vide *ibid.*, pp.69ss.

Cf. E. Schweitzer, "é completamente alheio ao Novo Testamento dividir a comunidade cristã em um orador e um corpo de ouvintes calados. No artigo "Adoração no Novo Testamento", *The Reformed and Presbyterian World*, xxiv, no 5, (1957), p.295, citado em R. P. Martin, *Adoração na Igreja Primitiva*, p.156.

Op. cit. p.72.

Vide A. Kuyper, *The Practice of Godliness*, (Grand Rapids 1948, 1977) na sua discussão sugestiva de "Homem versus Natureza", cap.3, pp.27-35.

R. P. Shedd, *Man in Community*, *op. cit.*, p.114.

The Practice of the Presence of God, ed. H. Martin, (Londres, 1956), pp.18, 22.

Discernir o corpo (1 Co 11.29) refere-se à consciência dos crentes acerca de sua interdependência mútua no amor. A falta de reconhecer a santidade desse relacionamento foi julgada por Deus como doença e morte (v.30).

Clemente de Alexandria e Calvino salientaram que a oração é incorporada por natureza mesmo quando proferida em segredo. T. W. Jennings, Jr. *op. cit.*, p.37. *Calvin's Inst* III, xx, 39. Cf. K. Barth, *Ch. Dog.*, III/4, p.102.

Uma compreensão semelhante da natureza de Israel como a Sinagoga que ainda se reúne em muitas sinagogas é encontrada no judaísmo, R. P. Shedd, *Man in Community*, *op. cit.*, p.130.

Para as profecias do A. T., vide E. P. Clowney, *op. cit.* pp.70s.

B. Shelley, *op. cit.*, p.36.

Ibid., pp.36s.

World Council of Churches Report, (1967) "The Church for Others".

Op. cit., p.377.